JOAO RIBEIRO

PAGINAS ESCOLHIDAS

H. GARNIER

RIO DE JANEIRO

Paginas Escolhidas

Academia Brasileira

Paginas Escolhidas

por

JOÃO RIBEIRO

TOMO SEGUNDO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO-DE-JANEIRO | PARIS

1906

José Verissimo

O CRIME DO TAPUIO

I

Mal completara Benedicta os sete annos, quando os pais, uns pobres caboclos do Trombetas, deram-na ao Felippe Arauacú, seu padrinho de baptismo, que a pedira e fizera della presente á sogra.

— Aqui'stá — disse-lhe — que eu lhe trouxe p'ra dar fogo p'ra seu cachimbo.

Desde esse dia começou para aquella criança uma triste existencia.

A velha Bertrana, a sogra de Felippe, era mulher de mais de quarenta annos, baixa e magra como uma espinha de peixe. Tinha a cara comprida, muito branca, de uma alvura lavada, sem côr, emmoldurada nuns cabellos duros, ainda todos negros, que habitualmente trazia soltos nas costas. Os dentes, apontados á faca, consoante o gosto das mulheres do sertão, perfeitos e claros, saltavam-lhe fóra da boca desgraciosa, imprimindo no labio inferior, arroxado e excessivamente fino,

a sua fórma de serra. Uma larga orla escuro-azulada, qual se vê nos ascetas ou nas collarejas cansadas, circulava-lhe os olhos miudinhos, negros, de má expressão. O nariz pequeno e afilado desenhava-se com muita pureza, fazendo singular contraste no seu feio semblante, onde todos o notavam logo como uma perfeição deslocada. Presava-se de branca.

Bertrana passava a vida na rêde, uma rêde fiada e tecida na terra, azul e branca, de largas varandas de chita encarnada, permanentemente atada, salvo o tempo apenas indispensavel de mudal-a por outra, perfeitamente igual, a um dos cantos da sala em que vivia. Era um aposento sufficientemente espaçoso, de paredes apenas embarreadas, o chão de terra batida, dura que nem cimento, e, embora sempre muito limpo, muito varrido e arrumado, com o cheiro particular ás habitações de doentes.

Mezes decorriam sem delle sair; comia e dormia ali mesmo. Debaixo da rêde ficava-lhe um lindo tupé bordado a talas pretas e brancas, muito polidas, e sobre elle o seu cachimbo, uma antiga latinha de conserva portugueza com tabaco migado, uma palmatoria de couro de peixe-boi e uma rija vergasta, tanto ou quanto esgarçada na ponta pelo uso, de umbigo do mesmo peixe. E' um açoite terrivel, peculiar á Amazonia, como o « bacalhau » ao Sul.

De quando em quando gemia com um tom lastimoso. Arrancava do magro peito, cujos ossos pareciam querer furar-lhe o paletó de chita roxa, que assiduamente usava, um escarro pegajoso; deixava-o cair lentamente, fazendo um fio branco de gosma, para uma cuia pitinga que lhe ficava no tupé, á esquerda; limpava de leve, cautelosamente, os beiços a um lenço vermelho e gritava com uma voz esganiçada de tons fallados, muito cantada:

— Benedicta !...

A rapariguinha acudia pressurosa, tremula, a correr. Era para dar-lhe fogo para o cachimbo. Benedicta vinha com o fogo, e, encostando a braza espetada em um velho garfo de ferro ou o tição ao tabaco, acendia-o. Ella ficava fumando de vagar, compassadamente, o cotovello agudo especado nos joelhos, a mão aguentando o tubo do caximbo com os olhos fitos num trecho do terreiro que aparecia pela porta aberta em frente da rêde, batendo os beiços um no outro a chupar as fumaças, em uma posição indolente de vadiação satisfeita. Concluida aquella cachimbada, depunha de manso o cachimbo na esteira, junto da lata de fumo, arrancava do peito descarnado um grande suspiro doido e, com a sua voz comprida :

— Benedicta !...

Agora era para dar-lhe um remedio dos muitissimos que constantemente tomava, contidos nos vasos de barro que formavam, arrumados no chão por detraz da rêde, uma especie de bateria de botelhas electricas. Em cada uma daquellas pequenas « chocolateiras » de bojo espherico e pescoço cylindrico, havia um cozimento, uma infusão, um chá, uma droga qualquer, composta de vegetaes. Suspensos das ripas das paredes por finos cordeis e embiras, pendiam vidros maiores e menores, contendo differentes oleos e banhas de origem animal ou succos lacteos de certas plantas. De uns bebia, com outros se fomentava ou emplastrava por causa dos seus infinitos e variadissimos achaques.

Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de ucuuba. E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funcções ; a milagrosa caámembéca por causa das diarrhéas, a que era atreita ; moruré e manacan contra as dores de origem suspeita ; sucuuba *com mel de pau* para a tosse ; caferana e quina,

de prevenção, por causa das sezões endemicas no Trombetas; caldo de jaramacurú, para o baço; paricá, urtiga branca e jutahy, excellentes nas tosses e na secura de peito; gordura de anta, boa em fricções; salsa contra o rheumatismo e maus humores; tajá membéca afim de recolher os pulmões dos pés; banha de mucura, applicada nas crysipelas; guaraná para os intestinos, flatos, não sei o que; manteiga de tartaruga contra o cançaço, e ainda outros, cuja simples enumeração fôra fastidiosa, os quaes não só usava numa scisma ridicula de ter não sei quantas molestias, como aconselhava e dava officiosamente, com recommendações convencidas, persuasivas.

Não casara nunca. Foi sempre feia e implicante. Em Faro, donde era natural, os rapazes puzeram-lhe a alcunha de « cara de peixe ». Ao escarneo respondeu com o odio, um odio brutal que alcançava todo o mundo. De todos dizia mal: contava historias malevolas das mulheres e desacreditava os homens. Por fim, quando entrava os trinta e estava em toda a plenitude da sua fealdade, um aggregado do pai caiu doente, foi tratado em casa por ella e, por gratidão, amou-a um pouco. D'ahi por nove mezes teve ella uma filha: essa foi a sua unica e não mais repetida aventura de mulher, jámais houve ensejo de prestar os seus bons serviços de enfermeira e ninguem tornou a querel-a. Os desejos imprudentemente acordados e logo sopitados, bulhavam-lhe no peito em saltos de cabritos bravos; força éra, porém, engulil-los com surda colera e grande raiva dos homens, porque a não queriam, e das mulheres, porque eram preferidas; e lá dentro da sua estreita carcassa de magricella os anhelos de deleites transmutavam-se em fezes biliosas que a punham cada vez mais feia e mais secca. Repulsava a propria filha, porque saira linda, como o pai, um mameluco esbelto.

A filha — ao envez do que lhe succedera a ella — casou cedo, e em companhia do marido, Felippe Arauacú, foi para o lago Iripixy, no Trombetas, onde elle tinha um sitio. A infeliz moça não durou muito; pouco mais de um anno tinha de casada, quando a mataram as sezões ali reinantes endemicamente, com menos de vinte annos de idade. A mãi que por fugir á reciproca malquerença de Faro, acompanhara-a de lá, ficou com o genro, um sujeito nullo a quem ella era indifferente como elle lhe era tambem. Já por esse tempo queixava-se de meia duzia de achaques diversos, pouco saia da rêde e nada fazia. A morte da filha e a subsequente concubinagem do genro com uma rapariga de um sitio proximo pondo-a em quasi absoluto isolamento, completaram a obra do seu pessimo caracter. Viveu desde ahi em inteira mandriice, a fumar cachimbo, a tomar remedios, a dizer mal de tudo e de todos, com muito fel extravasado. Augmentavam-lhe as molestias cada dia e raro se passava que não mandasse ao mato — a inexgotavel drogaria do sertanejo — em busca de novas folhas, raizes ou cascas para outros medicamentos, as suas « pussangas », como ella dizia.

Queixava-se do peito, de dores nas costas, suores nocturnos, muita tosse, afóra o cançaço que tambem a não deixava socegar. Coitadinha della, toda a santa noite o seu peito lhe levava a piar que nem pinto — e imitava — pio... pio... pio... Doiam-lhe igualmente as pernas, a espinha dorsal, o ventre; tinha espasmos dolorosos no lombo, que lhe respondiam no figado, aqui, — indicava. Os pés, tinha-os gretados com pulmões — e erguendo a beira da saia com recato affectado e pudico, mostrava-os muito vermelhos, cobertos de emplastros. E si alguem, por mera polidez, perguntava-lhe pela saude, ai do imprudente! tinha de ouvir a longa e nunca assás repetida historia dos seus padecimentos em geral e de cada

achaque em particular, com muita minucia, com todas as particularidades que occorriam, e, ainda mais, a dos respectivos remedios, quem lh'os ensinara, onde os havia, como se preparavam, de que modo se deviam tomar, a dieta que exigiam, o resguardo que requeriam, e mil outras miudezas com impertinencia enfadonha, insaciavel. E constantemente, invariavelmente, terminava o seu fastidioso aranzel, pela mesma formula lastimosa, para a qual arranjava a sua voz mais dolente, dando-lhe o tom debil, expirante, daquella com que o moribundo conta ao medico as angustias da passada noite, que lhe será a derradeira.

— « Ai! nem me fale... Não possosinho ir longe... Esta lua a modo que tenho passado peior, paresque não chego á outra... Ai Jesus! Mãi Santissima! Quasi morri a noite passada, doia-me tudo — e apontava successivamente a cabeça, o peito, as pernas, o ventre — faltava-me o ar... Ai! Meu Pai do Ceu, valei-me a... a... ai! »

E, logo em cima do ultimo e prolongado ai, gritava com a sua voz fina de coruja constipada:

— Benedicta!...

A rapariguinha acudia correndo. Queria um remedio; dizia-lhe um nome indigena e recommendava-lhe, já de antemão irada, que olhasse, que não viesse nem frio nem quente, mornosinho. Agachando-se por debaixo da rêde, Benedicta ia buscar uma das « chocolateiras » com a droga indicada. Si acontecia tocar-lhe na rêde ao passar, a velha soltava um grito agúdo, como si a houvessem varado com um espeto, e levantando rapida o chicote de sobre a esteira, atirava-lhe uma forte rimpada. A pequena saía chorando, com grossas lagrimas a pingarem-lhe no liquido da vasilha. E Bertrana, como si o esforço feito lhe houvesse tirado o ultimo alento, deixava cair o chicote, impotente para sustel-o, e ficava-

se offegante, a boca aberta, exhausta, pedindo baixinho desculpa, si estava alguem. Mas logo, sem demora, muito impaciente, bufava:

— Benedicta!...

E assim levava todo o dia. Batia-lhe por dá cá aquella palha, com um encarniçamento feroz contra a criança. Depois de jantar, ao meio dia, dormia uma larga sésta até ás tres horas, e a pequena ali ficava, em pé, com as magras mãosinhas no punho da rêde, embalando-lhe o somno indolente — um somno profundo, a desmentir-lhe as continuas queixas. Como era natural, elle lhe faltava á noite. Não podia dormir com dôres, dizia ella. Carecia d'ar, acordava Benedicta, que dormia na esteira, sob a rêde. A pequena levantava-se tonta, estremunhando, e vinha embalal-a. E a deshoras saía do seu quarto, com ringir sinistro, o guinchar fino e compassado do ésse da sua rêde, rangendo sobre a escápula de ferro.

Vinha-lhe á cabeça tomar, áquella hora mesmo, qualquer chá e mandava-a fazer fogo para aquecer um. A cozinha ficava no terreiro, sob um rancho aberto; ella ia tremendo, transida de medo, no escuro. Si acontecia demorar-se mais do que a impaciencia irritadiça da velha previra, ouvia-se no silencio absoluto da noite, como um grito lugubre de ave nocturna:

— Benedicta!...

E não raro, dahi por pouco, ruido de pancadas e soluços de criança. Com o isolamento em que a puzera a sua desavença com o genro, por causa da rapariga que elle tomara para casa após a morte da mulher, refinou-se-lhe o mau genio. A demais gente do sitio vivia afastada della. Por aquellas paragens quasi ninguem transitava, e esses poucos mesmo, si a conheciam, fugiam-lhe como á peste. Mais lhe azedava isto o fel, que derramava-se sob a forma de maus tratos á tapuinha,

a quem votava um odio felino, estupido, como a onça odeia talvez o jacaré que, inerte e quedo, a deixa descançadamente roer-lhe a cauda.

Era devota e sentimental; rezava a miudo, tinha um rosario de contas safadas no punho da rêde, mettia sempre os santos nas suas palestras, não bocejava sem fazer cruzes — para que não entrasse o demo — na boca aberta e chorava ouvindo referir alheios infortunios. Quando dalguem dizia mal batia nas faces encovadas palmadinhas beatas com as pontas dos dedos, que beijava em seguida, murmurando compungida: — Deus me perdôe... Tinha particular devoção com S. Gonçalo e com S. Luiz Gonzaga; possuia-os ali no seu oratorio de pau, pintado de azul e frizos encarnados.

De manhan cedinho, tomando do punho da rede o seu rosario para rezar, começava a lida da inditosa Benedicta, e ás cinco horas da madrugada, quando os passarinhos espennejando-se á luz fresca do repontar do dia, acordavam nos arbustos rociados do orvalho nocturno os écos dos bosques proximos com seus gorgeios divinos, a voz della, que nem pancada dissonante de pratos num concerto de violinos e flautas, cortava brutalmente a harmonia do côro jucundo a berrar:

— Benedicta!...

II

Uma criança triste, magra, mirrada como as plantas tenras, expostas a todo o ardor do sol, tal era Benedicta. No seu corpinho escuro, coriaceo, em geral apenas coberto da cintura para baixo por uma safada saia de panno grosso, percebiam-se sobre as costellas á mostra, os sulcos negros de umbigo de peixe-boi. Na sua falasinha, rouquenha por continuos resfriamentos, havia como

que uma nota tremula de choro. Não conhecera jámais as alegrias da infancia livre e solta.

Com pouco mais de sete annos, deram-na seus pais ao padrinho, que a pedira promettendo seria tratada como filha. Não possuira nunca um desses brincos que fazem a felicidade das crianças, nem correra jámais atraz das borboletas loucas com a grande alegria da infancia de fazer mal a um insecto. Era uma cousa, menos que uma cousa, daquella mulher má. Ao redor de si apenas via ou odio ou desamor, a traduzir-se em maus tratos de uns ou na indifferença quasi hostil de outros. Até então, nesse pequeno mundo em que ha dois annos já vivia, e onde os mesmos cães famintos lhe rosnavam á passagem, uma unica creatura tivera para ella um olhar piedoso e uma palavra compassiva.

Era um indio; chamavam-lhe em casa José Tapuio.

Era um caboclo escuro, membrudo, forte, mas de physionomia, coisa rara nelles, por vezes risonha. Vendido aos quinze annos por um machado e uma libra de polvora a um regatão do Solimões, entrara na civilização pela porta baixa, mas amplissima, da injustiça. Havia quinze annos tambem que fôra prisioneiro da tribu inimiga que o vendeu, quando Felippe o trouxe daquellas paragens, onde então se achava, como seu aggregado.

Ali em casa do Arauacú affeiçoou-se por Benedicta, com affectos de pai. De volta da pesca ou do mato, raro era não trazer-lhe um mimo qualquer, uma fruta, um mary-mary de beira-rio, ou um jutahy da mata virgem. Apanhando-a só entregava-lhe ás escondidas o seu presente, com um sorriso mal esboçado e estas palavras:

— Toma p'ra ti...

Estando em casa ajudava-a na casinha, partia-lhe a

lenha, lavava-lhes as vasilhas. Vendo-a chorar, seu semblante, ordinariamente impassivel e carregado, parecia confranger-se, e, incapaz talvez de exprimir melhor o que por ventura lhe ia n'alma, dizia-lhe em voz rispida, mas interessada e a modo de supplicante:

— Não chora...

Sentia-se que elle odiava a velha Bertrana. De uma feita, que, ao passar-lhe pela porta da sala, a viu castigar barbaramente a rapariguinha, parou e seus olhos faiscaram colericas ameaças á velha. Passou-lhe pela mente matal-a naquelle momento, mas logo abandonou essa ideia assustado, porque a primeira acção do contacto da nossa sociedade com essas naturezas selvagens é tornal-as pusilanimes. A velha, porém, que lhe leu a ameaça no gesto irritado com que parara elle a fital-a, não se livrou do medo. Interrompeu o castigo e vendo-o ir, praguejou-lhe atraz:

— Cruz! O diabo do tinhoso do inferno... Vai-te!

Elle, entretanto, dava tratos á sua limitada imaginação, afim de descobrir um meio de furtal-a áquella miseranda existencia que ali vivia. Esta sua affeição pela pequena, não escapou aos da casa, e Bertrana, descobrindo-a, disse alguma coisa de uma obscenidade cruel.

Benedicta, como todas as pessoas desacostumadas da felicidade, desconfiava daquelle interesse, que só passado algum tempo mostrou mais francamente aceitar. Sentindo então á roda de si esse affecto, que aliás não comprehendia, queria-o tambem, ao José, porém com uma sorte de receio, quasi com medo, porque o medo era, por fim, o seu sentimento dominante. Chamava-lhe « tio José » e tomava-lhe a benção, consoante o habito de todas as crianças amazonicas, com a magra mãosinha estendida, aberta, na ponta do braço espichado, e um ar medroso e tristonho:

— S'a bença.

Na sua vida lobrega que nem a negrura interior de um caixão dê ferro, a sympathia daquelle tapuio era como o pequeno e olvidado furosinho por onde penetrava a fina restea de luz clara de pollens dourados, como as azas das borboletas.

Elle fizera no mais recondito do seu pensamento o proposito firme de livral-a da velha. A difficuldade estava apenas em que queria uma coisa que não deixasse rastro, fazel-a desaparecer de um momento para outro sem se saber como. Taciturno era, mais taciturno ainda o viram de tempos áquella parte.

Uma manhan saiu, como de costume no verão, que então era, á pesca. Sentado ao jacuman, dava grandes remadas espaçadas, olhando distraido para a frente. Seguia rente á margem, sem dar fé de alguns peixes que saltavam por ali, ao alcance de seu harpão ou da sua frecha. De repente, em um lugar no qual outros olhos que não os do matuto difficilmente descobririam solução de continuidade na espessa orla de mataria que corria pela margem, virou rapidamente a canôa, servindo-se do remo grande e chato a guiza de leme, e embicou-a para a terra escondida pelo mato, como si quizesse navegar por ella a dentro. Ao impulso do seu braço robusto, a leve embarcação passou pelo meio da folhagem debruçada sobre a agua, de modo a parecer emergir della. Agachando-se no fundo da montaria, deixara-a o indio correr com a força da remada.

Varada a primeira e mais densa cortina de folhagem, achou-se num igapó — um grande estirão de mato alagado pelo lago na enchente e ainda não de todo abandonado por elle. Arvores alterosas, como sóem ser as das terras *firmes do* Trombetas, direitas, de cascas

pardacentas e rugosas, emergiam de dentro da agua, escura e calma, como uma lagôa morta. Dos altos galhos pendiam, formando bambinellas pitorescas, fios de todas as grossuras e feitios de cipós e lianas, a se reflectirem naquellas aguas paradas e negras, com sinuosidades interminaveis de serpentes. Outros atravessavam de galho a galho, de tronco a tronco, emmaranhando-se no alto como a cordoalha de um navio. Pelas arvores apegavam-se vegetações parasiticas; musgos espessos punham grandes manchas verdes nas cascas pardacentas de muitas. De cima, da cerrada abobada de verdura, descia uma grande sombra triste, que reunindo-se ao silencio absoluto da sombria paizagem, dava-lhe não sei que tétrico aspecto de ruinas.

Com a habilidade de tapuio, José seguia ávante, fazendo singrar a piroga em verdadeiros zig-zags por entre aquelles troncos, sem tocar em nenhum. Deixara o remo no fundo da canôa, e pegando ora num cipó, ora numa rama que descia mais baixo, ora num tronco' puxava d'aqui, empurrava d'acolá, quasi deitando-se ás vezes para livrar a cabeça. De subito, uma coisa que dir-se-ia um daquelles cipós mais grossos por ali pendidos, e no qual a beira da montaria acabava de tocar, desenroscou-se de sobre o tronco apodrecido de uma velha arvore derrubada pela acção das aguas, e silvou no ar na direcção do indio. Era uma sicurijú enorme. José, quc só a vira no acto do bote, apenas teve tempo de fincar a mão no tronco mais perto e empurrar a canôa para traz. Este impulso fel-o perder o equilibrio e caiu sentado no banco da pôpa. Fôra bem dado o bote da cobra; elle sentiu passar-lhe o corpo quasi rente á face. Mal, porém, lançara os olhos na direcção em que ella seguira como que voando, viu-a assanhada, o pescoço engorgitado, á lingua bifida

fóra das fauces, fital-o ameaçadora, já de cauda firmada sobre o dorso de outro pau caido, prompta para novo ataque. José pegou no remo, afim de safar-se mais depressa. A cobra, vendo-o tomar aquelle pau, sentiu talvez uma ameaça, e mais irada ainda atirou a toda a força o bote, sibilando no ar. Quando o atirou, porém, já a canôa ia impellida pelo remo, de sorte que apenas lhe apanhou a borda com a boca, donde logo firmada lançara a cauda na direcção do tapuio, colhendo lhe o braço esrquerdo e o remo, com os quaes fôra ellle ao seu encontro. Então levantou a cabeça e arpoou furiosa, a boca rasgada, o proprio pescoço de José, que mettendo a mão direita em defeza da cara, conseguiu segurar-lhe logo abaixo da cabeça o corpo escorregadio que se debatia furiosamente por desprender-se dos seus dedos possantes, aos quaes o perigo multiplicava as forças, dando-lhes um vigor de rijas tenazes. Elle sentia, porém que a cobra mudava de tactica e que largando-lhe o braço esquerdo, a cauda ia enroscar-lhe ao pescoço os seus anneis de ferro e estrangulal-o sem custo. Rapido como o pensamento, mal presentira afrouxar-se o laço com que ella lhe prendia aquelle braço, fez um heroico e supremo esforço, e conseguindo trazer-lhe a cabeça hedionda até em baixo ao fundo da canôa, calcou-lhe em cima o pé rijamente. Era tempo, que a cauda da cobra caira-lhe no pescoço mergulahndo a extremidade sob o sovaco esquerdo, donde logo ella o retirou para melhor apertar o nó. Antes que o fizesse, porém, a compressão da cabeça fazia-a perder a força e José ainda pudera tirar de sob o banco a sua faca curta de pescador, com a qual lh'a decepou de um golpe. Aquelle primeiro annel feito desprendeu-se, o tronco rolou inerte para a agua e a cabeça ficou palpitando com a lingua *fóra, no fundo* da canôa.

Terminado este incidente, José seguiu tranquillamente a sua derrota através dos embaraços do igapó, que todos salvou com admiravel pericia. Chegando ao cabo, saltou em terra, puxou a canôa por sobre a areia escura da margem e tomando de dentro a cabeça da sucurijú, jogou-a por sobre a mata, o mais longe que poude. Era uma precaução, para que o tronco da cobra se não viesse juntar á cabeça e se refizesse, como elle o acreditava ingenuamente. Isto feito, tomou da faca e embrenhou-se na densa floresta, calcando fortemente o espesso tapete de folhas e gravetos secos, que estalavam com um som crú sob os seus pés de indio.

Essa noite, mal acabara de cair o dia, já todos do sitio do Arauacú, como aliás é costume do sertão, estavam recolhidos. Entretanto, não dormiam ainda, pois que pelas frestas das portas e dos japás, saíam resteas de luz vermelha de candeia.

Bertrana tinha um mau anoitecer, carregado de tristes presagios de uma noite horrivel. As suas dores todas entravam em afinação. Dava gemidos baixinhos, doridos, de cortarem o coração. Tambem ella, com a sua teimosa gulodice habitual, commettera uma gravissima imprudencia; sobre o seu jantar do meio dia, de mixira de peixe-boi — um presente de genro á sogra — uma comida carregada, conforme era ella a primeira a reconhecer, — bebera uma cuia de vinho de tucuman — um outro veneno. Mettia dó vel-a.

Exasperada pelas dôres, irada pela insomnia, não poude levar á paciencia que Benedicta cabeceasse, dormitando, ao punho da rêde onde estava a embalal-a desde o fim do jantar. E erguendo do chão, com os seus movimentos rapidos de féra, o vergalho, zurziu-o sobre a rapariguinha, berrando :

— Ah! s'a vadia! Eu aqui quasi a morrer e esta pre-

guiçosa a dormir. Já, pégue na chocolateira e vá-me fazer um chá de vassourinha. — E gemeu : Ai, meu S. Luiz Gonzaga, valei-me.

Benedicta saiu a chorar, com o vaso na mão, toda tremula. Lá fóra, escondido por detraz do forno de farinha, topou com o José, que lhe surgiu ao encontro, assustando-a muito. Antes, porém, que lhe escapasse da garganta o grito que ella ia soltar amedrontada, elle disse, esforçando-se por ameigar a voz :

— Não chora...

E pegando-lhe a mão falou-lhe baixinho ao ouvido. Ao cabo deste colloquio, que foi rapido, levantou-a nos braços vigorosos e deu o andar accelerado para a floresta escura que elevava, por detráz do sitio, no ceu claro estrellado, o seu enorme perfil negro, na qual se embrenhou.

D'ahi por pouco as outras pessoas do sitio ouviram a voz aspera da velha a bradar repetidas vezes, colerica :

— Benedicta!... Benedicta!...

Acostumados áquillo, não fizeram caso. O tapuio corria no emtanto pela mata a dentro com a pequena ao collo. Ella agarrava-se a elle, espavorida, os olhos fechados com medo de abril-os á lugubre escuridão do bosque. Ao cabo de uma hora chegaram á beira do igapó, onde elle deixara a canôa pela manhan. Sentou a rapariguinha no fundo e partiu remando de manso, ajudando-se com as mãos, dirigindo-se apenas pelo instincto, por sua sciencia innata e hereditaria de selvagem, que outra luz não tinha, ás apalpadellas, por entre os grossos troncos e finos cipós. Quando se pilhou fóra do igapó, a sua grosseira physionomia quadrada, naturalmente impassivel, illuminou-se com um leve sorriso de satisfação, que lhe arreganhou ironicamente a comissura dos grossos labios, mostrando-lhe os dentes alvos e fortes, e, mettendo de-

cidido o remo n'agua silenciosa e calma, lançou a canôa para a frente, fazendo-a voar como a frecha de seu arco.

No sitio, depois de esbofar-se em gritos, a velha Bertrana arquejava, com os beiços brancos de espuma, ardendo em descomedida raiva, pedindo ás pessoas que afinal acudiram aos gritos que lhe fossem buscar Benedicta. E quando, apoz uma curta revista, lhe voltaram sem ella, pegou de berrar, posséssa, que si a apanhasse outra vez, matava-a.

III

O Juiz de direito — um homem baixo, gordo, calvo, solemnemente encasacado — entrou na sala, foi sentar-se entre o Promotor publico e o Escrivão, no meio da mesa atravessada na largura da sala junto á parede, mesa comprida e estreita, coberta inteiramente por um panno verde desbotado, debruado de galão amarello. Tomando de sobre ella a campainha de cobre azinhavrado bimbalhou-a com força, enchendo a sala de tilintações finas, agudas, tanto ou quanto falhadas.

Tinha a testa vincada, num grande ar aborrecido. Havia cinco dias que o faziam vestir o seu facto preto tão fatal aos seus achaques hemorrhoidarios, a sua velha e coçada casaca do dia do grau, para vir ali, áquella massada do Jury, inutilmente. Até então não fôra possivel reunir o numero de jurados exigido por lei: appareciam apenas os da cidade, que os roceiros estavam ás voltas com a safra de cacáo e não vinham.

Collocou a campainha em seu lugar no tinteiro de metal amarello, e relanceou um olhar em torno da sala, uma sala fria em cujas paredes caiadas a humidade punha grandes manchas bolorentas, cor de cinza. Pareceu-lhe haver mais gente nas pesadas cadeiras de fabrica portu-

gueza, enfileiradas rente ás paredes. De um lado ficavam os da cidade, com um ar desembaraçado de quem está em sua casa, rindo e conversando entre si, fazendo signaes familiares ao promotor, a pedir-lhe os recusasse, cumprimentando o juiz com leves acenos de cabeça. Seus fracs e paletós têm formas mais correctas e vestem-nos sem enleio, useiros em trazel-os. As calças da maioria são brancas, muito engommadas, com grande vinco no meio, de cima a baixo, a vir morrer no peito das botas, muito engraxadas. Do outro lado tinham-se assentado os roceiros, facilmente reconheciveis pelo seu ar contrafeito e o estapafurdio do seu trajar. Perfilados nas cadeiras, duros, as pernas pendidas direitas, mostravam visivelmente quanto não lhes custava o terem de vestir as roupas com as quaes apenas em dia de festa, de jury ou de eleições appareciam na cidade. Os paletós de panno preto lusidio ou de lustrosa alpaca, amarrotados dos bahús, os colletes vistosamente ramalhudos, sobre alguns dos quaes estadeavam-se grossas correntes de prata ou de ouro falso, comprado por verdadeiro, cheias de berloques, as camisas de morim e as calças de dril branco ou pardo, engommadas e fortemente aniladas, os sapatos grossos, alcacanhados, limpos de fresco, espalhando na sala o cheiro activo da graxa, davam-lhes o aspecto alvar dos matutos endomingueirados. Para assentarem os indomaveis cabellos rijos que nem piassaba, tinham-nos empastado de sebo de Hollanda, cujo perfume desagradavel misturava-se no ambiente com o da Agua Florida, o extracto favorito dos roceiros. Não podendo supportar por mais tempo os grossos sapatos e botas, alguns os tinham tirado, e escondiam debaixo das cadeiras os pés calçados em grosseiras meias. Suavam copiosamente sob o facto dos grandes dias, enforcados nas gravatas multicores, atadas em *laços* extravagantes, sobre os quaes

caiam molles, ensopados de suor, os grandes collarinhos. De instante a instante enxugavam-se nos lenços de chita que em seguida, dobrados cuidadosamente sobre os joelhos, eram guardados dentro dos chapéus, virados de copa para cima em baixo das cadeiras.

De uma e doutra banda, olhava-se para um homem, o reu, sentado num pequeno banco entre dois soldados, mal amanhados em fardinhas curtas de brim pardo e vivos encarnados, á beira de uma pequena mesa, coberta com um safado retalho de lan verde, á guisa de colcha. E, cochichando entre si, os jurados apontavam-no uns aos outros.

Aquelle sujeito era o José Tapuio, que ali estava tranquillo, indifferente no meio do apparato do tribunal. Apenas quando não sabia mais o que fazer das mãos, coçava a cabeça ou os pés, visivelmente contrariado, como quem estando habituado á vida larga de selvagem, sente-se de repente limitado aos dois palmos de um banco.

O juiz, bem accommodado na sua velha cadeira de braços, voltou-se para o sujeito magro, vestido com um rapado paletó de alpaca á sua esquerda, e disse-lhe :

— Sr. escrivão, faça a chamada.

O escrivão levantou-se, abriu um caderno de papel já sordido, e depois de passar a mão descarnada, a direita, em cujos dedos cresciam grandes unhas amarellas, nos pellos duros e esparsos qne a modo de barba lhe cresciam no mento, poz-se a ler em voz alta, rouquenha, uma serie de nomes banaes, com appellidos devotos, Espirito Santo, Encarnação, Amor Divino, apanhados aqui e ali, na cartilha ou na folhinha, para o uso jornaleiro e pelas exigencias da vida social. De entre os jurados partiam gritos de « presente » « prompto », em tons discordantes. Emquanto isto, o juiz contava machinalmente uns papelinhos dobrados em quadro, que extraia de uma caixa

de folha de Flandres, de forma lugubre de urna, pintada de verde, com frisos amarellos nos angulos, e os ia pachorrentamente arrumando em fileiras sobre o panno da mesa, ennodoado de tinta preta.

Concluida a chamada e verificado o numero legal, disse, mettendo de novo os papelinhos na urna, um a um.

— Estão quarenta e oito cedulas; vai-se proceder ao sorteio.

Mal o havia dito, surdiu de uma porta um official de justica, um mulato esguio de alta gaforina erguida em trunfa, com um pé doente calçado em uma chinella de tapete, trazendo pela mão um menino de seis annos, todo vestido de brim pardo, engommadinho, o cabello encharcado em oleo de camarú empastado na cabecinha pequena, franzina, anemica. O juiz apresentou-lhe a boca da urna, e depois de remexel-a bem, disse-lhe :

— Tire, yôyô.

O menino, já afeito áquella cerimonia, pois não era a primeira vez que ali vinha, metteu a sua mãosinha magra até o fundo da caixa e entrou a tirar as cedulas e a entregal-as ao juiz, que as ia lendo em voz alta, á proporção que as recebia. A certos nomes, o promotor, um bacharel novo, recentemente formado, de *pince-nez* de ouro no nariz fino, ou o advogado da defesa, um magricella, de olhos pequenos e vivos e gestos acanhados, diziam brevemente :

— Recuso.

Os roceiros observavam entre si, invejosos e ciumentos, que os recusados eram só « gente grauda », da cidade. Coitados delles, que aguentavam com toda a carga do jury. Effectivamente, o conselho de jurados se formara de doze sujeitos de modesta apparencia, e ares esquerdos de « gente de sitio ». Os da cidade retiravamse alegres, com sorrisos ironicos aos que ficavam e ges-

tos agradecidos ao promotor ou ao advogado, áquelle emfim que os havia recusado.

Os escolhidos pela sorte e aceitos pelas partes iam tomando assento numa mesa comprida no meio da casa, sobre a qual alguns estendiam os braços, sem respeito. Outros faziam-se serios e graves, e compenetrados da sua missão de juizes, olhavam attenta e fixamente o reu, como a querer arrancar-lhe a prova do crime á cara inexpressiva e bronzeada.

O juiz chamou-os para prestarem o juramento do estylo. Estava erguido entre o promotor e o escrivão, ambos tambem de pé, solemne e sisudo, estendendo uma pequena Biblia falsa, com a encadernação de couro negro da Sociedade biblica de Nova York, roida de baratas, pronunciando as palavras sacramentaes : « Juro pronunciar bem e sinceramente nesta causa; haver-me com franqueza e verdade, só tendo diante dos meus olhos Deus e a lei e proferir o meu voto segundo a minha consciencia ».

Cada um por sua vez, acercavam-se os jurados da mesa, e pondo as mãos grossas e escuras sobre o livro, proferiam, obedecendo a uma intimação murmurada do juiz :

— Assim o juro.

E voltavam a sentar-se cheios de gravidade, esbarrando uns nos outros, arrastando os pés.

Concluida esta ceremonia e reassentados todos, fez o juiz um aceno ao reu, dizendo-lhe :

— Venha cá.

José levantou-se, acanhado e contrafeito, e veiu até junto da mesa do juiz.

— Você, disse o magistrado, vai responder ás perguntas que eu lhe vou fazer. Não se atrapalhe, não se aperte, nem minta. Veja lá...

E começou o interrogatorio :

— Como você se chama?

O tapuio fitou interdicto, como quem não comprehendia a questão :

— Como é o seu nome? tornou o juiz.

— José.

E o juiz fez-lhe successivamente as perguntas da praxe.

— Sabe de que o accusam e porque está você aqui?

— « Eê. »

— Sabe?

— « Eê, sei »

— Sabe que é accusado de ter — disse a data e os lugares — « feito mal » e depois matado a menor Benedicta, afilhada do seu patrão Felippe Arauacú?

— « Eê... »

— « E' verdade ?

— « Eê...»

— Diga ao Tribunal como o facto se deu.

O tapuio esteve alguns instantes calado, os olhos pregados no chão, um leve riso envergonhado nos labios grossos, voltando o chapéu nas mãos em todos os sentidos. Por fim, sem mudar de postura, disse com o ar confuso de uma criança obrigada a confessar alguma falta venial :

— « Eu já contei p'r'o outro branco. »

O « outro branco » era o juiz formador da culpa.

— Sim, mas é preciso contar outra vez.

Elle calou-se de novo, sempre com o mesmo sorriso vexado no rosto abaixado. A' nova intimação do juiz para que falasse, disse, após mais alguns momentos de silencio :

— « Eu queria ella p'ra mim... furtei ella de noite... no mato ella gritou... antão eu matei ella e fui levá o corpo na minha *canua p'ra* enterrá no Uruá-tapèra. »

— E enterrou?

— « Eê, eu enterrei, puz cruz na cova p'ra signá ».

— O que o levou a praticar este crime?

José não comprehendendo a pergunta, fitou interrogador o juiz, que a traduziu:

— Porque você matou a rapariguinha?

Elle calou-se e apezar das repetidas intimações do juiz não foi possivel arrancar-lhe uma resposta. Descoroçoado, cessou este o interrogatorio, que fez ler pelo escrivão e assignar a rogo do réu, que voltou ao seu banco.

O escrivão, de pé, passando as unhas amarellas pelos raros fios da barba, principiou a leitura do processo, ás carreiras, sem pontos nem virgulas, cuspinhando de perdigotos os autos.

No dia tantos de tal mez do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e tantos no districto de tal, o indio José, conhecido por José Tapuio, aggregado de Felippe Arauacú, raptara da casa deste uma menor de nove ou dez annos de idade, afilhada do dito Felippe Arauacú, estuprara-a e matara-a em seguida no lugar Uruá-tapéra, vizinho daquelle no qual se dera o crime, tudo segundo confessou o sobredito reu José Tapuio.

Os jurados, voltados para o escrivão, procuravam perceber as palavras que lhe saíam em borbotões por entre um chovisco de perdigotos. Tinham fincado os cotovellos ás mesas e com as cabeças um pouco apoiadas na palmas das mãos dobradas num meio tubo acustico, escutavam attentos, com as bocas semi-abertas. Cada vez mais apressado, precipitando as palavras, o escrivão lia os depoimentos das testemunhas, sem virgulas nem pontos, engulindo estes inoffensivos signaes de envolta com as particulas, os mas, os como, os po

rém, etc. As testemunhas eram Felippe Arauacú, que não dizia mais do que os leitores sabem, nem mesmo tanto; a moça com quem elle vivia, que tambem não dava novidades comquanto se referisse de leve ás impertinencias de D. Bertrana; uma tapuia de meia idade, do serviço da casa, que não adiantava ideia; um tapuio pescador, domiciliado nas cercanias do sitio do Felippe Arauacú, o qual fôra a causa da prisão do reu, declarando em casa do mesmo Arauacú que na tarde do dia em que Benedicta desapareceu, tendo ella testemunha ido pescar tambaquis no igapó, perto do dito sitio conheceu a montaria de José Tapuio no fundo do dito igapó puxada em terra, sem o menor signal de ter andado á pesca, sendo para extranhar que tendo o referido José Tapuio partido de madrugada estivesse á tarde ainda tão perto de casa. Isto tudo dissera ella testemunha no depoimento que o escrivão lia agora.

As testemunhas eram unanimes em asseverar que a rapariga era bem tratada pelo seu padrinho, a cujos costumes diziam todos « nada », e tembem declaravam que não lhes escapara nunca que o reu « gostava de Benedicta. » A velha Bertrana não pudera ser ouvida, porque as suas muitas doenças não lhe permittiam vir a Obidos, onde fòra instaurado o processo, para cujo andamento julgou-se a justiça, com a confissão do reu, dispensado de ir proceder a inqueritos e exames no lugar do crime.

O escrivão, entretanto, proseguia a sua leitura, enchendo a sala do ruido monotono da sua voz rouquenha. O juiz conversava com o promotor, uma palestra alegre, a julgar pelas boas risadinhas patuscas que de vez em quando soltavam ambos, com um reciproco piscar d'olhos brejeiro. Afóra os jurados não havia mais na sala sinão uns dois ou tres individuos, dos quaes um

com a cabeça pendida, o queixo fincado no peito, a bocca aberta, babando o peitilho da camisa, dormia numa das cadeiras enfileiradas em derredor da sala. Cabeças mettiam-se pelas portas, espiavam curiosos e recolhiam-se promptas. Cançados pelo esforço da sua improba attenção, os juizes de facto viravam as costas ao escrivão e, a exemplo do magistrado presidente do jury, puzeram-se tembem a falar baixinho uns com os outros, da safra do cacáo, do preço do pirarucú, de politica. Moscas zumbiam doidejantes no ar. De fóra vinha um calor pesado, e dois largos retalhos de sol, entrando pelas janellas, chispavam nos tijolos vermelhos da sala, fazendo-lhe uma temperatura de forno. O moço pallido que servia de advogado do reu, sentado junto á sua mesinha modesta, olhava fixamente o escrivão e, ou fossem vencidos pela fixidez do olhar ou opprimidos pelo calor do ar, o certo é que os seus olhinhos fecharam-se mau grado seu, e o lapis que tinha na mão, para tomar notas, caiu-lhe uma vez sem elle sentir. Os soldados de sentinella ao tribunal, cochilavam encostados ás hombreiras das portas, abraçados ás espingardas descançadas no chão. O reu, muito alerta, ouvia com uma expressão indecifravel no rosto, as palavras que ia lendo o escrivão.

Este por fim terminou. Cessando o rumor monotono com que sua voz enchera até ahi a sala, houve um subito e fundo silencio cortado por uns restos de frases dos jurados e dos magistrados. Mas logo todos aprumaram-se arrastando os pés e as cadeiras, para mudar de posição, e o juiz, passando na calva lustrosa o seu lenço rescendente de agua de Colonia, perguntou ás partes e aos jurados si querian ouvir as testemunhas.

— Que não, que bastavam os depoimentos da formação da culpa que acabavam de ouvir, respondeu o promotor.

Os outros assentiram nisso, e a palavra foi dada ao « orgão da justiça publica ».

Elle levantou-se, puxou o lenço do bolso e poz-se a limpar a luneta, olhando para a frente, os jurados á roda da mesa, com os olhos apertados unma contracção de myope. Depois de haver verificado a clareza dos vidros, chegando-os á altura dos olhos, poz a luneta com gesto lento no nariz, com as mãos ambas e, arregaçando o bigode com o lenço para cima dos labios e enxutas as costas das mãos, principiou:

— Senhor doutor juiz de direito! Senhores juizes de facto! illustrado auditorio!

O sujeito que dormia com o queixo escorado no peito, sentindo-se interpellado acordou. Uma meia duzia de pessoas que estavam nas salas e corredores da Camara Municipal, onde se effectuava o jury, entraram pisando nas pontas dos pés, com cautela e um pequeno ringir de botas, e foram sentar-se nos lugares do publico, com o proposito de ouvir o promotor, novo na terra e que, seguindo se dizia, era um moço illustrado. Outros limitaram-se a chegar até ás portas, donde se puzeram a escutal-o. Elle sentiu que por sua causa vinham, tratou de justificar a espectativa publica e de firmar a sua reputação no lugar. Após meia duzia de palavras tabelliôas de um exordio conciso, leu o libello no qual affirmou provaria que o reu José, por alcunha Tapuio — citou datas e lugares — assassinou a menor Benedicta; provaria que o fez por motivo reprovado, depois de commetter nella estupro; provaria mais que houve abuso de confiança e de força; provaria ainda que perpetrou o crime com todas as circumstancias aggravantes mencionadas no artigo dezeseis, numeros um, quatro, seis, oito, nove, dez, doze, quinze do Codigo Criminal; provaria tambem que o crime fôra ainda aggravado

pelas circumstancias do artigo dezesete do mesmo, e provaria, finalmente, que o reu incorrera nas penas do artigo 192 do Codigo Criminal.

Depoz na mesa o libello e passando o lenço pela testa, tirou do peito, com um som tragico, estas palavras:

— Meus senhores!

Fez ainda uma breve pausa e começou deveras. Foi eloquente, dessa eloquencia rhetorica e fôfa dos adjectivos pavorosos, horrificos e soffrivelmente affrontosos que o zelo irresponsavel dos « orgãos da justiça publica » atira com mal usada coragem á cara de um infeliz que lhes dá azo — ingratos! — de assombrar um publico simples com a rançosa e cançada facundia das promotorias publicas. A dar-lhe credito, não havia ente mais perigoso do que José Tapuio. Aquelle homem, que um cidadão generoso e prestante arrancara ás mãos avidas dos exploradores sem consciencia e da selvageria, e recebera no seio da sua familia, no sanctuario augusto do lar domestico, aquelle homem, com uma perversidade horrivel, aquella perversidade referida pelos chronistas, tirou de casa, alta noite, uma menina, um anjo de candura, uma criança de poucos annos, que era os enlevos do seu protector e padrinho della e — aqui fez um longo e facundo silencio — custa-va-lhe dizel-o — declarou — levou-a para o recesso escuro da floresta, donde esta féra — apontou o réo — nunca devera ter saido, e lá, com uma concupiscencia horripilante, subjugou, forçou a pobre menina e cevou nella os seus instinctos ferozes de tigre carniceiro! Sim, senhores, não tinha duvidado fazer aquillo, o malvado perigoso que ali estava — e cheio de ira, a santa ira da justica paga, apontava o José Tapuio, que o olhava com uma seriedade comica. Não duvidara — continuou — arrancar

com suas garras aduncas dos braços carinhosos de uma matrona respeitavel, como a sogra do Sr. alferes Arauacú, uma criança que era para aquella carinhosa senhora a alegria da sua honrada velhice, a consolação do seu isolamento, o sol que aquecia o gelo das suas cans, para violal-a, matal-a e, coragem inaudita, enterral-a!!!

E neste tom continuou, irado, zeloso da moral e da segurança da sociedade, colerico por amor da justiça e agitando no ar em gestos descompassados os seus braços finos, como o legendario archanjo agitaria ás portas do Eden a sua espada flammejante, terminando por pedir a condemnação do réo « daquelle scelerado de que se devia expungir a sociedade » no maximo das penas do artigo 192 do Codigo Criminal, á morte! E sentou-se com mostras affectadas de fatigado, triumphante, sorrindo aos espectadores, que lhe davam signaes mudos, mas evidentes, de approvação.

A palavra foi dada ao advogado do réo. O moço levantou-se e principiou, com a sua vozinha doce. O promotor saíu enrolando um cigarro nos dedos, para ir fumar lá fóra, nos corredores. O da defesa era um ex-alumno do Seminario do Pará. Da sua educação ali ficara-lhe um acanhamento postiço e um vêso hypocrita de olhar para o chão. O seu semblante, porém, quando o levantava para a gente, revelava intelligencia ou, pelo menos, vivacidade. Não negou o facto, nem teve enthusiasmos de defensor; cumpria apenas um dever imposto pelo magistrado que o nomeara curador do réo — por cuja defesa a municipalidade lhe daria trinta mil réis. Falou friamente, num pobre filho das selvas que mal recebera as aguas lustraes do baptismo sem as grandes lições de moral christan, da divina moral do sublime martyr do Golgotha, a *unica* — affirmou — verdadeira,

a unica capaz de livrar o homem do dominio do crime.

Da sua estada no Seminario, entre padres, restava-lhe uma fraseologia theologica, não pouco admirada em Obidos, onde exercia a profissão de advogado, depois que negocios de familia o obrigaram a interromper os seus estudos quando ia tomar as primeiras ordens.

Observou que nos autos não havia provas para a condemnação do réo e que sem a franca confissão deste os depoimentos das testemunhas não seriam sufficientes para provar o crime. Chamava, portanto, a attenção do tribunal para o art. 94 do Codigo do processo criminal, o qual leu devagar, accentuando a ultima parte: « A confissão do réo em juizo competente, sendo livre e coincidindo com as circumstancias do facto, prova o delicto; mas no caso de morte, só póde sujeital-o á pena immediata, quando não haja outra prova. » E sobre isto repisou dois ou tres minutos. Pedia aos senhores jurados que, segundo a palavra evangelica, tivessem misericordia, e que se não esquecessem que quem perdoasse seria tambem perdoado. E terminou: — Em nome do Deus de Misericordia e de Amor, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, eu peço a absolvição do accusado! E deixou-se cair na cadeira, visivelmente fatigado, mas de facto satisfeito por ter dado conta daquella tarefa massadora.

O juiz, que ouvira o pró e o contra debruçado sobre a mesa, occupado em rabiscar com o seu nome escripto por extenso em todos os sentidos, uma folha de papel, aprumou-se e após um curto resumo dos debates, apresentou aos jurados os quesitos que pouco antes ditara ao escrivão, explicando-lhes minuciosamente como deviam respondel-os.

Dahi por meia hora os juizes de facto voltavam á sala, tendo respondido affirmativamente aos quesitos

principaes: José Tapuio tinha primeiro violentado. deflorado e depois matado a pequena Benedicta, com todas as circumstancias aggravantes do codigo. A' vista da resposta do jury, o juiz condemnou-o ao médio da pena do art. 192, a galés perpetuas, visto não haver, como reconheceram os jurados, outra prova além da sua confissão.

E ás cinco horas da tarde sairam todos do tribunal fatigados, aborrecidos, com fome, um grande appetite para jantar, dizendo accordemente:

— Safa! Que massada...

Dahi a dois ou tres dias, uma manhan, correu na cidade um boato extravagante. Em uma canôa do Trombetas acabava de chegar uma rapariguinha que, seguindo diziam, era a mesma Benedicta, por cuja morte fôra naquella semana condemnado o José Tapuio. Alguns curiosos desceram ao porto para vel-a. Ja lá não estava, que o juiz, ao chegar-lhe aos ouvidos o boato, mandara-a ir á sua presença, com as pessoas que a acompanhavam. Entre estas vinha o proprio pai, que declarou que no dia em que se julgava ter sido commettido o crime, já ao amanhecer, José chegara ao seu sitio situado a um bom estirão do de Felippe, e lhe entregou sua filha, dizendo-lhe que a levava porque a « branca » com a qual ella estava, maltratava-a muito. Por suas palavras e pelo seu corpo, zebrado pelas marcas azues do chicote, a rapariguinha confirmou o dito do indio. Agradecidos, os pais offereceram-lhe café e cachaça. Elle bebeu e partiu em seguida e nunca mais souberam delle.

Tal foi a narração, resumida, do pai de Benedicta. Interrogada tambem, ella contou a triste vida que levava com Bertrana, a *protectora* affeição de José, como elle

a furtou de noite para leval-a á canôa que os esperava no fundo do igapó, sem lhe fazer o menor mal.

O juiz mandou autoar estes depoimentos e fez vir o condemnado á sua presença. Vendo Benedicta, apenas um bom sorriso illuminou de relance a larga cara fosca do tapuio. O magistrado perguntou-lhe :

— Conhece esta rapariguinha?

— « Eê... Benedicta. »

— Você não disse que a tinha matado e enterrado no Urnátapera?

— « Eê... »

— E porque disse isso, mentindo, e expondo-se a ser, como foi, condemnado?

— Porque eu queria « fazê bem p'ra ella (1) ».

E' escusado dizer que houve recurso de graça, perdão e o José Tapuio não cumpriu a pena. Ignoro o fim delle; do que estou firmemente convencido, porém, é de que morreu, si já morreu, na mais bemaventurada ignorancia sobre os moveis ou a sancção do acto moral que praticou, como talvez aconteceu tambem áquelle lobo historico, que no meio do destroço dos seus caiu varado pela bala humana, quando arrastava para fóra do perigo outro velho lobo cégo, ao qual servia de guia, pondo-lhe a cauda na bóca, á guisa de bastão.

O QUE FALTA A NOSSA LITERATURA

Quanto sei das literaturas americanas, e na verdade é muito pouco, me autoriza a affirmar que a nossa é, talvez, a mais antiga do continente (2). Literariamente a

(1) O fundo desta narrativa é perfeitamente real, como textual é a resposta que está entre aspas.

(2) Em um estudo posterior rectifiquei esta opinião, que é errada.

nossa nacionalidade parece ter precedido ás demais nacionalidade americanas. É claro que eu não faço aqui uma rigorosa questão de datas; é possivel que no Mexico, e mesmo no Perú, não tenho agora meios de o verificar, tenham surgido primeiro que aqui alguns escriptores — poetas necessariamente. A chronologia em literatura, porém, embora de consideravel importancia, não póde servir por si só para estabelecer a prioridade. Uma literatura é um agrupamento, e não existe de facto por um poeta ou por um livro isolado, a menos que esse poeta ou esse livro não consubstanciem em grau eminente todo o pensar e o sentir de um povo, já de alguma fórma consciente de si. É o caso de Homero, si este nome representa um só individuo.

Desde o seculo XVII nós contamos poetas e escriptores de prosa. Isso provaria que a necessidade de recontar-se, de definir-se, creadora da literatura, já existia em nós, mal ainda nascidos. A obra de Gabriel Soares póde e, penso eu, deve ser excluida de uma historia da literatura brazileira, porque tal historia não póde ser sinão a da literatura publicada e conhecida no seu tempo, da que possa ter influido sobre elle e os que se lhe seguiram. Mas faz parte integrante de uma historia da civilização, do pensamento, do progresso espiritual do Brazil, mostrando que naquelle seculo já um natural do paiz, isolado no seu engenho no sertão, não só tinha a cultura precisa para escrever das coisas da sua terra, como sentia a necessidade de escrevel-as. É certo que o aguilhoava tambem o interesse e que a sua obra é um memorial ao Soberano, mirando concessões pessoaes. Mas, pela extensão e desenvolvimento, e, sobretudo, pelo espirito geral e desinteressado em que é feita, pela variedade dos seus aspectos e pelo sôpro nacional que a anima, excede de *muito* a um simples memorial. No

mesmo caso estão os *Diologos das grandezas do Brazil*, e o seu autor, quem quer elle seja. A preoccupação da historia é o mais certo signal de uma consciencia nacional reflexiva. Essa preoccupação acordou cedo no Brazil, e não sómente como um meio de informação com que as ordens religiosas procuravam instruir-se das coisas do paiz e illustrar-se publicando os seus proprios feitos, mas tambem nesse espirito mais geral e mais desinteressado. Frei Vicente do Salvador já é um historiador nacional, e não um simples chronista religioso.

Duas coisas concorrem para dar á expressão literaria brazileira, logo no começo da civilização do paiz, este desenvolvimento. O proprio vigor da expressão literaria em Portugal e os collegios de Jesuitas, Qualquer que seja o valor da literatura portugueza, é incontestavel que nos pequenos povos nenhuma se lhe avantaja em riqueza e variedade. Quando se descobre o Brazil, sómente uma porção da Italia, a França, a Hespanha e Portugal tinham vida literaria. A Inglaterra apenas emergia para ella, com os predecessores de Shakespeare, que ainda não tinha nascido e cujas primeiras obras são do fim do seculo. A Allemanha, essa, não existia literariamente.

Portugal tem desde um seculo antes uma lingua feita e policiada, e a este respeito o trabalho de Camões será incomparavelmente menor que o do Dante. Estava-se justamente no periodo aureo dessa literatura, que já tinha chronistas como Fernão Lopes, novellistas como Bernadim Ribeiro, historiadores como João de Barros, dramaturgos como Gil Vicente, poetas como os dos cancioneiros e que conta escriptores de todo o genero desde o seculo XIV. Sem embargo da rusticidade do povo, Portugal é na época da colonização do Brazil um dos quatro paizes a que podemos chamar intellectuaes, da Europa.

A identificação do Brazil colonia com a mãi-patria me parece um dos factos mais expressivos da nossa historia, e essa identificação tornou facil a influencia da vida espiritual portugueza em uma região inculta, para della tirar producções que, dados outros sentimentos entre a metropole e a colonia, não seriam de esperar. Não se tendo logo aqui descoberto ouro, e sendo as minas posteriormente descobertas relativamente poucas e pobres, a vida brazileira tomou logo, do Reconcavo até Pernambucó, onde foi primeiro vivida, e depois no Rio de Ja neiro e mesmo, — embora menos — em S. Vicente, feição modesta, burgueza, diriamos hoje, mais propria á expressão literaria, ao desafogo de escrever que a agitada existencia aventurosa e aventureira dos colonizadores dos paizes de minas.

Os collegios dos jesuitas, estabelecidos com estudos superiores logo no seculo XVI, e, ao depois e á imitação delles, ós conventos das outras ordens religiosas, infiltrando no organismo ainda meio salvagem da cólonia a cultura latina, favoreceram a transmigração para aqui do espirito literario tão forte da metropole.

Cedo, pois, porventura mais cedo que qualquer outra nação americana, e certamente muito mais cedo que, por exemplo, a maior de todas ellas, os Estados Unidos, tivemos uma literatura, a expressão escripta do nosso sentir e pensar collectivo. Certamente essa literatura apenas merece o nome de brazileira como designação regional. Ella é portugueza não só pela lingua, mais pela inspiração, pelo sentimento, pelo espirito. Poderia acaso existir nos seus escriptores, como no autor dos *Dialogos das grandezas* ou em Gabriel Soares, um sentimento regional, o amor do torrão natal, o gosto das suas cóisas, mas não havia outro sentimento nacional que não o mesmo sentimento nacional portuguez. Qua-

tro seculos depois ainda eu hesito em attribuir á nossa literatura o qualificativo de brazileira, dando ao vocabulo extensão maior que aquella, pois não sei si é possivel a existencia de uma literatura inteiramente independente, sem uma lingua inteiramente independente tambem. A lingua é o elemento constituinte das literaturas, por isso que ella já é de si mesma a expressão do que ha de mais intimo, de mais individual, de mais caracteristico em um povo. Só têm literatura propria, sua, original, os povos que têm lingua propria. Neste sentido, que me parece o verdadeiro, não ha literatura austriaca ou literatura suissa ou literatura belga, sem embargo de existirem nesses povos, com uma alta cultura, escriptores notaveis de todo o genero.

Considero, portanto, a literatura brazileira com um ramo da portugueza, á qual de vez em quando volta pela indefectivel lei do atavismo, como vimos nas imitações dos movimentos literarios portuguezes ou, melhor, na preoccupação, hoje quasi geral nos nossos escriptores, de escreverem o portuguez com pureza, segundo os modelos classicos da literatura mãi. Esse ramo, no qual se enxertaram outros elementos, se distingue já por algumas caracteristicas proprias do tronco principal, mas não de modo que á primeira vista se não perceba que é a mesma arvore apenas modificada pela transplantação a outros climas... É possivel que novos enxertos e a influencia mais prolongada do meio o vão cada vez differenciando mais, mas emquanto a lingua fôr a mesma, apenas será, como acontece nas familias botanicas, uma variedade da especie.

Uma variedade, porém, póde ser muito interessante, póde ser mesmo, a certos respeitos, mais interessante que o typo principal, adquirindo no tempo e no espaço qualidades que a sobrelevem áquelle. A literatura, ou

pelo menos a poesia brazileira, já no seculo XVIII se mostrou superior á portugueza. Não é absolutamente presumpção patriotica — que completamente me fallece — julgar que, com o desenvolvimento do Brazil, a sua provavel futura grandeza politica e economica venha a dar á expressão literaria da sua vida supremacia sobre a de Portugal, cujo papel historico parece esgotado e que tudo faz crer desapparecerá na união iberica. Si isto aqui não se desengonçar e desfizer em algumas outras, « patrias », cada uma com o seu dialecto peculiar, nós seremos, como já prophetizava o grande poeta de *Camões* e de *Fr. Luiz de Souza*, os legitimos herdeiros da sua lingua e da sua literatura. Si tal viesse a acontecer, nos daria uma enorme superioridade moral sobre os Estados Unidos e as nações hispano-americanas, fazendo-nos na America a unica nação de lingua e literatura verdadeiramente nacionaes.

Mas esta nossa literatura que, como ramo da portugueza, tem já perto de quatro seculos de existencia, não possue a continuidade perfeita, a cohesão, a unidade das grandes literaturas, da mesma portugueza, por exemplo. A razão principal, para explicar o facto em uma palavra, é que ella se referiu sempre, nos seus primeiros periodos, mais a Portugal e depois mais á Europa, á França sobretudo, que ao proprio Brazil. Faltou-lhe sempre o principio da solidariedade, o que mostraria carencia do sentimento nacional. Faltou-lhe sempre communicabilidade, isto é, os seus escriptores, que enormes distancias e a difficuldade extrema das communicações separavam, ficaram estranhos uns aos outros. E não ás communicações pessoaes, de valor secundario, me refiro, sinão ás intellectuaes, estabelecidas pelas obras. As diversas influencias que se podem notar em os nossos mais notaveis movimentos literarios são

todas exteriores. O que se chama impropriamente a « escola mineira » no seculo XVIII e a pleiade maranhense da metade deste recebem a influencia de Portugal, mas não a transmittem. Como se diz em tactica militar, o contacto jamais se estabelece entre os escriptores ou entre o seu pensamento.

Esta falta de contacto continúa ainda hoje, e é maior agora do que foi por exemplo no periodo romantico. Faltou sempre o elemento transmissor, o mediador plastico do pensamento nacional, um povo suficientemente culto para interessar-se por esse pensamento, ou, ao menos, apto a se deixar influenciar por elle. Na constituição de uma literatura o povo tem simultaneamente um papel passivo e activo : é delle que parte e a elle que volta a inspiração do poeta ou do pensador. Um e outro não se podem abstrahir, antes fazem parte integrante delle. Sómente talvez no periodo romantico, de 1835 a 1860, se póde dizer existiu, limitada a uma parte diminuta do paiz, essa condição de communicabilidade. O sentimento de uma nacionalidade nova cooperava efficazmente para fazer aos escriptores um publico sympathico, que instinctivamente sentia na sua obra uma expressão dessa nacionalidade. Depois nós aprendemos muito francez, algum inglez e italiano, um nada de allemão e desnacionalizamo-nos intellectualmente. Um successo como o da *Moreninha*, de Macedo, é quasi inconcebivel hoje. O successo em literatura, como no vestuario, vem de Pariz já feito.

Não me vão tomar por um nacionalista e, menos, por um nativista. Verifico apenas um facto com a indifferença com que o faria no dominio da geologia. Procuro a explicação de um phenomeno, julgo achal-a e dou-a.

De sorte que, póde-se dizer, sob este aspecto foi o desenvolvimento da nossa cultura que prejudicou a nossa

evolução literaria. Parece um paradoxo, mais é simplesmente uma verdade. Defeituosa e falha, essa cultura foi ainda assim bastante para revelar ao publico ledor a inferioridade dos nossos escriptores, não mais contrabalançado este sentimento pelo ardor patriotico do periodo de formação da nacionalidade. É pois, a deficiencia da cultura geral dos escriptores de todo o genero no Brazil, uma das falhas da nossa literatura. Não fazendo sinão repetir servilmente o estrangeiro, sem nenhuma originalidade de pensamento e de fórma, sem idéas proprias, com immensas lacunas de erudição, e não menores deficiencias da instrucção commum hoje aos homens de mediana cultura nos paizes que pretendemos imitar e seguir, nós não podemos competir diante dos nossos leitores com o que elles de lá recebem em primeira mão, offerecendo-lhes um producto similar em segunda.

Com o estudo, com a cultura, com a instrucção, geral e larga, feita em tempo e com tempo, segura e real, falta á nossa literatura, no momento presente, sinceridade. A decadencia evidente da nossa poesia póde bem ser não tenha outra causa. Compare-se, por exemplo, a poesia dos dez ou mesmo dos quinze ultimos annos, com a do periodo de 50 a 60, dos Gonçalves Dias, dos Casimiros de Abreus, dos Alvares de Azevedos, dos Junqueiras Freires, dos Laurindos Rabellos, e se notará como a sinceridade da emoção que desborda naquella, falta quasi por completo na de hoje. E em toda a nossa obra literaria, ficção, historia, philosophia, critica, é impossivel ao leitor attento não sentir essa falta. Ella proviria, acaso, de uma descorrelação do meio e do escriptor, de preoccupações não só subjectivas como aquelles poetas as tinham, mas egoistas e interesseiras, de um elemento permanente de bohemia, quando a bohemia é um anachronismo ridiculo, nas nossas letras.

A acrescentar ainda a falta de idéas, a falta de pensamento, que reduziu a nossa poesia a um subjectivismo a que o amor exagerado da fórma tirou a emoção, ultima qualidade que lhe restava, e a nossa ficção a uma cópia da novella franceza, que impede a existencia de uma literatura dramatica, que esteriliza a nossa producção philosophica, historica e critica. Esta falta, porém, é já uma consequencia da de cultura e de estudo, que não fornecem a cerebros já de si, e por varios motivos, naturalmente pobres, os reconstituintes e revigoradores necessarios. E o peior é que, no caminho que vamos, essa mesma cultura, deficientissima e falha, que temos, ameaça extinguir-se em uma preoccupação geral e unica e, como quer que seja grosseira, de politica e finanças.

Lucio de Mendonça

ALICE

Os seus olhos são como os das pombas,
sem fallar no que está occulto dentro.
CANTICO DOS CANTICOS.

Imagina um sorriso só de criança,
Todo candura, e juncta-lhe a meiguice
De um sorriso de mãe; e tens ideado
O sorriso de Alice.

Imagina um olhar — mysterio e sonho,
Cheio de luz, de gloria, de doidice...
Com a seducção dos olhos da mãe d'agua;
E tens o olhar de Alice.

Imagina uma grave melodia,
Tão doce como nunca mais se ouvisse,
Como nunca se ouviu na terra ainda;
E tens a voz de Alice.

Já viste como o cysne fende o lago?
Como deslisa a *névoa* na planicie?

Como anda na clareira a pomba rôla?
É vêr o andar de Alice.

Olha o macio pétalo corado
De rosa que de todo não abrisse,
O mimo da conchinha nacarada:
É a bocca de Alice.

Se um dia visses no alcantil dos cerros
A immaculada neve que cahisse,
Verias, ai de mim! do que é formado
O coração de Alice.

FLOR DE IPÊ

Na clara estação gorgeiada,
Em flôr o ipê se desata;
Ó bella arvore dourada!
Ó loura filha da matta!
O tronco, o pae, se revê,
Todo ufano, todo zelos,
Nesses teus aureos cabellos,
Que o sol beija, ó flôr de ipê!

As abelhas, joias vivas,
Adereçam-te o toucado;
Diz-te phrases expressivas
O sabiá namorado;
De ramo em ramo o tiê
Cahe, como gotta de sangue;
E a *coral* se enrosca langue
Nos teus braços, flôr de ipê!

Mas, ai! tanta formosura,
Tão festejada e querida,
Pouco tempo vive e dura,
Logo cahe a flôr sem vida;
E sombrio e nú se vê,
Mudo, tragico, isolado,
Como um pae desamparado,
O velho tronco do ipê.

Na alegre quadra encantada
Dos sonhos e da esperança,
Vestiu-te a illusão dourada
O coração de criança;
Surgiu-te — meu Deus! porque? —
Ante os passos peregrinos
Criança de olhos divinos,
Loura como a flôr do ipê.

Sonhos de que te cobriste,
Coração em primavera,
Cahiram todos, ai, triste!
Quanta dourada chimera!
Eis-te da sorte á mercê,
Já sem viço, já sem flôres...
Aquelles pobres amores
Foram como a flôr do ipê!

A TAPÉRA

Les temps sont accomplis, les choses se sont tues.
LECONTE DE LISLE.

A meio valle escuro, á beira do caminho,
Está silenciosa a velha casa em ruina...

Deshabitado lar, abandonado ninho,
O horror da solidão phantastica o domina.

O horror da solidão, porque? tambem na matta,
Na virgem, secular, inhospita floresta,
Ha uma calma grande, em que a alma se dilata;
E, ao envez do terror, que portentosa festa!

Mais funda é a solidão na agreste cumiada
Onde não pisou nunca o bipede tyranno;
Mas lá quanta alegria aberta e illuminada!
— O cunho do terror vem do vestigio humano.

Vê-se um velho postigo escancarado ao poente...
O tôsco parapeito apodreceu... e vê-se
Que alli chorou, talvez, de saudades do ausente
Uma noiva fiel, que de esperar morresse...

A bella porta, franca outr'ora, está fechada...
É ninho de reptis a trepadeira amiga,
Que convidava a entrar na placida morada,
Que já ninguem procura e a ninguem mais abriga.

Pobre, inutil ruina! Olhemos de mais perto,
Pelo tecto, que abriu dos temporaes o açoite...
Brotam hervas do sólo esquecido e deserto...
E este era o coração da casa, ao lar, á noite!

Aqui se reunia, em pacifico bando,
A familia, a sonhar os dias do futuro,
Emquanto, fóra, o vento andava praguejando
E a noite ia seguindo o seu caminho escuro.

Alli, para o nascente, havia um aposento
Pequeno e recatado... ai! alli, porventura,

Morava a sinhá-moça, o riso, o encantamento
Da rustica vivenda, a doce creatura!

No vão dessa janella aberta para a estrada
Quanta scena de affecto ainda se imagina!...
Um cavalleiro ao longe a sumir-se, e, inclinada
Ao parapeito, a branca e chorosa menina...

Desconjunctado, já cahindo-lhe os pedaços,
Vê-se um velho oratorio... e, coberto de poeira,
Um Christo mutilado abre os divinos braços...
Quanta fé o beijou na angustia derradeira!

Cá fóra, indifferente, ingratamente alheio,
Passa o vento da matta, o alado vagabundo,
Sem um beijo, sequer, ao esqueleto feio.
Da ruina sem dono, esquecida no mundo!

Sómente á noite agora, ao ter da lua triste
A compassiva luz phantastica e serena,
Reanima-se a tapéra e resuscita e existe
De um sombrio existir que mette medo e pena.

Existe uma alma assim... Outr'ora foi ruidosa,
Clara, feliz, brilhante á luz da primavera...
Agora é núa e só, — sombra silenciosa,
Morta á beira da vida... a lugubre tapéra!

IDEIAL

Desde bem cedo me sorriste,
O' luz da alma contemplativa!
Na minha noite escura e triste
Has de brilhar, emquanto eu viva.

Astro do enlêvo solitario,
Occulta flôr do êrmo saudoso,
Lampada do intimo sacrario,
Etherea fonte de almo gôzo,

Tu és, na altura inaccessivel,
O eterno premio que eu almejo
E sigo; brilhas impassivel,
E eu vivo, emquanto ainda te vejo!

Por mais que neste inferno pene
E arder-me a vida toda sinta,
Adoro-te, ó sonho perenne!
O' ambição da alma faminta!

Astro amigo, fulge e scintilla,
E, rôto á vida o fragil nexo,
Venha-me á fronte, emfim tranquilla,
A extrema-uncção do teu reflexo!

AVE MARIA

... à l'heure où joie nous quitte...
JASMIN.

Ave, Maria... Era esta mesma a hora,
Este mesmo o logar quando ella veio...
Quando perdi-me no amoroso enleio
Descia a noite como agora desce...
Ella os humidos labios entreabria
Para o céu, num sorriso, ou numa prece...
Ave, Maria!

Ave, Maria... Quanta vez as tardes
Viram-nos ambos num sonhar de doudos!
Ao longe os montes se perdiam todos
Nos véus sombrios que d'além baixavam...
Minha alma á sua numa só se unia,
E os labios della e os labios meus rezavam :
Ave, Maria!

Ave, Maria... Que formosa tarde
Era aquella da nossa despedida!
Era fatal partir, e foi cumprida
Minha sorte, que della arrebatou-me!...
E a bocca linda, que não mais sorria,
Na prece ardente murmurou meu nome...
Ave, Maria!

Ave, Maria... A hora ainda é a mesma,
Ainda o mesmo o logar... mas já não vive
Aquelle apaixonado amor que eu tive
E que tanto em saudade se revela...
Ella, a formosa desleal, mentia...
Vive, minh'alma, para orar por ella...
Ave Maria!

O NOIVO DE IGNEZ

(LENDA DA GUERRA)

I — NO LAR

« Já do sol a face ardente
Sumiu-se na serrania,
E a maguada luz do dia
Expira tremulamente.

« Noite, sombras e tristezas
Todo o valle enchendo vão,
Negras como as incertezas
Que eu levo no coração.

« Vê que mudo isolamento'
Vê que frio desconforto!
O valle parece um morto
Gelado no esquecimento!

« Mas, ai! á terra sombria
Ha-de voltar outra vez
Do sol a viva alegria...
E eu... não sei se volto, Ignez! »

A' triste noiva querida
Assim fallava o soldado :
Soára p'ra o desgraçado
A hora da despedida.

De Ignez, o anjo formoso
De seu sancto, unico amôr,
Um sorriso doloroso
Treme dos labios á flôr...

Sorriso que bem se via
Que de lagrimas brotava.
Porque sua alma chorava
Emquanto a bocca sorria :

« Vae! o teu dever te chama!
E onde tua alma fôr,
A' pobre mulher que te ama,
Guarda-lhe sempre este amor!

« Se no dia em que voltares
Vencedor e laureado,
A ausencia me houver matado,
Vem visitar estes lares...

« Por noite silente e calma,
Da lua ao frio clarão,
Velará talvez minha alma
No derrocado balcão. »

. . . .

E foi-se o moço soldado,
E longos annos se foram...
Para onde os anjos moram
Foi-se o anjo abandonado.

II — Na guerra

Na densa matta sombria,
Que negro vulto de pé!
Quem, por hora tão tardia,
Não dorme ainda? Quem é?

Dorme o luar na folhagem...
Tudo alli dorme... elle véla,
Quêdo e só! — E' a sentinella!
Que estranho vulto selvagem!

Falla... « Ai! triste do soldado,
Que, por barbaro dever,
De seus lares arrancado,
Vem matar e vem morrer!

« Longe, na patria querida,
Morreu-lhe a noiva adorada!
Que lhe resta pois? Mais nada!
Nada mais que o prenda á vida!

« Mas brilha além uma estrella...
E' Deus quem olha talvez...
Cresce!... vem!... que vejo!... é ella,
Cingida de luz... Ignez! »

. . . .

Bateu num livido rosto
O claro sol do outro dia:
Estava rigida e fria
A sentinella em seu posto.

MUQUITA

Era estudante de medicina; morava num sobradinho da rua da Misericordia, a poucos passos da escola, num quartinho pegado ás telhas, mas com uma immensa riqueza — a janella aberta para o morro do Castello, para o ar livre, para o céu cortado de nuvens brancas e de vôos de andorinhas.

Meia-noite; acabára emfim a fastidiosa lição de pathologia, que alli o tivera pregado á mesa umas longas quatro horas, desde a volta do café Cascata, onde estivera a fazer o chylo ouvindo as declamações politicas de um deputado do Norte, palrador e opposicionista. Ia leitar-se a dormir; mas antes, como costumava, veio ımar um cigarro para a janella. O ceu estava magnico, formigante de estrellas; sentia menos somno que

vontade de passeiar um pouco, ao acaso dos passos, pelas ruas adormecidas, onde algum transeunte retardado se perdia á distancia, batendo sonoramente as calçadas com os tacões energicos de quem quer mostrar que vae sem medo. Amorteceu a luz do bico de gaz; tomou o chapéu de feltro, pendente de uma das maçanetas da estante de ferro: verificou os nickeis que restavam no bolso do collete, e desceu a escadaria.

Em vez de seguir para o coração da cidade, para a zona viva e illuminada dos cafés e dos theatros, appeteceu-lhe antes a escura melancholia da ladeira do Castello, e por alli se metteu a subir, a passo lento, com a ponta do cigarro nos beiços. Até chegar á praça, que ha no alto do morro, nenhum accidente o interessou; lá encima, porém, logo ao desemboccar no largo, attrahiu-lhe o olhar a janella accesa de um casebre, accesa e aberta áquellas deshoras. Baile não era, que nenhum som d'alli partia; defrontou com a janella e viu que ao centro da saleta, numa mesa forrada de branco, com duas velas de cera á cabeceira e uma aos pés, calçados de duraque, estava deitado um cadaver; trez ou quatro vultos pretos o velavam, sentados em torno; um d'esses era de mulher e velha.

Familiarizada a vista com a luz d'aquelle interior, distinguiu que o semblante da velha era de expressão sympathica, resignada e triste; dos outros, que aos poucos foi discriminando, um era barbado e de oculos, outro adolescente e pallido; havia ainda, e só depois o discerniu, a um angulo sombrio, um vulto de mulher, com a cabeça caida nos braços cruzados sobre as costas da cadeira, e que parecia chorar, pois via-lhe o busto sacudido como por soluços.

Attrahido pela curiosidade, acercou-se discretamente, deitando fóra a ponta do cigarro. Teve então uma sor-

presa dolorosa : o morto, que alli estavam guardando, era seu conhecido, era o porteiro da escola, um pobre diabo a quem os estudantes davam tostões muito pedinchados e que andava sempre a abafar uma tossinha sêcca.

— O velho Anselmo! suspirou intimamente o rapaz; ainda hontem o vi, mais chupado de cara e mais agoniado da tosse, mas sem largar aquella ponta de charuto ruim, que já se lhe tornára attributo inseparavel da mesquinha figura.

Invadiu-o uma grande piedade; bateu timidamente á porta; veio abrir-lh'a a velhinha de bom aspecto.

— Eu sou, disse logo no corredor, o estudante de medicina, e passando e reconhecendo no defuncto o nosso porteiro, o pobre senhor Anselmo, pensei em vir offerecer os meus serviços, para o que quizerem, para ajudar a velar, si permittem.

Aceitaram-lhe commovidos a obra de misericordia, e abriram-lhe espaço no sofá vetusto, parallelo á mesa do defuncto.

A ultima pessoa a fallar-lhe foi exactamente a que mais lhe interessava conhecer, pois corria na escola que o porteiro tinha uma filha encantadora.

Era-o, sim; morena, de um moreno pallido, com tons de ambar; olhos amendoados, de uma luz humida e ingenua; talhe esbelto, de uma languidez flexuosa, de gata e de odalisca.

— Minha neta, a Muquita, apresentou familiarmente a velha, que era a mãe do porteiro.

E Muquita offereceu ao estudante a mãosinha macia e cállida, ainda com uma humidade de lagrymas, que tambem lhe adoçava ainda mais o olhar profundo.

O barbudo d'oculos, que era um quitandeiro da vizinhança, apenas viu installado o estudante de medicina,

pediu dispensa da vigilia : tinha uma filhinha com a coqueluche e já agora não precisavam de sua companhia...

Ficaram, pois, a sós, o rapaz e a rapariga, a velha e o neto, que era o adolescento amarello, sem fallar no defuncto.

Ao primeiro cantar dos gallos, a avó foi á cozinha fazer café; o neto não resistira mais ao bello somno dos dezeseis annos, e dormia caido para um canto do sofá : viu-se o estudante só com a Muquita, em cadeiras proximas, no espaço entre a janella e a cabeceira do morto.

Na excitação da vigilia, a formosura da rapariga tornara-se irresistivel, e o estudante tinha vinte annos, e o fogo na cozinha custava a accender, e o irmão dormia a bom dormir e o porteiro estava bem morto : quasi instinctivamente, o braço do rapaz cingira a cadeira vizinha e a bella occupante da cadeira; a resposta immediata foi o busto delicioso inclinar-se todo para elle, e tão rendido e abandonado que logo e logo, as cabeças se encostaram, os labios se procuraram como conhecidos velhos, com a avidez de uma sêde que se diria de seculos e era apenas de minutos, e o beijo soffrego e faminto, que uniu as duas bocas, ardia como um fogo intenso e inapagavel.

Não fora o ruido arrastado das chinellas da avózinha e o tinir das chicaras na bandeja que se approximava, e não sei de que sacrilegio não seria capaz a mocidade dos dois, com a cumplicidade da hora.

Ah! quando o rapaz tornou a subir a sua escada, apagou de todo o gaz que o alvor do dia tornára inutil, fechou o compendio de pathologia e atirou-se estremunhado á caminha de ferro, tinha ainda, sob o forte sabor do café e do charuto que viera fumando, o sabor mais forte, mais capitoso, que havia de sentir para sempre,

como o melhor de sua vida inteira, da boquinha quente e latejante da Muquita.

CORAÇÃO DE CAIPIRA

I

S. Gonçalo da Campanha (1), no sul de Minas, é uma bonita povoação, que seria risonha e linda se não estivesse como sepultada entre as excavações profundas da mineração que lhe rasgou as entranhas do solo opulento, dando assim aos arredores da freguezia — para quem de longe a avista — um triste aspecto de montões de ruinas.

Deu-se, o anno passado, nesta freguezia, um facto singular : morreu um pobre homem do povo, camarada e jornaleiro, e a morte delle foi geralmente fallada, commentada e até sentida.

O homem chamava-se João Carlos, da familia cabocla dos Sabiás, muito conhecida e estimada no logar como gente toda ella de bem. Delle e destes factos ha ainda aqui viva memoria. Chamava-se simplesmente João Carlos... Esta gente do povo tem o nome pequeno. Talvez por isso consegue, quasi sempre, trazel-o mais limpo que os grandes nomes.

Pois era até bem acreditado, em toda a freguezia e redondeza, o nome do camarada. João Carlos merecia-o : era laborioso e honrado. — Honrado até alli ! diziam delle.

Era o caboclo de mais trato que se conhecia, e não devia *um cobre* (2) que fosse, em qualquer *negocio*.

(1) Hoje cidade de S. Gonçalo do Sapucahy; conservo a denominação do tempo em que se passou o episodio e ainda da data em que foi escripto o conto.

(2) Expressão local para significar a moeda de dous vintens.

Tinha a sua casinha bem asseiada e farta, na varzea-a que a gente do logar chama *praia*, e que ao sul da povoação se estende marchetada de arroios espraiados e entresachada de outeirinhos cobertos de vegetação rasteira, e vai morrer á margem do Sapucahy.

João Carlos estava ultimamente ao serviço de F., morador de S. Gonçalo, a quem votava uma dedicação céga.

O caboclo era camarada conhecido por fama, de tão forte e leal que era. Havia de ter os seus trinta e cinco annos; magro, mas reforçado e musculoso, agil como um veado, fiel e bravo como um cão de fila, tinha uma bella physionomia plebéa, rudemente talhada, mas expressiva, alegre e franca.

Era casado, casado a quinze annos, com uma caboclinha da visinhança, chamada Marcolina.

Entre as mulheres do povo, nenhuma vestia, nem passava melhor que a mulher do João Carlos. Tinha negra que a servia. Tambem era o idolo delle. Não tinham filhos; viviam felizes, e parecia ainda um casal moço, porque o caboclo é duro de envelhecer.

Não era bonita nem feia a Marcolina; mas tinha certa elegancia natural, e ao domingo, quando se punha tafula com o seu vestido de cassa, requebrava os quadris arredondados com voluptuoso donaire. O olhar era doce e lubrico e a boca sensual e vermelha.

O marido, depois de quinze annos de casado, morria ainda por ella. Não fazia viagem de que lhe não trouxesse um vestido novo; e, na ausencia, era um nunca acabar de elogios á mulher, ao seu bom proceder, á felicidade de sua casa.

II

Uma manhã, appareceu João Carlos ao patrão com o aspecto demudado. Amarrotava nervoso o chapéu de

pello de lebre; pela primeira vez via-se-lhe carregado o rosto, sempre expansivo e alumiado de alegria; deu bons dias com voz surda e estrangulada.

— Que tens tu, João Carlos? estás hoje com uma cara de defunto e uns olhos de assassino!

O caboclo estremeceu com um calafrio que lhe agitou todo o corpo, e cravando no amo um olhar soturno, depois de verificar que estavam bem sós :

— É uma historia do *diacho*, patrão; a Marcolina...

E engasgou-se com este nome, que rugiu mais que articulou.

— Que tem a Marcolina?...

— Enganou-me com outro homem.

F. olhou com espanto e commiseração para elle : estava livido.

— Não vás acreditando logo nessas coisas, João Carlos; olha que ha tambem muita mentira...

— Eu vi, patrão! eu mesmo vi bem claro.

O amo de João calou-se, com muita dôr d'alma; aquelle camarada, que não mentia nunca, era um homem de bem : devia estar alli com o inferno por dentro.

— E agora? — perguntou-lhe.

O caboclo teve um sorriso sinistro :

— Agora... o patrão já não me achou com geito de assassino?

— Isso não, João Carlos! enxota-a de casa, mas não te ponhas a perder.

— Mais perdido do que estou, patrão! perdido p'ra sempre! pois não sabe como eu gostava della?... não via?... Agora não tenho mais descanço emquanto não *pinchar* no inferno aquella perdida que me sujou a cara!

E uma onda de sangue afogueou-lhe a face cobreada e accendeu-lhe nos olhos um clarão rubro. Estava medonho de vêr-se.

Correu a mão pelo cabello crespo, e accrescentou, apontando para dentro :

— Ella está ahi mesmo em casa do patrão; entrou correndo pelo portão da horta. Bem sabe que aqui está livre; mas um dia ella ha de sahir!...

F. tentou aplacar a colera selvagem que sublevava o coração do caboclo, assanhado de ira, a pular-lhe no peito como a jararaca no fogo. Embalde! a sêde de vingança abrasára e devorava aquella alma toda!

João Carlos, com a mão crispada na cintura, rosnava entre dentes :

— Ella ha de sahir algum dia!

III

Dias e dias passaram-se, e Marcolina sempre em casa de F.

— Se eu sahir daqui, elle me mata! — dizia a tremer de medo.

Uma vez, em vesperas de uma viagem que F. ia fazer e em que levava João Carlos como camarada, encontrou-se este com a mulher na sala de jantar do patrão.

O caboclo, já naturalmente magro, estava agora que nem um esqueleto; os olhos, mais fundos ainda, luziam-lhe, sombrios e irados como tigres nas furnas. Mas um sorriso — horrivel sorriso de caveira — arregaçou-lhe os beiços finos; diligenciava mostrar-se risonho, e aquelle riso ainda mais assustava.

— Pois, Marcolina, vamos p'ra casa; tenho de fazer viagem : vae arranjar minha roupa e tomar conta dos nossos cacos.

A mulher estremeceu horrorisada, como se já lhe sentisse as garras no pescoço; e refugiou-se num canto da casa, para onde estava a familia de F.

— Porque não vae com seu marido? — perguntou-lhe este.

— O que elle quer, eu bem sei, gaguejou a cabocla. Não me enxote daqui, meu amo!

Marcolina ficou onde estava, e F. e João Carlos sahiram em viagem. Iam longe; durava uns tres mezes a ausencia.

Viajavam pela provincia de S. Paulo. Uma madrugada, ia F. adeante conversando com outro camarada, primo do João Carlos, o João Ferreira, outro honrado caboclo que ainda hoje vive e é o camarada de mais confiança de toda esta redondeza.

João Carlos, mais atraz, acompanhava os cargueiros, com a cabeça baixa, como, depois da sua desgraça, andava sempre.

— Patrão, o João Carlos não está muito certo da cabeça; pois o homem não dorme! passa toda a sancta noite fumando ao pé do fogo, ou então correndo no campo que nem um cão damnado. Aind'hontem, acordei lá por essa noite velha, e *escuitei* um chôro soluçado que mettia dó. Era o João Carlos, sentado ao pé do fogo, com o queixo fincado nas mãos. Não me soffreu a paciencia ver um caboclo chorando. — Que diabo é agora isso, João? — perguntei decidido. O homem levantou a cara p'ra meu lado, e olhe, patrão, que estive *quasi não quasi* chorando eu tambem: não! que nunca vi uma amargura mais triste. — Que é isso, homem? — tornei a perguntar com falla mais mansa, p'ra consolar o coitado. O João Carlos levantou-se e sahiu p'ra o campo, rosnando assim como quem está com pena e com raiva: — Saudade daquelle *diacho*!

Mais tarde, conversou F. com o desgraçado caboclo; procurou dissuadil-o de idéias de vingança, aconselhou-lhe a separação e o desprezo, disse que já tinha passado muito espaço de tempo, e ninguem sabia da vergonha.

João Carlos a principio quiz illudil-o, fingindo uma resignação que todo o seu ar estava desmentindo; por fim, confessou que ou havia de matar a mulher, ou morria elle de dôr.

— João Carlos, tu me has de prometter, tu has de dar palavra que não matas a Marcolina.

— Pois dou minha palavra, patrão, p'ra lhe fazer a vontade; mas eu então é quem vou p'ra cova.

Uma semana depois, estavam de volta em S. Gonçalo.

IV

No dia da chegada, depois de jantar, tendo levado os animaes ao pasto e arrumado os arreios, João Carlos dirigiu-se ao amo. Vinha profundamente triste o camarada.

— Patrão, eu quero fazer minha conta; nunca pensei que havia de deixar seu serviço... mas tambem lhe prometto que não hei de ter outro patrão!

— Que é isso então, João Carlos?! falta-te alguma coisa? estás descontente commigo?

— Com o patrão, não é bem; é com sua casa de *vancê* que está apadrinhando aquelle *diacho* que eu não posso enxergar deante dos olhos.

— Está ahi só por tua causa, João. Se não queres mais vêl-a, e se estás certo de cumprir o que me prometteste, manda-se a Marcolina embora.

— Pois então fico, patrão, e fico obrigado ainda, que eu sahia daqui agoniado.

— E não has de procurar matar a Marcolina?

— Eu já dei palavra de homem ao patrão; o patrão não me conhece?

No mesmo dia, foi Marcolina despedida da casa; temia-se tanto do marido que não sahiu emquanto não se lhe

deu quem a acompanhasse até á casa de uns parentes que tinha, do outro lado do Sapucahy. O companheiro foi João Ferreira.

No caminho, a mulher de João Carlos voltou-se para o camarada, com as lagrimas nos olhos :

— *Seu* João Ferreira, tenha pena de mim, meu parente! peça ao João Carlos que me perdôe!

João Ferreira nem parou, nem olhou para ella :

— Vá andando, mulher; não me aborreça.

V

João Carlos continuou como camarada de F., que estava então levantando uma casa nova; o caboclo trabalhava na obra. Um dia faltou ao serviço: era a primeira vez que faltava; no dia seguinte, chegou mais tarde, e veio logo ter com o amo :

— Patrão, não vim hontem, porque apertou-me uma canceira, que já de uns tempos para cá ando sentindo. Hoje estou melhor, mas não estou bom. Não sei que *diacho* de coisa é esta.

— Não trabalhes hoje, João Carlos; vae-te mostrar ao doutor Arthur.

Nessa mesma tarde, o doutor Arthur, o medico, dizia a F. :

— O teu camarada João Carlos está perdido; está soffrendo do coração, mas soffrendo horrivelmente; já não tem cura; não vive um mez.

Effectivamente, ia morrendo, a olhos vistos, aquelle homem robusto, que nunca antes adoecêra; já não sahia de casa; o patrão ia lá vêl-o. Uma noite, já tarde, João Carlos mandou chamal-o. Achou-o tão mal que difficilmente fallava :

— Mandei chamal-o, meu amo, porque acho que não

amanheço. E estou devendo ao patrão, ao medico e á botica.

— A mim não deves nada. Tracta de ficar bom, para ganhares mais. Quanto ao medico e botica, fica socegado : se não puderes, eu pago.

— Obrigado, patrão; agora morro alliviado deste peso, que me estava matando mais depressa. Mas, meu amo, isso não fica só assim na sua bondade; louvado seja Deus, ainda tenho um restinho : esta casinha *a tôa*, com um capado no chiqueiro, umas *criações* ahi no quintal, e duas éguas no potreiro da serra. O patrão, tenha paciencia, ha de vender isso p'ra pagamento.

Deixa-te — de idéias, João Carlos; tu és forte, estás logo bom, e ainda has de viajar e ganhar muito commigo. Olha, nestes dois mezes, temos viagem para Camandocaia...

— Camandocaia! suspirou o caboclo ; não torno a vêr essa terra. Dê-lhe lembranças, patrão! Se eu me tivesse casado lá com a filha do mano Antonio, estava livre disto! Dahi, podia não estar ; aquella era uma caipira de bem... mas isto de mulheres, — perdôe, meu amo, — não ha que fiar. O patrão quer consolar seu camarada; mas elle não é nenhuma criança, e sabe que está com o pé na cova. Era só o que eu queria pedir; agora, patrão, muito obrigado!

E quiz beijar a mão que F. apoiára á cabeceira do catre; não lh'o consentiu o amigo, que o era mais que amo ; e, com a idéia de o tranquilisar, perguntou-lhe se não queria confessar-se, que era bom para limpal-o daquella afflicção que o consumia e não o deixava sarar.

O caboclo recusou com um gesto desabrido :

— Muito obrigado, mas dispenso. Deus bem sabe o que eu sinto, e não é preciso que ninguem mais conheça a minha vergonha. Quanto mais essa casta de gente, que

manda perdoar tudo, como se uma pessoa não tivesse brio! Eu não matei porque dei minha palavra ao patrão; mas perdoar, Deus lá que perdoe, que é Deus.

Era um homem, o caboclo!

VI

João Carlos viveu ainda alguns dias. Uma madrugada, ouviu soluçar aos pés da cama; olhou.

Era Marcolina. Accendeu o olhar para ella, e logo o desviou enojado.

— Me perdôe, João Carlos! me perdôe pelo amor de Deus! gemia a miseravel.

O caboclo relanceou um olhar terrivel para a sua faca do matto, pendurada á parede:

— Vae-te embora, *diacho*! não me tentes!

A mulher fugiu espavorida.

Essa noite — haviam de ser oito horas — a negra enfermeira de João Carlos veio-lhe com um recado: a Marcolina tinha chorado todo o dia, e pedia por tudo ao marido que a deixasse entrar para que elle a perdoasse, para que, ao menos, olhasse ainda uma vez para ella como no outro tempo olhava — sem aquella gana de a matar.

João Carlos revolveu-se na cama como uma cobra entre chammas; levantou a custo meio corpo e tornou a cahir, subito e rijo, fitando na negra os olhos já vidrados:

— Diga a essa cadella que eu estou morto.

E, como se aquella boca não devesse mentir nunca, morreu com isto.

Luiz Guimarães

VISITA A CASA PATERNA

(A MINHA IRMÃ ISABEL)

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo :

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh ! se me lembro ! e quanto !)
Em que da luz nocturna á claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

O SOMNO DE UM ANJO

Quando ella dorme como dorme a estrela
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada
Mais perfeita que um lyrio, e tão singella,

Tão serena, tão lucida, tão bella
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
Eu vélo absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus, emquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flôr obscura
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a Creação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr — que é minha filha.

A BORRALHEIRA

Meigos pés pequeninos, delicados
Como um duplo lilaz, — se os beija-flôres,
Vos descobrissem entre as outras flôres,
Que seria de vós, pés adorados!

Como dois gemeos sylphos animados,
Vi-vos hontem pairar entre os fulgores
Do baile, ariscos, brancos, tentadores...
Mas, ai de mim! — como os mais pés calçados!

« Calçados como os mais! que desacato!
Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato
Leve, ideal, fantastico, secreto... »

Eil-o. Resta saber, Anjo faceiro,
Se acertou na medida o sapateiro :
Mimosos pés, calçai este soneto.

FÓRA DA BARRA

Adeus! Adeus! Nas cerrações predida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva...
VARELLA. — *Ao Rio de Janeiro.*

Já vamos longe... Os morros bemfasejos
Mettem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da Patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além! Adeus, gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh gosos!
Adeus, oh velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol cadente
Vai-se apagando — ao longe — tristemente
Do Corcovado a magestosa serra :

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh terra de meus pais! Oh minha terra!

PAULO E VIRGINIA

Fomos um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nascente,
Colher as flôres do vergel ridente
E as primeiras amoras dos cercados.

Venturosos, risonhos, namorados,
Cada qual mais feliz e mais contente,
Esquecemos a terra inteiramente :
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabellos — emquanto ella corria,
Voavam, loiros como a luz, dispersos!
Eu a chamava e ella me fugia.

Por fim voltámos — em prazer immersos :
E das venturas todas d'esse dia...
Resta a saudade que inspirou meus versos.

João Ribeiro

VARIOS SONETOS

I

Monge.

E forçoso que por um louco tomem
Quem de perfeito juizo se mostrava?
Louco, dizieis vós! mas onde estava
A apregoada loucura d'aquelle homem?

Quem póde ver as dôres que se somem
Dentro no peito e ver a ignota lava?
Loucos sois vós que as pustulas consomem,
E tendes a alma das paixões escrava.

Louco o dizeis, porque deixára o mundo
Pelo abysmo do claustro horrido e fundo!
Insensatos, sabei! para a alegria,

E' talvez pouca luz a luz do dia,
Mas a quem fere do infortunio o açoite
Essa noite do claustro é pouca noite.

II

Venus.

Do mar e das espumas tu nasceste,
Ó forma ideal de todas as bellezas,
Inda a teu corpo, mal vestindo-o, véste
Um sendal de maritimas turquezas.

Milhares d'annos ha que appareceste,
Outros milhares d'almas sempre accezas
No teu amor, lá vão seguindo prezas
Da tua garra olympica e celeste.

Beijo-te a boca e sigo embevecido
Ondas sobre ondas, pelo mar em fora,
Louco, arrastado qual os mais têm sido,

Ora te vendo as formas nuas, ora
Toda nua a sentir-te em meu ouvido
Do eterno som dos beijos meus sonóra.

III

A nympha.

Na floresta os crepusculos eu passo
A flor colhendo e o saboroso fructo.
Ouço um rumor, e cauteloso, astuto
Apalpo as folhas estendendo o braço.

Fauno talvez ! e horripilado escuto...
Eis quando surge sob um sol escasso
Não qual imaginára o deus hirsuto,
Mas uma nimpha de ligeiro passo.

Ah não fosse eu mortal e fosse dado
Ao humano ser dos deuses o peccado!
Se n'aquelle momento um deus eu fosse,

Ao vento a flor e o fructo desprezando,
Minha fôra esta deusa que é, passando,
Mais que a flor, mais que o fructo bella e doce.

IV

Lahis.

Lahís, cujo semblante copiado
Foi da espuma tyrrhena e a sangue tinto
Dos roseiraes de Kypre, abrindo o cinto
Que foi da vespa aos elytros tomado,

Deixa o manto cahir e o labyrinto
De mil dobras da tunica. O nevado
Corpo lhe escorre o sangue derramado
Do rubro manto agora aos pés extincto.

E o seio tremulo surge, e o collo; e a alvura
Do collo; o corpo todo e a claridade
Do corpo todo, pallida, fulgura...

A purpura no chão mira a deidade,
Torce-se, enfuna-se e medindo a altura
Salta de baixo e a face d'ella invade.

V

Ruina.

Simples braço d'um satyro, imagina,
Que phantasia de esculptor gerara.
Que gesto raro n'esta mão! que rara
A formosura d'essa antiga ruina!

Ah! quanto não seria peregrina
A bella voz que a frauta lhe vibrara
Nos finos dedos e na mão tão fina
Que transparece a luz do dia clara.

Dizer-se que este braço esteve outr'ora
Preso ao torso d'um bode! e mais espanta
Saber que n'esta mão incantadora

Que dedilháva a citara de flora,
(Onde a harmonia da floresta canta),
É n'esta mão que a impudicicia móra.

Luiz Murat

DIVAGAÇAO

I

Cegos, vamos singrando os temerosos mares
Sem jámais ancorar em porto algum do mundo,
E, emquanto os vendavaes zunem nos negros ares,
Irritos Briarêos, o pélago iracundo
Açoitam com bulcões e horridas preamares.

Theogonias, visões atrozes dos prophetas,
Emmaranhadas no orco onde se affunde a crença
Rinchavelham, ouvi. Alma, sombria, encetas
Um novo passo, e, a sós, pisas a estrada immensa,
Onde iam ajoelhar-se os magos e os ascetas.

Theorias de roldão passam desmanteladas;
Olhos febris a luz espiam da penumbra;
E os santos de marfim nas naves apagadas,
Quando de todo a fé nos corações se obumbra,
Hirtos, quedam-se nús nas cruzes desoladas.

Iconoclasta audaz! Espalmas e affeiçôas
A lei, a cujo imperio os homens obedecem.
Muda de norte a agulha, as náos voltam as prôas,
E dos thronos senis e apodrecidos descem
Magros deuses sem lar, pobres reis sem corôas.

Ao teu arremessão jorra o sangue cruento
De hordas barbaras! Cospe o incendio ignea fornalha.
Afla como um ginete esporeado o vento,
E arremette e derroca o velho rito odiento,
— A abobada de estuque, a cumieira de palha.

A alma sonha, no emtanto. A orchestra matutina
A meditar convida. O coração palpita,
Quer voar, quer cantar, quer subir á collina,
Ir e vir, perlustrar toda a esphera infinita
Que estes bosques enflora e estes cahos illumina.

II

Vem doirar esta sombra e entresachar a graça
A' pompa matinal! Vem, tudo aqui te espera...
Hão de reconhecer-te a viração que passa,
O rio, a flor, o valle, o sol, a primavera,
Que em meus cantos soluça e em teus olhos esvoaça...

Vem! não tardes, por Deus! Vamos envelhecendo...
Depois, o sonho dura apenas uma noite...
Não quero ficar só, nem proseguir sabendo
Que meu estro ficou sem lar onde pernoite,
Quando o sol fôr cahindo e o poeta fôr morrendo.

Tudo deixo por ti: — livros, glorias, prazeres,
Ambições de poder, de fausto, de riqueza,

E feliz viverei, Sarah, se tu viveres,
Ao meu lado, a imitar em tudo a naturesa,
Que não despreza nunca os mais obscuros seres.

Acaso me esqueceste? Acaso a aura não canta
Ao teu ouvido o que eu a cantar te ensinára?
Tinhas, instante a instante, uma aria na garganta
De uma pureza tal, de uma doçura, Sarah,
Que parecia vir da alma de alguma santa!

Ninguem, nem Margarida — o aroma da innocencia —
Tratava com mais zelo o seu ideal na terra,
O seu mesmo sentir, a sua mesma essencia,
Que tudo, a um tempo, abrange, embebe, insufla e encerra,
Quando a mulher nos surge em plena adolescencia...

Qual arremette contra os fados deshumanos
E pallido recalca o punhal na ferida :
Qual affecta escòlher entre òs risos profanos
O que mais se affeiçôa á comedia da vida
E á funesta ambiçãò dos máos e dos tyrannos.

Eu não! Apenas canto o que te diz respeito :
— O berço em que nasceste, o rosal que plantaste :
E, se acaso entrevejo, em sombras, o teu leito,
O calix sem perfume, o alvo lirio sem haste,
Ah! meu plectro se esvahe em lagrimas desfeito :

Sarah! Nem uma só queixa articulo, quando
A viraçao me traz uma lembrança antiga.
Sei que ha de vir o dia, em que nos encontrando,
O pó deste cansaço e a dor desta fadiga,
Terna e piedosa irás, aos poucos abrandando...

SUPPLICA

Guarda em teu seio impolluto,
Guarda no altar de teu sonho,
A minha imagem de lucto
No seu sepulcro tristonho.

A vaga levou, querida,
A endeixa que te embalava,
Desfolhou-se a minha vida
Quando a manhã despontava.

Agora, sosinho, vago,
Como um navio sem norte,
E, sem saber como, trago
A' prôa a estatua da morte.

Tu me encadêas aos ventos,
Tu me abandonas ás agoas.
Não te movem meus lamentos
Não te abrandam minhas magoas.

Da antiga felicidade
Que resta, para que eu viva !
Uma larva de saudade
Que do amor se fez captiva.

Está deserto o meu ninho,
Não tem flores o meu vaso.
Como um espectro camínho
Nas sombras do meu Occaso.

Viajor sem esperança
E que não tem pouso certo,
Minha'alma, louca, se lança
Por este espaço deserto.

Deixa que eu viva cantando
Deixa que eu morra sentindo
A dor de te ver gozando,
A dor de te ver sorrindo.

Qu'importa cahir na estrada,
E morrer, se assim o ordenas?
Minha sorte está cançada
De carregar tantas penas.

Guarda em teu seio impolluto,
Guarda no altar de teu sonho,
A minha imagem de lucto
No seu sepulchro tristonho.

EXORTAÇÃO DA FLORESTA

! penetrar aqui neste recesso augusto,
Dilacerar-me o seio,
ixar-me a alma a gemer, o ligneo hombro combusto,
De ferimentos cheio!...
· despertada assim a tiros de espingarda,
ladrido feroz dos cães de caça!... Andar
s gritos, como um ser vilão, que se acobarda
r ouvir lá na serra a anhapóca ulullar!...

! desnudar-me toda e atirar-me aos pedaços
Pelos brejos immundos;

Obrigar-me a descer pelos morros, sem braços,
Com os ventos iracundos!...
Tratar-me como serva, exposta á neve fria,
Ao pó, á cerração;
Profanar, poluir minha antiga magia,
Meu culto, minha fé, meu lar, minha oração!...

Para traz, para traz, monstros de forma humana,
Tenebroso instrumento
Da morte, a que geysér ou catacumba insana
Pediste este tormento?!
O grito atroador e agudo do Milvago
Córta a montanha oval.
Segue-te com terror o duro porte o lago,
Que aclara a propria sombra e acolhe o proprio ma

Tremem os tangarás nas pennas encolhidos...
Dormem as juritys...
Vão-me lançar aos pés os galhos refloridos,
Vão-me harpas e arrabis,
Miseros, arrancar á cuprea fronde altiva,
Ao imponente domo, ao secular sacrario.
O' nemuroso genio, ó poderosa diva,
Sou tambem vossa myrra e vosso escapulario!

Protegei-me e amparai-me, e, sobrestando o passo
A' turba dos incréos,
Fazei com que do Inferno ou do damnoso espaço,
Da fauce dos vulcões, d'alma dos escarcéos,
Alguma cousa desça em forma de castigo
Sobre tamanho crime!
Ficar o tiê sem tecto e a rola sem abrigo!
E eu, que tão boa fui, sem ninguem que me estime,

Sem quem me oscule a fronte e me humedeça os labios
Com o alvéolo de seus hymnos,
Em verdade, é cruel! Caçadores ou sabios,
Não importa, são sempre os mesmos assassinos!
Risonho, o céo me traz seus copiosos mimos
Em róridas canções.
Garridos jacamins baixam dos altos cimos
Sobre estas solidões...

Tudo quer um logar, um recanto, um pedaço
Da marchetada sombra onde os meus ninhos teço.
O doce luar brilhante em resedás desfaço,
E em tudo, ora, appareço, e ora, desappareço...
Os sahís me vêm dar os bons dias, e tornam
Aos seus lares, depois.
Com que capricho e gosto os seus tugurios ornam:
— Tugurios para mil, palacios para dois!

E a açaira que, a arfar, poisa o biquinho n'agua,
E está ali vae não vae pela corrente abaixo,
Sem sentir de Menalco a dura e acerba magua,
Sem colher de Aphrodita os fructos, cacho a cacho!...
Tudo isto vae morrer, Senhor, ou, cegamente,
Tomar um rumo obscuro, um fadario cruel,
Porque o sabio ahi vem com o perdigueiro á frente,
Apedrejar meu solio e rasgar meu docel.

Como? Pois será vã minha soberania?!
O sceptro que me déstes,
Vão tambem, meu Senhor? Pois toda esta poesia,
Estes hymnos sem par, estas vozes celestes,
Serão por esta turba ignára injuriados,
Mettidos em polés,

Como anjos sublevados,
Mais nefandos, talvez, que o lodo das marés,

Que as escorias de Biblo e o anthro de Calahorra?
Oh! minhas aracuans, meus cónoros ruidosos,
Que tem que a ave gorgeie e a agua silvestre corra
Entre ninhos febris e frócos sonorosos?
Que tem que o sol me encontre a reparar os ninhos
A's minhas arapongas
Barulhentas? Que tem? Elles — os passarinhos
Querem sestear a gosto em suas selvas longas...

Deixai-os pelo amor de Deus aqui poisados,
Deixai-os a sonhar;
Elles têm mais que vós os corações maguados,
E são, homens, tão bons que se deixam matar.
Deixai que eu os acolha e os leve á boa estrada,
A que, entre anjos, vae ter ao eterno esplendor!...
Que a sombra illuminada
De tanta fé me envolva e me salve, Senhor!

Que este concerto aqui seja um éco distante
Da bondade infinita,
Da candura ideal, do idylio balbuciante
Que em todo o céo palpita.
Que tudo falle e entenda o idioma claro e eterno
Dos primeiros christãos.
Caçadores, vós sois os ministros do inferno:
Ha febre em vosso olhar, ha sangue em vossas mãos!

Caçadores, que mal vos fiz eu? Sou acaso
O mau guia, o mau genio, o Othus funebre e torvo?
O truculento Occaso,
O sanguinario corvo?

Ou o Dragão nefasto abalando as montanhas,
Ou a Hydra de cem cabeças ourejadas?
Lacerai-me as entranhas,
E as frondes decepadas :

Tirai-me as virações, as ledas primaveras,
O orvalho sideral que eolea mão conduz;
As lyricas visões, as fulgidas chiméras,
Que deslisam subtis sobre flocos de luz...
Mas concedei-me a graça, o dom piedoso e egregio
De commover a Terra e os duros horizontes,
Dando-lhes em vez de ouro em meu dominio regio
O mel dos meus sabiás, a agua das minhas fontes.

Machado de Assis

MENINA E MOÇA

Está n'aquella idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer ;
Entre-aberto botão, entre-fechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

A's vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor ;
Tem cousas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catechismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, o seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de commoção.
Quando a boca vermelha os labios abre e agita
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri ;
E se corre parece, á briza enamorada,
Abrir azas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho; e raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros de collegio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orchestra;
E quando entra n'um baile, é já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito á Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ella é o estudo, exceptuando talvez
A lição de syntaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglez.

Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etherea visão;
Quantas cruzando ao seio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração!

Ah! se n'esse momento hallucinado, fôres
Cahir-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Has de vêl-a zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e contal-a á mamã.

E' que esta creatura, adoravel, divina,
Nem se póde explicar, nem se póde entender:
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!

A MOSCA AZUL

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnad
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou :
« Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonh
Dize, quem foi que t'o ensinou ? »

Então ella, voando, e revoando, disse
— « Eu sou a vida, eu sou a flor
« Das graças, o padrão da eterna meninice,
« E mais a gloria, e mais o amor. »

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo
E tranquillo, como um fakir,
Como alguem que ficou deslembrado de tudo,
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voltear no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia, com todo o resplendor de um paço,
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o collo nú,
Um immenso collar de opala, e uma saphyra
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nayras superfinas,
Aos pés delle, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que tem lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem etiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nus.

Vinha a gloria depois ; — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triumphaes
De trezentas nações, e os parabens unidos
Das coroas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,
Affeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quiz vel-a, quiz saber a causa do mysterio,
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,
E para casa se partiu.

Alvoroçado chega, examina, e parece
Que se houve nessa occupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu : e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Visão fantastica e subtil.

Hoje, quando elle ahi vae, de áloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

UMA ODE DE ANACREONTE

. . . .

LYSIAS.

Não ;
Eu caso o meu amor ás regras da razão.
Cleon quizera ser o espelho em que teu rosto
Sorri ; eu, bella Myrto, eu tenho melhor gosto.
Ser espelho ! ser banho ! e tunica ! tolice !
Esteril ambição ! loucura ! criancice !
Por Venus ! sei melhor o que a mim me convem.
Homem sisudo e grave outros desejos tem.
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo ;
Eu não quero ser nada ; eu quero dar-te tudo.
Escolhe o mais perfeito espelho de aço fino,
A tunica melhor de panno tarentino,
Vasos de oleo, um collar de perolas, emfim

Quanto enfeita uma dama aceital-o-has de mim.
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa;
Para os dedos o annel de pedra preciosa;
A tua fronte pede aureo, rico anadema;
Têl-o-has, divina Myrto. E' este o meu poema.

MYRTO.

E' lindo!

LYSIAS.

Queres tu, outras estrophes mais?
Dar-t'as-hei quaes as teve a celebrada Lais.
Casa, rico jardim, servas de toda a parte;
E estatuas e paineis, e quantas obras d'arte
Podem servir de ornato ao templo da belleza,
Tudo haverás de mim. Nem gosto nem riqueza
Te ha de faltar, mimosa, e só quero um penhor.
Quero... quero-te-a ti.

MYRTO.

Pois que! já quer a flôr,
Quem desdenhando a flôr, só lhe pede o perfume?

LYSIAS.

Esqueceste o perdão?

MYRTO.

Ficou-me este azedume.

LYSIAS.

Venus póde apagal-o.

MYRTO.

Eu sei! creio e não creio.

LYSIAS.

Hesitar é ceder: agrada-me o receio.
Em assumpto de amor vontade que fluctua
Está prestes a entregar-se. Entregas-te?

MYRTO.

Sou tua!

. . . .

O CORVO

(EDGARD POE)

Em certo dia, á hora, á hora
Da meia noite que apavora,
Eu, cahindo de somno e exhausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi á porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras taes :
« E' alguem que me bate á porta de mansinho;
« Ha de ser isso e nada mais. »

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial Dezembro;
Cada braza do lar sobre o chão reflectia
A sua ultima agonia.
Eu, ancioso pelo sol, buscava
Saccar d'aquelles livros que estudava
Repouso (em vão!) á dôr esmagadora
D'estas saudades immortaes
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,
E que ninguem chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido
Nunca por elle padecido.
Emfim, por applacal-o aqui no peito,
Levantei-me de prompto, e : « Com effeito,

(Disse) é visita amiga e retardada
« Que bate a estas horas taes.
« E' visita que pede á minha porta entrada :
« Ha de ser isso e nada mais. »

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacillo e d'esta sorte
Fallo : « Imploro de vós, — ou senhor ou senhora,
« Me desculpeis tanta demora.
« Mas como eu, precisado de descanço,
« Já cochilava, e tão de manso e manso
« Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que ahi estaes. »
Disse; a porta escancaro, acho a noite somente,
Sómente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal ha já sonhado,
Mas o silencio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta;
Só tu, palavra unica e dilecta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca saes;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro co' a alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Sôa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ella :
« Seguramente, ha na janella
« Alguma cousa que sussurra. Abramos.
« Eia, fóra o temor, eia, vejamos

« A explicação do caso mysterioso
« D'essas duas pancadas taes.
« Devolvamos a paz ao coração medroso.
« Obra do vento e nada mais. »

Abro a janella, e de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortezias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lord ou de uma lady. E prompto e recto,
Movendo no ar as suas negras alas,
Acima vôa dos portaes,
Trepa, no alto da porta, em um busto de Pallas;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquella rigida postura,
Com o gesto severo, — o triste pensamento
Sorriu-me alli por um momento,
E eu disse : « O' tu que das nocturnas plagas
« Vens, embora a cabeça nua tragas,
« Sem topete, não és ave medrosa,
« Dize os teus nomes senhoriaes;
« Como te chamas tu na grande noite umbrosa? »
E o corvo disse; « Nunca mais. »

Vendo que o passaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico attonito, embora a resposta que dera
Difficilmente lh'a entendera.
Na verdade, jamais homem ha visto
Cousa na terra semelhante a isto :

Uma ave negra, friamente posta
N'um busto, acima dos portaes,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome : « Nunca mais. »

No emtanto, o corvo solitario
Não teve outro vocabulario,
Como se essa palavra escassa que alli disse
Toda a sua alma resumisse.
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei : « Perdi outr'ora
« Tantos amigos tão leaes!
« Perderei tambem este em regressando a aurora. »
E o corvo disse : « Nunca mais! »

Estremeço. A resposta ouvida
E' tão exacta! é tão cabida!
« Certamente, digo eu, essa é toda a sciencia
« Que elle trouxe da convivencia
« De algum mestre infeliz e acabrunhado
« Que o implacavel destino ha castigado
« Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
« Que dos seus cantos usuaes
« Só lhe ficou, na amarga e ultima cantiga,
« Esse estribilho : « Nunca mais. »

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento :
Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo;
E mergulhando no velludo
Da poltrona que eu mesmo alli trouxera
Achar procuro a lugubre chimera,

A alma, o sentido, o pavido segredo
Daquellas syllabas fataes,
Entender o que quiz dizer a ave do medo
Grasnando a phrase : — Nunca mais.

Assim posto, devaneando,
Meditando, conjecturando,
Não lhe fallava mais; mas, se lhe não fallava,
Sentia o olhar que me abrazava.
Conjecturando fui, tranquillo, a gosto,
Com a cabeça no macio encosto
Onde os raios da lampada cahiam
Onde as tranças angelicaes
De outra cabeça outr'ora alli se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Suppuz então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra de seraphins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro thuribulo invisivel;
E eu exclamei então : « Um Deus sensivel
« Manda repouso á dor que te devora
« D'estas saudades immortaes.
« Eia, esquece, eia, olvida essa extincta Lenora. »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Propheta, ou o que quer que sejas!
« Ave ou demonio que negrejas!
« Propheta sempre, escuta : Ou venhas tu do inferno
« Onde reside o mal eterno,
« Ou simplesmente naufrago escapado
« Venhas do temporal que te ha lançado

« N'esta casa onde o Horror, o Horror profundo
« Tem os seus lares triumphaes,
« Dize-me : existe acaso um balsamo no mundo? »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Propheta, ou o que quer que sejas!
« Ave ou demonio que negrejas!
« Propheta sempre, escuta, attende, escuta, attende!
« Por esse céu que além se estende,
« Pelo Deus que ambos adoramos, falla,
« Dize a esta alma se é dado inda escutal-a
« No Eden celeste a virgem que ella chora
« Nestes retiros sepulcraes,
« Essa que ora nos ceus anjos chamam Lenora! »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Ave ou demonio que negrejas!
« Propheta, ou o que quer que sejas!
« Cessa, ai, cessa! clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
« A' tua noite, deixa-me commigo.
« Vae-te, não fique no meu casto abrigo
« Pluma que lembre essa mentira tua.
« Tira-me ao peito essas fataes
« Garras que abrindo vão a minha dor já crua. »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

E o corvo ahi fica; eil-o trepado
No branco marmore lavrado
Da antiga Pallas; eil-o immutavel, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demonio sonhando. A luz cahida
Do lampeão sobre a ave aborrecida

No chão espraia a triste sombra; e fóra
D'aquellas linhas funeraes
Que fluctuam no chão. a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais!

POESIA

(A ARTHUR DE OLIVEIRA, ENFERMO).

Sabes tu de um poeta enorme
Que andar não usa
No chão, e cuja extranha musa,
Que nunca dorme,

Calça o pé melindroso e leve,
Como uma pluma,
De folha e flor, de sol e neve,
Cristal e espuma;

E mergulha, como Leandro,
A fórma rara
No Pó, no Sena, em Guanabara
E no Scamandro;

Ouve a Tupan e escuta a Momo,
Sem controversia,
E tanto ama o trabalho como
Adora a inercia;

Ora do fuste, ora da ogiva
Sair parece;
Ora o deus do occidente esquece
Pelo deus Siva;

Gosta do estrepito infinito,
Gosta das longas
Solidões em que se ouve o grito
Das arapongas.

Se não sabes quem elle seja
Trepa de um salto
Azul acima, onde mais alto
A aguia negreja;

Onde morre o clamor iniquo
Dos violentos,
Onde não chega o riso obliquo
Dos fraudulentos;

Então olha de cima posto
Para o oceano,
Verás n'um longo rosto humano
Teu proprio rosto.

E has de rir, não do riso antigo,
Potente e largo,
Riso de eterno moço amigo,
Mas de outro amargo,

Como o riso de um deus enfermo
Que se aborrece
Da divindade, e que appetece
Tambem um termo...

O DELIRIO (1)

Que me conste, ainda ninguem relatou o seu proprio delirio; faço-o eu, e a sciencia m'o agradecerá. Se o leitor não é dado á contemplação d'estes phenomenos mentaes, póde saltar o capitulo; vá direito á narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinez, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos : caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Thomaz, impressa n'um volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéa esta que me deu ao corpo a mais completa immobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguem as descruzava (Virgilia de certo), porque a attitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituido á fórma humana, vi chegar um hippopotamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogal-o, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos á origem dos seculos.

Insinuei que deveria ser muitissimo longe; mas o hippopotamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não

(1) Cap. VII das *Memorias posthumas de Braz Cubas.*

fingiu uma d'essas cousas; e, perguntando-lhe, visto que elle falava, se era descendente do cavallo de Achilles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dous quadrupedes : abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir á ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas taes ou quaes cocegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos seculos, se era tão mysteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma cousa mais ou menos do que a consummação dos mesmos seculos : reflexões de cerebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio augmentava com a jornada, e que chegou uma occasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com effeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava n'uma planicie branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e varios animaes grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta anciosa :

— Onde estamos?

— Já passámos o Eden.

— Bem; paremos na tenda de Abrahão.

— Mas se nós caminhamos para traz! redarguiu motejando a minha cavalgadura.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incommodo, a conducção violenta, e o resultado impalpavel. E depois — cogitações de enfermo — dado que chegassemos ao fim indicado, não era impossivel que os seculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como elles. Em quanto assim pensava, iamos devorando caminho, e a planicie voava debaixo dos nossos pés, até que o animal

estacou, e pude olhar mais tranquillamente em torno de mim. Olhar sómente; nada vi, além da immensa brancura da neve, que d'esta vez invadira o proprio céo, até alli azul. Talvez, a espaços, me apparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silencio d'aquella região era egual ao do sepulchro : dissera-se que a vida das cousas ficára estupida deante do homem.

Caiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto immenso, uma figura de mulber me appareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo n'essa figura tinha a vastidão das fórmas selvaticas, e tudo escapava á comprehensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diaphano. Estupefacto, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava : curiosidade de delirio.

— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta ultima palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada que produziu em torno de nós o effeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das cousas externas.

— Não te assustes. disse ella, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se affirma. Vives : não quero outro flagello.

— Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existencia.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dôr e o vinho da miseria. Vives : agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciencia

rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabellos e levantou-me ao ar, como se fôra uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorsão violenta, nenhuma expressão de odio ou ferocidade; a feição unica, geral, completa, era a da impassibilidade egoista, a da eterna surdez, a da vontade immovel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, n'esse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventudo, mescla de força e viço, deante do qual me sentia eu o mais debil e decrepito dos seres.

— Entendeste-me? disse ella, no fim de algum tempo de mutua contemplação.

— Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fabula. Estou sonhando, de certo, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma cousa vã, que a razão ausente não póde reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagello, nem, como tu, traz esse rosto indifferente, como o sepulchro. E porque Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar fascina-me.

— Creio; eu não sou sómente a vida; sou tambem a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra echoou, como um trovão, n'aquelle immenso valle, afigurou-se-me que era o ultimo som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decompo-

sição subita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos supplices, e pedi mais alguns annos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espectaculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos afflictivo : o alvor do dia, a melancholia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o somno, emfim, o maior beneficio das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver sómente, não te peço mais nada. Quem me poz no coração este amor da vida, se não tu? e, se eu amo a vida, porque te has de golpear a ti mesma, matando-me?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, suppõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoismo, dizes tu? Sim, egoismo, não tenho outra lei. Egoismo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocinio da onça é que ella deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor : eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, atravez de um nevoeiro, uma cousa unica. Imagina tu, leitor, uma reducção dos seculos, e um desfilar de todos elles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos imperios, a guerra dos appetites e dos odios, a destruição reciproca dos seres e das cousas. Tal era o espectaculo, acerbo e curioso espectaculo. A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a sciencia, porque a sciencia é mais lenta e a ima-

ginação mais vaga, emquanto que o que eu alli via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevel-a seria preciso fixar o relampago. Os seculos desfilavam n'um turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delirio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim; flagellos e delicias, — desde essa cousa que se chama gloria até essa outra que se chama miseria, e via o amor multiplicando a miseria, e via a miseria aggravando a debilidade. Ahi vinham a cobiça que devora, a colera que inflamma, a inveja que baba, e a enxada e a penna, humidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancholia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruil-o, como um farrapo. Eram as fórmas varias de um mal, que ora mordia a viscera, ora mordia o pensamento, e passeiava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da especie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia á indifferença, que era um somno sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dôr bastarda. Então o homem, flagellado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atraz de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invisivel, cosidos todos a ponto precario, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a chimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ella ria, come um escarneo, e sumia-se, como uma illusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angustia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me puz a rir, — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão, disse eu, a cousa é divertida e vale a

pena, — talvez monotona — mas vale a pena. Quando Job amaldiçoava o dia em que fôra concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espectaculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a cousa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compellir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os seculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham ás gerações, umas tristes, como os Hebreus do captiveiro, outras alegres, como os devassos de Commodo, e todas ellas pontuaes na sepultura. Quiz fugir, mas uma força mysteriosa me retinha os pés; então disse commigo : — « Bem, os seculos vão passando, chegará o meu, e passará tambem, até o ultimo, que me dará a decifração da eternidade. » E fixei os olhos, e continuei a ver as edades, que vinham chegando e passando, já então tranquillo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada seculo trazia a sua porção de sombra e de luz, de apathia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de systemas, de idéas novas, de novas illusões; em cada um d'elles rebentavam as verduras de uma primavera, e amarelleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendario, fazia-se a historia e a civilisação, e o homem, nú e desarmado, armava-se e vestia-se, construia o tugurio e o palacio, a rude aldêa e Thebas de cem portas, creava a sciencia, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecanico, plilosopho, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia á esphera das nuvens, collaborando assim na obra mysteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancholia do desamparo. Meu olhar, enfarado e distrahido, viu emfim chegar o seculo presente, e atraz d'elle os futuros. Aquelle vinha agil, destro, vibrante, cheio de si, um

pouco diffuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miseravel como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e egual monotonia. Redobrei de attenção; fitei a vista; ia emfim ver o ultimo, — o ultimo!; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a comprehensão; ao pé d'ella o relampago seria um seculo. Talvez por isso entraram os objectos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hippopotamo que alli me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era effectivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato *Sultão*, que brincava á porta da alcova, com uma bola de papel...

O ALMOCREVE (1)

Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, elle deu dous corcovos, depois mais tres, emfim mais um, que me sacudiu fóra da sella, com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada fóra. Digo mal: tentou disparar, e effectivamente deu dous saltos, mas um almocreve, que alli estava, acudiu a tempo de lhe pegar na redea e detel-o, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvencilhei-me do estribo e puz-me de pé.

— Olhe do que vosmecê escapou, disse o almocreve.

E era verdade; se o jumento corre por alli fóra, contundia-me devéras, e não sei se a morte não estaria no

(1) Cap. XXI

fim do desastre; cabeça partida, uma congestão, qualquer transtorno cá dentro, lá se me ia a sciencia em flôr. O almocreve salvára-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! emquanto eu tornava á consciencia de mim mesmo, elle cuidava de concertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe tres moedas de ouro das cinco que trazia commigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, — essa era inestimavel; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que elle me salvou. Está dito, dou-lhe as tres moedas.

— Prompto, disse elle apresentando-me a redea da cavalgadura.

— D'aqui a nada, respondi; deixa-me, que ainda não estou em mim...

— Ora qual!

— Pois não é certo que ia morrendo?

— Se o jumento corre por ahi fóra, é possivel; mas com a ajuda do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

Fui aos alforges, tirei um collete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com effeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre diabo, que nunca jámais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, vi-a reluzir á luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juizo, que o « senhor doutor » podia castigal-o; um monologo paternal. Valha-me Deus! até ouvi estalar um beijo : era o almocreve que lhe beijava a testa.

— Olé! exclamei.

— Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...

Ri-me, hesitei, metti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do effeito da pratinha. Mas a algumas braças de distancia, olhei para traz, o almocreve fazia-me grandes cortezias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagára-lhe bem, pagára-lhe talvez de mais. Metti os dedos no bolso do collete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vintens que eu devera ter dado ao almocreve, em logar do cruzado em prata. Porque, emfim, elle não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos habitos do officio; accresce que a circumstancia de estar, não mais adeante nem mais atraz, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituil-o simples instrumento da Providencia; e de um ou de outro modo, o merito do acto era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me prodigo, lancei o cruzado á conta das minhas dissipações antigas; tive (porque não direi tudo?) tive remorsos.

O VELHO SENADO

A proposito de algumas lithographias de Sisson, tive ha dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um politico, tornando a ver aquelle corpo, acharia nelle a mesma alma dos seus co-religionarios extinctos, e um historiador colheria elementos para a historia. Um simples curioso não descobre mais que o pintoresco do tempo e a expres-

são das linhas com aquelle tom geral que dão as cousas mortas e enterradas.

Nesse anno entrara eu para a imprensa. Uma noite, como saissemos do theatro Gymnasio, Quintino Bocayuva e eu fomos tomar chá. Bocayuva era então uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos de hoje, e um pouco daquelle ar *distant* que Taine achou em Merimée. Disseram cousa analoga de Challemel-Lacour, que alguem ultimamente definia como *très rèpublicàin de cònviction et très aristocrate de tempèrament.* O nosso Bocayuva era só a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto. Ao chá, conversámos primeiramente de lettras, e pouco depois de politica, materia introduzida por elle, o que me espantou bastante; não era usual nas nossas praticas. Nem é exacto dizer que conversàmos de politica, eu antes respondia ás perguntas que Bocayuva me ia fazendo, como se quizesse conhecer as minhas opinões. Provavelmente não as teria fixas nem determinadas; mas, quaesquer que fossem, creio que as exprimi na proporção e com a precisão apenas adequadas ao que elle me ia offerecer. De facto, separamo-nos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito, que era na antiga praça da Constituição, lado do theatro S. Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Ciganos. Relevai esta nomenclatura morta; é vicio de memoria velha. Na manhan seguinte, achei ali Bocayuva escrevendo um bilhete. Tratava-se do *Diario do Rio de Janeiro*, que ia reapparecer, sob a direcção politica de Saldanha Marinha. Vinha dar-me um lugar na redacção com elle e Henrique Cesar Muzzio.

Estas minudencias, agradaveis de escrever, sel-o-hão [illegible]*os de ler. É difficil* fugir a ellas, quando se recor-

dam cousas idas. Assim, dizendo que no mesmo anno, abertas as camaras, fui para o Senado, como redactor do *Diario do Rio*, não posso esquecer que nesse ou no outro ali estiveram commigo, Bernardo Guimarães, representante do *Jornal do Commercio*, e Pedro Luiz, por parte do *Correio Mercantil*, nem as boas horas que vivemos os tres. Posto que Bernardo Guimarães fosse mais velho que nós, partiamos irmanmente o pão da intimidade. Desciamos juntos aquella praça da Acclamação, que não era então o parque de hoje, mas um vasto espaço inculto e vasio como o campo de S. Christovão. Algumas vezes iamos jantar a um *restaurant* da rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, nome este que se lhe deu por indicação justamente do *Diario do Rio;* o poeta morára ali outr'ora e foi Muzzio, seu amigo, que pela nossa folha o pediu á Camara Municipal. Pedro Luiz não tinha só a paixão que poz nos bellos versos á Polonia e no discurso com que, pouco depois, entrou na Camara dos Deputados, mas ainda a graça, o sarcasmo, a observação fina e aquelle largo riso em que os grandes olhos se faziam maiores. Bernardo Guimarães não falava nem ria tanto, incumbia-se de pontuar o dialogo com um bom dito, um reparo, uma anecdota. O Senado não se prestava menos que o resto do mundo á conversação dos tres amigos.

Poucos membros restarão da velha casa. Paranaguá e Sinimbú carregam o peso dos annos com muita facilidade e graça, o que ainda mais admira em Sinimbú, que supponho mais idoso. Ouvi falar a este bastantes vezes; não apaixonava o debate, mas era simples, claro, interessante, e physicamente não perdia a linha. Esta geração conhece a firmeza daquelle homem politico, que mais tarde foi presidente do conselho e teve de lutar com opposições grandes. Um incidente dos ultimos annos mostrará bem a natureza d'elle. Saindo da Camara dos De-

putados para a secretaria da Agricultura, com o Visconde de Ouro Preto, collega de gabinete, eram seguidos por enorme multidão da gente em assuada. O carro parou em frente á secretaria; os dous apearam-se e pararam alguns instantes, voltados para a multidão, que continuava a bradar e apupar, e então vi bem a differença dos dois temperamentos. Ouro Preto fitava-a com a cabeça erguida e certo gesto de repto; Sinimbú parecia apenas mostrar ao collega um trecho de muro, indifferente. Tal era o homem que conheci no Senado.

Para avaliar bem a minha impressão diante daquelles homens que eu via ali juntos, todos os dias, é preciso não esquecer que não poucos eram contemporaneos da Maioridade, algum da Regencia, do primeiro reinado e da Constituinte. Tinham feito ou visto fazer a historia dos tempos iniciaes do regimen, e eu era um adolescente espantado e curioso. Achava-lhes uma feição particular, metade militante, metade triumphante, um pouco de homens, outro pouco de instituição. Parallelamente, iam-me lembrando os apodos e chufas que a paixão politica desferira contra alguns delles, e sentia que as figuras serenas e respeitaveis que ali estavam agora naquellas cadeiras estreitas não tiveram outr'ora o respeito dos outros, nem provavelmente a serenidade propria. E tirava-lhes as cans e as rugas, e fazia-os outra vez moços, ardegos e agitados. Comecei a aprender a parte do presente que ha no passado, e vice-versa. Trazia commigo a *oligarchia*, o *golpe de Estado de* 1848, e outras notas da politica em opposição ao dominio conservador, e ao ver os cabos deste partido, risonhos, familiares, gracejando entre si e com os outros, tomando juntos café e rapé, perguntava a mim mesmo se eram elles que podiam fazer, desfazer e refazer os elementos *e governar com mão* de ferro este paiz.

Os senadores compareciam regularmente ao trabalho. Era raro não haver sessão por falta de *quorum*. Uma particularidade do tempo é que muitos vinham em carruagem propria, como Zacharias, Monte-Alegre, Abrantes, Caxias e outros, começando pelo mais velho, que era o marquez de Itanhaem. A edade deste fazia-o menos assiduo, mas ainda assim era-o mais do que cabia esperar delle. Mal se podia apear do carro, e subir as escadas; arrastava os pés até á cadeira, que ficava do lado direito da mesa. Era secco e mirrado, usava cabelleira e trazia oculos fortes. Nas ceremonias de abertura e encerramento aggravava o aspecto com a farda de senador. Se usasse barba, poderia disfarçar o chupado e engelhado dos tecidos, a cara rapada accentuava-lhe a decrepitude; mas a cara rapada era o costume de outra quadra, que ainda existia na maioria do Senado. Uns, como Nabuco e Zacharias, traziam a barba toda feita; outros deixavam pequenas suissas, como Abrantes e Paranhos, ou, como Olinda e Euzebio, a barba em fórma de collar; raros usavam bigodes, como Caxias e Montezuma, — um Montezuma de segunda maneira.

A figura de Itanhaem ere uma razão visivel contra a vitaliciedade do Senado, mas é tambem certo que a vitaliciedade dava áquella casa uma consciencia de duração perpetua, que parecia ler-se no rosto e no trato de seus membros. Tinham um ar de familia, que se dispersava durante a estação calmosa, para ir ás aguas e outras diversões, e que se reunia depois, em prazo certo, annos e annos. Alguns não tornavam mais, e outros novos appareciam; mas tambem nas familias se morre e nasce. Dissentiam sempre, mas é proprio das familias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade. Já então se evocavam contra a

vitaliciedade do Senado os principios liberaes, como se fizera antes. Algumas vozes, vibrantes cá fóra, calavam-se lá dentro, é certo, mas o germen da reforma ia ficando, os programmas o acolhiam, e, como em varios outros casos, os successos o fizeram lei.

Nenhum tumulto nas sessões. A attenção era grande e constante. Geralmente, as galerias não eram mui frequentadas, e, para o fim da hora, poucos expectadores ficavam, alguns dormiam. Naturalmente, a discussão do voto de graças e outras chamavam mais gente. Nabuco e algum outro dos principaes da casa gosavam do privilegio de attrair grande auditorio, quando se sabia que elles rompiam um debate ou respondiam a um discurso. Nessas occasiões, mui excepcionalmente, eram admittidos ouvintes no proprio salão do Senado, como aliás era commum na Camara temporaria; como nesta porém, os expectadores não intervinham com applausos nas discussões. A presidencia de Abaeté redobrou a disciplina do regimento, porventura menos apertada no tempo da presidencia de Calvalcanti.

Não faltavam oradores. Uma só vez ouvi falar a Eusebio de Queiroz, e a impressão que me deixou foi viva; era fluente, abundante, claro, sem prejuizo do vigor e da energia. Não foi discurso de ataque, mas de defesa, falou na qualidade de chefe do partido conserdor, ou *papá;* Itaborahy, Uruguay, Sayão Lobato e outros eram *cardeaes*, e todos formavam o *consistorio*, segundo a celebre definição de Octaviano no *Correio Mercantil.* Não reli o discurso, não teria agora tempo nem opportunidade de fazel-o, mas estou que a impressão não haveria diminuido muito, posto lhe falte o effeito da propria voz do orador, que seduzia. A materia era sobremodo ingrata : tratava-se de explicar e defender o accumulo dos cargos publicos, accusação feita na im-

prensa da opposição. Era a tarde da oligarchia, o crepusculo do dominio conservador. As eleições de 1860, na capital, deram o primeiro golpe na situação; se tambem deram o ultimo, não sei; os partidos nunca se entenderam bem ácerca das causas immediatas da propria quéda ou subida, salvo no ponto de serem alternadamente a violação ou a restauração da carta constitucional. Quaesquer que fossem, então, a verdade é que as eleições da capital naquelle anno podem ser contadas como uma victoria liberal. Ellas trouxeram á minha imaginação adolescente uma visão rara e especial do poder das urnas. Não cabe inseril-a aqui; não direi o movimento geral e o calor sincero dos votantes, incitados pelo artigos da imprensa e pelos discursos de Theophilo Ottoni, nem os lances, scenas e brados de taes dias. Não me esqueceu a maior partes delles; ainda guardo a impressão que me deu um obscuro votante que veiu ter com Ottoni, perto da matriz do Sacramento. Ottoni não o conhecia, nem sei se o tornou a ver. Elle chegou-se-lhe e mostrou-lhe um maço de cedulas, que acabava de tirar ás escondidas da algibeira de um agente contrario. O riso que acompanhou esta noticia nunca mais se me apagou da memoria. No meio das mais ardentes reivindicações deste mundo, alguma vez me despontou ao longe aquella bocca sem nome, acaso veridica e honesta em tudo o mais da vida, que ali viera confessar candidamente, e sem outro premio pessoal, o fino roubo praticado. Não mofes desta insistencia pueril da minha memoria; eu a tempo advirto que as mais claras aguas podem levar de enxurro alguma palha pôdre, — si é que é pôdre, si é que é mesmo palha.

Eusebio de Queiroz era justamente respeitado dos seus e dos contrarios. Não tinha a figura esbelta de um Paranhos, mas ligava-se-lhe uma historia particular e

celebre, dessas que a chronica social e politica de outros paizes escolhe e examina, mas que os nossos costumes, — aliás demasiado soltos na palestra, — não consentem inserir no escripto. Demais, pouco valeria repetir agora o que se divulgava então, não podendo pôr aqui a propria e extremada belleza da pessoa que as ruas e salas desta cidade viram tantas vezes. Era alta e robusta; não me ficaram outros pormenores.

O Senado contava raras sessões ardentes; muitas, porém, eram animadas. Zacharias fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes. Tinha a palavra cortante, fina e rapida, com uns effeitos de sons gutturaes, que a tornavam mais penetrante e irritante. Quando elle se erguia, era quasi certo que faria deitar sangue a alguem. Chegou até hoje a reputação de *debater*, como opposicionista, e como ministro e chefe de gabinete. Tinha audacias, como a da escolha « não acertada », que a nenhum outro acudiria, creio eu. Politicamente, era uma natureza secca e sobranceira. Um livro que foi de seu uso, uma historia de Clarendon (*History of the rebellion and civil wars in England)* marcado em partes, a lapis encarnado, tem uma sublinha nas seguintes palavras (vol. I, page 44) attribuidas ao conde de Oxford, em resposta ao duque de Buckingham, « que não buscava a sua amizade nem temia o seu odio ». É arriscado ver sentimentos pessoaes nas simples notas ou lembranças postas em livros de estudo, mas aqui parece que o espirito de Zacharias achou o seu parceiro. Particularmente, ao contrario, e desde que se inclinasse a alguem, convidava fortemente a amal-o; era lhano e simples, amigo e confiado. Pessoas que o frequentavam, dizem e affirmam que, sob as suas arvores da rua do Conde ou entre os seus livros, era um gosto ouvil-o, e raro haverá esquecido a graça e a polidez dos seus obse-

quios. No Senado, sentava-se á esquerda da mesa, ao pé da janella, abaixo de Nabuco, com quem trocava os seus reparos e reflexões. Nabuco, outra das principaes vozes do Senado, era especialmente orador para os debates solemnes. Não tinha o sarcasmo agudo de Zacharias, nem o epigramma alegre de Cotegipe. Era então o centro dos conservadores moderados que, com Olinda e Zacharias, fundaram a liga e os partidos progressista e liberal. Joaquim Nabuco com a eloquencia de escriptor politico e a affeição de filho dirá toda essa historia no livro que está consagrando á memoria de seu illustre pae. A palavra do velho Nabuco era modelada pelos oradores da tribuna liberal franceza. A minha impressão é que preparava os seus discursos, e a maneira por que os proferia realçava-lhes a materia e a forma solida e brilhante. Gostava das imagens litterarias: uma dessas, a comparação do poder moderador á estatua de Glauco, fez então fortuna. O gesto não era vivo, como o de Zacharias, mas pausado, o busto cheio era tranquillo, e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha.

Mas eis que todas as figuras se atropelam na evocação commum, as de grande peso, como Uruguay, com as de pequeno ou nenhum peso, como o padre Vasconcellos, senador creio que pela Parahyba, um bom homem que ali achei e morreu pouco depois. Outro, que se podia incluir nesta segunda categoria, era um de quem só me lembram duas circumstancias, as longas barbas grisalhas e sérias, e a cautela e pontualidade com que não votava os artigos de uma lei sem ter os olhos pregados em Itaborahy. Era um modo de cumprir a fidelidade politica e obedecer ao chefe, que herdara o bastão de Eusebio. Como o recinto era pequeno, viam-se todos esses gestos, e quasi se ouviam todas as palavras parti-

culares. E, com quanto fosse assim pequeno, nunca vi rir a Itaborahy, creio que os seus musculos difficilmente ririam — o contrario de S. Vicente, que ria com facilidade, um riso bom, mas que lhe não ia bem. Quaesquer que fossem, porém, as deselegancias physicas do senador por S. Paulo, e mau grado a palavra sem sonoridade, era ouvido com grande respeito, como Itaborahy. De Abrantes dizia-se que era um canario falando. Não sei até que ponto merece a definição; em verdade, achava-o fluente, acaso doce, e, para um povo mavioso como o nosso, a qualidade era preciosa; nem por isso Abrantes era popular. Tambem não o era Olinda, mas a autoridade deste sabe-se que era grande. Olinda apparecia-me envolvido na aurora remota do reinado, e na mais recente aurora liberal ou « situação nascente », mote de um dos chefes da liga, penso que Zacharias, que os conservadores glosaram por todos os feitios, na tribuna e na imprensa. Mas não deslisemos a reminiscencias de outra ordem; fiquemos na surdez de Olinda, que competia com Beethoven nesta qualidade, menos musical que politica. Não seria tão surdo. Quando tinha de responder a alguem, ia sentar-se ao pé do orador, e escutava attento, cara de marmore, sem dar um aparte, sem fazer um gesto, sem tomar uma nota. E a resposta vinha logo; tão de pressa o adversario acabava, como elle principiava, e, ao que me ficou, lucido e completo.

Um dia vi ali aparecer um homem alto, suissas e bigodes brancos e compridos. Era um dos remanescentes da Constituinte, nada menos que Montesuma, que voltava da Europa. Foi-me impossivel reconhecer naquella cara barbada a cara rapada que eu conhecia da lithographia Sisson; pessoalmente nunca o vira. Era, muito mais que Olinda, um typo de velhice robusta. Ao

meu espirito de rapaz affigurava-se que elle trazia ainda os rumores e os gestos da assembléa de 1823. Era o mesmo homem; mas foi preciso ouvil-o agora para sentir toda a vehemencia dos seus ataques de outr'ora. Foi preciso ouvir-lhe a ironia de hoje para entender a ironia daquella rectificação que elle pôz ao texto de uma pergunta ao ministro do Imperio, na celebre sessão permanente de 11 a 12 de Novembro: « Eu disse que o Sr. ministro do Imperio, por estar ao lado de Sua Majestade, melhor conhecerá o « espirito da tropa », e um dos senhores secretarios escreveu « o espirito de Sua Majestade », quando não disse tal, *porque deste não duvido eu.* »

Agora o que eu mais ouvia dizer delle, além do talento, eram as suas infidelidades, e sobre isto corriam anecdotas; mas eu nada tenho com anecdotas politicas. Que se não pudesse fiar muito em seus carinhos parlamentares, creio. Uma vez, por exemplo, encheu a alma de Souza Franco de grandes alleluias. Querendo criticar o ministro da Fazenda (não me lembra quem era) começou por affirmar que nunca tiveramos ministros da Fazenda, mas tão sómente ministros do Thesouro. Encarecia com adjectivos: excellentes, illustrados, conspicuos ministros do Thesouro, mas da Fazenda nenhum. « Um houve, Sr. presidente, que nos deu alguma cousa do que deve ser um ministro da Fazenda; foi o nobre senador pelo Pará. » E Souza Franco sorria alegre, deleitava-se com a excepção, que devia doer ao seu forte rival em finanças, Itaborahy; não passou muito tempo que não perdesse o gosto. De outra vez, Montesuma atacava a Souza Franco, e este novamente sorria, mas agora a expressão não era alegre, parecia rir de desdem. Montesuma empina o busto, encara-o irritado, e com a voz e o gesto intima-lhe que recolha o riso; e passa a demonstrar as suas criticas, uma por uma, com esta especie de estribi-

lho : « Recolha o riso o nobre senador! » Tudo isto accceso e torvo. Souza Franco quiz resistir; mas o riso recolheu-se por si mesmo. Era então um homem magro e cançado. Gozava ainda agora a popularidade ganha na Camara dos Deputados, annos antes, pela campanha que sustentou, sósinho e parece que enfermo, contra o partido conservador.

Contrastando com Souza Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte. Não é preciso dizel-o a uma geração que o conheceu e admirou, ainda bello e robusto na velhice. Nem é preciso lembrar que era uma das primeiras vozes do Senado. Eu trazia de cór as palavras que alguem me confiou haver dito, quando elle era simples estudante da Escola Central : « Sr. Paranhos, você ainda ha de ser ministro ». O estudante respondia modestamente, sorrindo; mas o propheta dos seus destinos tinha apanhado bem o valor e a direcção da alma do moço.

Muitas recordações me vieram do Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defesa, mas, uma basta, a justificação do convenio de 20 de fevereiro. A noticia d'este acto entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telegrapho. Os successos do exterior chegavam-nos ás braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um acto diplomatico eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquete do sul soubemos do convenio da villa da União. O pacto foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com tres ou quatro chefes á frente, foi pedir ao governo a demissão do plenipotenciario. Paranhos foi demittido, e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir a sua defesa.

Tornei a ver aquelle dia, e ainda agora me parece vel-o. Galerias e tribunas estavam cheias de gente; ao salão do Senado foram admittidos muitos homens politi-

cos ou simplesmente curiosos. Era uma hora da tarde quando o presidente deu a palavra ao senador por Matto-Grosso; começava a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pausa; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sobrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia saindo meditada e colorida. Naquelle dia, porém, a ancia de produzir a defesa era tal, que as primeiras palavras foram antes bradadas que ditas: « Não a vaidade, Sr. presidente... » D'ahi a um instante, a voz tornava ao diapasão habitual, e o discurso continuou como nos outros dias. Eram nove horas da noite, quando elle acabou; estava como no principio, nenhum signal de fadiga nelle nem no auditorio, que o applaudiu. Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloquencia parlamentar. A agitação passara com os successos, a defesa estava feita. Annos depois do ataque, esta mesma cidade acclamava o autor da lei de 28 de setembro de 1871, como uma gloria nacional; e ainda depois, quando elle tornou da Europa, foi recebel-o e conduzil-o até á casa. Ao clarão de um bello sol, rubro de commoção, levado pelo enthusiasmo publico, Paranhos seguia as mesmas ruas que, annos antes, voltando do Sul, pisara sózinho e condemnado.

A visão do Senado foi-se-me assim alterando nos gestos e nas pessoas, como nos dias, e sempre remota e velha: era o Senado daquelles tres annos. Outras figuras vieram vindo. Além dos cardeaes, os Muritibas, os Souza e Mellos, vinham os de menor graduação politica, o risonho Penna, zeloso e miudo em seus discursos, o Jobim, que falava algumas vezes, o Ribeiro, do Rio Grande do Sul, que não falava nunca, — não me lembra, ao menos. Este, philosopho e philologo, tinha junto a si, no tapete, encostado ao pé da cadeira, um exemplar do diccionario

de Moraes. Era commum vel-o consultar um e outro tomo, no correr de um debate, quando ouvia algum vocabulo, que lhe parecia de incerta origem ou duvidosa aceitação. Em contraste com a abstenção delle, eis aqui outro, Silveira da Motta, assiduo na tribuna, opposicionista por temperamento, e este outro, D. Manoel de Assis Mascarenhas, bom exemplar da geração que acabava. Era um homemzinho secco e baixo, cara lisa, cabello raro e branco, tenaz, um tanto impertinente, creio que desligado de partidos. Da sua tenacidade dará ideia o que lhe vi fazer em relação a um projecto de subvenção ao theatro lyrico, por meio de loterias. Não era novo; continuava o de annos anteriores. D. Manoel oppunha-se — por todos os meios á passagem delle, e fazia extensos discursos. A mesa, para acabar com o projecto, já o incluia entre os primeiros na ordem do dia, mas nem assim desanimava o senador. Um dia foi elle collocado antes de nenhum. D. Manoel pediu a palavra, e francamente declarou que era seu intuito falar toda a sessão; portanto, aquelles de seus collegas que tivessem algum negocio extranho e fóra do Senado podiam retirar-se: não se discutiria mais nada. E falou até o fim da hora, consultando a miudo o relogio para ver o tempo que lhe ia faltando. Naturalmente não haveria muito que dizer em tão escassa materia, mas a resolução do orador e a liberdade do regimento davam-lhe meio de compor o discurso. D'ahi nascia uma infinidade de episodios, reminiscencias, argumentos e explicações; por exemplo, não era recente a sua aversão ás loterias, vinha do tempo em que, andando a viajar, foi ter a Hamburgo; ali offereceram-lhe com tanta instancia um bilhete de loteria, que elle foi obrigado a comprar, e o bilhete saiu branco. Esta anecdota era contada com todas as minucias necessarias para amplial-a. Uma parte do tempo falou

sentado, e acabou diante da meza e tres ou quatro collegas. Mas, imitando assim Catão, que tambem falou um dia inteiro para impedir uma petição de Cesar, foi menos feliz que o seu collega romano. Cesar retirou a petição, e aqui as loterias passaram, não me lembra se por fadiga ou omissão de D. Manoel; annuencia é que não podia ser. Taes eram os costumes do tempo.

E após elle vieram outros, e ainda outros, Sapucahy, Maranguape, Itaúna, e outros mais, até que se confundiram todos e desappareceu tudo, cousas e pessôas, como succede ás visões. Pareceu-me vel-os enfiar por um corredor escuro, cuja porta era fechada por um homem de capa preta, meias de seda preta, calções pretos e sapatos de fivela. Este era nada menos que o proprio porteiro do Senado, vestido segundo as praxes do tempo, nos dias de abertura e encerramento da assembléa geral. Quanta cousa obsoleta! Alguem ainda quiz obstar á acção do porteiro, mas tinha o gesto tão cançado e vagaroso que não alcançou nada; aquelle deu volta á chave, envolveu-se na capa, saiu por uma das janellas e esvaiu-se no ar, a caminho de algum cemiterio, provavelmente. Se valesse a pena saber o nome do cemiterio, iria eu catal-o, mas não vale; todos os cemiterios se parecem.

MISSA DO GALLO

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, ha muitos annos, contava eu desesete, ella trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um visinho irmos á missa do gallo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordal-o á meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Menezes, que fôra casado, em primeiras nupcias, com

uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, mezes antes, a estudar preparatorios. Vivia tranquillo, naquella casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A familia era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Ás dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; ás dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao theatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao theatro, pedi-lhe que me levasse comsigo. Nessas occasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam á socapa; elle não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o theatro era um euphemismo em acção. Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fóra de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a principio, com a existencia da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumára-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe a « santa », e fazia jus ao titulo, tão facilmente supportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lagrimas, nem grandes risos. No capitulo de que trato, dava para mahometana; acceitaria um harem, com as apparencias salvas. Deus me perdôe, se a julgo mal. Tudo nella era attenuado e passivo. O proprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa sympathica. Não dizia mal de ninguem, perdoava tudo. Não sabia odiar; póde ser até que não soubesse amar.

Naquella noite de Natal foi o escrivão ao theatro. Era pelos annos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver

« a missa do gallo na Côrte ». A familia recolheu-se á hora do costume; eu metti-me na sala da frente, vestido e prompto. Dalli passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguem. Tinha tres chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Ignacia.

Tinha commigo um romance, os *Tres Mosqueteiros*, velha traducção creio do *Jornal do Commercio*. Sentei-me á mesa que havia no centro da sala, e á luz de um candieiro de kerozene, emquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavallo magro de D'Artagnan e fui-me ás aventuras. Dentro em pouco estava completamente ebrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrario do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quasi sem dar por ellas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veiu acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas á de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar á porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? perguntou ella.

— Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciencia!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinellinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romantica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ella foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza :

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da affirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no somno. Essa observação, porém, que valeria alguma cousa em outro espirito, depressa a botei fóra, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não affligir ou aborrecer. Já disse que ella era boa, muito boa.

— Mas a hora já hade estar proxima, disse eu.

— Que paciencia a sua de esperar acordado, emquanto o visinho dorme! E esperar sosinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos extranhei; mas a senhora appareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.

— Justamente : é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a *Moreninha?*

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as palpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a lingua pelos beiços, para humedecel-os. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre elles pousar o queixo, tendo os cotovellos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

— Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto :

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relogio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, heide passar pelo somno. Mas tambem estou ficando velha.

— Que velha o quê, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as attitudes tranquillas; agora, porem, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janella da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distincta como naquella noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objecto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o circulo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ella sabia, isto é, que nunca ouvira missa do gallo na Côrte, e não queria perdel-a.

— É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui ha de haver mais luxo e mais gente tambem. Olhe, a semana santa na Côrte é mais bonita que na roça. S. João não digo, nem Santo-Antonio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovellos no marmore da mesa e mettera o rosto entre as mãos

espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas cairam naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam suppor. A vista não era nova para mim, posto tambem não fosse commum; naquelle momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azues, que apezar da pouca claridade, podia contal-as do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras cousas que me iam vindo á bocca. Falava emendando os assumptos, sem saber porquê, variando delles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazel-a sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos eguaesinhos. Os olhos della não eram bem negros, mas escuros; o nariz, secco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ella reprimia-me :

— Mais baixo! mamãe póde acordar.

E não saía daquella posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichavamos os dous, eu mais que ella, porque falava mais; ella, ás vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cançou; trocou de attitude e de lugar. Deu volta á mesa e veiu sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinellas; mas foi só o tempo que ella gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho :

— Mamãe está longe, mas tem o somno muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no somno.

— Eu tambem sou assim.

— O que? perguntou ella inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidencia; tambem ella tinha o somno leve; eramos tres somnos leves.

— Ha occasiões em que sou como mamãe; acordando, custa-me dormir outra vez, rólo na cama, á toa, levanto-me, accendo a vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ella.

Não entendi a negativa; ella póde ser que tambem não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com ellas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma historia de sonhos, e affirmou-me que só tivera um pesadelo, em creança. Quiz saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu désse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ella inventava outra pergunta ou outra materia, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me :

— Mais baixo, mais baixo...

Havia tambem umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem somno nem fadiga, como se ella os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Ha impressões dessa noite, que me apparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa occasião, ella, que era apenas sympathica, ficou linda, ficou lindissima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ella, quiz levantar-me; não consentiu,

pôz uma das mãos no meu hombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma cousa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achára lendo. Dalli relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negocio deste homem. Um representava « Cleopatra »; não me recordo o assumpto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquelle tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais proprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os freguezes, em quanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegra a vista delles com figuras bonitas. Em casa de familia é que não acho proprio. É o que eu penso; mas eu penso muita cousa assim exquisita. Seja o que fôr, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de esculptura, não se póde pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratorio.

A ideia do oratorio trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quiz dizel-o. Penso que cheguei a abrir a bocca, mas logo a fechei para ouvir o que ella contava, com doçura, com graça, com tal molleza que trazia preguiça á minha alma e fazia esquecer a missa e

a egreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anecdotas de baile, uns casos de passeio, reminiscencias de Paquetá, tudo de mistura, quasi sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negocios da casa, das canceiras de familia, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casára aos vinte e sete annos.

Já agora não trocava de lugar, como a principio, e quasi não saira da mesma attitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar á toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse dahi a pouco, como se falasse comsigo.

Concordei, para dizer alguma cousa, para sair da especie de somno magnetico, ou o que quer que era que me tolhia a lingua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos della, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silencio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor unico e escasso, era um roer de comondongo no gabinete, que me acordou daquella especie de somnolencia; quiz falar delle, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janella, do lado de fóra, e uma voz que bradava : « Missa do gallo! missa do gallo! »

— Ahi está o companheiro, disse ella levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordal-o, elle é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do gallo! repetiram de fóra, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pizando mansinho. Sai á rua e achei o visinho que esperava. Guiamos dalli para a egreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpoz-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto á conta dos meus desesete annos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do gallo e da gente que estava na egreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da vespera. Pelo Anno-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casára com o escrevente juramentado do marido.

Magalhães de Azeredo

TROVAS

Em noites de luar, ao som da viola, pelas ruas solitarias da villa, o trovador ambulante cantava:

I

Teus beijos, ao serem dados,
Tinham doçuras sem fim.
Por que, mais tarde lembrados,
A boca amargam assim?

II

Verde estava o milho agreste,
Quando entraste no meu lar.
Mas outro amante quizeste
Antes de o ver lourejar.

A um o verão, a outro o inverno,
Vá lá! seja como for!

Quem exige laço eterno
D'esse travêsso do Amor?

Mas uma dupla aventura
No mesmo estio? Isso não!
Amor, tem vergonha! Dura
Ao menos uma estação!

III

Pedi ao velho vigario:
— Cuide dos amores meus!
E elle disse: — O meu breviario
Só me ensina o amor de Deus...

IV

Se ás cinco horas entra a missa,
Achas que é cedo demais;
Mas *lá*, sem somno ou preguiça,
A's tres, para vel-o, vais...

V

Cuidado em ti, rapariga!
Elle, sob o laranjal,
Onde a teu lado se abriga,
Mostra-te a flor nupcial.

Vê que outras, antes de um anno,
N'esse jôgo seductor,
Têm ganho só, por engano,
O fruto, mas não a flor...

VI

Na fonte, sobre um rochedo,
Juraste só minha ser.
Mas recordaste bem cedo
Que variar é teu prazer.

Na fonte, hoje, eu te dizia :
— Essa agua te ouviu mentir
Naquelle famoso dia...
E tu respondeste a rir :

— Essa agua? não, não foi *essa*,
Que na fonte agora está.
A que me ouviu tal promessa
Por muito longe anda já!...

Meus desconsôlos á fonte
Contei. De ouvil-os contar,
Lá nas quebradas do monte
A fonte poz-se a chorar!

VII

— Que farias das mulheres?
Perguntei ao mar fallaz.
— D'ellas faze o que quizeres
Tu! E a mim deixa-me em paz!

— Mas uma bem linda, ao menos,
Outr'ora em ti se formou.
— Já sei que falas de Venus...
Bem arrependido estou!

VIII

Teu amor, sempre funesto,
Dois homens armou sem dó.
Houve rixa e sangue. O resto
Coube em dois túmulos só.

Mas com esses dois fantasmas
És tão feliz, que tambem
Mais dois rivaes enthusiasmas...
E o novo drama já vem!

IX

Que a agua da pia afugenta
O diabo — é ponto de fé.
Mas a ella eu dou-lhe agua benta,
E nem se move. Por que é?

X

Pobres das castas estrêllas,
No seu pudor infantil!
Tenho compaixão, ao vel-as
Mirar este mundo vil!

Vêm tanta coisa medonha,
Da tardinha ao arrebol,
Que o alvo Syrius, de vergonha,
Fica mais rubro que o sol...

XI

Santo Antonio, tu me viste,
Qual eu era, e qual fiquei ;
Era alegre, e hoje sou triste,
Era bom, e sou... nem sei...

Artes de um lindo demonio
De saias, que esteve aqui...
Faze-me achar, Santo Antonio,
O juizo que eu perdi!

XII

Sei que estás ahi á janella,
Por traz dos vidros, sem luz;
E emquanto a noite te gela
No chão pousas os pés nus.

Lesta saltaste da cama,
Ao escutar minha voz ;
E cuidas que ella te chama
Para falarmos a sós.

Mas tu te illudes, Morena ;
Já não canto para ti;
Canto, na noite serena,
Para a lua, que sorri...

Exposta ao frio inclemente,
Que te cresta a fina tez,
Tu podes ficar doente...
Vai-te deitar outra vez!

A PORTUGAL, NO CENTENARIO DAS INDIAS

(1898)

I

Ó Tejo de ondas flavas,
Tejo de ondas ligeiras,
Em que se vão cruzando aventureiras
Velas, do rude pescador escravas,
Com livres garças e gaivotas bravas;
Ó Tejo de ondas várias,
Tejo, espelho fulgente,
Onde se mira, em sombras legendarias,
De tuas margens o jardim fremente,
Cujo perfume ao longe se pressente;
Tejo de ondas inquietas,
Tejo de foz sonora,
Tão querido de heroes e de poetas,
E das Camenas, que em teu reino outr'ora
Tinham suas moradas predilectas;
Que saudade soturna,
Deve carpir em ti, de vaga a vaga,
Envolta na neblina taciturna,
Que astros do ceu, lumes da terra apaga,
Na solidão nocturna!
Ora, deserto e triste,
Com que amargura lembrarás aquellas
Eras de fausto esplêndido, em que viste,
Deixando em chôro damas e donzellas,
Partirem os galeões e as caravellas!
Por fantásticas rotas,
Violando do mysterio as atras teias,

Affrontando tufões, syrtes, sereias,
E os mil perigos das regiões ignotas,
Iam avante as atrevidas frotas...
Já se calam do mar as roucas furias;
Surgem as ribas onde brisas calmas,
Impregnadas de aromas e luxurias,
Meneiam brandamente as verdes palmas,
E as orchideas purpureas...
Aos Lusos não resiste a barbaria
D'essas remotas gentes;
Alliando a ambição á fé que os guia,
Elles conquistam, com brazões de crentes,
Thesouros de metaes e pedraria...
E emfim, tornando, sob um ceu jocundo,
Ao ninho seu paterno,
Triumphantes do Pélago e do Averno,
Com o espolio fecundo
Glória trazem á patria, assombro ao mundo!

II

Para empolgar o colossal dominio,
Abrias, raça forte, os longos braços;
E com valor fulmineo
Destruias, em rápido exterminio,
Quem se erguesse revel contra teus passos.
E os ouvidos cerravas, desdenhosa,
De revezes futuros não cuidando,
Aos vaticinios que ia murmurando,
Com tibia voz medrosa,
Esse velho de aspeito venerando...
Que prudencia mesquinha
Te arrancaria aos teus hardidos planos,
Se num só povo a tua audacia vinha

Fundir Carthaginezes e Romanos,
E o proprio Adamastor te não detinha?
Os Argonautas seu fatal desdouro
Na prole tua têm que o Oriente invade;
As Indias valem mais que o Vello de Ouro!
Já nessa heroica edade
As fábulas vencia a realidade!
Quem te dera em Ourique uma corôa
Guiava agora as naus de aguda proa
Por mares nunca d'antes navegados;
E apontava aos barões assignalados
Calecut e Kambai, Sofala e Goa...
Eis Hormuz, ninho fresco de blandicias,
Guardado á sombra de um vergel espesso;
Lindas mulheres á paixão propicias,
Em palacios de mármores sem preço,
Lá te offertavam lúbricas delicias.
Sagrando a Venus ritos delirantes,
Enfeitadas de ephémeras grinaldas,
Com veus de gaze e sedas roçagantes,
A coma, o collo, os dedos, scintillantes
De rubis, de saphiras e esmeraldas;
Ellas uniam lánguidos olhares
Á luz astral e ás refracções lunares,
Seus suspiros uniam aos das fontes,
Nos valles e nos montes,
Por onde Flora embalsamava os ares;
E aos límpidos solfejos
De occultos bengalis no bosque denso,
Uniam, rindo, entre espiraes de incenso,
Para accirrar desejos,
A música suavíssima dos beijos...
Ah! fôra doce a liberdade e a vida
Perder ali! Mas áspera, atrevida,

Tu rejeitavas enervantes gosos;
E, em ambições austeras incendida,
Meditavas teus feitos portentosos.
Bater o islam funesto, e a horda impura,
Nunca farta na raiva que a tortura,
Bem que de sangue e víctimas repleta;
E, conquistando a tumba do Propheta,
Vingar emfim de Christo a sepultura;
Juntar sob o docel do luso throno
Da Africa e da Asia o desmedido imperio;
E do mar todo — outr'ora um cemiterio —
Fazer o campo fertil de um só dono,
Num e noutro hemispherio...
Que altas visões chiméricas tu vias!
Que nobres sonhos triumphaes sonhavas!
E o tempo consumias,
E o espaço devoravas,
Naquelles claros, radiosos dias!

III

Magnos dias, ó Tejo, que vão longe!
Teu alarido bellicoso e ufano
Tornou-se humilde psalmodiar de monge.
Já com irado orgulho soberano
Não investes o Oceano...
Elles são mortos, os Descobridores!
Ao pé do Condestavel e do Mestre
Já dorme o Infante, rei dos sabedores,
Que da amplidão maritima e terrestre
Quiz sondar os segrêdos e os pavores...
Dorme, com os que o serviram, lado a lado,
O Venturoso; e o trovador-soldado,
Que a grande harpa divina

A Lysia consagrou, e a Catherina,
Dorme tambem num túmulo ignorado!
Ah! se inda vivem nas algosas grutas
As Nymphas captivantes,
Que celebrou Camões — certo as escutas
Chorar na treva, torvas, soluçantes,
Os defuntos guerreiros, seus amantes...
Ó Tejo, um côro funeral de maguas,
Como ais de nauta a meio já submerso,
Se ergue de tuas aguas,
E sem ecos, além, se esvahe disperso,
No indifferente egoismo do universo...

IV

Mas não; concêrto amigo
De enthusiasmo e de alegria santa,
Para saudar-te, ó Portugal antigo,
Hoje soberbamente se levanta...
O amor da terra inteira está comtigo!
Bandeiras de cem povos, em robusta
E luzida fileira,
Curvam-se á tua rútila bandeira;
Que a abrir do nosso tempo a estrada augusta
Ella foi a primeira!
Tocam clarins argenteos e aureas trompas
As mil bocas da Fama;
Troam canhões; e, entre as solemnes pompas
Do seu occaso, o Século te acclama
No vulto austero e colossal de Gama!
Ao fulgurar do júbilo que agita
Tua fria existencia merencoria,
Revives toda a tua velha história;

E, em novas nupcias desposando a glória,
Teu coração extático palpita!

V

Que eu hoje respirar não possa o aroma,
E as rosas ver da tua primavera,
E teu genio applaudir com voz sincera,
Em solo onde se fale o nosso idioma,
Que nome a plagas não sabidas dera!...
Mas d'esta Italia bella, e namorada,
Onde, em aurora intensa,
Inda resplende o sol da Renascença,
Colorindo a paizagem bemfadada
De Veneza, de Roma, e de Florença;
D'este olympo, onde outr'ora os numes da Arte
Iam creando coisas peregrinas,
Emquanto os teus heroes, por toda a parte,
Plantavam o estandarte
Das victoriosas quinas;
D'este Eden nobre, magestoso e brando
— Reino gentil para poetas feito,
Onde no ar vibra a luz rindo e cantando —
Nestas estrophes de íntimo respeito
Meus hosannas te mando!

VI

Ó Alma Portugueza, agora exulta;
E, num protesto ousado,
Repelle a ignara gente que te insulta,
Clamando : Povo exhausto e infortunado,
Que existe apenas pelo seu Passado!...
Dizel-o deixarás, sem que o desmintas?

Queres tu, em sarcóphago de gêlo,
Dormir, sonhando com acções extintas?
Não; tu has de viver; e, ardendo em zêlo,
Lutar com o mau Destino, até vencel-o!
Que te falta? Valor? não; esperança?
Em ti propria não crês; vagas afflicta,
Na indecisão extranha que te irrita,
E em pensamentos lúgubres te lança...
Mas tambem a esperança resuscita.
Não muda a raça, embora o tempo mude.
        Em ti, Alma serena,
O genio não morreu, nem a virtude;
E inda nas mãos da lusa juventude,
Podem caber charrúa, espada, e penna...
Alma complexa, que o ímpeto guerreiro
Conduziu muito alem da Taprobana;
E que exprimir soubeste, na profana
Graça dos fados e do Romanceiro,
A tua lyrica emoção humana;
        Alma suave e pia,
        Alma candente e heroica,
Leal no intento, simples na energia,
No soffrimento resignada e estoica,
Doce no amor, e na melancolia;
Eia, arranca de ti o manto escuro
D'essa austera, apagada, e vil tristeza;
Seja-te ainda o Gama palinuro;
Ha, quem sabe? outras Indias no futuro,
        Ó Alma Portugueza!

SARCÓFAGO ANTIGO

Aqui, no verde ingresso de um bosque de mirtos e louros,
entre roseiras bravas e agrestes margaridas,

granítico, o sarcófago antigo descansa. Rescende
cingindo-o a madresilva, que as mudas campainhas

em flor agita ao vento. Com laços tenazes e ducteis
a hera fiel se enrosca, perpetua, á sepultura,

mas lhe respeita as linhas severas, os finos relêvos,
e os emmoldura apenas em harmoniosas curvas.

Não deturpou a edade seus nobres contornos. A clava
do Bárbaro, com raiva sinistra e rumor surdo,

não a investitu. Acaso, no fundo das selvas Albanas,
num antro sibillino, numa deserta gruta

sagrada, no horto obscuro de um víllico, abrigo sereno
por séculos a fio lhe dera a sorte. Agora,

entre a folhagem petrea, de pomos e de uvas pesada,
que a circumda, uma scena de mistico prestígio

revive. Inda os Centauros, com os Lápithas rudes lutando,
rolam, de olhos em chammas, na mesma ardente fúria

frenéticos os braços, e tesos os fortes jarretes,
e túmidos os peitos felpudos, e erriçados

a um tempo equinos pellos e comas humanas. Já voam
dardos; o sangue, a jorros, vai já correr. Mas surge

na confusão da pugna, robusto, soberbo, sublime,
Hércules — vulto enorme! Com sua crespa juba

as témporas lhe cinge leonina cabeça; e dos hombros
pende-lhe, manto tétrico, o despojo do monstro.

Elle, com o gesto apenas, lhes doma as horríficas iras.
Cessa o tumulto. Param, de terror puro immoveis...

Ignota é a mão de artista, que o grupo guerreiro na pedra
em trágicas posturas creou e uniu. Ignoto

és tu que ali dormiste teu último somno — ai! eterno
o crias — somno eterno... Mas nada existe eterno

no mundo; nem um simples jazigo. Um capricho do vento
varreu-te as cinzas, todas. E nem te resta o nome.

Quem eras tu, Romano de estirpe gloriosa, Tribuno
ou Consul, coroado de grama ou de carvalho?

Heroe antigo, ou fino letrado da Côrte e do Forum?
Onde teus Manes pousam, e teus divinos Lares?

Se subo, emtanto, á beira do velho jazigo, se estendo
a vista, alem dos louros e mirtos viridentes,

alem do valle cavo, sonoro de Ariceia, e da immensa
Campanha arida e triste, Roma diviso ao longe...

Mas não; quem sabe em Roma que um dia viveste? Que ruina
fala de ti? Em que alma pela lembrança reinas?

Emtanto, indifferentes, chilreiam estivas cigarras
aqui, com voz estrídula, em árvores musgosas.

Pássaros da floresta visinha, pardaes, pintasilgos,
e pombas de plumagem docil, indifferentes,

os lépidos pésinhos no grande sarcófago pousam,
e bebem a onda clara... que a sepultura illustre

hoje é, Patricio espléndido, uma urna de rústica fonte,
que as aguas niveas colhe d'entre as marmoreas fauces

de um tigre... E quando as tintas purpureas do occaso
no bellicoso campo Làpithas e Centauros, [colorem

ou quando a branca Lua na fonte se espelha em silencio,
gárrulas raparigas seus cántaros apoiam

nos ángulos lavrados, sorrindo, cantando, pensando...
Mas ai! não em ti pensam... pensam nos seus amores...

MACHADO DE ASSIS

Celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literaria. Grande coisa é a unidade de uma vida, a convergencia invariavel de todos os seus dias e todas as suas horas para um só e mesmo ideal, principalmente quando este é dos que com mais pureza resumem o que de divino guarda ainda a Humanidade, no meio das suas mil miserias... Machado de Assis, tendo-se votado á sua arte desde a adolescencia, conservou-se-lhe fiel, sem hesitações nem desfallecimentos, até hoje que já lhe branquejam os cabellos

sobre a fronte ainda joven — por que elle, como me dizia numa carta, não é « dos que dão para octogenarios. »

Intacto o fervor dos vinte annos o alenta ainda no labor literario; mestre consagrado, não entende que tal qualificação lhe seja uma aposentadoria; não lhe falem de dormir á sombra dos conquistados louros, ou de pousar sobre os muitos livros superiormente escritos a forte e nobre penna, activa como a enxada do camponez madrugador, fina como o buril do escultor, que estar á frente dos moços, combater com elles, com elles ir caminhando pelo futuro adiante.

Provavelmente, seducções pérfidas o assaltaram aqui e ali, no seu longo caminho; mais de uma vez por certo, a Politica — sereia extranhamente fallaciosa e lasciva, a cujas propostas poucos escapam nas nossas terras da América — veio segredar-lhe aos ouvidos ternuras e promessas quaes só ella as sabe; mas Machado de Assis, como quem conhece bem a loureira formosa e cynica, encolheu os hombros, desdenhoso, e foi andando. Assim era, assim é. Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua propria obra.

Vasta é ella, e vária, distribuida em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quasi todas as « provincias da literatura », como antigamente se dizia. Cultivar a poesia, o conto, o romance, o theatro, a crítica, o folhetim, a chrónica, tudo isso galhardamente; sendo pelo estylo um artista acrysolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma especie de philosopho sem presunções, que, descuidoso de dar o seu *systema* completo, nos dá tão só fragmentos sôltos d'elle, mas bastantes para que lhe adivinhemos plenamente a estructura; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existencia; eis tambem o que me

tentaria a ensaiar sobre ella um detido e minucioso estudo; mas o espaço que se me concede é tyránnico na sua estreiteza. Apenas posso, a traços breves, *interpretar* o temperamento tão original de Machado de Assis...

Poeta, rimando sonhos nas manhans da adolescencia, elle apparece em momento de transição, entre os Ultra-românticos ululantes ou possessos, fracos herdeiros d'aquella forte geração que abriu o século, e os Parnasianos da Musa impassivel, dispostos a lavrar o verso como materia preciosa e fria; o senso da harmonia — innato no seu espirito como no de um atheniense — ensina-lhe a evitar com zêlo egual ambos os extremos, mostrando-lhe bem que a estrophe não pode ser o eterno tubo lacrymatorio dos funeraes archaicos, ou o banal porta-voz dos rhetóricos furores, mas que tambem reduzir a poesia a mera arte imitativa ou plástica é, não só baixar-lhe o nivel, mas restringir-lhe extraordinariamente o horisonte.

Em verdade, desde então os seus versos revelam, como feição predominante, um justo equilibrio entre a essencia e a forma, segundo se nota em particular nas composições dos gregos. E com certos gregos tem elle pontos de affinidade; não falo nos arroubos de Pindaro, ou nas exuberancias fogosas de Alceu; mas não o reconheceriam por parente Mimnermo, Simónides, Anacreonte? Precisamente, *Uma Ode de Anacreonte,* que se lê nas *Phalenas*, o velho de Cós não a faria com mais elegancia, nem com tanto sentimento. Creio que, apezar da sua índole essencialmente moderna, Machado de Assis terá muitas vezes a nostalgia da antiguidade; certo, quem bem lhe conhece o espírito dar-lhe-ia um logar de direito entre os companheiros de Platão na Academia ou entre os de Cícero no Túsculo. A Edade

Media ser-lhe-ia naturalmente hostil; o seu genio não é bellicoso nem ascético, e por muitos lados as suas libérrimas opiniões o exporiam ás suspeitas dos tyrannos e ás investigações do Santo Officio. Nas festas aureas da Renascença, acho que elle se não acharia deslocado; não o imaginaes facilmente em Florença, a conversar com Angelo Policiano, Marcilio Ficino, Lourenço de Medicis, ou em Lisboa, na côrte de Dom Manuel, com mestre Gil e Bernardim Ribeiro, e mais tarde com Sá de Miranda e Luiz de Camões? Semelhanças se notam entre Machado de Assis e os bons Quinhentistas, cujas redondilhas tão límpidas e conceituosas especialmente lhe agradam. Mas, para differençal-o dos gregos, ha o grande facto do Christianismo, que, conquistando todas as gentes, a ninguem permittiu mais ser pagão, nem a Gautier, nem a Carducci, nem ao mesmo Gœthe; e para distancial-o dos Quinhentistas apparecem outros elementos, como a Reforma, a Encyclopedia, a Revolução Franceza, e os graves problemas sociaes que ainda não preoccupavam os entendimentos naquella era de navegações e descobertas. Vê-se, entretanto, que Machado de Assis bebeu inspirações nas mesmas fontes que Garrett, de quem tem a graça meditativa e mórbida, sem ter de certo as ascuas do seu candente lyrismo.

Ponderado tudo, elle é bem filho do seu século.

Nas *Phalenas* e nas *Americanas*, como nas *Crysálidas*, já se manifesta, como um dos seus traços principaes, a melancolia; mas é a melancolia genérica do sonhador, vaga e quasi voluptuosa, não a melancolia caracteristica do pessimista, raciocinada e resignada a um tempo, que ressumbra em composições ulteriores, como o *Circulo vicioso* e a *Mosca Azul*.

Tambem foi gradualmente que na prosa se desen-

volveu a sua índole de maravilhoso humorista, que no *Braz Cubas* attinge o summo grau de originalidade e independencia. Os germens de tal pendor apenas se lhe adivinham nos primeiros contos e romances pela preoccupação psychológica e moralística; mas ainda os caracteres humanos lhe fornecem antes recursos dramáticos para o enrêdo e o desenlace da acção, que estímulos para o exercicio da sua magistral ironia.

Essa *flor amarella e mórbida* do desencanto, sem dúvida uma forma, e das mais requintadas, da sabedoria, só pode ser, num individuo ou num povo, resultado de longo cultivo, de complicada evolução. Como se engendrou, e desabrochou ella, no espírito de Machado de Assis? Para a sua alma, delicadamente, exquisitamente sensivel, tanto como reflectida e analysta, a experiencia se deve ter consummado depressa; ora, no espectáculo da realidade, dois phenómenos capitaes o impressionam, quando elle considera o homem face a face com a natureza de que faz parte: um é a sua pequenez, a sua quasi nullidade como factor da ordem universal, sujeito qual está sempre a um encadeamento de leis que não formúla a seu talante e não pode suspender ou abrogar; o outro é a sua insignificancia mesmo no fôro íntimo, tantas causas conhecidas e desconhecidas concorrem para lhe enfraquecer o livre arbitrio até nos mínimos actos.

Por isso os personagens de Machado de Assis são geralmente caracteres indecisos, hesitantes, atormentados pela *molestia da dúvida*; incoherentes? contradictorios? de accordo; mas verdadeiros por isso mesmo. O zig-zag está mais na lógica real que a linha recta; nada tão commum como a dualidade, a multiplicidade até de uma alma; algumas ha de uma só peça; mas são tão raras! Tambem, ninguem melhor que Machado de

Assis acompanha e traduz as modificações lentas que soffre uma idéa até tornar-se volição e acto. Vede o caso dos « cinco contos de réis » no *Braz Cubas*, o da *Atalaia* com o Rubião de *Quincas Borba*, e ainda o estudo magnífico do *Enfermeiro* nas *Várias Historias*. Comprehendo que, por vezes, os commentarios do escritor se vos affigurem perversos, sendo sómente justos. Um único homem ousou desnudar-se ante a posteridade e mostrar-se *tal qual era ;* foi Rousseau nas *Confissões ;* e fez logo a impressão de um monstro... Machado de Assis, por sua parte, descobrindo em flagrante certos cantinhos obscuros de humanidade, illumina-os de súbito com uma phrase fulgurante. O leitor protesta, offende-se, brada : Maldizente crítico ! — E entretanto, ali não ha mais que a tranquilla registração de um facto. Basta, por exemplo, um trocadilho ; como quando elle diz : « Marcella morria de amores pelo Xavier. Morria, não. Vivia. Viver não é o mesmo que morrer, segundo affirmam todos os joalheiros d'este mundo »...

Tudo isso já indica bastante que a sua philosophia não pode ser alegre. Eu acredito que a princípio o estoicismo secretamente o attrahisse como o ideal das escolas. Mas nem todos chegam á perfeição de professar que a dor é uma illusão ; Machado de Assis não tem o caracter duro que o estoicismo pede, e para elle a dor é uma indubitavel e inevitavel realidade ; o prazer é que não passa, acaso, de dor abortada... Ora, se nos cumpre supportal-a, supportemol-a ao menos com espírito ; e, pois que nenhum esfôrço nos subtrahe ao jugo ferreo do Destino, mostremos a nossa superioridade de entes racionaes, não envergonhando-o, que elle tem a face rija e cynica, mas debicando-o e escarnecendo-o... Não é o riso que *castigat mores* : é um riso desinteressado e

intransitivo, que quasi se dá por fim a si proprio. Então, a ironia é a grande arma; simplesmente, é uma arma de dois gumes, que fere tambem os que usam d'ella.

E a ironia de Machado de Assis é particularmente acerba. Comparai-o com os humanistas inglezes, sobretudo com Sterne, a quem o ligam algumas semelhanças de forma; aquelles são mais zombeteiros e talvez menos profundos, interessando-se em especial pelos contrastes graciosos e grotescos; Machado de Assis busca antes, ou encontra sem os buscar, os contrastes moralmente trágicos; o proprio Heinrich Heine não vai tão longe como elle, nem Anatole France, que em não poucas páginas lembra assás o nosso autor. Portugal tem hoje o seu grande humorista: Eça de Queiroz; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus períodos, como Machado de Assis na mansidão quasi ingenua com que expõe os seus trechos de doutrina. Ha tal capítulo no *Braz Cubas*, que, á primeira vista, desperta irresistivelmente o riso; mas depois deixa nos labios um sabor de fel, recordando o riso provocado por aquella planta venenosa... precisamente, o *riso sardónico*.

Machado de Assis é, pois, de algum modo um demolidor — demolidor de illusões e talvez de theorias, demolidor sem odios nem exageros. Mas, em compensação, quantos e que altos monumentos de estylo tem construido! Por que o estylo é uma das condições superiores que asseguram a immortalidade á sua obra. Antes de tudo, elle possue na linguagem um instrumento admiravel de expressão, conciliando a castiça limpidez dos clássicos com a justeza, a malléabilidade, a fôrça synthética, que exige a literatura moderna. Sobrio, exacto, singelo por gôsto e não por pobreza de vocabu-

lario, elle não descura o relêvo e as qualidades musicaes do período; tem o hábito da phrase bem feita, de tal geito que as suas chrónicas, e não raro as suas cartas, se podem ler como páginas de livro.

Aqui e ali, muita gente lhe achará capítulos pouco claros, ou excessivamente pállidos; mas isso acontece quando o pensamente mesmo é obscuro, cheio de reservas e distinções, ou subtil demais, quasi intraduzivel em palavras. De resto, convenho em que pessoas simplistas se desesperarão com frequencia, ao ler alguns dos seus livros. Lembra-me um amigo d'essa classe, a quem emprestei o *Braz Cubas*; restituiu-m'o ao fim de poucas horas. « Não o entendo — disse-me. — Perdi cinco ou seis vezes o fio da acção. » E tinha razão; por que a acção para Machado de Assis não vale por si propria, como para os romancistas *dramáticos;* vale unicamente como *motivo de interpretação*. Por isso elle não se apressa, como não se apressa o sabio que estuda um phenómeno curioso, e se preoccupa só com as condições do experimento.

Tambem trata de quando em quando os leitores com essa absoluta sem-ceremonia que desnorteia os *Acacios*, e não trepída em mystifical-os se é preciso. *Il ne se gêne pas*. « Não é impossivel que eu desenvolva este pensamento antes de acabar o livro; mas tambem não é impossivel que o deixe como está. » Em outro ponto, depois de narrar episodios, intrigas, consequencias de um baile, interrompe-se para notar de passagem: « Este baile — ia-me esquecendo dizel-o — era em casa do Camacho. » Outra coisa que elle desdenha são os effeitos rhetóricos; detesta a émphase e a hypérbole. Assim é que numa página do *Braz Cubas*, tendo exposto certa opinião em phrases levemente oratorias, logo d'ellas mofa, accrescentando: « Vive Deus! eis um bom

fecho de capitulo! » Ha leitores que não perdoam essas liberdades...

Comprehende-se que, com taes tendencias, ao seu estylo falte por vezes movimento, ao menos movimento physico, ainda que *O delirio* nos dê em traços de Buonarroti a marcha épica das edades. Eu imagino que Machado de Assis, se trabalhasse habitualmente para o theatro (conheço-lhe duas comedias deliciosas, sendo uma, *Tu, só tu, puro amor*, considerada por Théophilo Braga a melhor composição dramática existente sobre Camões) destinaria as suas peças a um auditorio summamente restrito, por que lhe repugnam os lances violentos que enthusiasmam as grandes platéas. As situações emocionantes que elle prefere são todas de *nuanças*; ha *nuanças* terrivelmente trágicas. Do theatro antigo, o drama favorito, para Machado de Assis, é, supponho eu, o *Prometheu*; do theatro moderno, o *Hamleto*. Um concretiza a sua concepção humana; o outro fala a linguagem do seu temperamento.

Os recursos descritivos não entram na sua esphera usual de observação; não que elle rejeite a descrição quando o assunto lh'a impõe; mas não se compraz nella, nem a busca intencionalmente. Os objectos lhe interessam menos pelo aspecto pittoresco, que pelo sentido íntimo e pelas relações mútuas. Para elle, certamente, « a paizagem é um estado d'alma ». Isso não significa que Machado de Assis trate os seus personagens como simples signaes algébricos, ou meros symbolos imaginarios. Gosta de nol-os apresentar, principalmente quando valem a pena d'isso, como a formosa Virgilia: « Era d'essas figuras talhadas em pentélico, de um lavor nobre, rasgado e puro, como as estatuas, mas não apathica nem fria. Ao contrario, tinha o aspecto das naturezas calidas, e podia se dizer que na realidade

resumia todo o amor... » Os seus olhos « davam uma sensação singular de luz humida, e a sua boca era « fresca como a madrugada, e insaciavel como a morte. » As mulheres, evocadas por Machado de Assis — para quem o *eterno feminino* é um vasto elemento moral — têm de ordinario uma soberania de belleza, de seducção, de resistencia ou mesmo de virtude, que lhes confere a victória na luta com o sexo rival. Perversa, em rigor, não vejo nenhuma; perturbadoras ha muitas, e de penosa decifração. Se é lícito tomar uma comparação á pintura, direi, que não semelham as Sibyllas herculeas de Miguel Angelo, as suaves e sadias camponezas de Raphael, nem as donzellas esguias e mysticas de Fra Angelico, nem as nymphas robustas e sensuaes de Rubens; semelham as creaturas extranhas e complexas de Leonardo de Vinci. Leitor, se algum dia viste no Louvre a Gioconda, esquecer-lhe-ás jamais o sorriso singularmente enigmático e scéptico, o mesmo da Leda que na Villa Borghese reina, com a sua nudez triumphante dourada carinhosamente pelo tempo?...

E as conclusões do philósopho? São de um pessimismo consummado. O *Braz Cubas* termina assim: « Ha um saldo a meu favor. Não tive filhos; não transmitti a nenhuma creatura o legado da nossa miseria. » Reparai agora como acaba o *Quincas Borba:* « Chora os dois recentes mortos, se tens lagrimas. Se só tens riso, ri-te. E' a mesma cousa. O Cruzeiro do Sul, que a linda Sophia não quiz fitar, como lhe pedia Rubião, está assás alto para não discernir os risos e as lagrimas dos homens. »

Portanto, a existencia é miseria, e os astros contemplam indifferentes os nossos infortunios. Mas não haverá para alem dos astros Alguem compassivo e remunerador — essa Justiça immanente que é ao mesmo

tempo immanente Misericordia? Cuido não errar suppondo que Machado de Assis, quaesquer que sejam as vacillações do seu espírito diante do eterno Problema, tem no fundo da sua consciencia a fé, instinctiva ao menos, com que se appella das iniquidades transitorias para a Suprema Sabedoria que corrige e harmonisa as especiosas contradicções do universo. Alem de que, elle não é um *blasé*. Zombar de certas illusões não é dizer que tudo seja illusão, como discutir apparencias de virtude não é deprezar a virtude mesma. Elle acha seguramente que a vida, apezar dos seus lados mesquinhos, tem muita cousa digna de affecto e culto; crê nos sentimentos fundamentaes do homem, crê na familia e na patria, crê tambem na Arte, nessa *Musa Consolatrix* de quem fala com paixão não menor que a de Cícero celebrando os seus caros estudos no meio das discordias civis.

Demais, ser bom é ainda um dos meios mais seguros de ser feliz, e Machado de Assis é nobremente, essencialmente, bom. Quando um artista está pessoalmente abaixo do seu proprio engenho, o público nada tem a ver com isso, por que os vicios d'elle não devem prejudicar o brilho da sua obra. Mas a superioridade moral em equilibrio com a superioridade intellectual forma um tão bello conjunto, que provaria mau gôsto, mesmo esthético, quem o olhasse com indifferença. E' essa exquisita harmonia que faz do Presidente da Acadèmia Brasileira o orgulho dos seus amigos, entre os quaes me honro de ser contado; e ella é tambem a garantia de que quantos o prezam e admiram, terão em ler este estudo o mesmo prazer com que eu o escrevi.

Medeiros e Albuquerque

O PANTANO (1)

Foi aqui um jardim formosissimo cheio de flôres extanhas e raras; foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes.

E as rosas diziam a côr das auroras, a côr da face das donzellas, quando labios de amantes as beijam, a côr rubra da vida dos guerreiros, escapando-se pelas feridas: sangue indifferente do céu, sangue do pudor palpitante e timido, sangue feroz de colera e odio... E os lyrios brancos e as brancas magnolias diziam a côr dos sonhos castos, a pureza das almas impollutas, a alvura alabastrina do seio das virgens mortas — das que passaram pela vida, sem que a vida lhes houvesse dito o mysterioso segredo da paixão e do goso...

Foi aqui um jardim formosissimo...

E as campanulas azues — e azues tambem os myosotis pequeninos — diziam a côr serena dos céus de

(1) *Mãe Tapuia.* Contos. 1891.

primavera, a côr dos lagos calmos, onde os cysnes arrufam as plumas de neve, a côr que deviam ter os primeiros devaneios dos adolescentes languidos, já scismando de incertas e mal definidas volupias...

E as flôres da Saudade, as saudades roxas e negras, as violetas balsamicas e tristes, diziam tambem a amargura dos *adeuses*, o outomno dos corações, a viuvez melancolica das almas...

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras...

E para exprimir o segredo das almas delicadas e frageis, que o menor desengano descolora e murcha, havia a nitidez lactescente das camelias... Para lembrar as almas complicadas e extranhas, torturadas pela inquisição da analyse intima, cheia de sentimentos bizarros e extravagantes, havia a legião de orchidéas preciosas, maculadas de todas as côres, semelhando pelles de tigres e de serpentes, affectando formas insolitas, recortadas, caprichosas... E figurando as almas prostitutas, que attrahem as outras para envenenal-as e polluil-as, em segredos de não sabidas luxurias, havia, effluindo no ar, o aroma perfido e venenoso de tuberosas esplendidas...

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres...

E por sobre todas ellas, dois renques de palmeiras faziam tremer no ar as grandes palmas verdes, onde o vento sussurrava, com um murmurio religioso e vago, com um tom de queixa e de prece... Os estipes verdes apontavam para o azul. Vinha d'aquella voz perdida no espaço, d'aquelle monotono rumorejar de folhas lá tão no alto, um sentimento mystico e suave, que elevava os

olhos e os corações, arrancando-os da attenção da terra para attrahil-os ao céu...

E, assim, houve aqui tudo o que faz viver: houve os sonhos mais castos e os sonhos mais luxuriosos e impudicos, os anhelos altivos de gloria e de amor, os sonhos crepusculares e mansos da saudade, a elevação suprema das almas para Deus, para o Céu, para os intangiveis mysterios com que as religiões acalentam as nossas máguas...

Foi aqui um jardim formosissímo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes...

Hoje é um pantano de aguas estagnadas e verdes... As flôres, não houve quem cuidasse d'ellas. Foram-se as rosas; foram-se os lyrios e as magnolias côr de neve, foram-se as campanulas e os myosotis azues — e as saudades tambem — e tambem as violetas... Morreu a brancura immaculada das camelias finas, a flora exotica das orchidéas, a efflorescencia capitosa e envenenadora das tuberosas magnificas... Tudo morreu!

A agua das chuvas diluiu os canteiros, empoçou, fez-se lago, fez-se pantano...

Havia perfumes... Ha agora miasmas...

D'antes os passaros vinham cantar nos ramos verdes dos arbustos; os beija-flôres, de cális em cális, andavam a provocar a garridice namoradeira das corollas viçosas. Hoje, no paúl verde e sombrio, por toda orchestra, coaxam os sapos á noite...

Das palmeiras de outr'ora só resta uma. As outras, roidas no sopé pela vasa impura, apodreceram e cahiram... Da que ficou as palmas todas já se desprenderam e, seccas, boiam meio enterradas no lôdo, sobre o marnel... Apenas o estipe verde aponta ainda para o azul,

para o eterno azul indifferente... — Mas esse mesmo ha de cahir!

O pantano será então como as almas, que já tiveram fé e crenças e illusões, mas hoje distillam os miasmas do Desengano, molestando os corações que se approximam d'ellas; será como as almas onde só as saudades e os remorsos coaxam lugubremente e que até a crença em Deus — estipe verde de palmeira a erguer-se para os céus — até essa já perderam...

AS CALÇAS DO RAPOSO

A entrada de um novo inspector era sempre no internato em que estudavamos um dos maiores successos; a do Raposo mais que nenhuma outra. Havia para isso razões especiaes. O inspector que o precedêra, o Gomes, tinha saido depois de uma altercação violenta com a nossa classe, altercação acabada em vias de facto.

O homem era um velhinho baixo e careca — escandalosamente careca. A calva luzidia entendia-se rubicunda desde a testa até a nuca, onde havia alguns cabellinhos brancos.

Inspector de alumnos durante mais de quinze annos, tinha adquirido certas habilidades profissionaes preciosas. O que se precisa de diplomacia para lidar com meninos de collegio nem todos pódem avaliar! O Gomes era eximio. Ninguem póderia melhor fingirse distraído e apezar de tudo seguir ao mesmo tempo os manejos de dois ou tres que estivessem tentando perturbar o silencio. Tinha mesmo uma sciencia propria: sabia dormir... mas dormir, parecendo vigilante.

Ha nos contos de fadas a eterna historia de uns leões

prodigiosos que, durante o somno, estão com o olhos abertos e, durante a vigilia, com elles fechados. O Gomes chegára quasi ao mesmo resultado. Tinha uma posição favorita — os cotovellos apoiados na mesa, segurando a cabeça com as mãos em pala diante dos olhos. Quando estava assim, parecia, ás vezes, que cochilava. Era um engano. Não se passava nada na sala que elle não visse.

Via e calava. Á hora do recreio chamava os que tinham estado brincando e, sem uma explicação, punha-os de castigo.

Em compensação, dormia noutras occasiões a bom dormir e todos nós imaginavamos que elle estava com uma vigilancia de Argos. Fossem lá adivinhar! — De resto, não se póde imaginar cara mais neutra, mais impassivel: nem olhos, nem labios, nem faces — nada traduzia o que elle estava sentindo.

Aos poucos, porém, nós começámos a estudar-lhe a careca. Foi uma revelação!

Dizem os versos celebres de Bocage :

> Os labios mentem,
> Os olhos não!

Nelle o que não mentia era aquella esplendida calva, brunida, lustrosa, espelhenta! Alli tudo se reflectia. É verdade que no fim de contas as suas variações se reduziam aos tons diversos, principalmente do vermelho, que ella assumia. Mas que riqueza! Ia da brancura lyrial á rubicunda tonalidade dos tomates maduros. E, como ha sujeitos que, pela lettra, pelas linhas das mãos, por outros signaes, pretendem decifrar as emoções alheias, alguns havia entre nós que tinham chegado a fundar uma sciencia nova : *a carecomancia!* O 114, o mais endiabrado de nós todos, tirava prognosticos seguros,

quer da nuança especial assumida pela careca, quer do logar por onde ella começava a colorir-se — porque, dizia elle, a vermelhidão ora vinha da direita, ora da esquerda, ora detraz para deante... A colera, a simples, contrariedade, a vontade de rir fortemente contida tinham marchas diversas.

O 117 era o nosso mago, o nosso adivinho, meteorologista sagaz, que presentia tempestades no ceu côr de rosa daquella calva.

Fosse como fosse, um bello dia, deu-se na classe um charivari medonho. Na semana anterior tinha havido dois dias feriados; naquella em que nós estavamos a folhinha marcava outro. O Gomes, conversando com o director, dissera-lhe que seria melhor não dar sahida, poderando que se approximava a época dos exames.

Quando a resolução foi tomada, quando principalmente nós soubemos que a iniciativa partira do Gomes, ficámos furiosos. Organizámos o que o 117 chamou uma « pateada muda ». Nem um grito, nem uma palavra, nem um gesto de revolta. Todos, porém, deixariam os livros nas carteiras sem abril-os e passariam as duas horas do estudo a olhar para a careca do Gomes.

Dito e feito. — Eramos cento e vinte rapazes. Entrámos em ordem na sala de estudo, cada um sentou-se e o inspector tomou o seu logar no alto do estrado. Não se abriu um livro, não se mexeu numa folha de papel. Silencio profundo. O Gomes, admirado, examinou a sala, presentiu qualquer coisa de revolucionario e atirou a classe uma ordem secca:

— Estudem!

Ninguem se moveu. Todos, obstinadamente, fitavam-lhe a cabeça. O que se passou n'aquella careca eu sinto que não lhes poderei jamais dizer, com toda a verdade do caso! Ondas vermelhas ora a cobriam toda, ora

afastavam se... Havia momentos de absoluta brancura : parecia, então, uma bola de marfim. Logo após vinha, porém, uma vaga de sangue que a vestia de escarlate... — Que tempestades de colera haveria lá por dentro !

— Estudem ! — berrou de novo o Gomes.

Mas, teimosos, 240 olhos verrumaram-lhe o craneo nú. Já então a vasta calva não empallidecia mais... Tinha chegado ao vermelho fixo, ao ultra-vermelho. Passou ao roxo — um tom absolumente novo, mesmo para a perspicacia do 117 !

O inspector ergueu a cabeça e fitou-nos. Estava congestionado, com os olhos a saltarem das orbitas, furioso :

— Estudem! rugiu colerico.

Jogar assim o sério por tanto tempo era empreza difficil. Alguns, ao passo que a ira do Gomes ia crescendo, sentiam um desejo louco de rir. Quando, pela quarta vez, elle soltou um murro na mesa e gritou um novo, um tonitruante, um pavoroso — « estudem ! » — o 63 não poude mais conter-se : teve um frouxo de riso, alto, inconveniente, e de mais a mais, contagioso. Ninguem conseguiu resistir... Nunca se viu gargalhada mais epidemica : sacudiu, de ponta a ponta, a sala inteira.

O resto é que foi o diabo...

O Gomes, perdida a calma, absolutamente fóra de si, atirou-se a um para dar-lhe. Em um momento, todos estavamos em bolo a defender o collega, a socar, a pisar, o desgraçado inspector... Houve um sarilho medonho. O desgraçado, tendo apanhado tão monstruosa sova, foi, ainda por cima, despedido do collegio.

É evidente que depois disso a entrada do Raposo assumia uma importancia especial.

Que homem seria o nosso novo inspector? Poderiamos com elle?

Mal o vimos, dissemos todos intimamente :

« Vamos fazer o que quizermos, vamos pintar a manta! »

Era um velho alto, magro, de cara comprida. Usava barba toda, uma barba muito rala, que mal lhe vestia o rosto pallido, escaveirado. A testa era alta e larga, intelligente. Os olhos pretos tinham, entretanto, uma expressão de humildade, como jamais eu vi egual : olhos supplices, olhos de queixa e medo. Vestia uma sobrecasaca muito velha; velhissimos eram tambem os punhos, o collarinho, a gravata — tudo a desfiar-se. Tinha, comtudo, um quê de homem de boa sociedade; via-se que aquella roupinha surrada estava escrupulosamente escovada, limpinha, direitinha...

Ao mesmo tempo que o Raposo assumia o logar de inspector, um novo alumno apparecia. Era um filho delle. Tinha doze para treze annos, figura muito sympathica, olhos e cabellos bem negros, aspecto gracioso e de viveza intellectual.

Apezar de tudo, foi acolhido com desconfiança. O 89 pareceu interpretar o pensamento geral, quando disse no recreio :

« Vae ser um espião! »

Nunca, entretanto, previsão alguma foi mais falsa! — Como se passou a vida desse menino, nos cinco annos em que fomos collegas, mal se imagina.

O velho Raposo era homem de certa cultura. Quando moço, fôra na sua provincia politico militante, ardente, prompto sempre ao combate pelo seu partido. No jornalismo, nos manejos eleitoraes, mais tarde na Assembléa Provincial, tinha sidao dos mais activos, dos mais intelligentes. Começou, porém, ao cabo de certo tempo, a

decahir consideravelmente. Não é que se lhe tivesse apagado a intelligencia, o merecimento. Quebrára-se nelle a mola da vontade. Um desanimo inexplicavel o tinha ido aredando das primeiras filas combatantes. Porque? Quem o saberia diser? Talvez esses pequenos desgostos, pequenas contrariedades domesticas, que não anniquilam de uma vez, mas limam pouco a pouco, roém de mansinho toda a energia dos que se julgam mais fortes... Um dia os do publico, que não presentiram a acção extremamente lenta desse mal microscopico, vêm com assombro ruir, sem explicaçao alguma, o grande tronco que parecia tão robusto... É um desabamento, um naufragio.

Foi, de facto, um naufragio, o do Raposo. Em um só anno, deixou a politica, deixou o jornalismo, morreu-lhe a mulher, viu-se desemprogado, desamparado, luctando com a miseria. Tinha um filho : pôz nelle todos os seus sonhos de futuro. Que futuro podia, entretanto, dar-lhe?

Certo dia, subiu as escadas do palacio, onde morava o Presidente da Provincia, seu excompanheiro da Assembléa, para pedir-lhe um logar de porteiro.

— O quê, Raposo!... Não é possivel!... Você feito porteiro! Que se diria do nosso partido! Não, senhor, eu lhe darei cousa melhor... Seria uma vergonha, não para você, mas parra nós...

O Raposo sahiu desconsolado, sorrindo tristemente, sem animo para dizer que comia apenas uma vez por dia — e mal.... muito mal!...

Passaram semanas : nem porteiro, nem a tal « cousa melhor »... O Presidente esquecêra-o. Elle viu então que, naquelle acanhado meio provinciano, a mesma estupida objecção surgiria em todos os labios.

Quiz vir para o Rio. Aqui, ninguem o conhecendo, podia até ser cocheiro ou varredor de ruas. Voltou ao

palacio e obteve duas passagens gratuitas. Trazia algumas apresentações. De nada lhe serviram. Afinal foi ter ao nosso collegio. Propoz ao Director ganhar 25$000 por mez, comtanto que o filho ahi estudasse. O Director acceitou.

O Raposinho — como nós lhe chamavamos — era realmente a mais meiga das creaturas. A despeito da primeira prevenção, fez-se amar por todos.

Por todos — não. Havia um grupo de dez ou doze que o detestava : a escoria do collegio, os rebeldes, os de máo caracter. Um delles principalemente, o 69, a quem nós chamavamos o Fuinha, multiplicava-lhe as picardias, as pilherias de máo gosto.

Mas, assombroso de dedicação era o procedimento do velho inspector. Adorando o filho, chegava a privar-se de falar com elle durante a semana inteira, só para não accusarem o menino de ser o espião de seus collegas.

Dava-lhe apenas — pela manhã e á noite — a sua benção e acompanhava-a de um beijo; isto mesmo fazia-o bem claramente, á vista de todos.

Quando um facto occorria, digno de castigo e cujos autores não eram conhecidos, o que obrigava a punir o grupo dos mais proximos, o Rapazo incluia sempre o filho. O velho ficava ás vezes com os olhos cheios de lagrimas. A injustiça revoltante era para elle, que a praticava conscientemente, só para não o accusarem de proteger o pequeno, uma dôr de alma. Temia perder aquelle emprego, interromper os estudos do menino. Estava prompto a submetter-se a tudo.

Certa vez, na classe, alguem, no meio do silencio geral, pisou a cabeça de um phosphoro de estalo. O inspector perguntou quem fôra. Ninguem se accusou. Insistiu. Viu-se então o Fuinha, cynicamente, levantar-se e dizer :

— Eu sei quem foi, *seu* inspector. Foi *seu* Raposinho.

Era a mais evidente das falsidades : o estalo partira da outra banda da sala. Mas o velho teve apenas um momento de hesitação. Voltou, para o filho, os olhos mansos, os seus tristes olhos de cão batido, e mandou-o de castigo. Houve em toda a classe um movimento de revolta. O 63, um bom e leal companheiro, que estava ao lado do Raposinho, olhou para o Fuinha, como a dizer-lhe : « Tu me pagas ! », e levantou-se :

— É mentira. Quem fez o barulho fui eu.

Todos nós comprehendemos que elle se estava accusando em falso, indignado pela infamia do Fuinha. Mas o Raposinho, que já se erguêra para o castigo e viu tambem a generosidade do collega, atalhou logo :

— Não, senhor, fui eu mesmo...

O inspector ficou perplexo. Logo, porém, o verdadeiro auctor confessou sua falta. Como, porém, saber qual dos tres que se accusavam fôra, de facto, o responsavel? Toda a sala anciava por vêr como se decidiria o caso. O inspector voltou-se para o filho :

— Só uma pessôa póde ter feito o mal. Deve ter sido o senhor, porque, além de se accusar, foi visto pelo seu collega, que o denunciou... Vá para o castigo.

Nós tremiamos de raiva — raiva do Fuinha. Minutos depois, tocou a sineta do recreio. Descemos, em fórma, dois a dois, como um batalhão. Mas assim que chegámos ao pateo, mal o inspector déra a ordem para debandar, ouviu-se um formidavel sopapo, que o 63 applicava na bochecha do *Fuinha*, e todos, com a furia em que estavamos, cahimos-lhe em cima aos socos, aos pontapés...

O Director, chamado, veiu a saber a realidade do facto e, fingindo-se embora muito zangado, deu-nos um simulacro de punição.

O Raposo tinha conquistado a estima geral. Fez-se

respeitar pela brandura, pela delicadeza com que nos tratava. Nos collegios, um dos motivos por que os inspectores não infundem respeito aos alumnos é pela sua habitual ignorancia : são para os meninos um motivo de troça. Com elle, porém, não succedia isto. Era para nós um auxiliar, um tiraduvidas solicito, bondoso, instruido, que sabia explicar as cousas claramente. Do seu antigo officio de jornalista ficára-lhe uma certa elegancia de linguagem. Se havia um que raramente o consultava : era o filho; o velho evitava que o accusasem de preparar as lições do pequeno. Este, porém, intelligente e applicado, só tinha notas *boas e optimas.*

Todas estas virtudes do Raposo não impediam que nós brincassemos, que lhe déssemos sobejos motivos de aborrecimento : travessuras naturaes, que não podiamos reprimir.

O velho inspector sahia de 15 em 15 dias com o filho. Guardava sempre um dinheirinho daquelles magros 25$, para leval-o ao theatro, para fazel-o passear, para vestil-o com esmero. Quanto a si, era de uma avareza inacreditavel : teve uma sobrecasaca que lhe durou tres annos! Não se encostava nem na cadeira nem em parte alguma, para não gastar a roupa. Ao sentar-se, forrava a palhinha com um jornal para assim poupar mais as calças. Chegava, ás vezes, a ficar com uma cabelleira de nazareno, afim de economisar, emquanto fosse possivel, a despeza necessaria com o seu córte. Apezar de tudo, era asseiadissimo. Por mais surrada que estivesse sua roupa, andava sempre sem um grão de poeira, limpinha, escovadinha, direitinha. Mas a avareza que tinha para si era compensada com os milagres de prodigalidade que fazia para o filho! Os magros 25$ do seu ordenado cresciam, multiplicavam-se, chegavam para tudo. Vestia o Raposinho com apuro, dava-lhe quanto precisava, desde

os livros de classe até os brinquedos. Meninos muito mais ricos do que elle — e quem o não era! — não apparentavam o bem-estar que elle mostrava. — Era devéras a perola do collegio.

Fomos de anno em anno até o fim do curso. Fizemos os ultimos exames, completámos os preparatorios. O Raposinho teve excellentes approvações.

Para commemorar a sahida de cada turma, o Director dava uma pequena festa Quem viu em qualquer parte uma dessas festas escolares, já sabe qual é o seu padrão invariavel. A nossa foi como as outras. O Director teve, porém, uma ideia delicada : mandou fazer para cada um dos que saiam uma especie de fé de officio, caderno de todas as notas escolares. Era um livro de folhas de pergaminho. Cada folha tinha sido consagrada a uma aula. Transcriptas todas as notas, havia em baixo a assignatura e uma phrase de saudação do professor respectivo. No frontespicio, o retrato do Director. Na ultima pagina o da turma que completava o curso. O livro estava ricamente encadernado, fechado em um estojo de marroquim. Seria mais tarde uma agradavel lembrança da vida collegial.

A entrega tinha de ser feita em uma sessão solemne : musica, discurso do Director e de um professor, resposta de um alumno, a seguir a dadiva dos premios — primeiro aos da turma mais adeantada, depois ás outras.

Nesses dias a vasta sala de recepções enchia-se com as familias dos alumnos ; era uma festiva multidão de moças, senhoras, de graves sujeitos encasacados e enluvados. As familias dos que terminavam o curso, tinham logar áparte, bem á frente. O Secretario do collegio chamava o premiado, o Directar entregava-lhe o livro, dava-lhe com um falso ar paternal um beijo na testa e o

menino voltava para junto do pae ou mãe, que o abraçavam ruidosamente.

Contava-se de um pequeno, estudioso mas endiabradissimo, o 72, que só para pregar uma peça ao Director quando o fosse beijar, esfregara na testa, minutos antes de receber o premio, um dente de alho! D'ahi por diante o Director passou a dar uns beijos mais circumspectos, mal roçando os labios na testa de cada um.

Apezar do convencionalismo de tudo aquillo, apezar de conhecermos, ponto por ponto, como correria cada um dos detalhes da festa, ella nos punha num jubilo louco. Demais, era para o resto dos collegas o momento das férias; para nós — uma turma de quinze — a sahida definitiva.

O Raposo estava radiante de alegria. Tinha tido, dias antes, uma preoccupação : que faria do filho? onde iria elle morar, emquanto cursasse a Faculdade de Medicina?

Felizmente, tudo se resolvêra do melhor modo. O Director o acceitára como professor de Historia, tendo apenas direito a casa e comida. Por outro lado, entretanto, os ordenados do velho ficaram elevados a 60$000 — 60$000, uma fortuna!

N'aquelle dia, o inspector inaugurou uma fatiota nova : sobrecasaca e collete pretos, calças claras. Tinha uma gravata elegante, botinas de verniz, estava pimpão, catita, janota... Mais do que isso : parecia haver arranjado uma cara tambem nova... Não porque tivesse feito a barba e cortado o cabello, que estava aparadinho com toda a correcção, mas porque os seus mansos olhos de cão batido eram bem outros : rutilavam, tinham o desusado brilho de uma alegria, de que ninguem os vira jámais revestidos : eram olhos de triumphador!

A noticia de que o Raposinho ia ser professor divulgou-se logo no collegio. Todos olhavam sorrindo para o futuro cathedratico com apenas os seus dezoito annos de idade. É verdade que elle fôra alumno distinctissimo. Mas a transição não deixava de ser muito brusca. Demais, elle alli estava franzino, pequeno, delicado, — e todos nos lembravamos do antigo professor, um velho alto, corpulento, sempre lambusado do rapé que lhe pingava do grande nariz rubicundo.

Tivesse embora, um mez depois, de vir a ser o senhor Professor, o Raposinho seguiu, como nós, para a sala de estudo. O Director temia que os pequenos sujassem a roupa, que os maiores se espalhassem fumando ás escondidas pelos cantos da casa, e mandou que todos ficassem alli sentadinhos á espera da festa, que devia começar ás 11 horas em ponto.

Fomos. O Fuinha lá estava, desesperado com a noticia de que o Raposinho ia ser um dos seus professores, olhando-o com olhos perversos de colera e inveja.

Na mesa, o velho Raposo tinha uma physionomia cheia de contentamento. Não havia quem não houvesse notado as suas calças claras, absolutamente escandalosas, porque até então ninguem o vira sinão de preto. Na sala, o silencio não era grande : as conversas entre vizinhos tinham sido permittidas. De quando em quando, um menino, levantando-se, approximava-se da mesa do inspector, afim de pedir-lhe, segundo a phrase consagrada, *para ir lá dentro...*

Afinal chegou o momento da festa. O salão nobre encheu-se. A musica tomou o seu logar numa saleta ao lado. Havia um reboliço de leques, de plumas de chapéos em cabeças de moças... Aromas diversos espalhavam-se peloar, já das flôres, que se estendiam em festões, já dos pequeninos lenços femininos agitados a cada mo-

mento... A musica tocou em surdina uma valsa dengosa, que parecia enroscar-se em meneios languidos... Houve uma pausa... O rumor das conversas fazia-se mais alto... Todos nós tomámos logares; entraram os professores. A musica vibrou de novo. Acabada ella, seguiu-se o discurso do Director e depois o do professor incumbido de saudar-nos. Era um velhinho, lente de rhetorica, tremulo e fanhoso. Começou em latim com uma phrase de legua e meia: *Hæ studia adolescentiam alunt, senectutem oblectant, seeundas res ornant, adversis solatium ac perfugiunt prebænt, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur.* Nós tinhamos ouvido isso dez vezes, vinte vezes, cem vezes: nenhum ignorava essa apologia do estudo, sabiamos que era de Cicero, conheciamos sua analyse grammatical e logica, estavamos fartos d'ella! O velho deu o seu recado como poude, teve palmas, a musica tocou uns compassos de qualquer cousa e seguiu-se, com a palavra, o Raposinho.

Quero crêr que tenha dito as banalidades naturaes: creio tanto mais, quanto no momento achei-o sublime. A sua emphase juvenil contrastava, porém, com o ramerrão monotono do velho lente. Fizemos-lhe uma ovação. A orchestra deu-nos mais uma fatia de musica, para indicar o intervallo, e começou então a distribuição de premios.

Fui eu o primeiro chamado. Ouvi lêr a minha fé de officio — que por signal não fôra nos primeiros annos um prodigio de brilhantismo. — O Director disse-me as vagas phrases paternaes do estylo, deu-me o beijo habitual e despachou-me com o premio debaixo do braço. Saí como um conquistador, commovido, e caí nos braços de meu pae, que me esperava. Era de praxe que « nesse omento solemne » a musica tocasse os primeiros com

passos do hymno brasiteiro. Assim se fez. A cerimonia continuou.

N'isto, com um gesto discreto, vi que o Director me chamava.

— Olhe, meu filho, você tenha paciencia, não está aqui ninguem que possa me fazer este favor : vá lá dentro e peça a *seu* Raposo que venha, porque é a hora de dar o premio ao filho delle...

Estavámos no intervallo entre o segundo e o terceiro alumno. O Raposinho era o quarto. A distribuição proseguiu. Corri todo o collegio. Perguntei a criados, a empregados, a quantos encontrei pelos corredores, dos raros que não estavam na sala. Ninguem sabia. Ouvi a musica voltar ao hymno. Quando, porém, cheguei a uma porta para verificar si o velho tinha entrado, o Director pulára o nome de Raposinho, chamára o immediato, que acabava de receber o premio e estava nos braços do pae, abraçado, afagado... O velho alisava-lhe os cabellos com um gesto de meiguice maternal...

Saí de novo á procura do Raposo. Bati os dormitorios, os refeitorios, até o recreio, até a cozinha! Duas ou tres vezes voltei á sala ao ouvir a musica. Nada! O Director ia deixando o Raposinho. Os que saíam lá estavam recebendo os agrados de mães, de irmãs... Eram beijos, eram risos, eram abraços...

Afinal, descobri o Raposo.

Como o descobri!

Espiei pelo buraco da fechadura do gabinete de physica e lá o vi espreitando tambem pela da porta, que communicava para o salão. A porta ficava justamente ao lado da mesa do Director : d'alli elle via tudo. O Raposo estava de sobrecasaca e collete, mas sem as calças : as abas da sobrecasaca caíam sobre as ceroulas. As calças, tinha-as elle dependuradas no braço.

O Fuinha no momento em que saiamos da sala de estudo, havia tomado uma penna molhada em tinta e sorrateiramente salpicado as calças claras do inspector. Quando o velho ia entrar no salão, um collega fez-lhe notar o facto : sobre o fundo cinzento claro cinco ou seis manchas eretas destacavam-se bem na frente. Não podia assim assistir á cerimonia. Ao perceber a cousa, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. Fechou-se n'aquelle gabinete, tomou uma escova e, tiradas as calças, começou a lavar as nódoas para vêr si ellas saíam. Não foi possivel! — N'isto, a solemnidade começára.

No momento em que o surprehendi, nada era mais grotesco do que vêr aquelle velhote, de sobrecasaca e ceroulas, em um dos braços as calças e no outro a escova, espiando por um buraco de fechadura!

Pobre diabo! Até n'aquelle dia o caiporismo o perseguia! Todos tinham o direito de gosar o triumpho de seus filhos, todos podiam abraçal-os, beijal-os... Só elle alli estava — preso, ridiculo...

O Director foi dando os premios a um por um. E era sempre o mesmo espectaculo, as mesmas demonstrações de alegria dos parentes jubilosos!

Afinal, chegou a vez do Raposinho. O Director tinha-o reservado para o fim. Não vendo chegar, nem eu, nem o velho, e não faltando mais ninguem, teve de chamal-o.

Chamou-o, entregou-lhe o que lhe cabia e, em honra delle, pronunciou um pequeno discurso, annunciando que aquelle rapazola ia ser um dos professores do collegio. Disse o seu merito, o seu amor ao trabalho, o seu nobre caracter — e abraçou-o com effusão. Houve palmas — muitas palmas... A musica, para dominal-as, vibrou mais forte... O pobresinho, entretanto, acanhado, esteve um momento, perplexo, no meio da sala, sem saber bem para onde devia ir... Nem um só dos collegas

deixára de ter dois braços a que se acolhesse : só elle não os achava! Não comprehendia a ausencia do pae. O coraçãosinho batia-lhe de emoção e susto...

E durante esse tempo, a olhal-o pelo buraco da fechadura, chorando de orgulho e pezar, o Raposo, cada vez mais grotesco, estendia ao filho, em tregeitos mudos, como si elle os pudesse vêr, os braços em que o quereria apertar n'aquelle momento! As lagrimas, que lhe caiam em fio, elle as ia limpando distrahidamente nas calças claras, manchadas pelo Fuinha...

FRAGMENTO DE UM DISCURSO (1)

. . . .

Dae-lhes a impressão de quanto póde a Sciencia. Dizei-lhes isso, não com a seccura dos livros mal feitos, mas com a poesia que respira tudo que parte de vossos labios.

Pintae o homem dominando o infinitamente pequeno e dominando, do mesmo modo, o infinitamente grande.

Uma estrella, sol gigantesco, tão longe de nós, a distancias tão vertiginosas, que a imaginação mal póde conceber, uma estrella, maior que o nosso sol e todos os seus planetas fundidos num só corpo, passa lá nos céos, serenamente, orgulhosamente, desprezando a nossa miseria, que ella nem vê. E, entretanto, porque certa noite, curvado sobre uma folha de papel, um sabio a foi enchendo de garatujas e rabiscos, letras e algarismos, e assim achou meio de calcular latitudes e longitudes — a estrella soberba, a estrella deslumbrante, passou a ser

(1) Na solemnidade da entrega de diplomas ás alumnas normalistas, 1901.

uma das nossas escravas. O mais obscuro marinheiro lhe póde perguntar, intimando-a com os calculos que a Sciencia ensinou a fazer, em que ponto da Terra elle se encontra, para onde deve dirigir seu barco — e a estrella orgulhosa, serva humilde, tem de responder!

Ensinae a amar a Sciencia, que todos os dias consegue estas maravilhas. Mas ensinae tambem a amar — ainda uma vez vol-o repito — a Bondade, o Trabalho e a Justiça.

Eu sei que é mais facil inculcar noções scientificas do que despertar e cultivar sentimentos. Razão de mais para que vos esforceis! Que nunca, desanimando, digaes de nenhuma creança: « Com esta, não ha nada a conseguir ».

Ha. Ha, por força! Só os mestres máus é que desanimam. Em todos os seres existe sempre alguma cousa de bom, de puro, de sagrado.

O estatuario que vê um bloco de pedra, sabe que dentro d'elle está um mundo: d'alli podem sair os grandes santos, que a crença venera; podem sair, mais dignas de amor que os santos, estatuas divinas de mulheres, estatuas serenas de sabios. Basta que o artista tenha talento e queira lavrar esse bloco, a maravilha apparecerá.

Dos objectos, que se nos afiguram mais humildes, os chimicos alcançam perfumes suavíssimos. Nada mais feio que o carvão de pedra, que a hulha grosseira trazida das minas, suja, negra. D'ella, comtudo, se extraem os perfumes delicadíssimos que usaes: e quando parece que esse aroma tão mimoso vem, ou do heliotropio, ou dos fenos cortados, ou de tanta flôr bonita que evocamos, elle sáe apenas de umas pedras de carvão, habilmente distilladas. Quando o sabio as viu, não desanimou. Soube

tirar da negridão feia e suja esse aroma que é como uma alma, uma alma cheia de belleza.

Fazei isso tambem com os pequenos seres rudes, que nós vos entregamos. Ha em todos elles, mesmo nos mais esmagados pelas fatalidades da herança, alguma cousa de puro, de bom.

Dentro d'esses blocos dormem estatuas harmoniosas: esculpi-as, tirae-as á plena luz. Dentro d'essa hulha negra e feia ha perfumes divinos: fazei com que appareçam!

Uma doutrina recente assevera que existem criminosos natos, individuos que um fado máu impelle para o vicio e o crime. Haverá? Emquanto se puder duvidar, duvidae. Creiamos antes na Sciencia consoladora, que nos diz que não ha terras estereis nem cançadas. A que não póde alimentar uma planta, alimenta outra. A que parecia exhausta e sáfara, um pouco de cultura a faz tornar-se uberrima. Dae aos corações essa cultura — e vereis como produzem!

Os pescadores de perolas vão ao fundo do mar buscar as conchas, em que ellas se podem encontrar. Trazem-n'as e atiram-n'as ao sol, nas praias, para que os molluscos apodreçam. Só após alguns dias, quando o animal se decompoz, quando se reduziu a uma deliquescencia fétida e nojenta, é que elles abrem as valvas para ver si alli encontram as perolas formosas, que vos abraçam os pulsos delicados, que vos adornam os collos, que andam depois, esquecidas de outro mar, no mar mil vezes mais bello dos vossos cabellos...

Assim, até na podridão se buscam as gemmas preciosas, symbolos da candura e da pureza.

Fazei o trabalho d'esses pescadores. Nas pequenas almas infantis, que vos pareçam mais corrompidas, procurae a perola, que lá deve estar.

Não deis unicamente o ensino, que prepara o cerebro. Dae tambem o enthusiasmo, que faz florir os corações, que inspira as grandes coragens — não para a barbaria das guerras, mas para as luctas sociaes. Ensinae a Igualdade, ensinae, sobretudo, a Justiça; e, ao contrario do que pedia o catholicismo, não prégueis hypocritamente o desprezo pelas riquezas. Prégae, sim, a iniquidade das fortunas que não sáem *directamente* do esforço de seus possuidores. Não prégueis, como pedia o Sermão da Montanha, a esperança van em recompensas posthumas e a ociosidade nesta vida. Prégae, sim, o amor ao trabalho — a unica nobreza que se legitíma, a unica que o futuro reconhecerá.

Na aspereza crescente da lucta em que estão empenhadas as sociedades, um dia se eliminarão de todo os que, podendo fazel-o, furtam-se hoje ao esforço e ao trabalho, vivendo do esforço e do trabalho de outrem. A palavra do apostolo Paulo será afinal verdadeira:

« Quem não trabalha não tem jus á vida! »

E si uma demonstração de que a sociedade caminha para ahi fosse necessaria, vós a daríeis melhor do que ninguem, pelo simples facto de aqui estardes presentes. O ideal antigo da vida feminina era o de ser um regato tão placido, que fosse licito ao homem amado debruçar-se e rever ahi a sua imagem: porque da agua mansa e calma a imagem parece formar-se bem no intimo, como bem no intimo do coração feminino os que amam quereriam estar. Mas tudo mudou.

A vida da mulher já não é mais esse regato manso: é violenta, impetuosa... Muitas vezes sobre essa corrente ninguem se debruça. Que esterilidade triste a dessas existencias femininas que chegam até a morte, inuteis, ociosas, sem animo para tomarem um posto nos com-

bates da vida, á espera, um pouco lamentaveis e um pouco ridiculas, de um affecto masculino, que muitas vezes não as procura... O numero de mulheres é tão maior que o dos homens, que, por força, normalmente, quasi se diria — arithmeticamente — isso tem que succeder.

Mas não são apenas as abandonadas do amor masculino as que devem entrar na acção. A acção convida a todas. Todas têm nella um logar, ao nosso lado.

A's mais bellas, ás mais queridas, a missão se impõe do mesmo modo. E nenhuma póde recuar porque tema perder, pela aprendizagem austera da Sciencia, a graça feminina, o seu infinito encanto de mães e de amorosas.

Victor Hugo pintou a sagração da mulher pela natureza: a natureza inteira palpitando de jubilo, quando a primeira mulher, pela primeira vez, sentiu que ia ser mãe. Mais deveria palpitar, mais as estrellas se deveriam debruçar curiosas e radiantes do amplo ceu azul, quando houve emfim uma mulher que assumio o papel de educadora: porque essa é a maternidade purissima dos espiritos!

Não! Vós não perdereis a poesia que vos reveste.

Sob os passos de Venus a religião dos romanos affirmava que nasciam flores. Sob os vossos, na escola, nascerão tambem; mas serão mais duradouras. Serão almas formosissimas, serão intelligencias abertas á comprehensão das grandes verdades, serão corações, desabrochando em pleno viço, pelo poder magico do vosso ensino.

A poesia das vossas victorias enche tudo, perfuma tudo.

Os archeologos acharam, soterradas no Egypto, as pedras nas quaes os grandes imperadores referiam seus triumphos.

Acabada a batalha, o monarcha mandava fazer a contagem dos mortos. Iam os soldados pelo campo a fóra, procurando os inimigos cahidos, baixando-se e cortando a todos a mão direita. Depois, diante do rei, sentado orgulhosamente no seu carro de combate, os ceifadores sombrios traziam a sua colheita. Cada um jogava para o grande monte, as mãos que tinha cortado, para que os escribas as contassem meticulosamente. E quanto mais o monte daquellas palmas lividas e ensanguentadas, daquelles dedos hirtos e frios, crescia sinistro — mais o rei se orgulhava, porque, inscripto o numero das victimas nas pedras immorredouras, immorredouro ficaria o seu nome.

Mais immorredouros, porém, são os livros simples, os simples dados officiaes em que nós contamos as vossas victorias. Ahi não se vêem mãos de mortos. Lendo-os pensamos em labios em flor, em olhos cheios de vida, em cabeças e corações, onde derramaes as ideias mais nobres, mais generosas. E as cifras seccas da estatistica moderna valem hymnos de gloria, quando registam esses triumphos.

Pela missão que cumprís, qualquer de vós tem valor maior que o desses reis antigos.

E eu penso nas mais pobres, nas mais modestas...

Tempo houve na India, em que o povo se repartia em castas, nitidamente marcadas. A mais miseravel era a dos pariás. Ninguem lhes podia fallar. Quem o fizesse ficava para todo o sempre deshonrado. Sobre elles pesava a mais triste das fatalidades. Nem mesmo eram como escravos, porque aos escravos os senhores acolhiam em suas casas e lhes dirigiam a palavra. Mas os pariás eram leprosos moraes, de quem pessôa alguma se approximava. Tocar-lhes, receber delles a minima cousa

importava em descer á sua abjecção innominavel.

Quando o buddhismo se diffundiu pela India e Sidharta começou a prégar a religião nova em que, muito antes do christianismo, se proclamaram todas as grandes virtudes que Jesus veio depois a recommendar, um dos seus pontos capitaes foi a destruição das castas.

Certa vez, numa estrada cheia de povo, um dos apostolos do buddhismo nascente viu uma filha de pariá, bella moça graciosa, que levava á cabeça uma bilha de barro cheia de agua. Todos se afastavam della. A pobresinha ia rente ás sebes de um dos lados do caminho para furtar ao seu contacto os que por ella passavam. E foi então que o apostolo atravessou a estrada e pediu-lhe : — « *Filha, dá-me um pouco de agua.* »

Ella estacou surprehendida por aquella voz, espantada pela loucura daquelle homem. Seria um doido? Seria um estrangeiro? E para que elle se arredasse a moça lhe disse : « *Senhor, eu sou uma filha de pariá* ». Mas o seu assombro foi maior ainda, quando ella ouviu, quando ouviram todos os que delles se tinham avizinhado, a palavra do apostolo : « *As filhas dos pariás valem tanto como as dos reis, tanto como as dos brahmanes. É isso que ensina meu mestre o Buddha que nasceu de reis, mas entre elles e os pariás só sabe distinguir quem é e quem não é virtuoso. Dá-me a agua que te pedi* ».

Muda de espanto, a rapariga tirou a bilha da cabeça e o apostolo mitigou a sêde. Depois, tendo agradecido, elle seguiu seu caminho. E foi assim que o buddhismo se espalhou, que chegou a ser, como é ainda hoje, a religião que conta o maior numero de crentes.

Certo, nós não temos na sociedade contemporanea castas como as da India antiga. Mas a pobreza faz ainda pariás; ainda se recusa ao Trabalho o direito exclusivo ás honras, que só elle no futuro poderá dar. E por isso

eu tenho um fremito de jubilo, quando vejo, ás vezes, algumas de entre vós, nascidas de familias modestissimas, chegando a este sacerdocio e como a filha do pariá, inclinando a bilha de agua, para dar a sciencia aos que della precisam : — e della precisam os que sáem de todas as classes sociaes, os filhos dos mais ricos e dos mais poderosos !

É verdade que uns criticos se levantaram para dizer que a mulher, si consegue ministrar o ensino, não póde dar ás crianças a virilidade de que ellas necessitam e que, portanto, sois para isso fracas de mais.

Velho e obstinado preconceito, o da força physica! Sem duvida, os que hoje vos fazem essa accusação não dizem que deveis ter musculos de aço. Mas, de facto, tudo provém d'ahi.

A civilisação por tantos seculos — por tantas centenas, por tantos milhares de seculos — repousou sobre a força bruta, que a idéa de sua preeminencia está latente em todas essas criticas. Não sentem os que assim fallam que o typo ideal do individuo da nossa especie não é mais o soldado membrudo e forte ; é o homem de sciencia, é o estadista que consegue pela serenidade desarmada das leis um pouco mais de justiça, e que todos os que se entregam a labores de paz, desde a debil operaria, cujas mãos, nas grandes fabricas de tecidos, guiam o trabalho das machinas, até o apostolado divino das professoras, todos valem mais, infinitamente mais que os maiores generaes de todos os tempos.

E ha quem diga que as mulheres são frageis ! — Frageis são ; mas são tambem poderosas ! Nellas está o amor, está o futuro ! Nada é mais fragil que um raio de luz : não passa de uma vibração, de um quasi nada, que o mi-

nimo obstaculo póde interceptar. E, todavia, nada mais poderoso! Pensae nas viagens, que faz pelas vastidões incommensuraveis do espaço a luz, que nos vem de estrellas longinquas.

Os astronomos nos ensinam que de muitos astros, cujo brilho nos encanta já talvez nada exista, porque elles tenham sido anniquilados — e sua luz perdura ainda, perdurará por muito tempo. O corpo enorme, a massa collossal que gyrava no espaço — ella, que era a força — desfez-se em pedaços; mas o raio de luz, a vibração tenuissima — elle, que era o quasi nada, ainda está marchetando os céos. Assim é a viagem das verdades através dos tempos; assim é a fraqueza do ensinamento das mulheres: quando dos seus negadores de hoje, orgulhosos da sua força, já nada mais restar, a luz que ellas tiverem accendido nas almas das gerações irá rasgando sombras, varando as idades, tauxiando os amplos céos do futuro, com os seus pontos de ouro...

Homens virão, que assombrem o seu tempo pelo seu valor moral, pela sua virtude, pela sua intelligencia. E quando os povos os admirarem, elles mesmos se lembrarão que toda a sua energia, todo o seu espantoso vigor de pensamento, lhes veio do ensino ministrado por qualquer d'entre vós, fragil mulherzinha, que outro homem, num gesto das mãos fortes, poderia talvez quebrar pela cintura, como se quebra uma haste de flor!

. . . .

CEREBRO E CORAÇÃO

Dizia o coração: « Eternamente,
eternamente ha de reinar agora
esta dos sonhos teus nova senhora,
senhora de tu'alma impenitente. »

E o cerebro, zombando : « Brevemente,
como as outras se foram, mar em fora,
ella se ha de sumir, se ha de ir embora,
esquecida tambem, tambem ausente. »

De novo o coração : « Desce! vem vê-la!
Dize, já viste tão divina estrella
no firmamento de tu'alma escura? »

E o cerebro por fim : « Todas o eram...
Todas... e um dia sem amor morreram,
como morre, afinal, toda ventura! »

INDISCREÇÃO

Quando um sujeito, ha pouco, me dizia
que eras o typo da seriedade,
lembrei — perdôa-me a leviandade —
lembrei aquelle delicioso dia,
em que no teu jardim fui encontrar-te.

Tu, que me dizem que és uma senhora
casada e séria, has de negar agora
que nos tenhamos visto em qualquer parte.
Negarás. Pouco importa! Mas o certo
é que escondidos sob os verdes ramos
das roseiras do teu jardim deserto,
soffregamente, um dia, nos beijamos.
Lembro-me ainda de que havia perto
uns verdes morangueiros carregados
e os beijos, n'esse delicioso enlevo,
foram tão doces e tão demorados
que a contar tudo aqui eu nem me atrevo...

Sei que, mais tarde, tua mãe, notando
dos seus bellos morangos o canteiro
todo pisado, — disse, lastimando,
que não sabia como o jardineiro
em um destroço tal não reparára;

Tu, os olhos baixando vergonhosa,
toda coberta de infantis rubores,
foste sahindo. E só então, formosa,
— oh! que morangos compromettedores! —
vi as costas de tua roupa clara
todas cheias de manchas côr de rosa...

RESPOSTA A UMA PROPAGANDA

« E, assim, a conclusão unica é que
a imprensa deve calar as noticias de
suicidios... » *De um jornal diario.*

E por que não dizer dos desgraçados
á multidão desesperada e triste
que para a paz dos tumulos sagrados
inda um caminho existe?

E por que — si ninguem antes do berço,
dizendo o que era o humano padecer
nos veio perguntar si no Universo
nós, acaso, queriamos soffrer,

vir, agora que nada aqui nos prende,
esconder-nos a porta da Verdade,
porta por traz da qual, calma, se estende
a paz da eternidade?

O Mal — velho pastor mysterioso,
que os mundos todos guia na amplidão,
tange-os como um rebanho doloroso,
por caminhos de sombra e maldição...

Uiva no abysmo o côro dos gemidos,
soluça a voz da Lagrima e da Prece,
sem que a marcha dos trágicos vencidos
um só momento cesse.

Em procura de um deus — sempre implorado
e não visto jámais — esse clamor
enche o funebre espaço illimitado
de rugidos e canticos de horror.

Si uma voz nelle pára — uma voz nova
toma no côro o seu lugar perdido :
— e o mesmo eterno som, que se renova,
sobe ininterrompido!

Nunca o hymno que cantam loucamente
os que a vida perpassam no prazer
póde o funesto cantico dolente
nos infinitos páramos vencer!

Nada, portanto, ha que temer, si um triste,
que abre a porta da Vida e que se evade,
busca o « além » do tumulo, onde existe
a eterna soledade.

Hão de após elle vir tantos e tantos,
votados desde o berço á Dôr e ao Mal,
que a preamar do eterno mar dos prantos
não descerá seu nivel immortal!

Não descerá... que a Dôr, deusa e senhora,
leva os mundos curvados a seu sceptro!
e eterna, em toda parte, em toda hora,
ergue-se o seu espectro!

Não descerá... que o riso nunca dura
mais que um momento, e só a Dôr sem fim
enche as almas de trevas e amargura!
Não descerá... por que até mesmo emfim,

quando o ventre das mães — a dura guerra
da Especie contra o Ser, consciente, visse
e, vencendo-a, infecundo, sobre a Terra
nada mais produzisse,

a evolução da extranha, intima essencia,
que as Cousas para a Vida erguendo vem,
— fal-as-hia nascer para a Consciencia
e nasceriam para a Dôr tambem!

PUDICA

Nua. Lambendo-lhe a epiderme lisa,
por sob a qual o sangue tumultua,
cahiu-lhe aos pés, em flocos, a camisa,
deixando-a nua... inteiramente nua...

O pé, que a alvura do banheiro pisa,
mal os dedinhos roseos insinua
na agua, que em largos circulos se frisa,
logo, fugindo lepido, recua...

Passa por todo o corpo um arrepio.
Duros e brancos, hirtam-se de frio
seus dois peitinhos. Timida, medrosa,

corre a mão sobre o ventre torneado...
Nisto, lembrando, acaso, o namorado,
toda se tinge de um pudor de rosa...

OLHOS VERDES

Poetas do Assombro, poetas cujos versos
têm o poder extranho e singular
de percorrer no rapido adejar
mesmo do Sonho os loucos universos;

nautas — de céo em céo, de mar em mar,
pelos sombrios furacões dispersos,
que atravessaes os climas mais diversos,
por longe errantes do nativo lar,

— para perder de amor almas incautas,
todos vós, todos vós: poetas ou nautas,
que de mares e céos sabeis o horror,

— não onvirá ninguem jámais dizerdes
que conheceis abysmo mais traidor
que o glauco abysmo de seus olhos verdes!

Olavo Bilac

NOITES DE AGOSTO

Por estas noites frias e brumosas
É que melhor se pode amar, querida!
Nem uma estrella pallida, perdida
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas.

Mas um perfume callido de rosas
Corre á face da terra adormecida...
E a nevoa cresce, e, em grupos repartida,
Enche os ares de sombras vaporosas :

Sombras errantes, corpos nús, ardentes
Carnes lascivas... um rumor vibrante
De attritos longos e de beijos quentes...

E os Céos se estendem, palpitando, cheios
Da tepida brancura fulgurante
De um turbilhão de braços e de seios.

A TENTAÇÃO DE XENÓKRATES

I

Nada turbava aquella vida austera :
Calmo, traçada a tunica severa,
Curva a fronte, cruzando a passos lentos
As aléas de platanos, — dizia
Das faculdades da alma e da theoria
De Platão aos discipulos attentos.

Ora o viam perder-se, concentrado,
No labyrintho escuso de intricado
Controverso e sophistico problema,
Ora os pontos obscuros explicando
Do Timeu, e seguro manejando
A lamina bigumea do dilemma.

Muitas vezes, nas mãos pousando a fronte,
Com o vago olhar perdido no horisonte,
Em pertinaz meditação ficava...
Assim, juncto ás sagradas oliveiras,
Era immoto seu corpo horas inteiras,
Mas longe d'elle o espirito pairava.

Longe, acima do humano ferveduro,
        Sobre as nuvens radiantes,
Sobre a planicie das estrellas de ouro :
Na alta esphera, no paramo profundo
        Onde não vão, errantes,
Bramir as vozes das paixões do mundo :

Ahi, na eterna calma,
Na eterna luz dos céos silenciosos,
Vôa, abrindo, sua alma,
As azas invisiveis,
E interrogando os vultos magestosos
Dos deuses impassiveis...

E a noite desce, afuma o firmamento...
Sôa sómente, a espaços,
O prolongado sussurrar do vento...
E expira ás luzes ultimas do dia,
Todo o rumor de passos
Pelos ermos jardins da Academia.

E, longe, luz mais pura
Que a extincta luz d'aquelle dia morto
Xenókrates procura :
— Immortal claridade
Que é protecção e amor, vida e conforto,
Porque é a luz da verdade!

II

Ora Laïs, a siciliana escrava
Que Apelles seduzira, amada e bella
Por esse tempo Athenas dominava...

Nem o frio Demosthenes altivo
Ao seu imperio foge; ás graças della
Curva-se o proprio Diogenes captivo.

Não é maior que a sua a encantadora
Graça das formas nitidas e puras
Da irresistivel Diana caçadora.

Ha nos seus olhos um poder divino;
Ha venenos e perfidas doçuras
Na fita de seu labio purpurino.

Tem nos seios — dois passaros que pulam
Ao contacto de um beijo, — nos pequenos
Pés, que as sandalias soffregas osculam,

Na côxa, no quadril, no torso airoso,
Todo o primor da callypigia Venus
— Estatua viva e esplendida do gozo.

Cahem-lhe aos pés as perolas e as flores,
As drachmas de ouro, as almas e os presentes,
Por uma noite de febris ardores.

Heliostes e Eupatridas sagrados,
Artistas e Oradores eloquentes
Leva ao carro de gloria acorrentados...

E os generaes indomitos, vencidos
Vendo-a, sentem por baixo das couraças
Os corações de subito feridos.

III

Certa noite, ao clamor da festa, em gala,
Ao som continuo das lavradas taças
Tinindo cheias na espaçosa sala,

Vozeava o Ceramico, repleto
De cortezans e flores. As mais bellas
Das hetéres de Samos e Mileto

Eram todas na orgia. Estas bebiam,
Nuas, á deusa Ceres. Longe, aquellas
Em animados grupos discutiam.

Pendentes no ar, em nuvens densas, varios
Quentes incensos indicos queimando,
Oscillavam de leve os incensarios.

Tibios flautins finissimos gritavam.
E, as curvas harpas de ouro acompanhando,
Crótalos claros de metal cantavam...

O espumeo Chypre as faces dos convivas
Accendia. Soavam desvairados
Febris accentos de canções lascivas.

Via-se a um lado a pallida Phrynéa,
Provocando os olhares deslumbrados
E os sensuaes desejos da assembléa.

Laïs além fallava : e, de seus labios
Suspensos, a beber-lhe a voz maviosa,
Cercavam-n'a Philosophos e sabios.

N'isto, entre a turba, ouviu-se a zombeteira
Voz de Aristippe : « — É's bella e poderosa,
Laïs! mas, por que sejas a primeira,

A mais irresistivel das hetéres,
Cumpre domar Xenókrates! Es bella...
Poderás fascinal-o, se o quizeres!

Doma-o, e serás rainha! — » Ella sorria...
E apostou que, submisso e vil, n'aquella
Mesma noite a seus pés o prostraria.

Apostou e partiu...

IV

Na alcova muda e quieta,
Apenas se escutava
Leve, a areia, a cahir no vidro da ampulheta...
Xenókrates velava.

Mas que harmonia estranha,
Que sussurro lá fóra! Agita-se o arvoredo
Que o limpido luar serenamente banha :
Treme, falla em segredo...

As estrellas, que o céo cobrem de lado a lado,
A agua ondeante dos lagos
Fictam, n'ella espalhando o seu clarão dourado,
Em timidos affagos.

Sólta um passaro o canto.
Ha uma aroma de carne á beira dos caminhos...
E acordam ao luar, como que por encanto,
Estremecendo, os ninhos...

Que indistincto rumor! Vibram na voz do vento
Crebros, vivos arpejos.
E vae da terra e vem do curvo firmamento
Como um clamor de beijos.

Com as azas de ouro, em roda
Do céo, n'aquella noite humida e clara, vôa

Alguem que a tudo acorda e a natureza toda
De desejos povôa.

É a Volupia que passa e no ar deslisa : passa,
E os corações inflamma...
Lá vae! E, sobre a terra, o Amor, da curva taça
Que traz ás mãos derrama.

E entretanto, deixando
A alva barba espalhar-se em rôlos sobre o leito,
Xenókrates medita, as magras mãos cruzando
Sobre o escarnado peito.

Scisma. E tão aturada é a scisma em que fluctua
Sua alma, e que a regiões ignotas o transporta,
— Que não sente Laïs, que surge semi-núa
Da muda alcova á porta.

V

É bella assim! Desprende a knemide. Revolta,
Ondeante a cabelleira, aos niveos hombros solta,
Cobre-lhe os seios nús e a curva dos quadris,
N'um louco turbilhão de aureos fios subtis.
Que fogo em seu olhar! Vêl-o é a seus pés prostrada
A alma ver supplicante, em lagrymas banhada,
Em desejos accêsa! Olhar divino! Olhar
Que encadêa, e domina, e arrasta ao seu altar
Os que morrem por ella, e ao céo pedem mais vida,
Para tel-a por ella inda uma vez perdida!
Mas Xenókrates scisma...

É em vão que, a prumo, o sol
D'esse olhar abre a luz n'um radiante arrebol...

Em vão! Vem tarde o sol! Jaz extincta a cratera;
Não ha vida, nem ar, nem luz, nem primavera :
Gelo apenas! E, em gelo envolto, ergue o vulcão
Os flancos, entre a nevoa e a opaca cerração...

Scisma o sabio. Que importa aquelle corpo ardente
Que o envolve, e enlaça, e prende, e aperta loucamente?
Fosse cadaver frio o mudo ancião! talvez
Mais sentisse o calor d'aquella eburnea tez!...
Em vão Laïs o abraça, e o nacarado labio
Chega-lhe ao labio frio... Em vão! Medita o sabio,
E nem sente o calor d'esse corpo que o attrae,
Nem o aroma febril que d'essa bocca sae.

E ella : « — Vivo não és! Jurei domar um homem,
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem! — »

Xenókrates então do leito levantou
O corpo, e o olhar no olhar da cortezã cravou :

« — Póde rugir a carne... Embora! D'ella acima
Paira o espirito ideal que a purifica e anima :
Cobrem nuvens o espaço, e acima do atro véo
Das nuvens brilha a estrella illuminando o céo! — »

Disse. E outra vez, deixando
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,
Quedou-se a meditar, as magras mãos cruzando
Sobre o escarnado peito.

REQUIESCAT

Porque me vens, com o mesmo riso,
Porque me vens, com a mesma voz,
Lembrar aquelle Paraiso
Extincto para nós?

Porque levantas esta lousa?
Porque, entre as sombras funeraes,
Vens accordar o que repousa,
O que não vive mais?

Ah! Esqueçamos, esqueçamos
Que foste minha e que fui teu:
Não lembres mais que nos amámos,
Que o nosso amor morreu!

O amor é uma arvore ampla, e rica
De fructos de ouro, e de embriaguez;
Infelizmente, fructifica
Apenas uma vez...

Sob essas ramas perfumadas
Teus beijos todos eram meus:
E as nossas almas abraçadas
Fugiam para Deus.

Mas os teus beijos esfriaram...
Lembra-te bem! lembra-te bem!
E as folhas pallidas murcharam,
E o nosso amor tambem.

Ah! fructos de ouro que colhemos,
Fructos da calida estação,
Com que delicia vos mordemos,
    Com que sofreguidão!

Lembras-te? os fructos eram doces...
Se inda os pudessemos provar!
Se eu fosse teu... se minha fosses,
    E eu te pudesse amar...

Em vão, porém, me beijas, louca!
Teu beijo, a palpitar e a arder,
Não achará, na minha bocca,
    Outro para o acolher.

Não ha mais beijos, nem mais pranto!
Lembras-te? quando te perdi,
Beijei-te tanto, chorei tanto,
    Com tanto amor, por ti,

Que os olhos, vês? já tenho enxutos,
E a minha bocca se cansou!
A arvore já não tem mais fructos!
    Adeus! tudo acabou!

Outras paixões, outras edades!
Sejam os nossos corações
Dois relicarios de saudades
    E de recordações.

Ah! esqueçamos, esqueçamos!
Durma tranquillo o nosso amor
Na cova rasa onde o enterrámos
    Entre os rosaes em flor...

SAGRES

« Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhados até a costa, que no templo circular do Promontorio Sacro, se reuniam á noite os deuses, em mysteriosas conversas com esse mar cheio de enganos e tentações ».
OL. MARTINS. — *Hist. de Portugal.*

Em Sagres. Ao tufão, que se desencadeia,
A agua negra, em cachões, se precipita, a uivar;
Retorcem-se gemendo os zimbros sobre a areia...
E, impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,
Sob as trevas do céo, pelas trevas do mar,
Berço de um mundo novo, o Promontorio dorme.

Só, na tragica noite e no sitio medonho,
Inquieto como o mar sentindo o coração,
Mais largo do que o mar sentindo o proprio sonho,
— Só, aferrando os pés sobre um penhasco a pique,
Scrvendo a ventania e espiando a escuridão,
Quéda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique.

Casto, — fugindo o amor, atravessa a existencia,
Immune de paixões, sem um grito sequer
Na carne suffocada em plena adolescencia :
E nunca approximou da face envelhecida
O nectario da Flor, a bocca da Mulher,
— Tudo quanto perfuma o deserto da vida...

Forte, — em Ceuta, ao clamor dos pifanos de guerra,
Entre as mesnadas (quando a chacina sem dó
Dizimava a moirama e estremecia a terra)
Viram-no levantar, immortal e brilhante,

Entre os raios do sol e entre as nuvens do pó,
A alma de Portugal no aceiro do montante.

Em Tanger, na jornada atroz do desbarato,
Duro, ensopando os pés em sangue portuguez,
Empedrado na teima e no orgulho insensato,
Calmo, na confusão do horrendo desenlace,
— Vira partir o irmão para as prisões de Fez,
Sem um tremor na voz, sem um tremor na face.

E' que o Sonho lhe traz, dentro de um pensamento,
Toda a vida captiva. A alma de um Sonhador
Guarda em si mesma a terra, o mar, e o firmamento,
E, cerrada de todo á inspiração de fóra,
Vive como um vulcão, cujo fogo interior
A si mesmo, immortal, se nutre e se devora...

« Terras da Fantasia! Ilhas Afortunadas,
Virgens, sob a meiguice e a limpidez do céo,
Como nymphas, á flor das aguas remansadas!
— Pondo o rumo das náus contra a noite horrorosa,
Quem sondára esse abysmo e rompera esse véo,
O' sonho de Platão, Atlantida formosa!

Mar tenebroso! aqui recebes, porventura,
A syncope da vida, a agonia da luz...
Começa o Cháos aqui, na orla da praia escura?
E' a mortalha do mundo a bruma que te veste?
Mas não! por traz da bruma, erguendo ao sol a Cruz,
Vós sorrides ao sol, Terras Christans do Preste!

Promontorio Sagrado! Aos teus pés, amoroso,
Chora o monstro... Aos teus pés, todo o grande poder,

Toda a força se esváe do Oceano Tenebroso...
Que anciedade lhe agita os flancos? Que segredo,
Que palavras confia essa bocca, a gemer,
Entre beijos de espuma, á algidez do rochedo?

Que montanhas mordeu, no seu furor sagrado?
Que rios, atravéz de selvas e areiaes,
Vieram n'elle encontrar um tumulo ignorado?
De onde vem elle? ao sol de que remotas plagas
Borbulhou e dormiu? que cidades reaes
Embalou no regaço azul de suas vagas?

Se tudo é morte além, — em que deserto horrendo,
Em que ninho de treva os astros vão dormir?
Em que soidão o sol sepulta-se, morrendo?
Se tudo é morte além, — porque, a soffrer, sem calma,
Erguendo os braços no ar, havemos de sentir
Estas aspirações, como azas dentro da alma? »

E, torturado e só, sobre o penhasco a pique,
Com os olhos febris furando a escuridão,
Quéda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique...
Entre os zimbros e a nevoa, entre o vento e a salsugem,
A voz incomprehendida, a voz da Tentação
Canta, ao surdo bater dos macaréos que rugem :

« Ao largo, Ousado! o Segredo
Espera, com anciedade,
Alguem, privado de medo
E provído de Vontade...

Verás destes mares largos
Dissipar-se a cerração!

Aguça os teus olhos, Argus!
Tomará corpo a Visão...

Sonha, affastado da guerra,
De tudo! — em tua fraqueza,
Tu, d'essa ponta de terra,
Dominas a Natureza.

Na escuridão que te cinge,
Œdipo! com altivez,
No olhar da liquida sphynge
O olhar mergulhas, e lês...

Tu que, casto, entre os teus sabios,
Fanando a flor dos teus dias,
Entre mappas e astrolabios
Encaneces e porfias,

Tu, buscando o oceano infindo,
Tu, apartado dos teus,
(Para dos homens fugindo,
Ficar mais perto de Deus),

Tu, no agro templo de Sagres,
Ninho das naves esbeltas,
Reproduzes os milagres
Da edade escura dos Celtas :

Vê como a noite está cheia
De vagas sombras... Aqui,
Deuses pisaram a areia
Hoje pisada por ti.

E, como elles poderoso,
Tu, mortal, tu, pequenino,

Vences o Mar Tenebroso,
Ficas senhor do Destino.

Já, enfunadas as velas
Como azas a palpitar,
Espalham-se as caravellas
— Aves tontas pelo mar.

Nessas taboas oscillantes,
Sob essas azas abertas,
A alma dos teus navegantes
Povôa as aguas desertas.

Já, do fundo do mar vario,
Surgem as ilhas, assim
Como as contas de um rosario
Soltas nas aguas, sem fim.

Já, como cestas de flores,
Que o mar de leve balança,
Abrem-se ao sol os Açores,
Verdes, da côr da Esperança.

Vencida a ponta encantada
Do Bojador, teus heróes
Pisam a Africa, abrazada
Pela inclemencia dos sóes.

Não basta! A'vante!
Tu, morto
Em breve, tu, recolhido
Em calma, ao ultimo porto,
— Porto da paz e do olvido,

Não verás, com o olhar em chamma,
Abrir-se, no oceano azul,
O vôo das náos do Gama,
De rôstros feitos ao Sul...

Que importa? Vivo e offegando
No offego das velas soltas,
Teu Sonho estará cantando
A' flor das aguas revoltas.

Vencido, o peito arquejante,
Levantado em furacões,
Cheia a bocca e regougante
De escuma e de imprecações,

Rasgando em furia, ás unhadas,
O peito, e contra os escolhos
Golfando, em flammas iradas,
Os relampagos dos olhos,

Louco, ullulante, — impotente
Como um verme, — Adamastor
Verá, pela tua gente,
Galgado o cabo do Horror...

Como o reflexo de um astro,
Scintilla e a frota abençôa,
No tope de cada mastro,
O Sant'Elmo de Lisboa.

E alta já, de Moçambique
A Calicut, a brilhar,
— Olha, Infante Dom Henrique :
Passou a Esphera Armillar!

Fartar!... Como um sanctuario,
Zelozo do seu thesouro,
Que ao toque de um temerario
Largas abre as portas de ouro,

— Eis as terras feiticeiras
Abertas... Da agua atravez,
Deslisem fustas ligeiras,
Corram avidas galés!

Ahi vão, opprimindo o Oceano,
Toda a prata que fascina,
Todo o marfim africano,
Todas as sedas da China...

Fartar!... Do seio fecundo
Do Oriente abrazado em luz,
Derramem-se sobre o mundo
As pedrarias de Hormuz!

Mas... inda não basta! um dia,
Um outro imprudente, o rosto
Da nave, com ousadia,
Movendo para o sol posto,

— Sob o pallio côr de rosa
Da aurora, esperando o sol,
Verá uma terra, anciosa,
No aureo banho do arrebol...

E olhando-a, casta, no anceio
Do medo e pasmo que a céga,
— Como uma virgem que o seio
Aos beijos do noivo entrega,

Terá visto a Patria, — filha
Da Patria dona das náus,
Que abriam em cada quilha
Uma parcella do Cháos...

Sonha, — affastado da guerra,
Infante!... Em tua fraqueza,
Tu, d'essa ponta da terra,
Dominas a natureza!... »

Longa e callida, assim, falla a voz da Sereia...
— Longe, um rôxo clarão rompe o nocturno véo.
Doce agora, ameigando os zimbros sobre a areia,
Passa o vento. Sorri pallidamente o dia...
E, subito, como um tabernaculo, o céo
Entre faixas de prata e purpura, irradia...

Tenue, a principio, sobre as perolas da espuma,
Dansa torvelinhando a chuva de ouro. Além,
Invadida do fogo, arde e palpita a bruma,
N'uma scintillação de nacar e amethystas...
E o olhar do Infante vê, na agua que vae e vem,
Desenrolar-se vivo o Drama das Conquistas.

Todo o Oceano referve, incendido em diamantes,
Desmanchado em rubis. Galeões descommunaes,
Crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,
Continentes de fogo, ilhas resplandecendo,
Costas de ambar, parcéis de aljofres e coraes,
— Surgem, redomoinhando e desapparecendo...

E' o dia! — A bruma foge. Illuminam-se as grutas.
Dissipam-se as visões... O Infante, a meditar,

Como um fantasma, segue entre as rochas abruptas...
E impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,
Fim de um mundo, sondando o deserto do mar,
— Berço de um mundo novo — o Promontorio dorme.

VARIOS SONETOS

(DA « VIA LACTEA »)

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ancioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria,
Dos despertados passaros o bando:
« — Vae mais depressa! Parabens! — » dizia.

Disse o luar: « — Espera! que eu te sigo:
Quero tambem beijar as faces d'ella! — »
E disse o aroma: « — Vae, que eu vou comtigo! — »

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella:
« — Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvil-a e vel-a! — »

Não têm faltado boccas de serpentes,
(D'essas que amam falar de todo o mundo,
E a todo o mundo ferem, maldizentes)
Que digam: — « Mata o teu amor profundo!

« Abafa-o, que teus passos imprudentes
« Vão-te levando a um pélago sem fundo...

« Vaes-te perder ! — » E, arreganhando os dentes,
Movem para teu lado o olhar immundo :

« — Se ella é tão pobre, se não tem belleza,
« Irás deixar a gloria desprezada
« E os prazeres perdidos por tão pouco ?

« Pensa mais no futuro e na riqueza ! — »
E eu penso que afinal... Não penso nada :
Penso apenas que te amo como um louco !

Pouco me pesa que mofeis sorrindo
D'estes versos purissimos e santos :
Porque, nisto de amor e intimos prantos,
Dos louvores do publico prescindo.

Homens de bronze ! um haverá, de tantos,
(Talvez um só) que, esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,
Esse dirá : « — Pode viver tranquillo
Quem assim ama, sendo assim amado ! — »

E, tremulo, de lagrimas coberto,
Ha-de estimar quem lhe contou aquillo
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.

A BOCAGE

Tu, que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ancioso e descontente,
E, quando á tona vinhas de repente,
Cheias as mãos de perolas trazias

Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de limpida nascente,
Dos labios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lagrimas vertias;

Mestre querido! viverás, emquanto
Houver quem pulse o magico instrumento,
E preze a lingua que prezavas tanto:

E emquanto houver num ponto do universo
Quem ame e soffra, e amor e soffrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso.

A AVÓ

A avó, que tem oitenta annos,
está tão fraca e velhinha...
Teve tantos desenganos:
ficou branquinha, branquinha,
como os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
repousa pallida e fria,
depois de tanta canceira,
e cochila todo o dia,
e cochila a noite inteira.

A's vezes, porém, o bando
dos netos invade a sala.
Entram rindo e papagueiando:
este briga, aquelle fala,
aquelle dansa, pulando...

A velha acorda, sorrindo,
e a alegria a transfigura;

seu rosto fica mais lindo,
vendo tanta travessura,
e tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
beija-os, e, tremulamente,
passa os dedos engelhados,
lentamente, lentamente,
por seus cabellos dourados.

Fica mais moça, e palpita,
e recupera a memoria,
quando um dos netinhos grita:
« O' vóvó! conte uma historia!
Conte uma historia bonita! »

Então, com phrases pausadas,
conta historias de chimeras,
em que ha palacios de fadas,
e feiticeiras e feras,
e princezas encantadas...

E os netinhos estremecem,
os contos acompanhando,
e as travessuras esquecem,
até que, a fronte inclinando
sobre o seu collo, adormecem.

CHRONICA

Por estes dias, deve chegar ao Rio de Janeiro o general Khan, embaixador da Persia.

A novidade é grande. As embaixadas não são communs no Rio de Janeiro: — e, tratando-se de uma embaixada da Persia, de um paiz tão remoto e fabuloso, a

novidade não póde deixar de influir fortemente sobre a nossa imaginação, sempre tão prompta em apprehender e gozar o lado fantastico das cousas.

Para nós, e para todos os que mammaram o leite da civilisação latina, a Persia continúa a ser o que era no cyclo heroico que se estendeu de Cyrus a Alexandre. Fallar na Persia é evocar a soberana grandeza e o fausto glorioso de Persepolis e Suza : os palacios do Grande Rei, apunhalando o céo com as suas cem torres esguias e as suas seis mil columnas de granito; os metaes preciosos, em caudaes faiscantes, canalisados das mais longes satrapias para o erario real; os exercitos innumeraveis, recrutados entre os Parthas e os Hyrcanios, cujas bagagens enchiam todos os valles da Capadocia...

E' preciso não ser latino, é preciso não ser escravo da imaginação e do sonho, para não pensar desde logo que uma embaixada persa deve ser um deslumbramento, um cortejo de apotheose, um arco-iris de maravilhas, — com o embaixador caminhando, entre secretarios cobertos de ouro e prata, com o turbante constellado de perolas, de diamantes e de esmeraldas, e cheio de plumas raras de avestruz e pavão. Fechai os olhos, pronunciai as palavras — embaixada persa, — e vereis que irradiação offuscante...

Mas os jornaes illustrados de Buenos-Aires já nos deram varias photographias do general Khan, e dos seus secretarios. Por mais dolorosa que seja a realidade, é preciso lembrar que a Persia de hoje não é a Persia do anno 500 antes de Christo. O general Khan é um homem não muito baixo nem muito alto, sympathico, sem ter na face a ferocidade sobrehumana que devia haver na face de Dario ou Cambyses, — e sem mostrar no vestuario a antiga magnificencia dos satrapas que adoravam Ormuz. O general Khan calça botas de montar, como qualquer

dos nossos officiaes de cavallaria, e traz o corpo envolvido numa longa farda, — cujos ornatos de mais preço são as pelliças alvas da gólla e das mangas, e as condecorações do peito.

Em Buenos-Aires, o representante do Schah Mozzafer ed-Dine almoçou e jantou, á européa, em palacio; assistiu a revistas militares; conversou, em francez e em inglez, com as mais lindas senhoras da sociedade argentina; valsou, no Jockey-Club; e cumpriu, emfim, todos os preceitos da etiqueta diplomatica, não se distinguindo, nem na polidez das maneiras, nem na gravidade da conversação, de qualquer dos outros diplomatas que vivem junto do general Roca. A idade moderna matou o exotismo. As tendencias actuaes da civilisação convergem todas para o fim de transformar toda a superficie do planeta numa mesma nação de vida uniforme e monotona, sem surprezas, sem originalidades, sem novidades.

A unica nota de magnificencia verdadeiramente persa, dada pelo general Khan em Buenos Aires, consistiu nisto : antes de partir, o embaixador de S. M. Schah, offereceu ao general Roca uma riquissima commenda da mais alta ordem honorifica do seu paiz. Telegrammas da capital argentina já disseram o excepcional valor d'essa joia, incrustada de esmeraldas e rubis, e trabalhada em ouro, do mais fino quilate, com a mesma pericia que o ourives russo Rachoumosky empregou em affeiçoar a famosa tiára do rei Saitapharnés. Mas, verifiquem bem, indaguem bem, e hão de ver que essa joia foi feita em Pariz ou em Londres, e é tão persa quanto é scytha a tiára do museu do Louvre...

Que nos importa isso? o que nos importa é saber que o embaixador de S. M. Mozzafer-ed-Dine, despedindo-se do general Roca, lhe entregou, em nome do seu sobe-

rano, uma commenda, e que o general Roca acceitou a dadiva, e agradeceu, commovido, a distincção.

O general Roca é chefe de uma nação republicana : não é chefe de Estado por direito de nascimento, e não usa do supremo poder como de uma regalia conferida por Deus. Daqui a pouco, esse chefe de Estado sahirá do palacio da praça de Mayo, — e continuará a ser, fóra do governo, o que era dentro delle : um homem simples e chão, eleitor, soldado, chefe de familia, — cidadão. Entretanto, esse democrata recebeu a commenda do Schah da Persia, e collocou-a sobre o coração, em cima da pala esquerda da casaca : — e nem por isso deixou de ser um democrata, filho do povo, e mantenedor dos « immortaes principios de Oitenta e Nove ».

Ora, por estes dias, teremos por aqui o embaixador persa

Com certeza, diplomata moderno, conhecedor de todas as regras inviolaveis e rigidas do Protocollo, já elle deve saber que não póde conceder ao presidente do Brasil a mesma distincção honorifica que concedeu ao presidente da Argentina. O Brasil não admitte essas cousas : o Brasil é a Republica Ideal e Pura, é o reinado legitimo e limpido da Democracia ! e a sua Constituição é o templo onde se guarda, a coberto de todas as profanações, o Palladio da idéa da Igualdade, — e o sacrario, onde se conserva, inviolavel, o *zaïmph* dos principios de Oitenta e Nove !

Se o embaixador persa não estivesse prevenido, seria interessante ver o seu espanto, ao saber, assim de sopetão, que o presidente do Brasil é obrigado a rejeitar uma cousa que em toda a Persia, em toda a culta Europa e em todo o vasto planeta, toda a gente vive a pedir de joelhos.

Se o general Khan tivesse o habito de escrever ao seu soberano, diariamente, algumas « cartas de viagem », *como* aquellas *Lettres Persanes* que o satyrico Montes-

quieu attribuiu ao persa Usbek, — e se nos fosse possivel, por um acaso providencial, violar o sigillo dessa correspondencia, — como seria interessante ver, nessas cartas, o « estado de alma » do embaixador diante de taes revelações do nosso puritanismo!

A principio, o general teria uma impressão de pasmo grande, e talvez de ira, — vendo desprezada a distincção. E as suas cartas reflectiriam essa impressão, dando a entender que o Brasil ainda é um paiz barbaro, como o paiz dos Scythas do tempo de Dario.

Mas, logo depois, passado o primeiro espanto, e sabendo que a rejeição da commenda não significava um sentimento de hostilidade á Persia, mas uma louvavel obediencia aos preceitos de virtude republicana impostos pela Constituição, o general Khan sentir-se-ia invadido de uma infinita e commovida admiração por este joven paiz, tão amigo da democracia, tão rigido nos seus principios, tão inabalavel nas suas crenças republicanas, tão desdenhador das honras e das distincções, tão dado á modestia e á simplicidade. E, em estylo colorido e enthusiastico, escreveria ao seu soberano : « Sabereis, Sol da Persia, que o Brasil é a Republica Ideal de Platão, com duas differenças apenas : Platão queria um governo aris tocratico e excluia da sua Republica os poetas; ao passo que, no Brasil, é o povo quem se governa a si mesmo, e não se pode dar um passo nas ruas, sem esbarrar com um poeta, de theorba em punho, cantando as palmeiras e os sabiás! »

Seria essa a segunda impressão do embaixador. Mas não seria a ultima. Bem depressa, alargando o circulo das suas relações, penetrando mais fundo no mecanismo da nossa vida social e politica, o enviado do Schah notaria, com surpresa, que o nosso desdem das distincções e das honrarias não vai além das commendas, das grã

cruzes e das fitinhas. E, então, um assombro maior começaria a encher a sua alma perturbada, — e elle comprehenderia que um brasileiro é, pelo menos, tão enigmatico... como um persa.

Veria o general Khan, em primeiro logar, que os viscondes, os condes, os barões, os commendadores, os conselheiros da monarchia continuam a ser conselheiros, commendadores, barões, viscondes e condes. Veria que o supremo idéal do brasileiro é ter o titulo de *doutor*, mesmo quando nunca se familiarisou com doutrina nenhuma, ou o titulo de *bacharel,* mesmo quando nunca manuseou uma carta de *a b c*. Frequentando bailes e theatros, veria grande numero de homens agaloados e apassamanados de ouro, com espadagões retinintes e pennachos fulgurantes, — officiaes de uma milicia civica de que nunca se conheceram os soldados. E, entrando em qualquer repartição publica, veria que o director é coronel, o chefe de secção major, o amanuense capitão, o escripturario tenente, o continuo alferes, todos honorarios, se bem que mais habituados a empunhar a penna do que o gladio. E, boquiaberto, com a mão tremula, e com os olhos esgazeados de fundo susto, o embaixador escreveria : « Este paiz, Grande Schah, não é a Republica de Platão! este paiz é a Republica... de Aristophanes! »

Mas tudo isso é fantasia. E' fantasia de domingo, fantasia de dia alegre, recordada por um chronista que não quer tratar das encampações, nem de outras cousas igualmente insipidas.

O general Khan já deve saber que o presidente do Brasil não póde acceitar condecorações, — e, ao saltar no cáes Pharoux, já deve conhecer a nossa vida, pelo menos tão bem como nós conhecemos a vida... da Persia.

Em todo o caso, sempre lhe poderemos mostrar algumas cousas novas, que lhe forneçam assumpto para cartas interessantes.

Que lindas paginas, por exemplo, escreveria o arguto Usbek, das *Lettres persanes* de Montesquieu, se, no seu tempo, em Pariz, visse uma brigada de mil homens exclusivamente empregados no sobre-humano afan de caçar mosquitos?

O general Khan, se quizer manter correspondencia com o seu soberano, poderá escrever-lhe uma carta que comece assim : « Alto Senhor! dizem os historiadores que um antepassado vosso, o Sublime Xerxes, levantou um dia contra a Grecia um exercito composto de cinco milhões de soldados pertencentes a cincoenta e seis povos diversos. Com a devida venia, devo confessar-vos, ó Sol da Asia! que nunca acreditei muito n'essa affirmação dos chronistas persas e gregos...

Mas agora, vendo a facilidade com que este heroico povo brasileiro levanta em dous dias mil homens contra os *stegomyas fasciatas*, sou obrigado a declarar, em bem da verdade, que já me não espanta aquelle prodigio do divino Xerxes... »

Oliveira Lima

A' MEMORIA DE UM AMIGO

(† 3 de Novembro de 1897.)

Dedicando á memoria do barão d'Itajubá este ensaio, o primeiro de uma serie sobre a nossa historia no exterior, desejo relembrar esse amigo, que durante trez saudosos annos foi meu chefe na Legação em Berlim, e cuja morte prematura significou para a diplomacia brasileira, n'aquelle momento, a perda do seu mais completo representante.

Digo completo, porque elle reunia á finura da intelligencia e á pratica dos negocios, a distincção das maneiràs e a formosura do caracter. Pode-se de certo ser um grande diplomata sem o ultimo predicado : o já classico exemplo de Talleyrand ahi está para proval-o. A experiencia dos negocios pode ser supprida pelos rasgos de genio : Napoleão, aos 28 annos, dirigia as negociações de Campo Formio com a pericia consummada que Albert Sorel nos descreveu em um bello trabalho. Itajubá era porem o equilibrio moral em pessoa. N'elle algumas qualidades se não haviam desenvolvido extraordinariamente

á custa d'outras. Methodico em extremo, a chancellaria era o seu templo, o expediente o seu sacerdocio, sem que comtudo a rotina o tornasse imbecil, ou sequer a burocracia lhe desmanchasse a linha fidalga. A certa hora aquelle funccionario modelo convertia-se muito naturalmente — porque n'elle nada havia de affectado — no homem de sociedade mais correcto e mais attrahente. Á banca de trabalho nunca conheci intelligencia mais viva, percepção mais prompta dos diversos lados de uma questão. Em um salão nunca conheci pessoa mais á sua vontade, tendo uma resposta finamente espirituosa, nunca maldosa, para tudo, igualmente amavel para com todos.

Esta amabilidade era tanto mais captivante, quanto derivava não só da sua educação, como do seu coração. Itajubá era, além de intelligente e distincto, bom, fundamentalmente bom, de uma bondade simples e tocante. A sua alma rejubilava discretamente á idéa do bem que n'um dado momento podia praticar, e atormentava-se com o mal — para outrem — que não podia evitar. Para outrem note-se, porque, no que lhe dizia respeito, mostrava uma impassibilidade que dava a medida do seu espirito superior. Não que fosse indifferente aos ataques ou á má vontade. Sua sensibilidade era em demasia delicada para permittir-lh'o, mas sabia como genuino mundano esconder a sua contrariedade, sem, christão verdadeiro, guardar o mais leve rancor.

Repito, Itajubá era o equilibrio moral em pessoa : igualmente solicito no desempenho dos seus deveres officiaes e sociaes, polido até o requinte, generoso de verdadeiras attenções — que é bem mais difficil do que ser generoso de dinheiro — affectuoso até a ternura para os seus, que o adoravam, e para os amigos, que o estremeciam.

O nome do barão d'Itajubá não ficou ligado em nossa

historia diplomatica a nenhuma convenção particularmente notavel, mas a um sem numero de pequenas negociações delicadas e a algumas espinhosas, que elle sabia guiar com mão segura e resolver com um tacto perfeito. Ministro em Madrid, em Washington, em Roma, em Pariz e em Berlim, nunca se lhe deparou occasião para diplomacias de alta escola, nem elle a procurava. Achava com razão que, no caminhar diario dos negocios, ha farto ensejo de prestar serviços para quem os não visa como meio de chamar a attenção. A sua excellente posição social em todas aquellas capitaes facilitava-lhe, de resto, a solução de qualquer questão, reflectindo-se toda em lustre do paiz que elle personificava.

Nos ultimos annos o facto que poz mais em evidencia a capacidade diplomatica do barão d'Itajubá foi o reconhecimento da Republica Brazileira pelo Governo Francez a 20 de Junho de 1890, obtido exclusivamente por sua influencia pessoal, trez mezes antes de fazel-o qualquer outra nação européa, sem aguardar a França o resultado das eleições para a Constituinte do Rio de Janeiro. Fizeram-lhe d'isso um crime por ser elle um representante vindo do antigo regimen e um amigo do Imperador deposto; quando o *crime*, aliás commum a centenares de outros, significava apenas que, com a sua visão sempre clara dos acontecimentos e dedicação á nação que servia, Itajubá comprehendêra perfeitamente que a monarchia americana cahira para sempre, e que o dever dos brazileiros residia muito mais na defeza do bom nome do paiz, em promover a continuidade das suas tradições de honra e de civilização, do que na dedicação platonica e improficua a uma dynastia que mais se suicidára do que fôra derrubada. Elle serviu a Republica com a lealdade que foi a regra da sua vida publica e privada, que foi a melhor arma, a unica mesmo, da qual se serviu victo-

riosamente contra os seus detractores e, usemos do termo proprio, os seus invejosos. A sua norma, a sua justificação, consistiam em antepôr sempre e em tudo ás formulas que passam, alguma cousa que fica — a Patria.

LITTERATURA OCCIDENTAL

O seculo que acaba de encerrar-se, posto seja melhor conhecido e apreciado por muitos pelas suas feições positivas e scientificas, começou e terminou por uma crise da alma, com uma tormenta da sensibilidade. Em seu alvorecer foi o seculo da visão romantica e em seu anoitecer o seculo da reacção do idealismo — com a differença que, a principio, a religião contava menos na expressão litteraria, sendo de facto o sentimento geral, salvas poucas conspicuas excepções como Chateaubriand, Bonald e Maistre, mais pagão do que christão; mas que no fim foi a religião que sobretudo orientou aquelles dentre os espiritos humanos que lutáram contra a aridez do conhecimento meramente physico.

A sensibilidade nunca foi mais excitavel do que nos inicios do seculo XIX, e comtudo este seculo nasceu no meio da maior exhibição militar que o mundo tem presenciado. Napoleão enche as suas duas primeiras decadas com a extraordinaria historia do seu poder quasi universal — europeu pelo menos, pois que seus feitos vão de Lisboa a Moscow — e os tocantes episodios do seu captiveiro em Santa Helena. Napoleão, no emtanto, por estranho que isto soe, foi elle proprio um homem de profundas affeições, de ternos sentimentos. Por muito tempo apenas se considerdram nesse homem de genio o guerreiro e o legislador, o estrategista magistral que guiou os exercitos francezes á victoria contra todas as

outras grandes nações alliadas e o maravilhoso architecto social que edificou uma nova França dentre os escombros da velha. Napoleão foi na verdade tudo isso: foi porém, além disso, um verdadeiro homem de familia, marido dedicadissimo, pai extremoso, protector de todo o sobrinho, tio e primo, seu e de sua primeira mulher, até o quarto ou quinto gráo. Suas cartas de amor á formosa Josephina são modelos desta ardua variedade epistolar.

O Sr. Frederico Masson, escriptor francez de grande habilidade, avocou como sua tarefa especial estudar Napoleão debaixo de todos esses aspectos amaveis, e ninguem póde deixar de sorrir ao ver, através das paginas dos seus muitos volumes, aquelle homem, o maior de todos os homens, ante quem reis e imperadores tremiam e que, consoante a famosa ode de um poeta do meu paiz,

> « ... com a ponta do seu gladio
> No mappa das nações traçava raias. »

— tão cheio de indulgencia para com a infiel Josephina, tão cheio de paixão para com a indifferente Maria Luiza, tão cheio de enlevo para com o pobre Rei de Roma, tão cheio de complacencia e generosidade para com José, Luiz, Murat, Jeronymo, todos os seus proximos parentes por elle collocados em alguns dos mais velhos thronos da Europa e cobertos de honras e riquezas, mas que ou o trahiram ou o desertáram no momento do perigo e da adversidade.

Após deparar com tamanha sentimentalidade não é difficil comprehender que a época de Napoleão é igualmente a época de Chateaubriand, o illustre escriptor que, tomando a Gœthe alguma cousa das suas raras faculdades de penetração psychologica, emoção aguda e

serenidade olympica, e de Schiller alguma cousa de seu vigoroso instincto dramatico, contribuio no maximo para dar á historia o seu pittoresco (leião-se *Os Martyres*), á Religião o seu encanto (leia-se *O Genio do Christianismo*) e á sensibilidade a sua exaltação (leia-se *Atala e Rénê*).

Como poderemos definir o romantismo? O romantismo foi reduzido á sua mais simples expressão — o triumpho do individual na litteratura. Antes delle a litteratura era, por assim dizer, mais objectiva. Entrou a ser mais subjectiva. De occupar-se quasi exclusivamente com assumptos externos e geraes, passou a occupar-se principalmente com assumptos pessoaes e intimos. Outr'ora possuia modelos classicos; obedecia a regras inalteraveis de composição; não ia além de um certo limite na quantidade do sentimento.

Depois de alcançar sua liberdade e tornar-se lyrica, no sentido — o seu verdadeiro sentido — de individual, não reconheceu outros modelos senão os suggeridos pela fantasia; outras regras além das impostas pelo gosto; outra restricção a não ser a medida da sensibilidade humana.

Uma concepção por tal fórma nova é natural que produzisse uma revolução. Comparem-se em França a solemnidade de Corneille e a cortezania de Racine com a fogosa imaginação de Victor Hugo e a exquisita melancolia de Lamartine.

Desde o seculo XVII que os ingleses tinham já tido o seu singular Shakespeare, a saber, o maior dos autores lyricos em sua manifestação objectiva ou dramatica, o grande ainda que espontaneo psychologo. Comtudo os poetas das primeiras decadas do seculo XIX, Coleridge, Wordsworth, Southey — os bem conhecidos poetas dos lagos — forão uteis ou mesmo necessarios, afim de dar

á poesia ingleza uma maior extensão de motivos moraes, mais elevados do que os simplesmente humanos, e um sentimento mais directo e mais intimo da Natureza.

Não deve ser omittido que o romantismo passou á França da Allemanha, isto é, que os poetas allemães foram os primeiros a prestar ouvidos aos seus impulsos individuaes. O romantismo veio por meio das obras de uma mulher de genio, M^me de Staël, a qual, cotejando as duas litteraturas, a allemã e a franceza, expoz em um livro celebre. — *De l'Allemagne* — o que, no seu entender, faltava á segunda e se encontrava na primeira. M^me de Staël deu o melhor exemplo pratico da sua lucida comprehensão do lyrismo allemão, ao retratar-se como a heroina da sua novella *Corinna* e exhibir até o amago a trama do seu coração complexo e facilmente inflammavel.

Teria que desenvolver uma lista demasiado longa de nomes se pretendesse dar-vos um rol de autores romanticos, na Europa bem como na America. Alguns delles foram arrastados a uma trasbordante sensualidade, como Alfredo de Musset; outros foram governados por uma fantasia morbida, como Edgar Poë; outros foram dominados por uma revolta desesperada de sua alma, como Espronceda, Heine e Leopardi, um hespanhol, um allemão e um italiano. Alguns romanticos, como foi o caso com Alexandre Dumas e Michelet, mostráram uma verve inexhaurivel; outros, como Manzoni e Garrett, um genuino sentimento; outros ainda como Thierry e Herculano, uma sobria dignidade.

A ficção, o drama, a historia, a eloquencia forense e a parlamentar, numa palavra todas as manifestações da actividade intellectual resentiram-se fundamente do romantismo, ou por outra ficáram tintas com as vivas côres da expressão pessoal. Victor Hugo foi certamente

a mais brilhante estrella de toda a constellação romantica, o facho que illuminou cada canto do reino litterario, o artista que soube fazer vibrar cada uma das cordas da nossa sensibilidade. Commoveu-nos até ás lagrimas nos *Miseraveis;* encheu-nos de admiração com o *Noventa e tres*, e de indignação com os *Châtiments;* excitou nossas impressões exoticas com as *Orientaes*, nossos sentimentos artisticos com *Notre-Dame-de-Paris,* nossas ambições philosophicas com a *Légende des Siècles.*

Elle foi o symbolo mesmo do seculo XIX com todos os seus enthusiasmos, duvidas, decisões, refinamentos, aspirações e grandeza. Nenhum contemporaneo o iguala, nem o proprio Balzac, que pintou na sua *Comedia Humana* a mais completa galeria de typos e caracteres, convertendo-a na representação fiel da humanidade; nem mesmo Byron, que foi o primeiro a espantar a Europa e especialmente a sua propria patria com a audacia da sua sinceridade, a originalidade dos seus devaneios e a virulencia do seu sarcasmo.

A's feições predominantes ou antes notaveis do romantismo, a litteratura do meu paiz ajuntou uma, que lhe é na verdade peculiar. Refiro-me ao que se chama indianismo e consiste na escolha como thema favorito de composição, dos habitantes selvagens tomados no seu meio á America de antes da descoberta. Até certo ponto o indianismo é mais antigo do que a litteratura romantica do Brazil, e encontramo-lo em outros lugares que não no Brazil. Em França, Bernardin de St. Pierre e Chateaubriand cultiváram semelhante gosto e o convertéram em moda antes do Brazil ganhar sua independencia. As doçuras da França tropical e os encantos de Atala são por outro lado bem conhecidos de todo leitor cosmopolita. Na America do Norte Fenimore Cooper tomou os Pelles Vermelhas para heróes de suas novellas

nacionaes, fazendo-o porém mais com um toque de curiosidade do que com um profundo sentimento de sympathia.

Em parte alguma, como aconteceu no Brazil, foi o indianismo erguido á categoria de caracteristico litterario dominante, mais do que isto, equivalente a uma expressão nacional ou patriotica. Veio a ser a nossa contribuição para a litteratura universal no seculo XIX. Os mais dos poemas e romances occupáram-se então dos primitivos possuidores do nosso territorio. Foi não sómente esse sestro um protesto curioso pronunciado contra o invasor europeo pelos seus proprios descendentes livres agora de toda tutela politica : foi manifestação de um tardio remorso pela usurpação praticada. Na Europa e na America o enthusiasmo havia sido pela natureza virgem em si, pelo estado natural que Jean Jacques Rousseau — o progenitor intellectual do seculo — proclamára puro e perfeito, mais do que pelos proprios aborigenes. Estes foram perdidos de vista na apotheose da sua condição e meio, excepto pelos escriptores brazileiros, que em seus arroubos os idealizáram juntamente com a nossa esplendida natureza.

— Juntamente com a fallada livre expansão da alma, ha que notar no decurso do seculo XIX um traço que porventura encerra o seu titulo maximo á admiração e reconhecimento da humanidade — a crescente, absorvente e feliz attenção prestada ás sciencias naturaes e sua applicação a fins industriaes, commerciaes e humanitarios. O seculo de Victor Hugo é tambem o seculo de Pasteur, o seculo de Byron é igualmente o seculo de Edison.

E' quasi ocioso relembrar-vos quão maravilhoso ha sido o progresso realizado neste campo : como o vapor e a electricidade levárom a cabo uma revolução nas con-

dicções do mundo, encurtando as longas distancias, tornando as communicações faceis e comparativamente seguras, approximando nações, unindo povos e civilisações harmonicas — desgraçadamente tambem fazendo entrechócarem-se povos e civilisações antitheticas. Não seria todavia comprehensivel que uma tal revolução se tivesse operado sem exercer a influencia sobre ou mesmo cunhar á sua imagem o desenvolvimento litterario.

A imaginação cedo entrou a parecer tresloucada ao lado da demonstração; a poesia lyrica a figurar quasi como absurda quando comparada á physica, á chimica ou á biologia; a pura sensibilidade a ter um ar ridiculo na sombra da intelligencia pratica. O resultado foi que a obra de ficção, em vez de pintar devaneios e magoas imaginarias, tratou de descrever objectos reaes e sentimentos plausiveis com precisão mathematica e exactidão anatomica, e que a analyse psychologica, bazeando-se sobre fundamentos physiologicos, tomou o lugar da emphase e loquacidade romanticas, que chegam a desfigurar as producções contidas de um espirito observador como era Stendhal. Em França, por exemplo, em vez de George Sand e seus heróes apaixonados, depara-se-nos o castigado Flaubert, e dentro em pouco deparam-se-nos Bourget e outros que do coração humano fizeram um thema de pesquiza scientifica.

Até a poesia tornou-se por um momento scientifica, isto é, desprezou amor e paixão para entoar suas loas aos feitos intellectuaes e ao progresso, uma tarefa tão contraria á sua natureza, tão antipathica aos seus processos e tão antagonica com a sua essencia, que a breve trecho o amor reconquistou as posições perdidas, apenas tratando de occultar seu ardor debaixo de uma tão exagerada correcção de fórma que essa escola litteraria foi denominada parnasiana. O Sr. Heredia é na Academia

Franceza o glorioso representante, devemos agora antes dizer o sobrevivente do alludido grupo.

Em prosa as cousas corrêram um tanto differentemente. Amor é sempre a mesma cousa debaixo de todos os céos, em todos os meios e em todos os tempos — mas, posto que igualmente sentido, póde ser differentemente visto e differentemente expresso. Para os romanticos constituio antes a união de duas almas, a ancia de duas sensibilidades; para os realistas teve uma significação menos espiritual. Ambas as accepções da palavra são correctas e de ordinario acham-se combinadas, uma verdade que levou algum tempo a se tornar evidente, taes tinham sido os effeitos sobre os espiritos do exagerado idealismo e do exagerado naturalismo. O amor, que na ficção se compunha primitivamente sobretudo da *magoa* e mais tarde da *sensualidade*, passou afinal a ser humano, isto é, grosseiro e doloroso, mas tambem compassivo, aprazivel, nobre e redemptor.

— Toda a reacção iniciada no campo poetico contagiou as demais categorias do dominio litterario e por uma progressão natural — se apenas considerarmos a intima alliança no homem do corpo e do espirito — deixou de ser meramente sensual para tornar-se uma vez mais idealista. Sob um aspecto diverso voltáram os antigos tempos com novos caracteristicos, porém ganhos com a metamorphose. A exhibição dos proprios soffrimentos engendrou o pezar pelos soffrimentos alheios, assim nascendo a compaixão social, um predicado que se encontra em avultada escala nas obras do grande romancista inglez Dickens, que se nos depara reflectido nos romances francezes de Daudet, e que romancistas russos, como Dostoiewsky e Tourgueneff, e dramaturgos scandinavos, como Ibsen e Bjornsön, foram dos mais saientes a pôr em circulação.

Não se deve deixar de mencionar o facto que ao mesmo tempo que, por via do progresso scientifico, a riqueza crescia até nunca cogitadas porporções, surgindo millionarios americanos cuja opulencia levaria Creso a morrer de vergonha de parecer pobre ao lado delles, a sorte dos pobres, dos trabalhadores, da grande massa, não se vio muito melhorada. Os machinismos que economisam braços são apenas vantajosos para o manufactureiro cujos capitaes alcançam assim uma melhor remuneração; o artifice, porém, sómente percebe maiores salarios para encontrar tudo em volta delle mais dispendioso e inattingivel. Não é maravilha, depois dessas considerações, verificar que o seculo do capitalismo tambem foi o seculo do socialismo e mesmo do anarchismo, que não é mais do que a formula desesperada do primeiro.

E' mister notar que em nossos tempos a compaixão não é simplesmente litteraria: é real e sincera, posto que não universal. Um fidalgo do seculo XVIII não experimentava pelos camponezes estabelecidos nas suas terras menos indifferença do que muitos aristocratas europeus ou ricaços americanos de hoje; mas são agora muito mais frequentes as excepções a esta regra de insensibilidade.

A iniquidade do destino é mais a miudo reconhecida, e esforços mais vigorosos se empregam para encurtar as distancias que separam as condições de fortuna e tornar a miseria mais supportavel para os miseraveis, e bem assim para aquelles dentre os abastados que soffrem com a vista desse espectaculo desolador. Os philanthropos sociaes eram raros ha cem annos passados. São communs hoje em dia, mas é tão sómente justo testemunhar que foram as lettras que tomáram a direcção do movimento, e que nada contribuio mais para avolumar a sympathia

humana do que as obras de homems como Tolstoï e Zola, os quaes por seu lado derivâram seu sentimento da justiça e dos deveres sociaes, de uma impressão de harmonia com o meio ambiente.

Ambos aquelles homens teriam sido taxados de visionarios no tempo em que Napoleão espantava o mundo com a sua poderosa carreira. Actualmente, provocam elles inimizade e açulam odios; todavia, suas vozes são escutadas e respeitadas. Tolstoï e Zola — cuja morte prematura tivemos que lamentar ha apenas algumas semanas — fizeram milagres no suavisar as desigualdades do destino e no dar ao homem uma mais alta comprehensão das suas responsabitidades e obrigações para com os seus semelhantes.

Todavia o mundo não ouvira ainda relações mais pessimistas sobre a sociedade humana do que nesta nossa época de Schozenhmen e Nietzche, e isto porque o abysmo entre a riqueza e a pobreza, entre a felicidade e o infortunio parece mais terrifico mesmo no seu aspecto mais benigno mas tambem mais humilhante, comparado com os tempos desalmados em que Lucullo engordava os seus peixes com a carne dos seus escravos vivos. Nem um destes escravos possuia a consciencia adequada e plena dos seus direitos humanos. Qualquer mineiro nosso contemporaneo sabe, porém, perfeitamente, que a desigualdade de que é victima não é uma pollegada mais justa porque a dizem irremediavel. Irremediavel certamente ella é, conjugada com as idéas e prejuizos dominantes, que formam nosso ambiente moral, o qual não passa da atmosphera do egoismo; mas talvez não tão irremediavel quanto se pensa se algum dia se transformar aquelle ambiente, se maior campo se abrir á equidade e mais livre accesso for concedido em cada coração á caridade christã, buddhista ou não importa que outr

— de facto se a voz de Zola, de um Tolstoï, de cada novo apostolo de uma sociedade regenerada, qualquer que seja o credo sobre que esta se baseia, adquirir bastante prestigio para ser seguida. A obra litteraria do seculo XIX, abrindo com o romantismo as fontes da alma, isto é, predispondo os espiritos ás influencias espirituaes; assentando com o realismo o fundamento scientifico das idéas, não podia visar a um mais nobre remate do que a disseminar o altruismo e a estabelecer a cordialidade no seio da humanidade. »

CONDIÇÃO DA MULHER

(EXTR. DO LIVRO O JAPÃO)

Si na sua esphera particular, que é o lar, reina a Japoneza sem disputa, assim acontece sem duvida por virtude da fascinação exercida pelo sacrificio, que a torna mais inabalavelmente querida do que poderia tornal-a a fragil ascendencia amorosa. Tanta e tão inconfundivel gentileza d'animo está de seguro sendo ameaçada em certa classe pela educação de orientação estrangeira, incompativel com o outro ideal. No terreno em questão as velleidades revolucionarias que produzem a mudança de ideal, prognosticam todavia a possibilidade de uma consequencia util, consistindo na elevação da condição social da mulher, a qual, á luz da civilização, não pode digna nem proveitosamente continuar a ser de sujeição moral e de obediencia passiva. O feminismo está por isso destinado a representar um problema importantissimo da nova vida japoneza, por mais que nos custe acreditar que essas criaturinhas risonhas e delicadas possam nunca vir a desmanchar a sua compostura ultramodesta com exigencias e reivindicações. O movimento

far-se-ha independente da grande maioria d'ellas; far-se-hia mesmo contra ellas, e com certeza virá o feminismo a ser o campo em que mais estrenuamente se combaterão, com argumentos e com leis, as tendencias conservadoras do velho regimen e as preferencias progressistas do espirito novo, quando para semelhante assumpto volver sua irrequieta attenção.

A mulher antiga possuia suas poderosas attracções, a que os estrangeiros mesmos não são esquivos, e que aos Japonezes devem parecer irresistiveis; mas a mulher moderna (si é que tal expressão pode ser usada com relação á Japoneza dos nossos dias) tambem possue as suas seducções, por mais que o desembaraço e a garridice destõem do velho ideal familiar. Tanto assim é que a influencia das *geishas* — raparigas educadas desde pequenas a serem amaveis e gentis, a entreterem, fascinarem e, quando Deus quer, peccarem — é frequentemente exercida sobre os seus admiradores ao ponto de contrahirem casamentos excellentes, que até as hão conduzido aos salões do Palacio Imperial. Ha mesmo quem diga que d'aqui em deante a rapariga de familia que pretender agradar o sexo feio, cujo gosto o europeianismo sempre diversificou um bocado sem que elle porventura se desse conta bastante da mudança, terá, para corresponder a esse gosto que um velho samurai taxaria de *faisandé*, de tornar-se um pouco *geisha*, isto é, de cultivar mais a elegancia do vestuario, o mundanismo, a faceirice, com que os homens se deixam eternamente prender, em Tokio e Kioto, como em Paris e Nova York.

Todo o fito da mulher japoneza parecia ser passar despercebida, physica como moralmente, em belleza como em sentimentos. Chamar a attenção era uma falta capital de bom gosto. O *effacement* era a regra. E' sabido que só as meninas e as cortezãs vestem no Japão côres

risonhas e vistosas. Tambem os antigos vestuarios de gala e os actuaes *kimonos* de casamento são pomposos e alegres, mas o traje usual de casa e de rua é invariavelmente de tons apagados e de uma elegancia mais do que sobria. Sem errar podemos reconhecer como *geisha* (pois que as cortezãs propriamente não podem sahir do seu bairro fechado) qualquer rapariga bem parecida que encontrarmos vestida com luxo e com affectação, attrahindo os olhares e provocando a admiração masculina, em vez de parecer visar e conseguir eclipsar-se.

A destruição das antigas separações de classe e a corrupção da antiga moral que pelo menos em these era exclusivista e intratavel, tornam naturalmente mais perigosa para a dignidade das familias a ascendencia das *demi-vierges* japonezas, que n'outros tempos tinham as suas funcções sociaes mais definidas e circumscritas, das quaes não costumavam exorbitar senão no dominio da ficção, para ferirem a sentimentalidade d'este povo apaixonado e arrancarem a homenagem da sua compaixão posthuma. O suicidio por amor, praticado conjunctamente pelos dous amantes, o classico *shinju*, não é comtudo privilegio das *geishas* enamoradas de verdade, e muitas raparigas de familia a elle teem recorrido quando contrariadas em suas inclinações matrimoniaes, as quaes de ordinario passam sem ser notadas, quando existam, e não são por costume consultadas, sendo os casamentos commummente arranjados por intermediarios, como os que o nosso povo pintorescamente alcunha de « colletes curtos. »

Os pais japonezes não teem porém por principio combater ou desrespeitar os sentimentos affectivos que possam germinar nos corações dos seus filhos e filhas, e só com razão ou cousa que tal lhes pareça oppõem-se a um casamento espontaneamente planejado e directamente

concordado. O ciume da auctoridade é n'elles balançado pela condescendencia do carinho. O modernismo das idéas nada tem a ver com isso; sim com os effeitos da educação que alterou as perspectivas. A mulher que, talvez impropriamente n'este caso, chamarei moderna, quando se não vir escolhida para esposa por um Japonez mais adiantado de idéas — e n'esta hypothese mesmo, quantas vezes não se concretizará n'uma desillusão a sua aspiração bebida n'uma cultura mais aprofundada? — permanecerá sem destino n'uma sociedade ainda toda ella civilmente organizada em vista do predominio exclusivo do homem.

PAIZAGEM DO JAPÃO

A gradual subida de Utsonomiya para Chuzenji, uma differença de nivel de trez mil pés para mais, é um exemplo typico d'essa segunda variação que nenhum viajante deixará de verificar. Na grande planicie que se extende da margem do Pacifico ás montanhas de Nikko prevalece o plantio do arroz, e as arvores teem todas a folhagem densa e escura e o tom quente e aspero de cryptomerias direitas e esmagadoras. Nas beiras do lago de Chuzenji, em redor da formosissima cachoeira de Kogon, que se despenha, afastada da rocha, n'um jorro de trezentos pés de altura, assemelhando-se a uma estalactite monstruosa, a floresta toma ares de parque inglez, com carvalheiras, sobreiros e vidoeiros de uma folhagem rala e clara e de um tom fresco e tenro. Em vez do verde eterno dos paizes de primavera eterna, ha montes de folhas seccas que no outomno juncam as alamedas e redemoinham com um susurro triste ao sopro do vento agreste, e ha então na primavera o delicioso rebentar das novas folhas.

Não quer isto dizer que no Japão as estações se pareçam fóra das altitudes : muito pelo contrario, perto do nivel do mar andam as quatro estações perfeitamente marcadas, e cada uma se blazona de sua differente belleza. A primavera possue, além do proverbial e lindissimo *sakurá* (cerejeira em flor), das radiantes peonias e das glycinias mimosas, as azaleas vermelhas que invadem os campos e os tingem de viva côr, como que a festejarem o regresso do calor. O verão tem os lirios, os convolvulus, os lotus, os lizes, as clematites, as hortensias, cem, mil flores diversas que, si todas não perfumam, porque as mais das flores japonezas não possuem perfume, matizam esplendidamente prados e montes, assumindo toda a natureza um aspecto triumphal, do qual até participam nos campos os tectos das habitações, curiosamente adornados de flores agrestes que crescem dentre o colmo, transformando o topo d'aquelles telhados em jardins aereos. O outomno tem os chrysanthemos emblematicos, de tintas e formatos variadissimos, sempre pomposos e bellos. O inverno finalmente tem a coloração das folhas dos bordos, as camelias, de que carregam as arvores, de folhas gordas e lustrosas, e nos mezes de vento e neve, pois que um Japão sem sorrisos da naturaza deixaria de ser o Japão das lendas e dos devaneios, a florescencia branca das ameixoeiras, prenuncio risonho da primavera.

A coloração dos bordos é uma das grandes curiosidades e attractivos vegetaes do Japão. Do meado de Outubro ao fim de Novembro envergam elles, como cardeaes que se paramentassem, a sua magnifica vestimenta carmezim, e os Japonezes emprehendem viagens para admiral-os em suas galas. No meu regresso de Nikko, onde tambem fôra para prestar-lhes homenagem, cruzou-se o meu trem com dous outros cheios de estudantes de quinze a

vinte annos que, acompanhados pelos mestres, iam em peregrinação floral a Chuzenji. Lá, havia encontrado nada menos do que trez regimentos de rapazinhos e rapariguinhas de oito a quinze annos, umas trezentas crianças que desciam ou subiam o caminho que ascende em zigzag a montanha, cantando, rindo, pulando, gosando com todos os pulmões, com todo o coração e com todos os musculos de um dos mais encantadores espectaculos da sua paizagem sem rival. *Kurumás* enfeitados de ramos de folhas vermelhas, rodavam pela estrada difficilmente aberta atravez da floresta cerrada, transportando homens, mulheres, velhos, meninas, todos egualmente felizes deante d'esse scenario ideal.

E' que o aspecto geral passa a ser simplesmente feerico. O escarlate nem é inteiramente de um mesmo tom, nem deixa de ser mesclado e avivado por largas manchas roxas, verdes e amarellas. Tal combinação de côres porventura torna ainda mais seductora do que si a enfeitasse uma só côr, essa natureza assim adornada de ouro, esmeraldas, amethystas e rubis. Os proprios morros escalvados, sem arvores que os revistam, apresentam extensões de um tom violaceo que fazem pensar em immensas lages de porphyro. Existe um trecho do caminho para Chuzenji, o que vai de Umagaeshi ao ponto em que começa o zigzag da estrada, que é uma garganta no fundo da qual rola sobre grandes seixos escuros a corrente rapida e espumante do Daiyagawa. N'esse trecho as montanhas, de pura rocha, sobem direitas a uma altura que o apertado da garganta faz parecer enorme, tomando o aspecto de castellos fantasticos. Dos intersticios da rocha nasceram arvores e plantas que, medrando como por milagre em punhados de terra e de limo, acobaram por encobrir a base granitica e formam, ao tomarem as côres outomnaes, um mosaico dos tons

mais variados e suaves, como os não executam melhor os mais afamados artistas romanos de semelhante especialidade.

Nas margens do lago Haruna, um pequeno lago no interior da ilha de Hondo, perto de Ikao e não longe do vulcão do Asamayama, notei outro effeito surprehendente da coloração outomnal das arvores, pois que nem só os bordos adquirem no Japão os tons rubros e dourados, tão justamente celebrados. O lago é circumdado de collinas e, a separal-as, rasgam-se estreitos valles ou antes covas cheias até a bocca de espessa vegetação, a contrastarem com os trechos de terra relvosa que as cercam. No fim de Outubro, vistas do meio do lago, cujas aguas serenas o nosso bote era o unico a fazer rugar, aquellas covas assemelhavam-se exactamente a enormes cestas de flores em que predominasse uma alegre tinta carmezim. Era sobretudo a presença dos bordos, com o o seu colorido ao mesmo tempo bastante vibrante para não precisar ser realçado pela luz deslumbrante do sol, quando se acha limpido o ceu, e para não ficar completamente desmaiado debaixo da nevoa, quando esta recobre a natureza de um roçagante manto de gaze, ou as nuvens se agarram ás arvores como tunicas, ora de pregas harmoniosas, ora de apanhados extravagantes, formando os desenhos mais extraordinarios que pode conceber o cerebro de um decorador allucinado. A' vista d'esses effeitos é que logramos comprehender as composições por vezes estranhas, as linhas de combinações frequentemente fantasticas de um pintor como Kyosai, o qual tão admiravelmente soube interpretar o Japão imaginativo, das superstições e das chimeras, dos *tengu* de barba eriçada e longo nariz pontudo e de Emma-ô, o inflexivel juiz do inferno buddhista, quanto Hokusai soube reproduzir o Japão real, das festas e do comico,

dos *bugaku* ou danças pantomimicas e dos mil e um incidentes da complexa vida quotidiana.

A viagem da costa á contra-costa apresenta um resumo do panorama habitual da terra japoneza com suas feições geraes : primeiro os arrozaes entrecortados de bosques, depois a gradual ascensão ás montanhas cobertas de florestas, do outro lado a descida para novos arrozaes semeados de bosques. Fui desde Tokio até Naoetsu, e jamais se desvanecerá de minha memoria a forte impressão da subida de Takasaki para Karuizawa, sobretudo a partir de Yokogawa, quando a linha ferrea transpõe o passo de Usui, vencendo com visivel esforço n'uma serie de viaductos sobre precipicios e de tunneis sob morros essa curta distancia de sete milhas, e offerecendo nos breves intervallos dos seus vinte e seis tunneis os mais formosos golpes de vista sobre as gargantas forradas de verdura e os picos encimados de arvores. Uma vez repousada, tendo absorvido em longos haustos o ar leve que circula no planalto de vegetação rala, dominado pelo vulcão sempre fumegante do Asamayama, a locomotiva desliza ligeira pelos campos plantados de arroz e de fumo que vão espreitar do alto da costa alcantilada o mysterioso mar do Japão, onde, alem de Naoetsu, parece querer esconder-se a lendaria ilha de Sado. Das minas de Sado vinham e ainda veem para a grande ilha o ouro e a prata, e no meio das suas nevoas viveu exilado o Santo buddhista Nichiren, cujo resplandor porventura cortaria as brumas, quasi constantes, illuminando como um fanal a rota dos juncos que das praias fronteiras demandassem a região dos metaes preciosos.

Si desconheço natureza em que sejam mais variaveis os effeitos de luz, tampouco conheço outra em que o aspecto dos objectos mais acompanhe aquella variação,

nunca sendo entretanto insignificante nem banal. A noite mesmo, tive ensejo de viajar em *kurumá*, com o tempo chuvoso e por estradas escuras que mal allumiava o clarão pintoresco das lanternas de papel dependuradas dos varaes, visto que não chegavam a cortar as trevas espessas os raros pontos luminosos das casinhas de frontaria de papel translucido extendido sobre caixilhos de madeira, no qual se projectavam em immensas sombras grotescas os contornos dos habitantes e dos objectos do interior. Pois até assim divisava manchas mais compactas e negras do que a noite, de arvores colossaes circumdando templos baixos, manchas esbranquiçadas de *torii* de madeira ou de pedra rentes com a estrada, que todas eram artisticas, suggestivas e se não diluiam n'uma tonalidade neutra e indistincta.

Para melhor fazer sobresahir suas pompas vegetaes, o Japão offerece igualmente a vista de lugares desolados : rios de lava petrificada, picos nús e escalavrados, encostas cuja crosta barrenta fumega sem cessar e é rota pelos jorros de aguas e vapores sulphurosos. A natureza vulcanica do solo produz estes aspectos devastados com o excesso das suas revoluções interiores, assim como produz os aspectos luxuriantes com a magia do seu calor fecundante. No fundo de montes cobertos de um alto sapé, mais alto do que um homem, verde na primavera, crestado no verão e amarellecido no outomno, corre aqui e além um valle melancholico onde borbulham fontes thermaes e se espalha em densas nuvens o cheiro caracteristico do enxofre. A terra é ahi cinzenta e quasi nua de vegetação, pois que vegetação se não deve chamar no Japão ás hervas rasteiras e aos arbustos merencorios que se encontram nas immediações das solfataras. Imaginar-se-hia que a natureza, enfastiada das suas galas, procurou na humildade e no cilicio a expiação da grandeza,

e dos prazeres. Extensões como estas nunca se prolongam todavia. O ceu é por demais risonho, as brisas por demais fagueiras, o meio por demais voluptuoso para que a tentação a não arraste e a peccadora não volva ás suas galas. Longe de ser, como a China, um grande deserto com muitos oasis, é o Japão um grande oasis com raros desertos, si merecem este nome desolador alguns limitados terrenos estereis, esses mesmos com sua belleza agreste, sobre que se debruçam de todos os lados os pennachos finos e sedosos dos bambús oscillando festivamente, como emblemas de victoria, ao sopro do vento que constantemente varre da atmosphera do archipelago as impurezas e as tristezas, e lhe traz dos dous amplos mares que o envolvem lufadas de ar salino e tonificante e o segredo da sua infallivel fascinação.

A JAPONEZA

Mui raro será o escriptor estrangeiro que não haja entoado os louvores da Japoneza. Gabam-lhe uns o encanto physico ; enaltecem-lhe outros a formosura moral. Ha mesmo quem se tenha esforçado por penetrar o segredo da sua formação psychologica. A mim a Japoneza fina, tanto quanto pude conhecel-a, lembrou-me sob mais de um aspecto a Brazileira antiga. E' a mesma senhora, não propriamente de sociedade, porque o mundanismo na sua accepção corrente não existia nem para uma nem para outra, mas de melhor educação social; essencialmente domestica, e, n'esta esphera, energica e laboriosa como nenhuma outra, si bem que os laboriosos do prazer a increpem de indolente ; attenciosa, benevolente, caridosa para os dependentes, si para os demais tinha que mostrar-se indifferente. Alguns traços de

energia mascula, occasionalmente de dureza, que possam apresentar na melhor camada, eram emprestados, a uma pelo meio militar, a outra pelo meio servil em que se criaram. A Brazileira moderna europeizou-se na mais larga proporção. No Japão o sol da europeização apenas bronzeou a camada de cima, o *dessus du panier*, e ahi mesmo não sazonou bem os fructos. A natureza ou sequer a apparencia não variou. A Japoneza continuou a ser muito fidalga, quando a grande moda no Occidente é assumir maneiras plebéas; continuou a ser reservada, quando a moda é exhibir-se; continuou a ser discreta. quando a moda é fallar mal. Ella foi só a comprehender quanto a tolerancia do coração, não apenas da affectação, deve constituir uma virtude feminina.

Instrucção já vimos que a possuia nos tempos antigos, e n'este ponto differença-se das nossas avós. O moderno regimen tem sabiamente proseguido n'esta senda, offerecendo á mulher os melhores meios de extender seus conhecimentos. Abundam as escolas primarias, secundarias, normaes, até superiores, para o sexo feminino, e nenhuma ha sido mais desveladamente attendida do que a Escola das Meninas Nobres de Tokio, regida por varios profissionaes e dirigida por uma senhora japoneza que, depois de ter viajado e assimilado as boas feições da educação européa, a transplantou para o seu meio com uma intelligencia perfeita. Tive occasião de visitar detidamente esse estabelecimento de ensino, que em todos produz a melhor impressão. E' comparavel a qualquer estabelecimento europeu do mesmo genero. Não se ensina nas suas aulas a dança porque o cultivo d'esta prenda occidental seria de todo ponto inutil para uma menina japoneza. No Japão só as *geishas* aprendem a dançar para divertirem os homens. A's senhoras finas não cabe semelhante papel. Por contra, as meninas

nobres de Tokio aprendem musica — koto ou piano, á escolha —, canto, linguas, historia, geographia, arithmetica, etc., pintura japoneza ou européa, á discreção, etiqueta e disposição floral (*so-kwa*); executam exercicios gymnasticos ; praticam costura, bordado, cosinha, mesmo tratar dos doentes, dirigir a educação das crianças e empregar do melhor modo os criados ; finalmente exercitam-se nas ceremonias do chá (*tencha*).

Não lhes parecendo bastante a instrucção adquirida na escola, com o fito de illustrarem o mais extensamente possivel o seu espirito, as damas japonezas da melhor sociedade de Tokio fnndaram com algumas senhoras americanas e inglezas o chamado *Getsu yo Kwai* (*Monday Club*) porque se reune ás segundas-feiras, duas vezes por mez, em casa de qualquer das socias, com o fim de ouvir a conferencia ou palestra, proferida em inglez e depois traduzida para japonez, ou vice-versa, de algum nacional ou estrangeiro de distincção. No inverno de 1902 um dos professores japonezes da Faculdade de Sciencias da Universidade Imperial discursou por exemplo sobre a coloração dos insectos; o estadista conde Okuma comparou a condição da mulher na China e no Japão ; o professor Baelz occupou-se da hygiene das habitações; o ministro da Allemanha descreveu a vida domestica de Bismarck; eu proprio fallei sobre o Brazil [1].

As senhoras japonezas entenderam, e muito bem, que assim, ao mesmo tempo que rendiam preito e praticavam a sociabilidade á occidental, empregavam melhor o seu tempo do que palrando sobre modas e sobretudo sobre a vida alheia á roda da meza do chá e dos bolos. Quasi todas as senhoras da terra que comparecem n'essas

1. Vide a conferencia appensa a este volume, e em seguida outra no seculo XIX, realizada pelo auctor no inverno seguinte na *villa* do conde Okuma, em Waseda (Nota do A. no seu livro *O Japão*.)

reuniões, só ahi são vistas. As outras, que tambem frequentam jantares e saráos, fazem-no por motivo das posições que ellas proprias ou seus maridos ou pais occupam na Côrte ou na alta administração. A's conferencias não vão, todavia, por obrigação sómente : tomam prazer n'isso. E' de ver o interesse com que todas seguem a palavra do conferente, o sorriso gracioso com que recebem os seus toques humoristicos, a intelligencia com que acolhem as suas observações capitaes. Esta capacidade mental foi aliás o que sempre deu á mulher japoneza a sua superioridade sobre qualquer outra mulher do Oriente; foi, juntamente com o seu culto do lar e, mais do que isso, dos sentimentos do lar, que forma o arcabouço da psychologia japoneza, aquillo que a conservou digna, comquanto submissa, no meio de tanta degradação, não moral, mas familiar ou antes social, do seu sexo. Esta será tambem a alavanca da sua gradual elevação : discretamente, mansamente, como costumam fazer as cousas, ella chegará a reinar em igualdade.

Propositalmente não usei pela segunda vez da palavra emancipação, porque não traduz fielmente a verdade da situação. De facto, a mulher japoneza é quasi tão emancipada, na liberdade dos seus movimentos e mesmo dos seus sentimentos, quanto a européa. A vida futil de sociedade, como a comprehendemos, caracterizada pelas reuniões e bailes, certamente não existe para ella. O intercurso social tem aqui uma equação differente. As visitas são espaçadas e cerimoniosas, pouco tendo da franqueza que entre nós é a regra; os cumprimentos trocam-se infallivelmente, mas quasi que exclusivamente nas grandes occasiões, por motivo de nascimento, casamento ou fallecimento na familia; entre os parentes mesmo não me parece haver, a não ser entre pais e filhos, os mesmos laços de intimidade, quasi diria de

affeição, que se notam entre Europeus. Não quero com isto dizer que os Japonezes não convivem nem se estimam; apenas significar que as suas relações sociaes e os seus sentimentos de parentesco e amizade não offerecem exactamente o mesmo aspecto. E' innegavel que os maridos japonezes são bondosos, trataveis e delicados, a seu geito, que está longe de ser dos peores, para com suas mulheres: entretanto a posição d'estas não é a mesma que no Occidente.

A Japoneza sente-se, comtudo, senhora por assim dizer dos seus passos. Si, quando casadas, se eclipsam muito, é porque a sua tarefa domestica é esmagadora. Em novas, ninguem as prende de rir e folgar. Não é raro encontrarmos bandos de trez e mais raparigas de escola, facilmente reconheciveis pelas suas *hakama* vermelhas, empregando o feriado em alegre excursão campezina, por vezes bem distante do seu povoado ou cidade. O desembaraço dos seus modos, que todavia nunca altera a modestia do seu porte, immediatamente revela o habito da convivencia. Nada trai o invencivel acanhamento da reclusão. Desde os mais tenros annos, rapazes e raparigas criam-se na rua, ao ar livre, n'uma innocente promiscuidade de brinquedos, que lhes incute o tom da confiança, a qual chega mesmo para extender se aos estrangeiros. Uma vez, nas margens do lago Biwa, photographámos um dos referidos grupos escolares, que a isso se prestou da melhor vontade com risadinhas affaveis, e regressámos no pequeno vapor do serviço do lago conversando todo o tempo, por intermedio do nosso interprete, com as cortezes meninas. Tendo-lhes mais tarde remettido provas das photographias tiradas, recebemos em troca os seus retratos e um quadro de figuras em relevo de algodão em rama recoberto de seda, por ellas feito de collaboração.

Com os annos volvem os tempos descuidados da juventude. Entre as velhas, já forras dos labores domesticos, tendo filhos e noras para servil-as, são communs as *parties de plaisir* a um dos jardins japonezes, mais decorados de rochas taes como as esculpiu a natureza, do que de flores ou mesmo de arvores, que algumas são escolhidas por espiritos para seu domicilio. Igualmente as vemos com frequencia, essas velhinhas desdentadas e enrugadas, de cabello cortado curto pela nuca ou rente e arrimadas a um bordão, n'um dos muitos santuarios em redor dos quaes é mais accesa a pagodeira ingenua.

Outro indicio de convivencia é a faceirice. Mesmo n'um harem a mulher não perde de certo o gosto de enfeitar-se, comquanto só seja vista pelo senhor e pelos eunucos. A faceirice da Japoneza é porem d'outra natureza : é a da mulher que não é obrigada a sahir á rua velada; a quem, de inverno, o *zuki* ou manta de crepe claro accrescenta um encanto ; que, parecendo evital-o, provoca e deleita-se com o tributo prestado á sua gentileza por conhecidos e desconhecidos ; que, como quem não procura o effeito, se arrebica para o publico e gosta que o publico o perceba. N'este intuito essencialmente feminino a Japoneza observa, retem e imita. Ella acha naturalmente grotesca a estrangeira de andar firme e largo, de feições accentuadas, de vestuario disparatado e vistoso, mas a curiosidade e a vaidade são mais fortes do que a antipathia e a estranhesa, e é com a mais detida attenção que examina todos os detalhes do seu trajar, que um bello dia imitará, sobretudo si pertencer á Côrte, para que se não diga que o Japão está aquem da civilização e que só as Européas podem trazer espartilhos.

Ha uns dez ou quinze annos passados a copia era para

certas classes de rigor, e o Japão, segundo me dizem, andava inçado de caricaturas vivas de mulhersinhas de busto chato, ancas esguias e pés virados para dentro, habituadas aos amplos e graciosos kimonos e aos *zori* ou sandalias de palha, contrafeitas em *costumes tailleur*, *jupes collantes* e botas de pellica de tacão alto. Hoje, afortunadamente, voltou-lhes o bom senso, e a transição, salvas as excepções filiadas no decoro internacional, redundou em adaptação. A casquilha nacional não desdenha, muito pelo contrario, o invento estrangeiro, porém exerce sua selecção judiciosa d'aquillo que pode ajudal-a a parecer bem na sua linha de elegancia e no seu genero de belleza. Engana-se redondamente quem pensar que a não preoccupa tanto quanto outra qualquer mulher o cultivo da garridice. Assim uma vez, n'uma estação de caminho de ferro do interior do Japão, a presença dos *ijin* (forasteiros) havendo como sempre attrahido enorme concorrencia de gente que boquiaberta os analysava, agglomerada deante das portas e janellas abertas da sala de espera, uma das senhoras do nosso grupo, afogueada com a soalheira da longa viagem de kurumá, refrescou a pelle do rosto com um pouco de pó de arroz, para isto servindo-se de uma boneca. Uma bonita Japoneza que de fóra enxergou o gesto não esteve com meias medidas: immediatamente adeantou-se e com o seu sorriso mais insinuante pediu a senhora européa para mostrar-lhe o preparado com que havia empoado a cara, indagando da sua excellencia e perguntando si era qualidade que se podesse obter nas perfumarias do Japão.

Tratava-se ahi justamente de um artigo cujos similares contam extenso consumo entre as Japonezas que, quando jovens e faceiras, adoram mascarar-se de branco, e para quem a alvura da pelle é uma condição essencial

de formosura, tanto quanto o era em tempos passados o rosto oval, alongado e pallido, tido por caracteristico do typo aristocratico, assim como o rosto redondo e corado o é do popular. Si se tratasse porem de um chapeu com flores e plumas ou de um par de luvas de camurça, a curiosidade quiçá associar-se-ia com a hilaridade, visto estar a Japoneza decidida a persistir em ostentar descobertos os muitos, variados e tradicionaes penteados em que a cabelleireira lhe arranja duas ou trez vezes na semana a massa de cabello corredio, negro ou castanho escuro, com que a natureza a dotou, e, quanto a luvas, mais simples é ainda, quando o frio lhe põe roxos os dedinhos, esconder as mãos dentro das vastas mangas rectangulares, tomando attitudes de penguins enregelados, do que recorrer ás luvas de seda modernamente introduzidas. A Japoneza pessimamente disfarçada em figurino de Redfern é o symbolo de um sestro que passou. O emblema do dia é a Japoneza no seu garbo tantas vezes secular, mas com as vestimentas, outr'ora pomposas entre as classes elevadas, reduzidas á maxima simplicidade de adornos, portanto ao supremo bom gosto, e com o minimo, si bem que o essencial, de accessorios importados.

No tocante á alma, o estrangeirismo tem igualmente que ser tomado *cum grano salis*... Pareceria o cumulo do ridiculo uma Japoneza pequenina e delicada que, da noite para o dia, se transformasse n'um apostolo quasi varonil do feminismo. A Japoneza tem que modificar-se, mas não que transmudar-se. A suavidade é o seu encanto capital. Que a conserve integralmente, menos talvez a pequena porção que fôr destruida pela consciencia de representar na sociedade e no mundo alguma cousa mais do que, na sensibilidade um automato, e na vontade uma serva. Não creio haver perigo de que venha a ser grande

essa porção roubada pela independencia á timidez. A capacidade de carinho da Japoneza é tão grande; tão forte a sua dose de dedicação; tão indeleveis esses traços de ternura e abnegação que o seu caracter adquiriu para sempre, e tão solidos os fundamentos sobre que assenta o edificio da familia com o seu systema de affeições, que não deve existir receio de que aquella emancipação moral, necessaria para o aperfeiçoamento social da nação, se torne a origem de uma variação radical e desgraciosa no aspecto amavel da creatura que é o sorriso vivo do Japão, da mesma forma que o Japão é o sorriso vivo da natureza.

Pedro Rabello

MANGUEIRA VELHA

Foi aqui. Neste tronco hirsuto, certo dia,
Viemos a data abrir das primeiras promessas...
Para nol-as doirar, sobre nossas cabeças,
Do alto o sol atravez das arvores descia.

Contemplámo-nos. Tu, cujo rosto sorria,
« Não me esqueças » disseste, e eu disse : « Não me esqueças! »
E afastámo-nos, pois, de tua casa, ás pressas,
Vinham todos os teus procurar-te, Maria!

Esqueceste-me. O sol que as nuvens avermelha,
Não nos viu nunca mais namorados e ufanos...
Breves annos o nosso eterno amor findaram...

Seja sempre abençoada essa mangueira velha!
Essa que inda o conserva, atravez de dez annos,
Mais do que nossos dois corações o guardaram.

NO JARDIM DOS EXPOSTOS

Esta, que é toda em lagrimas, agora,
E a quem agora o pranto o rosto estrella,
Quinze annos ha que, numa immunda viella,
Posta foi por altissima senhora.

Já se não lembra della a que a poz fóra,
E porque é moça, e é forte, e é rica, e é bella,
Uns recatos de candida donzella
Por doirados salões, á noite, explora.

Ha de em breve casar, formosa e pura...
E a filha, em meio desta tarde clara,
E, agora, ao cabo deste bello dia,

Porque ha quinze annos já que a mãe procura,
Pensa, não na justiça com que a odiára,
Mas nos extremos com que a adoraria!

MANA MINDUCA

Volto, afinal... Espera-me; irei hoje... Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. « Volto, afinal... » Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel; soffria acaso da duvida de que aquella não fosse a sua lettra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... D'ahi, em doze annos a gente muda de lettra. Valha-lhe Nossa Senhora! O

moleque esperava, timido, amarrotando o chapéo entre as mãos.

Bemdita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle; o córte d'aquelle *t*, os *ll*... « Volto, afinal... » Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze annos lhe fallam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vissem-n'a agora! Mana Ninduca sorria: nem se lembrava mais do moleque. Si alguem houvesse, que fosse passando pela rua, que surpresa não haveria de ter quando visse que ella abria as janellas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze annos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fóra, cantarolando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

— Tá intrégue?

O amo que fosse ficaria para alli, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente « Volto, afinal... » E aquelle « afinal » dizia bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim... Mana Minduca deixava-se levar á toa. Chegou a pensar que aquillo já se ia demorando muito. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe; quasi parou, até... Corou muito. Que tinha?

Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz; os olhos della achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces, bemaventurados olhos! Não unicamente os della; os de ambos. Os delle então, foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os viu. Attenta bem no modo por que ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá vae outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, aquelles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. « Anda mais depressa... » — recommendaram. Era o pae. Ella disse que sim : — « Sim, senhor » E voltou a cabeça para o lado do lampião. D'ahí por diante andou ainda mais devagar.

— Tá intrégue?

— Ah! Diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouviu? A's 6 horas. Passe pela porta que eu estou na janella. Que venha cedo, ouviu?

O moleque batia longe. Deitára a correr pela rua de Riachuelo acima. Em pouco já se não o avistava. Mana Minduca ficou á janella; os olhos vagavam-lhe ao longe. Si elle não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revel-o bem. Que figura teria elle agora? Ha doze annos era magrinho, com um pequeno buço, mas em doze annos a gente muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio. E elle volta de lá — bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso. E' muito tempo, mas ha tanta contrariedade, annos perdidos, molestias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram

de lá sem diploma. Um visinho, para amostra — o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo, e veiu com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, á entrada da casa, n'um quadro, assim.

CAMPOS LUSTOSA
Advogado.

Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, n'uma chapa escura, com lettras pintadas a ouro. Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca! « O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casamento...

Pensamentos de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-n'o agora á mão. Vejam com que delicia ella lhe repete o nome, e como o espirito se lhe não affasta das participações de casamento. Dr. Campos Lustosa... « O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros... » Ahi a difficuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Francisco Vianna de Barros; Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E eil-a que sonha já com os seus cartões de visita — lilaz, doirado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minusculo — « Carminda Vianna de Barros Lustosa. »

Volta, afinal! Doida era ella que se não preparava para recebel-o. E Mana Minduca correu para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Tres vezes sahiu prompta. O espelho, porém, gritava-lhe que já se não

sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabellos, soltou-os, trançou-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veiu para a janella.

Veiu para a janella. Santa de que ella é devota, poupae-lhe a dor de ficar alli eternamente a esperal-o... Fóra, ia cahindo a noite. Mana Minduca debruçou-se quasi toda para as trévas; interrogava o fim da rua, longe. Ninguem; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atraz delle iam ficando accesos os lampiões de gaz... O frio augmentava sempre; frio de Junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguiu alguem, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janella. O homem apoiára-se a um lampião; alguem, perto, dizia-lhe qualquer cousa. Agora eil-o que mettia a mão no bolso, tirou um objecto, deu-o. O outro desappareceu, a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem approximou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe o rosto antipathico. Mana Minduca teve vontade de sahir da janella. Antes sahisse! Mas ficou.

O homem approximava-se. Quem quer que fosse com certeza que andava á procura de alguem. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Invalidos. Depois, veiu, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o quer que era. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adiante, e voltou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou

o chapéo. Que diabo quereria elle? O homem murmurava alguma cousa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvil-o.

— O Sr. Vianna de Barros?

E' papae; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! E agora o rosto delle tomava uma expressão de piedade :

— E... E uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto :

— E uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! E' a senhora?

E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota, dizei-lhe que esse que ahi está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéo :

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrimas envelhecem a gente. Nessa que ahi ficou á janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Perfido tempo! A elle a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze annos. Vejam como o Lustosa lá vae, a toda pressa, á procura do bond. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não sabe quem elle é, não comprehende nada. Espera sempre, como na véspera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce com ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

Pereira da Silva

D. PEDRO I DE PORTUGAL E D. IGNEZ DE CASTRO

Uma das figuras mais curiosas, menos conhecidas geralmente, mais cantadas pelos poetas e romancistas, e mais resplendentes de legendas, é, de certo, D. Pedro I de Portugal, appellidado por si mesmo de justiceiro e pela historia de crú. Glorificado em versos variados, herôe de tragedias, protogonista de poemas, symbolo de briosas paixões nos romances, lastimado como amante infeliz quer em numerosas elegias, quer em escriptos encantadores, não conserva todavia na historia logar distincto, senão pelos seus feitos atrozes, excentricidades originaes e singulares extravagancias. Conhecido e admirado pela luz radiante que projecta sobre elle a sombra pathetica e mimosa de D. Ignez de Castro, tem até hoje triumphado a legenda sobre a historia, e vencido a poesia contra a realidade. Commemoram-se seus amores, lembram-se seus suspiros na Quinta das Lagrimas, junta-se o assassinato barbaro de uma dama innocente, e descreve-se a vingança cruel do amante que lhe sobrevivêra;

não bastam estas circumstancias para realçarem-lhe a nomeada, e ornarem-lhe a memoria louros sempre viçosos e brilhantes?

Pertence Pedro I á primeira raça de reis portuguezes, á burgonhesa. Dous principes francezes transferiram-se da patria para Hespanha, em busca de guerras e fortuna. A um d'elles confiára o rei de Leão um condado a governar, destacado do de Galliza, e serrado entre o rio Minho e o rio Mondego, consorciando-o com uma filha natural. Posto que subdito é o burguinhão ambicioso; trama desde o principio rebelliões, e o que é mais, augmento de territorio sobre a Galliza, porque lhe parece muito estreito e mesquinho o que lhe fôra doado. Quando viuva, não lhe cede a mulher em audacia e elevadas pretenções; chama-se já Rainha, luta e guerreia com animo verdadeiramente varonil. Herda-lhe o filho os instinctos ambiciosos, augmenta os estados para o Sul, já que encontra no Norte resistencias invenciveis; dirige se para o rio Tejo, rouba aos Mouros Lisboa, Cintra, Santarém; passa adiante, apodéra-se de Almada e Palmella; ganha nomeada na escaramuça ou algara mais que batalha de Ourique, e crescido em forças proclama-se rei, independente de Leão e de Castella, e apenas subdito do Papa.

E' D. Pedro I o setimo successor de Affonso Henriques, fundador da monarchia portugueza. Não ha ainda uma nacionalidade formada segundo a expressão genuina da palavra. Constituira-se, porém, a independencia de facto e de direito. O rei é o primeiro dos fidalgos, considerado chefe de todos; o povo nada. A nacionalidade portugueza começa propriamente com D. João I, porque o povo tomou parte então na eleição do seu rei, e o rei tornou-se seu representante, não mais sómente o proprieario da terra e dos servos.

Pela primeira vez pesou a influencia do povo, ao celebrarem-se as côrtes de Coimbra em 1385. Declararam pela voz de João das Regras que não queriam rei estrangeiro, que não queriam principe que houvesse empunhado armas contra a patria.

A espada de Nunes Alvares sanccionou esta doutrina, na batalha famosa da Aljubarrota.

Pedro I não se parece com nenhum dos seus antepassados; nem deixou semelhantes em nenhum dos successores. Nasceu em 1320. Succedeu no throno a seu pai D. Affonso IV, em 1357.

De natureza extravagante, de caracter excentrico, de costumes e de instinctos violentos, de modos brutaes, e de tendencias a allucinações e loucuras, é como o deve pintar a verdadeira historia. Que importa que da reminiscencia dos seus amores infelizes, e da sua vingança estrondosa, derivasse a predilecção que lhe consagram todos os poetas, desde Garcia de Rezende, Ferreira e Camões; bem como a credulidade inconsciente de chronistas e historiadores, desde Nunes de Lyão, Brandões, Faria Souza, e Lacledes?

Custa, todavia, muito a quem estuda, indaga, perscruta e aprofunda as chronicas, os livros e os monumentos, apanhar ao vivo os traços d'esse vulto semi-historico e semi-legendario. Por emquanto apparece-nos um só guia para trazer-nos um pouco de luz, que rasgue as nuvens amontoadas em torno da realidade, e esclareça a escuridão dos tempos.

E' o chronista poeta Fernão Lopes, o creador elegantissimo da prosa portugueza, o primeiro guarda-mór da Torre do Tombo, fundada no seculo XV por D. Duarte.

Desentrancemos essa meada de realidades e ficções; photographemos esse mytho, conforme D. Pedro parece haver sido, e façamos apreciar, por sua physionomia

e qualidades proprias, uma entidade excentrica e contraria quasi á natureza humana.

Filho de Affonso IV, que fôra guerreiro e homem de juizo notavel, passou D. Pedro sua primeira edade em correrias por valles e montes, em caçadas permanentes, ora atraz de alcatéas de lobos, ora em procura de javalis bravios. Quando descansava d'esses exercicios violentos, atirava-se a amores perdidos e extraviados com mulheres de todas as classes e costumes.

Casado com Constança de Castella, não provára fidelidade nem estima á consorte, bem que d'ella houvesse um filho, D. Fernando, que por sua morte lhe succedeu no throno.

No correr de suas voluveis e inconstantes paixões succedeu-lhe o que acontece sempre a outros seductores.

Captivou-o por fim uma dama da côrte, chamada D. Ignez de Castro, que o enfeitiçou de modo que não teve mais olhares nem mais pensamentos que a ella se não dirigissem.

Fallecida a princeza Constança, ou por effeitos de padecimentos naturaes, ou ralada de ciumes e desgostos, como alguns escriptores conjecturam, entregou-se Pedro I exclusivamente a seus amores com Ignez de Castro, e quatro filhos nasceram das relações illicitas que travaram.

D. Affonso IV resolveu casal-o de novo com princeza de linhagem, que accrescentasse o lustre de uma stirpe régia e lhe grangeasse allianças poderosas. De toda a importancia eram, durante a edade média, as ligas oriundas dos consorcios das dynastias; os soberanos decidiam todas as questões a capricho e segundo seus interesses particulares ou o dos parentes; não passavam os povos derebanhos de carneiros, que se cediam ou

trocavam conforme as conveniencias dos monarchas.

Resistiu D. Pedro á vontade paterna, e ameaçava a todo o instante consorciar-se com Ignez de Castro. Providenciava com geito o velho rei para que não cumprisse D. Pedro o intento que apregoava, fazendo-o acompanhar, espiar e dissuadir da desobediencia projectada por meio de amigos. Lembraram ao rei alguns conselheiros a conveniencia de matar-se Ignez, afim de arredar de uma vez o obstaculo que separava o filho do pai, e de harmonisar no pensamento politico o monarcha e o seu herdeiro.

Ou cedesse-lhes D. Affonso aos conselhos, ou deixasse-os livres para commetterem o que julgassem mais acertado e util ao estado, certo é que tres fidalgos e favoritos poderosos, Pedro Coelho, Alvaro Gonçalves e Lopes Pacheco, resolveram o assassinato de Ignez de Castro. Aproveitando-se de achar-se o principe ausente de Coimbra, onde ordinariamente residia, e occupado em caçadas, penetraram na casa e nos aposentos de Ignez de Castro e barbaramente a trucidaram.

Ao ferir os ouvidos de D. Pedro tão magoadora noticia, revoltou-se contra o pai, levantou o estandarte da rebellião, concentrou vassallos, peões e cavalleiros, iniciou a guerra civil e a ferro e fogo assollou parte da provincia do Minho apoderando-se de villas e povoações, e ameaçando atacar o rei na propria capital de Lisboa.

Estremeceu D. Affonso que amigo era do filho e estremoso pelo bem do povo: tratou de apasiguar D. Pedro empregando meios conciliatorios; incumbiu a emissarios de o procurarem, e chamarem a seus deveres de principe e de cidadão; mandou sahir de Portugal os fidalgos suspeitos de haverem praticado o lastimoso crime, contra o qual D. Pedro com razão se revoltára

Conseguiu por fim com geito e custo que o principe volvesse á devida obediencia.

Regressando á côrte pareceu D. Pedro socegado: mostrava se filho submisso, bem que recusasse casar-se pela segunda vez, como D. Affonso o desejava. Dir-se-ia mesmo que recomeçava suas correrias amorosas, e seus antigos habitos e costumes. De uma burgueza gallega, chamada Thereza Lourenço, teve ainda um filho que se baptisou com o nome de João e a quem elle, quando rei, dotou com o mestrado de Aviz.

Ao fallecer Affonso IV, em 1357, subiu ao throno D. Pedro, como legitimo herdeiro. Affeiçoara-lhe as sympathias do povo a catastrophe de Ignez de Castro: a consciencia das massas plebéas indignara-se contra attentado tão hediondo, tanto mais quanto fôra praticado por fidalgos de linhagem. Posto que tributassem e guardassem respeito e veneração á memoria de Affonso IV, pela sua bravura guerreira e suas qualidades preciosas de monarcha, rodeiaram os subditos de prestigio o novo rei, que cingiu a corôa.

Cresceu a estima do publico por D. Pedro ao vel-o desenterrar o cadaver de Ignez de Castro do sepulchro que o recolhera no claustro de Santa Clara, e depositalo em jazigo honroso na egreja de Alcobaça. Não agrada, não sorri, não penhora corações um acto de amor dedicado e fino, uma saudade primorosa, uma peregrina gratidão? Pelo instincto e pela conscienca dirigem-se as multidões, e parte então de seus peitos um sentimento sincero e digno que echôa e perdura.

Desembaraçado D. Pedro da vigilancia e caricias paternas, entendeu que era chegado o tempo de patentear-se como a natureza o constituira em caracter, opiniões e sentimentos.

Desenham-no os poetas e fabricantes de legendas

como mancebo gentil, lindo de rosto, brilhante de olhos negros, agradavel no trato, ornado de coração terno, apaixonado e mavioso. Heróe adaptado para galan em dramas, amante dedicado em romances, seductor e ao mesmo tempo victima de amores em cantatas e elegias.

Já, porém, o dissemos: diversamente e muito diversamente o descrevem as chronicas veridicas e particularmente o historiador Fernão Lopes.

E' pela singeleza, lealdade e independencia com que escreve, escriptor digno de todo o conceito; não pertence á classe dos lisongeiros, que só deparam elogios ao tratarem de reis e principes, ao fallarem de personagens poderosos. Obeso era D. Pedro de corpo, tristonho de semblante, de olhar quasi vesgo quando delle se não apoderava a colera, a que era por natureza sujeito.

Ao irritar-se, tornava-se gago, inclinava-se a furias e desesperos repentinos. Onde estão pois as flôres perfumadas que a poesia derrama por sobre a pessoa de Dom Pedro para a tornar interessante e attrahente?

Fôra seu predilecto divertimento e occupação quasi exclusiva, quando principe, a caça por montes e por valles, por penedos e por bosques, por descampados e precipicios. Nada modificou neste ponto quando rei. Entregava-se ao mesmo exercicio sempre que sahia de seus paços, onde vivia na solidão e nas trevas, separado de cortezãos e afastado da companhia de amigos.

Encontral-o nos seus sombrios aposentos, ou quando partia ou voltava de suas correrias de caçador, seguido pelos criados com falcões e nebris, e acompanhado pelas matilhas de cães, seus predilectos: dir-se hia que era um animal bravio e raivoso.

Foi seu primeiro cuidado de rei haver ás mãos os as-

sassinos de Ignez de Castro, refugiados em Castella. Dominava alli outro Pedro, ainda peior que elle; tyranno sanguinario, assassino e capaz de todas as perversidades: chamava-se o cruel, e acabou ao punhal do irmão bastardo, Henrique de Transtamara. Os dous Pedros entenderam-se perfeitamente. Os inimigos do Portugez asylados em Hespanha foram presos e mandados entregar a Pedro de Portugal; e a Pedro de Castella alguns Castelhanos, que se consideravam salvos em Portugal. Podia cada um delles, assim protegendo-se e satisfazendo-se mutuamente, exercer á vontade suas vinganças. Pacheco conseguira, todavia, evadir-se para o Aragão, presentindo logo não estar seguro em Castella, e escapou assim e unico á sorte desventurada de seus doûs companheiros, Gonçalves e Coelho.

Que prazer satanico o de D. Pedro ao vêr diante de si manietados e carregados de ferros dous dos implicados no assassinato da infeliz amante? Brutalmente os castigou com um azourrague e com suas proprias mãos; retalhou-lhes o rosto com golpes certeiros; cuspiu-lhes desapiedadamente nas faces ensanguentadas; dirigiu-lhes palavras deshonestas e injurias atrozes, e depois mandou lhes arrancar, ainda vivos, os corações que, gaguejando e espumando de colera, dizir querer tragar com vinagre e cebola. Mortos que foram, ordenou que os corpos se atirassem em campo aberto para pasto de abutres, visto que não eram merecedores de sepultura aberta na *terra*.

Vingança propria dessa época ignorante e barbara, denominada edade média, que os poetas folgam de pintar com feitos de cavalheirismo heroico, scenas deslumbrantes de torneios, justas do valor e dos brios, ingenuidades misturadas com crimes, instinctos da ferocidade e attentados hediondos!

Assomou desde então ao animo de D. Pedro uma só paixão, mania, allucinação, loucura: ser juiz inexoravel; como rei e senhor dos povos, avocar a seu conhecimento a decisão final de todos os processos, agarrar os réos, castigal-os, sendo possivel, elle proprio, insinuar rigores aos seus magistrados, e pelo terror obrigar os subditos a procederem com respeito, resignação e obediencia absoluta aos edictos determinados pelo soberano.

Publicou novas leis, minuciando crimes e augmentando penalidades. O de infidelidade conjugal subiu a proporções de lesa-magestade e o de relação illegitima sujeitou-se egualmente á pena de morte. A simonia do clero, as devassidões e violencias da nobreza, não mereceram menor castigo. Nivellou todas as classes da sociedade, abolindo privilegios de tribunaes para profissões distinctas. Nobreza ou clero, peão ou categoria média, dependeram de sua sentença, subindo á sua deliberação todos os processos crimes que se instauravam. Não se explica seu odio contra a nobreza e o clero, porque áquella pertenciam os assassinos de Ignez, e a este por não ter encontrado quando principe nenhum sacerdote que se prestasse a celebrar-lhe o casamento secreto com a desditosa amante, como por vezes pretendêra e que a vigilancia do pai não consentiu jámais cumprir-se?

Desde que foi rei, entrajou-se D. Pedro de roupas grosseiras, pendurou aos hombros o sceptro e á cintura um azorrague com fios de aço e couro: aquelle, na sua opinião significava o poder e este, a justiça.

Logo que ao iniciar seu governo soube que fôra condemnado a um anno de suspensão de ordens um sacerdote, que matára a um lavrador, insinuou ao parente, que se lhe queixara, que tirasse a vida ao clerigo

assassino. Condemnado foi á morte pelos juizes o matador do clerigo; e como era carpinteiro de profissão, commutou-lhe D. Pedro a sentença em suspensão tambem do officio por um anno. Não fôra essa a pena do clerigo? Casou-o depois com a viuva do lavrador, e dotou-os com rendas sufficientes. Não lhe agradando, em consequencia deste facto, que fóra da sua alçada criminal se conservassem privilegiadamente os padres e frades, avocou a si tambem o julgamento dos assumptos ecclesiasticos, como o fizera relativamente aos civis e aos dos fidalgos.

Applicou a muitos padres a pena de morte, e quando se lhe lembrava o juizo pontificio como unico competente, respondia que eram remettidos para diante de Deus, que afinal os julgaria. Mandou cortar a cabeça a um escudeiro de familia nobre, sobrinho do alcaide-mór de Lisboa, por ter depennado as barbas de um porteiro, e a varios fidalgos, por haverem roubado a um judêo. Grandes e pequenos, ninguem se salvava de sua justiça arbitraria, instinctiva, muitas vezes errada e caprichosa, mais por ignorancia sem duvida do que por vontade, porque desejava deveras acertar. Contam-se bastantes decisões que lhe honram a memoria, bem assim muitas que provam apenas barbaria e ferocidade.

Resolveu tambem que os clerigos se curvassem como os leigos ao serviço militar, abolidas suas insenções anteriores; que os nobres não pudessem apropriar-se dos bens dos populares; que nem um rescripto, bulla ou lettras do Papa Romano se publicassem e executassem no reino antes de obterem o *placet* régio.

Alegrava-se quando, ou em viagem, ou em seus paços, lhe apresentavam qualquer accusado : estivesse á mesa ou em orações religiosas, suspendia tudo, levantava-se para julgar os delinquentes.

Ouvida a accusação, e interrogados os réos por elle proprio, ditava a sentença para ser executada; antes porém que se cumprisse, desatava da cinta o azorrague, e mortificava contente as victimas, depois de lhes tirar as vestes afim de effectivamente empregar no corpo e nas carnes vivas os fios cortadores do chicote. Ao passo que as castigava, apostrophava e injuriava-as desapiedadamente. A' gagueira, que lhe vinha então, juntavam-se olhares terriveis, um rosto rubro de colera, a bocca mergulhada em espumas, produzindo um espectaculo de horror.

Ao chegar-lhe aos ouvidos que o Bispo do Porto reagira contra um de seus edictos, de que ordenara a não execução, partiu incontinente para a cidade do Douro, penetrou com seus guardas no palacio episcopal, mandou despir o Bispo e elle proprio o surrou com o seu azorrague, deixando-o ensanguentado e prostrado em terra. Abandonou-o n'essa triste situação, prevenindo-o de que, a perseverar em seus designios, seria o rei obrigado a cortar-lhe a cabeça,

Voltou para Lisboa satisfeito de haver provado que castigava tanto aos grandes e poderosos como a pequenos e humildes. Constituia-se assim pessoalmente juiz e algoz, e coadjuvava até ao carrasco na execução das penas.

Vertigem, allucinação, loucura, era certamente effeito de exagerada idéa que o dominou de justiçar com inhexoravel zelo.

E essas mesmas extravagancias, exdruxilidades e tenebrosos instinctos, affeiçoavam-lhe a admiração, as sympathias e a dedicação do seu povo. Sua morte, que teve logar em 1366, prantearam-na as multidões da plebe unisonas, lastimosas, banhadas em lagrimas sinceras, e exclamando : — « Outro rei como este tão bom não ha de ter Portugal. »

E' que D Pedro por muitos feitos extraordinarios encantava e seduzia seus subditos. Castigava nobres e clero, que andavam até alli ás soltas e impunes; guardava nas arcas o dinheiro, em vez de despendel-o com a sua pessoa e côrte, e na occasião de fomes e pestes gastava-o em soccorrer a miseria do povo.

Sempre que de fóra da cidade voltava para Lisboa, recebiam-no os vassallos em multidão, tocando bozinas e charamelas, cantando modinhas encomiasticas, bailando com frenesins de alegria.

Misturava-se com elles o rei, cantava, dansava e divertia-se tambem na folia.

Verdadeiro democrata, satisfazia assim o gosto da plebe e deixava de parte toda a etiqueta cortezã.

Se dava El-Rei festas, não se cumpriam ellas nos seus paços, mas em publico, nas ruas e praças da cidade, para gozo de todos.

Levantavam-se então tendas repletas de montanhas de pão e de grandes tinas cheias de vinho; assavam-se em fogueiras e em espetos colossaes, bois e carneiros inteiros.

Dava-se de comer e de beber á Lisboa inteira e gratuitamente, e a plebe exaltava, inebriava-se nesses ágapes e munificencia do seu rei predilecto.

Quantas vezes, de noite, todavia, assaltado D. Pedro de insomnias, que as tinha frequentes, chamava os criados e archeiros, mandava accender numerosissimos archotes, ordenava que os musicos e cantores de sua casa se aprestassem, e sahia para a rua com esse cortejo, a deshoras, estando tudo ainda submergido no silencio das trevas!

Os rumores causados pelas vozes, pelo som das trombetas e charamelas, pelo bater dos pés dos dansarinos, accordavam os habitantes que corriam ás janellas e

sahiam das casas, juntando-se á procissão, e, de repente, rei, povo, mulheres, homens, rusticos, nobres, tudo rodopiava em dansas extravagantes e em canticos clamorosos, percorrendo as praças até amanhecer o dia!

Desentranhai a legenda da historia. Como esta se mostra assim secca, grave, severa, entretanto que é aquella revestida de formosos enfeites, commovente nos episodios, inebriante de sonhos agradaveis e dourados! A imagem de Ignez de Castro paira como a figura de um anjo, adejando-lhe em torno, e perfumando-o de enfeitiçados amores. Bella, virtuosa, meiga, encantadora, nota-se Ignez; e como não realçar o principe a amante querida, tornando-o paladino estremecido e namorado seductor?

Que importa que Pedro se não houvesse casado com Ignez! O poeta enthusiasmado proclama-a rainha e corôa-a no throno depois de morta, exprimindo hymno mavioso e estremecedor, que penetra o intimo dos corações e grava em todos elles uma reminiscencia immorredoura e um culto de amor. Pedro e Ignez substituem por este feitio uma crença falsa á verdade historica, que desapparece diante de douradas phantasias.

Quanto és arrebatadora, ó Musa da poesia! Quanto, porém, com teus vôos e raptos enfeitiçados, illudes e enganas!

Barão do Rio Branco

QUESTÃO DO ACRE

EXPOSIÇÃO DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES AO PRESIDENTE DA REPUBLICA

« Sr. Presidente da Republica. — Tenho a honra de pôr nas mãos de V. Ex. uma cópia authentica do Tratado de permuta de territorios e outras compensações, firmado em Petropolis, aos 17 de Novembro ultimo, pelos Plenipotenciarios do Brazil e da Bolivia.

As primeiras tentativas de negociação para um accordo directo forão feitas por mim, pouco depois de assumir a direcção do Ministerio das Relações Exteriores, no dia 3 de Dezembro do anno passado. Autorisado por V. Ex., própuz então a compra do territorio do Acre. Essa proposta foi logo rejeitada. Depois, procurei negociar sobre a base de uma permuta desigual de territorios a que outras compensações serviriam de complemento. A marcha das expedições militares da Bolivia contra os nossos compatriotas do Acre interrompeu a negociação.

Decidida a occupação militar, pelo Brazil, do territorio que só então foi officialmente declarado em litigio,

ao Norte do parallelo de 10° 20', teve começo a negociação do accôrdo preliminar relativo ao *modus vivendi* no Acre. Essa negociação terminou em 21 de Março. Em virtude do accôrdo então assignado em La Paz, — e que negociei, pelo telegrapho, secundado pelo Sr. Eduardo Lisboa, nosso digno representante na Bolivia, — as tropas brazileiras ficaram occupando o territorio em litigio e foi autorisado o Governador militar brazileiro a mandar destacamentos ao Sul do citado parallelo, em territorio reconhecidamente boliviano, e dentro de limites convencionados, para o fim especial de evitar conflictos entre os Acreanos armados e as tropas bolivianas durante o prazo da suspensão de hostilidades implicitamente ajustada, devendo continuar a exercer a sua autoridade ao Sul do dito parallelo o Governador acclamado pelos Acreanos. A nossa intervenção não visava roprimir a insurreição, mas sim proteger os nossos compatriotas e manter o *statu quo* emquanto se tratava da discussão do assumpto principal, que era um accôrdo capaz de remover para sempre as difficuldades com que os dous paizes lutavão desde 1899.

No 1° de Julho, o Sr. Dr. D. Fernando Guachalla, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Bolivia em missão especial, fez entrega da sua credencial a V. Ex. Como consta dos seus plenos poderes e dos do Sr. D. Claudio Pinilla, então Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario aqui acreditado em missão permanente, foram encarregados esses dous illustres diplomatas de negociar comnosco sobre a base de uma permuta equitativa de territorios ou, não sendo isso possivel, sobre a do arbitramento para a interpretação do art. 2 do Tratado de 1867. A idéa de uma compensação em dinheiro, sobre que continuei a insistir, foi novamente rejeitada, em Março, pelo Governo boli-

viano. Só em Agosto, segundo parece, foram alargadas as instrucções dos Plenipotenciarios bolivianos.

Desejando eu o valioso auxilio das luzes, competencia e patriotismo dos Srs. Senador Ruy Barbosa e Assis Brazil, V. Ex., por decretos de 17 de Julho, os associou a mim, como Plenipotenciarios, para que, conjuntamente, tratassemos com os representantes da Bolivia.

Em 22 de Julho combinámos os tres na proposta a apresentar aos nossos concorrentes bolivianos, e no dia seguinte lhes foi ella entregue por mim, em Petropolis. Pediamos á Bolivia os territorios que, pelo presente tratado, ficam por ella reconhecidos como brazileiros, e lhe offereciamos em troca :

1°. O pequeno territorio triangular entre o Madeira e o Abunan, cuja área, calculada apressadamente então, suppunhamos ser de 3.500 kilometros quadrados ;

2°. Um encravamento de dous hectares, á margem direita do Madeira, junto a Santo Antonio, para que ahi estabelecesse um posto aduaneiro ;

3°. Uma indemnização de um milhão de libras esterlinas ;

4°. A construcção, em territorio brazileiro, desde a primeira cachoeira do rio Mamoré, que é a de Guajarámirim, até a de Santo Antonio, no rio Madeira, de uma ferro-via, concedendo nós á Bolivia as facilidades declaradas no Tratado que se concluiu no Rio de Janeiro em 15 de Maio de 1882 e não entrou em vigor.

A offerta dos dous hectares em Santo Antonio tinha por fim facilitar a nossa resistencia á cessão das duas margens do Madeira acima de Santo Antonio. Em Outubro conseguimos retirar, embora com difficuldade, essa offerta, fazendo valer as outras compensações posteriormente offerecidas ou concedidas, e demonstrando

que uma alfandega assim destacada e isolada nenhuma utilidade pratica teria para a Bolivia.

Antes de 22 de Julho, manifestei aos meus collegas Plenipotenciarios do Brazil a opinião de que, para se poder chegar a um accôrdo directo, seria necessario fazer á Bolivia alguma ou algumas concessões no Baixo Paraguay brazileiro, de modo a realizar o pensamento do Governo Imperial em 1867, que foi o de lhe dar por esse lado portos que servissem ao seu commercio com o exterior. Informei-os da materia de um protocollo firmado em 1896 com esse mesmo pensamento. Convinha, entretanto, não ir desde a proposta inícial ao extremo das concessões que poderiamos razoavelmente fazer, e por isso reservámos para mais tarde a offerta ou a acceitação do pedido que nesse sentido nos fosse feito.

A proposta, acima resumida, foi logo no dia seguinte, 24 de Julho, declarada innaceitavel pelos Plenipotenciarios bolivianos. Em 13 de Agosto recebi a contra proposta por elles formulada. Nella indicavam uma modificação de fronteiras, de que resultaria o seguinte:

1°. Ao Sul da linha obliqua Javary-Beni, ficaria pertencendo ao Brazil apenas uma terça parte do territorio que pediamos, isto é, o que se estende a Oeste do rio Iquiry, tendo por limites, ao Sul, o parallelo que passa pela boca do Xapury, affluente da margem esquerda do Acre, depois o curso do mesmo Xapury, e, a Oeste, a linha de 70° de longitude occidental do meridiano de Greenwich.

2°. Passariam a pertencer á Bolivia:

No Norte (Amazonas e Mato-Grosso):

a) As duas margens do Madeira acima, ou ao Sul, da boca do Jamary, comprehendendo duas zonas limitadas, a Oeste, por uma linha recta traçada desde o parallelo da boca desse affluente até a confluencia do Rapirran e

do Iquiry, e, a Léste, por outra recta tirada da boca do mesmo Jamary á confluencia do Mamoré;

No sul (Mato-Grosso) os territorios situados:

b) A Oeste de uma linha traçada desde o chamado « Marco do fundo da Bahia Negra » até o desaguadouro da lagôa de Caceres:

c) A Oeste do rio Paraguay, o qual ficaria servindo de limite, desde esse desaguadouro até a confluencia do Jaurú:

d) A Oeste do Jaurú e ao Sul do seu affluente Bagres; ao Sul e a Oeste do Alto Guaporé até o lugar em que recebe, pela margem esquerda, o rio Verde, passando assim para a Bolivia, todos os terrenos banhados pelo Aguapehy, affluente do Jaurú, e pelo Alegre e Verde, tributarios do Guaporé.

Pediam mais os Ministros bolivianos que, reconhecida a utilidade reciproca da ferro-via Madeira-Mamoré, e sendo os territorios que o seu paiz se dispunha a transferir incontestavelmente mais ricos e rendosos do que os que pedia ao Brazil, nos obrigassemos a construir, — em territorio que passaria a ser boliviano, — desde Santo Antonio, no Madeira, até Guajará-mirim, no Mamoré, aquelle caminho de ferro, e o entregassemos em plena propriedade á Bolivia.

Essa contra proposta não podia deixar de ser, como foi, declinada por mim, sem hesitação alguma e antes de qualquer consulta aos meus collegas.

Começámos, entretanto, o Sr. Assis Brazil e eu, a trocar idéas com os Plenipotenciarios bolivianos, em repetidas conversações particulares, que se passavam em Petropolis, e a estudar o meio de encontrar terreno sobre que nos pudessemos approximar e entender, antes de abrir conferencias formaes em que tomaria parte o Sr. Ruy Barbosa, a quem não podiamos razoa-

velmente pedir que se distrahisse dos seus trabalhos no Senado para participar de tão largas e enfadonhas tentativas. Tinha eu, porém, o cuidado de o informar de tudo quanto de substancial se ia passando e de lhe pedir sempre o seu parecer.

Havendo os Plenipotenciarios bolivianos insistido, primeiro, para que cedessemos uma faixa de cinco leguas ao longo da margem direita do Madeira, desde o Mamoré até Santo Antonio, depois, uma faixa da mesma largura, sobre a margem esquerda, pedi, nas duas circumstancias, reunião do Ministerio em Conselho, para saber se taes proposições, a primeira das quaes dispensaria qualquer indemnização pecuniaria, deviam ou não ser aceitas em caso extremo, isto é, se da sua rejeição resultasse o rompimento das negociações para um accôrdo directo. Quando se tratou do exame do segundo pedido, — tendo sido já então elevada por mim a dous milhões de libras a indemnização offerecida, e estando tambem em questão uma proposta modificação na fronteira de Mato-Grosso, desde a Bahia Negra até a nascente do arroio Conceição, modificação de que resultaria a transferencia á Bolivia de 2.300 kilometros quadrados, pela maior parte de alagadiços, — o Sr. Senador Ruy Barbosa solicitou, em carta de 17 de Outubro, a sua exoneraçam e insistiu por ella, acreditando, sem duvida porque me expliquei mal, que os Plenipotenciarios bolivianos estavam irreductiveis, caso em que elle preferia o arbitramento. Desde aquella data separou-se de nós o eminente Brazileiro, com grande sentimento de V. Ex., meu e do Sr. Assis Brazil, que assim nos vimos privados do precioso concurso e dos leaes conselhos que até então nos havia dado.

Proseguimos negociando, o Sr. Assis Brazil e eu, e a nós dous tão sómente cabe a responsabilidade do accôr-

do a que se chegou com os representantes da Bolivia.

Parece-me conveniente dar desde já uma explicação. No tratado não foram expressamente declarados quaes os territorios permutados, mas simplesmente descriptas com a possivel minuciosidade e clareza as novas linhas de fronteira. Procedendo assim, conformámo-nos com a pratica geralmente seguida na redacção de accôrdos desta natureza. As mutuaes cessões, explicadas adiante nesta Exposição, só podem ser bem verificadas pela attenta leitura do art. 1, no que diz respeito ás pequenas modificações na nossa fronteira de Mato-Grosso (§§ 1 a 4), em presença de uma cópia do mappa organisado pela Commissão Mixta Brazileira-Boliviana de 1875, e, no tocante á região amazonica (§§ 5 a 7), á vista de outro representando a parte comprehendida entre 6 1/2 e 12 gráos de latitude Sul e 62 e 74 de longitude Oeste do meridiano de Greenwich. Do primeiro desses mappas foi feita uma reducção e o segundo foi organisado, após exame cuidadoso dos melhores documentos, pelo Sr. Contra-Almirante Guillobel.

No § 7 do mesmo art 1 estão figuradas varias hypotheses quanto ao curso principal do Alto Acre. Nisso concordámos com o unico fim de satisfazer os Plenipotenciarios bolivianos. Tinhamos nós, os do Brazil, pedido para fronteira, desde a confluencia do Igarapé Bahia para Oeste, o alveo do rio Acre até a sua origem principal, e, em seguida, o parallelo dessa nascente até o ponto de encontro com o territorio peruano. Receiaram os Plenipotenciarios da Bolivia que, na demarcação, a Commissão Mixta pudesse verificar ser o verdadeiro Acre Superior algum dos rios tidos agora por affluentes meridionaes (o igarapé Verde ou o rio Pragas), o que levaria muito para o Sul a nova linha divisoria que de-

sejavamos situar nas visinhanças do parallelo 11. Condescendendo com o desejo dos Plenipotenciarios bolivianos, figurámos essas hypotheses, mas estamos convencidos, nós os do Brazil, de que o limite ha de ser o curso superior do Aquiry ou Acre, que segue ora ao Sul, ora ao Norte do parallelo 11, como se vê do levantamento feito por W. Chandless em 1865, publicado, com as suas « Notas » explicativas, no *Journal of the Royal Geographical Society*, de Londres, Tomo XXXVI, de 1867.

O chamado territorio de Acre, ou mais propriamente Aquiry, principal causa e objecto do presente accôrdo, é, como toda a immensa região regada pelos affluentes meridionaes do Amazonas a Léste do Javary, uma dependencia geographica do Brazil. Só pelas vias fluviaes do systema amazonico se póde ter facil accesso a esses territorios, e, assim foram elles, de longa data, descobertos e exclusivamente povoados e valorisados por compatriotas nossos. Ao Sul da linha geodesica traçada da confluencia do Beni com o Mamoré á nascente do Javary, contam-se hoje por mais de 60,000 os Brazileiros que trabalham nas margens e nas florestas visinhas do Alto Purús e seus tributarios, entre os quaes o Acre, o Hyuaco ou Yaco, o Chandless e o Manoel Urbano, e nas do Alto Juruá, inclusive os seus affluentes mais meridionaes, Moa, Juruá-mirim, Amonea, Tejo e Breu.

No territorio do Alto Acre, ao Sul de Caquetá, ha cerca de 20,000 habitantes de nacionalidade brazileira, occupados principalmente na industria extractiva da gomma elastica. Tal é o computo, conforme com o de outros conhecedores daquellas paragens, que encontro em relatorio official recente de um funccionario boliviano, que alli residiu em commissão do seu Governo.

Quando em 1867 negociamos com a Bolivia o primeiro Tratado de limites, não estavão ainda povoadas as bacias do Alto Purús e do Alto Juruá, mas tinhamos incontestavel direito a ellas em toda a sua extensão. O Tratado Preliminar de 1777 entre as Corôas de Portugal e Hespanha ficara rôto desde a guerra de 1801, pois não fôra restabelecido por occasião da paz de Badajoz. Não havia, portanto, direito convencional e, occupando nós effectivamente, como occupavamos desde principios de XVIII seculo, a margem direita do Solimões, de mais a mais, dominando nas do curso inferior desses seus affluentes, tinhamos um titulo que abrangia as origens de todos elles, uma vez que nenhum outro visinho nos podia oppôr o da occupação effectiva do curso superior. E' o mesmo titulo que deriva da occupação de uma costa maritima e se applica ás bacias dos rios que nella desaguam, como sustentaram Monroe e Pinckney em 1805 e foi depois ensinado por Twiss, Phillimore e quasi todos os modernos mestres do direito internacional.

No Madeira não se dava o mesmo. Possuiamos todo o seu curso inferior, a margem oriental de uma pequena secção do Mamoré e a oriental do Guaporé até o seu confluente Paragahú, e policiavamos a direita deste; mas, os Bolivianos occupavam effectivamente o rio de La Paz, affluente do Beni, que é o Alto Madeira.

Para a determinação dos limites, no Tratado de 1867, adoptou-se a base do *uti possidetis*, a mesma sobre que foram assentados todos os nossos ajustes similares com as Republicas visinhas, e, em vez de procurar fronteiras naturaes ou artifiniaes, seguindo a linha do *divortium aquarium* que nos deixaria integros todos os affluentes do Solimões, entendeu-se, com vantagem para a Bolivia, que o direito resultante da posse ou das zonas de influencia dos dous povos podia razoavelmense ficar demarcado

pelo parallelo da confluencia do Beni e Mamoré, isto é, pelo de 10°20′ desde esse ponto, a Léste, até o Javary, a Oéste, cuja nascente se suppunha estar em latitude mais meridional. Por isso o art. 2.°, no seu penultimo paragrapho, estabeleceu a fronteira por essa linha parallela ao Equador, e no seguinte empregou a expressão « linha Léste-oéste ».

Como, porém, o ultimo paragrapho, figurando a hypothese de se achar a nascente do Javary « ao Norte daquella linha Léste-oéste », diz que, nesse caso, « seguirá a fronteira, desde a mesma latitude, por uma recta, a buscar a origem principal do dito Javary », sem, entretanto, precisar o ponto inicial da segunda linha na referida latitude de 10°20′, adoptou-se officialmente desde Dezembro de 1867 a opinião de que a fronteira devia ir por uma obliqua ao Equador da confluencia do Beni até a nascente do Javary, de sorte que a linha do *uti possidetis*, que, pelo Tratado era Léste-oeste, passou a ser deslocada, com prejuizo nosso, dependendo a sua exacta determinação do descobrimento de um ponto incognito, como era então a nascente do Javary. Tenho lido que durante as negociações em La Paz, nos primeiros mezes de 1867, o nosso Plenipotenciario, Lopes Netto, apresentára mappas desenhados sob a direcção de Duarte da Ponte Ribeiro, nos quaes já figurava a linha obliqua, mas disso não achei vestigio algum na correspondencia official. Desses mappas, o mais antigo, que me foi mostrado e em que encontrei a linha obliqua, tem a data de 1873.

No *Atlas do Imperio do Brazil*, de Candido Mendes de Almeida, publicado em 1868, tendo o autor pleno conhecimento do Tratado de 1867, de que se occupa na introducção, a fronteira vem traçada pela linha Léste-oeste do parallelo de 10°20′. Em summa, e é o que importa

saber, o Governo brazileiro desde fins de 1867 adoptou a opinião que mais favorecia á Bolivia.

Por esse tempo, e não tendo sido completada a demarcação de limites, começárão Brazileiros a ir penetrando pelo Alto Purús, Alto Juruá e seus affluentes. Em 1899, quando pela primeira vez o Governo boliviano quiz firmar a sua soberania no Acre, a população brazileira, que de boa fé alli se fixara, era tão numerosa como hoje. Começárão então as revoltas desses Brazileiros contra a dominação boliviana, e aqui no interior agitações periodicas, motivadas pelos acontecimentos do Acre.

Ao inaugurar o seu Governo em 15 de Novembro do anno passado, V. Ex. encontrou bastante estremecidas as nossas relações de amizade com a Bolivia e em situação summamente grave e complicada as questões relativas ao territorio do Acre.

Toda a vasta região acima mencionada, ao Sul de uma linha geodesica traçada da nascente principal do Javary á confluencia do Beni com o Mamoré, estava reconhecida como boliviana por numerosos actos e declarações dos Governos que entre nós se succederão desde 1867, isto é, durante o regimen imperial e após a proclamação da Republica. Um syndicato anglo-ameriricano, com a denominação de *Bolivian Syndicate*, armado de direitos quasi soberanos, que lhe havião sido conferidos pelo Governo da Bolivia para a administração' defesa e utilisação do Acre, trabalhava, — felizmente sem successo, — por interessar algumas Potencias commerciaes da Europa e os Estados Unidos da America nessa empreza, primeira tentativa de introducção no nosso continente do systema africano e asiatico das *Chartered Companies*.

O illustre predecessor de V. Ex., baldados todos os seus esforços para obter a rescisão desse contrato ou,

pelo menos, a modificação, com que afinal se contentava, de certas clausulas em que via inconvenientes e perigos para o Brazil e para a propria Bolivia, havia entrado no caminho das represalias, obtendo do Congresso, a cujo exame estava submettido, a retirada do Tratado de commercio e navegação entre os dous paizes e suspendendo, nos nossos rios, a liberdade de transito para a exportatação e importação da Bolivia. No Acre, a população, exclusivamente brazileira, se tinha de novo levantado, desde Agosto, proclamando a sua indepenpencia da Bolivia, com o intuito de pedir depois a annexação ao Brazil do territorio ao Norte do rio Orton. Com excepção de Porto Acre, onde as forças bolivianas puderão resistir até fins de Janeiro deste anno, todos os outros pontos estavão dominados pelos insurgentes brazileiros. No Amazonas, os representantes do *Bolivian Syndicate* dispunhão-se para subir o Purús, e effectivamente emprehendião pouco depois essa viagem, na esperança de poder chegar a Porto Acre. Na Bolivia preparavão-se expedições militares para levantar o assedio dessa praça, submetter os Acreanos e dar posse ao syndicato. Entre nós, homens eminentes, no Congresso, na imprensa e em sociedades scientificas, combatião desde 1900 a intelligencia officialmente dada ao Tratado de 1867, e sustentavão que a fronteira estipulada não era a linha obliqua ao Equador, mas sim a do parallelo de 10°20'. A opinião, fortemente abalada, pedia que o territorio comprehendido entre as duas linhas e a fronteira com o Perú fosse reivindicado pelos meios diplomaticos ou pelos mais energicos de que pudesse dispôr o Governo.

Varios e difficeis forão os problemas que deparei ao tomar a direcção deste Ministerio, originados da situação que acabo de expôr succintamente.

O primeiro desses problemas provinha da suppressão do livre transito commercial entre a Bolivia e o estrangeiro pelas nossas vias fluviaes. Contra isso reclamárão a França, a Allemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos da America e a Suissa.

Outra difficuldade podia resultar do facto de haver o Brazil effectivamente impedido o desempenho das obrigações do Syndicato anglo-americano, que eventualmente nos poderia responsabilisar por perdas e damnos.

O sentimento publico entre nós era outro elemento, que não podia deixar de ser tomado em consideração. Desde a minha chegada da Europa, observei que se manifestava unanime a sympathia nacional pelos nossos compatriotas que se batião no Acre. A previsão se impunha de que aquelle sentimento havia de avolumar-se tanto, e tomar tal fórma que seria impossivel a um Governo de opinião como o nosso assistir indifferente ao sacrificio que fazião esses Brazileiros para conseguir um dia viver á sombra da nossa bandeira. Como combinar o desempenho do nosso dever para com esses compatriotas na afflicção, com o firme desejo de não praticar actos de hostilidade contra o Governo amigo que os combatia?

Finalmente a necessidade se accentuava clara e imperiosa, de uma solução radical que evitasse definitivamente, no interesse do Brazil e da propria Bolivia, situações dessa natureza. Tal fim só poderia ser alcançado ficando brazileiro, não sómente o pequeno trecho do Acre comprehendido entre a linha obliqua e o parallelo de 10°20′, mas ainda o Acre meridional, com o Xapury, e toda a vasta região do Oeste, igualmente povoada por Brazileiros.

Esses quatro pontos, — o da suspensão do commercio fluvial com a Bolivia, o do syndicato internacional, o dos Brazileiros do Acre e o da soberania no territorio

por elles occupado, — achão-se resolvidos. As communicações puramente commerciaes forão logo restabelecidas. Do syndicato estrangeiro obtivemos declaração legal de absoluta desistencia de todo e qualquer direito ou possivel reclamação contra quem quer que seja, mediante indemnização pecuniaria incomparavelmente menor que a minima despeza a que nos obrigaria, e á Bolivia, uma séria complicação internacional. Declarámos litigioso parte do territorio do Acre, do Alto Purús e do Alto Juruá, adoptando a intelligencia mais conforme com a letra e o espirito do Tratado de 1867 e o criterio mais seguido entre nós, embora não tivesse sido então o deste Ministerio. Obtivemos amigavelmente da Bolivia a aceitação de um *modus vivendi* que nos permittio occupar militar e administrativamente o territorio em litigio e intervir como mediadores no que lhe fica ao Sul, para evitar encontros de armas durante as negociações. Por ultimo, eliminados todos os preliminares embaraçosos, procedêmos a tratar amigavel e lealmente com a Bolivia, tendo, depois de maduro exame das circumstancias, chegado a este pacto que assegura grandes vantagens immediatas e futuras para ambos os paizes.

Pelo presente Tratado o Brazil incorpora ao seu patrimonio um territorio mais extenso que o de qualquer dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Espirito Santo, Rio de Janeiro e Santa Catharina, territorio que produz renda annual superior á de mais de metade dos vinte Estados na nossa União. Não forão, porém, vantagens materiaes de qualquer ordem o movel que nos inspirou. Desde muito se conhecião as riquezas do Acre que erão os nossos compatriotas os unicos a explorar; entretanto, o Governo persistio sempre em considerar boliviano aquelle

territorio e dar á Bolivia as possiveis facilidades para o utilizar. Foi preciso que a propria segurança deste continente fosse ameaçada pela tentativa de introducção do systema perturbador das *Chartered Companies*, e que nos convencessemos da impossibilidade de conservar as boas relações, que tanto prezamos, com a nação boliviana, emquanto existisse sob a sua soberania um territorio exclusivamente habitado por Brazileiros que lhe erão hostis, para que se produzisse a nossa acção em busca dos resultadosagora obtidos.

E, de facto, as maiores vantagens da acquisição territorial que resultão deste tratado não são as materiaes. As de ordem moral e politica são infinitamente superiores. Entre estas basta apontar a que se traduz na melhora substancial que experimentão as condições do nosso imperio sobre o systema fluvial amazonico exactamente no ponto em que o direito dos ribeirinhos podia tornar-se-nos molesto. Não podendo administrar normalmente a região agora cedida, a que já tinha dado officialmente o nome significativo de *Territorio de Colonias*, a Bolivia tinha fatalmente de recorrer a expedientes incommodos para nós com o fim de supprir as condições essenciaes de dominio que lhe faltavão. São exemplos recentes o decreto que abrio o rio Acre á navegação do mundo e os contratos de arrendamento creando entidades semi-soberanas. Supprimida a causa, não ha mais que temer o effeito.

Do territorio adquirido, uma parte, a que jaz ao Sul da latitude de 10°20′, — e que, se bem apresente menor superficie que a outra, é a que contém o maior curso e as mais ricas florestas do Acre superior, nunca foi, nem podia ser por nós contestada á Bolivia. A sua área, calculada pelo Sr. Contra-Almirante Guillobel diante dos melhores elementos cartographicos á nossa disposição,

não deve ser inferior a 48.108 kilometros quadrados.

A parte do territorio que demora ao norte de 10°20', cuja área pelos mesmos dados se avalia em cêrca de 142.900 kilometros quadrados, foi, como ficou dito, por nós recentemente declarada litigiosa e reclamada como nossa. Desappareceu por isso o seu valor para a Bolivia? Não, certamente. Assim tambem, por mais que o Brazil estivesse convencido do seu bom direito, não podia desconhecer a possibilidade de ser a pendencia resolvida em favor de outro litigante. Conseguir que este desistisse do litigio e nos cedesse os seus titulos, era uma vantagem de grande consideração que não podia ser pretendida a titulo gratuito. Desapparece assim a contradicção apparente de proclamarmos o nosso direito a uma parte do territorio e adquiri-lo em seguida mediante retribuição. Havia mais no caso presente : a declaração do litigio pela nossa parte — correspondendo aliás á estricta verdade, porque de facto a opinião nacional estava persuadida do nosso direito ao territorio — a declaração do litigio, digo, respondia ao intuito diplomatico de regularisar a nossa occupação, condição indispensavel para a manutenção da paz e para o estabelecimento das negociações em vista de um accordo direito, a que afinal chegámos, com proveito para as duas nações.

O que, pelas estipulações deste tratado, o Brazil dá, para obter da Bolivia, a cessão de uma parte do seu territorio e a desistencia do seu allegado direito sobre a outra parte, póde sem duvida ser considerado como uma compensação summamente vantajosa, e de facto o é; mas isso não obsta que as nossas vantagens sejão igualmente grandes. As combinações, em que nenhuma das partes interessadas perde, e, mais ainda, aquellas em que todas ganhão, serão sempre as melhores.

Em troca de 142.900 kilometros quadrados de terra,

que lhe disputavamos, e de 48.100 de terra que era reconhecidamente sua, — isto é, em troca de 191.000 kilometros quadrados, — damos á Bolivia, entre os rios Madeira e Abunan (ainda segundo os calculos acima referidos), uma área de 2.296 kilometros quadrados, que não é habitada por Brazileiros e que o é por Bolivianos. Se o titulo em nome do qual lhe pediamos a cessão das bacias do Acre e dos rios que ficão ao oéste deste era o de serem esses territorios habitados e cultivados por concidadãos nossos, como poderiamos honestamente negar á Bolivia extensão muito menor, habitada e utilisada por seus nacionaes? Demais, era necessario salvar o principio : não se tratava precisamente de cessão, mas de permuta de territorios. E cumpre observar que este tratado não veio innovar cousa alguma : a permuta de territorios já estava prevista e autorisada no art. 5 do Tratado de 27 de Março de 1867.

A permuta, entretanto, seria injustamente desigual, e não poderia ser aceita pela Bolivia, se consistisse em ficar reconhecida a nossa soberania sobre 191,000 kilometros quadrados de terras em plena e valiosa producção e darmos apenas 2.296 de terreno por emquanto quasi improductivo. Forão, por isso, naturalmente, pedidas pelos nossos concorrentes bolivianos outras compensações territoriaes bastante consideraveis, e que conseguimos reduzir elevando a indemnisação pecuniaria primitivamente offerecida, a qual não teria sido necessaria, como ficou dito, se houvessemos annuido á cessão da margem direita do Madeira desde e confluencia do Mamoré até a do Jamary.

Do Tratado resultão as seguintes concessões á Bolivia, além da que acima ficou indicada :

723 kilometros quadrados sobre a margem direita do

rio Paraguay, dentro dos terrenos alagados conhecidos por Bahia Negra;

116 kilometros quadrados sobre a lagôa de Caceres, comprehendendo uma nesga de terra firme (49,6 kilometros quadrados) que permitte o estabelecimento de um ancoradouro mais favoravel ao commercio que o que fôra cedido á Bolivia em 1867;

20,3 kilometros quadrados, nas mesmas condições, sobre a lagôa Mandioré;

8,2 kilometros quadrados sobre a margem meridional da lagôa Gahiba.

A construcção de uma estrada de ferro, em territorio brazileiro, ligando Santo Antonio, no Madeira, a Villa Bella, na confluencia do Beni e Mamoré;

Liberdade de transito por essa estrada e pelos rios até o Oceano, com as correspondentes facilidades aduaneiras, o que já lhe era facultado por anteriores tratados;

Finalmente, o pagamento de dous milhões de libras esterlinas em duas prestações.

As concessões destinadas a facilitar o accesso da Bolivia ao rio Paraguay são apenas um pequeno desenvolvimento do Tratado de 1867. Por esse pacto foi recuada para Léste a fronteira que mantinhamos na chamada Serra dos Limites, e isso se fez para dar á Bolivia a propriedade de metade da Bahia Negra e das lagôas de Caceres, Mandioré, Gahiba e Uberaba, afim de que se tornasse ribeirinha do Paraguay, como aconselhavão Tavares Bastos, Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente), A. Pereira Pinto e outros illustres Brazileiros. A intenção do Governo Imperial foi dar assim á Bolivia cinco portas nessa lagôas en communicação com o rio Parapuay. A sua parte na Bahia Negra, os Bolivianos a pergêrão de facto em 1888, por ter sido então occupada

pelos Paraguayos. Na lagôa de Caceres a Bolivia não achou ponto algum em que pudesse estabelecer um porto. O mesmo lhe aconteceu nas lagôas Mandioré e Uberaba. Sómente na Gahiba ficou reconhecido, em exploração recente do Capitão Bolland, alli mandado pelo General Pando, que ha agua sufficiente, facilidade de entrada e saida para pequenas embarcações e possibilidade de construir, na margem occidental, um porto já projectado.

Informado de que o pensamento de 1867, do Governo Imperial, não se pudera realizar, o Governo da Republica procurou em 1896 remediar a isso, comprehendendo tambem a vantagem de attrahir para Mato-Grosso o transito commercial da região sudeste da Bolivia. Assim é que, a 13 de Março desse anno, lavrou-se nesta cidade do Rio de Janeiro um protocollo firmado pelos Srs Cárlos de Carvalho, Ministro das Relações Exteriores, e Frederico Diaz de Medina, Ministro da Bolavia, concedendo a essa Republica, em servidão e a titulo gratuito, para que pudesse estabelecer uma Alfandega, o lugar de Tamarindeiro e uma faixa de terra sobre a margem meridional da lagôa de Caceres, entre Puerto Suarez e Corrumbá. O mesmo Tamarindeiro e a faixa de terra que ahi transferimos agora á Bolivia constituem a mais substancial compensação que o presente Tratado lhe dá pelo lado do Paraguay.

A construcção da estrada de ferro Madeira e Mamoré é outra grande vantagem que offerecemos á nação visinha, com a feliz circumstancia de ser ainda maior proveito para nós. E' execução de promessa feita á Bolivia no art. 9° do Tratado de 1867 e renovada socemnemente no de 15 de Março de 1882, cujo unico objecto foi esse, sem que pedissemos por isso qualquer lompensação territorial. Aconselhárão a sua construcção

e instárão por ella, no tempo do Imperio, muitos dos nossos mais abalisados e previdentes estadistas, como forão Tavares Bastos e o Marquez de S. Vicente, já citados, o Barão de Cotegipe, o Visconde do Rio Branco e outros. As condições em que nos obrigamos agora a construi-la não são apertadas.

O prazo para a conclusão das obras foi virtualmente deixado á boa fé do Brazil, que, estou certo, se empenhará, pòr isso mesmo, em cumprir o promettido, mas que não assume responsabilidade material alguma para o caso de força maior.

A Republica Argentina e a do Chile, inspiradas em sabias preoccupações economicas, estão construindo e vão construir em territorio boliviano caminhos de ferro destinados a canalizar para o seu littoral o commercio dessa nação visinha. Entretanto, nem o Chile, nem a Argentina tèm contracto com a Bolivia por terras tão ricas como as do Beni e Madre de Dios, cuja communicação com a Europa e a America do Norte só se póde realizar facilmente pelo Madeira e pelo Amazonas. Ficariamos privados dos grandes lucros que nos proporciona nossa maior proximidade dos portos europêos e americanos, se não entrassemos em nobre competencia, procurando beneficiar tambem do commercio de transito boliviano.

A estrada Madeira e Mamoré vai trazer incontestavel proveito aos Estados de Mato-Grosso, Amazonas e Pará. Em troca de alguma agua, de alagadiços e de duas e meia leguas de terra firme, que lhe são inteiramente inuteis e de que se priva em bem de altos interesses de toda a Nação Brazileira, vai Mato-Grosso ter uma importante via ferrea de commercio com o Amazonas e os paizes do Norte.

Por ultimo, e por não haver equivalencia nas áreas

dos territorios permutados, o Brazil dá á Bolivia uma compensação pecuniaria de dous milhões esterlinos, destinados á construcção de estradas e outros melhoramentos que, indirectamente, nos serão vantajosos, pois virão augmentar o trafego do nosso caminho de ferro do Madeira. Além de ser o emprego dessa quantia remunerador em si proprio, ha ainda a observar que, segundo os dados conhecidos relativamente á renda do territorio annexado, essa renda garante de sobra o sacrificio do nosso Thesouro, e promette mesmo em breve tempo amortizar totalmente o desembolso.

O territorio que pelo presente Tratado é attribuido ao Brazil e o que passa á Bolivia entre o Abunan e o Madeira, são tambem reclamados pelo Perú. Sabedor desse facto, o Governo Brazileiro mais de uma vez manifestou ao do Perú que os seus possiveis direitos serião sempre resalvados, fosse qual fosse o resultado das negociações com a Bolivia. E' isso o que está confirmado no art. 8º do tratado. As pretenções do Perú vão, entretanto, muito além do que geralmente se pensa; vão até o ponto de considerar peruana uma parte do Estado do Amazonas muito mais vasta que o territorio que foi causa principal do presente tratado. Para o Perú, tanto quanto o sabemos por documentos cartographicos recentes, de origem official, a sua divisa com o Brazil, desde pouco abaixo da cabeceira principal do Javary deve ser o parallelo desse ponto até encontrar a margem esquerda do Madeira. A área comprehendida entre a mesma linha, o Madeira, e a obliqua, Javary-Beni fórma um triangulo muito maior que o chamado triangulo litigioso do Acre, pois abrange nada menos de 251.330 kilometros quadrados de territorio que entre nos sempre foi julgado fóra de questão. Assim é que o litigio de

fronteiras que temos com o Perú não nasce do Tratado que acabamos de concluir com a Bolivia.

Não é aqui occasião de dizer circumstanciadamente por que, mas, com o devido respeito pela opinião contraria, a confiança no nosso direito é tal, que nenhum receio devemos ter por esse lado.

Tal é, Sr. Presidente, o meu modo de pensar relativamente ao tratado, cuja copia venho submetter a V. Ex para os devidos effeitos. Elle representa para mim, além das vatagens já apontadas, a solução que me pareceu melhor para as difficuldades que vim encontrar ao tomar posse do cargo que V. Ex. me confiou.

Duas são as outras soluções que têm sido mais ou menos propostas em publico :

1) Servirmo-nos dos Brazileiros do Acre, esperando que elles conquistassem definitivamente a sua independencia para depois pedirem a annexação ao Brazil do Estado que assim fundassem e que receberiamos na nossa União sem dar compensação alguma á Bolivia; ou

2) Recorrer desde logo ao arbitramento para a interpretação da parte final do art. 2º do Tratado de 1867, defendendo nós perante o arbitro a linha do parallelo 10º 20'.

A primeira indicação, visando de facto uma conquista disfarçada, nos levaria a ter procedimento em contraste com a lealde que o Governo Brazileiro nunca deixou de guardar no seu trato com os das outras naçõs. Entrariamos em aventura perigosa, sem precedentes na nossa historia diplomatica, e que, por ser de mui demorado desdobramento, nos traria sem duvida complicações e sorprezas desagradaveis, sendo por isso mesmo de esdenlace incerto. E a conquista disfarçada que, violando

a Constituição da Republica, iriamos assim tentar, se estenderia, não só sobre o territorio a que nos julgavamos com direito. mas tambem sobre o que lhe fica ao sul, incontestavelmente boliviano em virtude do Tratado de 1867, e onde já dominavão os Acreanos em armas. Porque, — é preciso não esquecer, — o problema do Acre só se podia ou póde resolver ficando brazileiros todos os territorios occupados pelos nossos nacionaes. Accrescentarei, que nada nos permitte affirmar que os Acreanos serião forçosamente vencedores. No caso possivel de não levarem a melhor, o seu heroico sacrificio havia de ferir e mover o sentimento nacional, com risco de nos arrastar a uma guerra ingloria. Esta infeliz contingencia seria tambem possivel no caso de serem os Acreanos victoriosos e de aceitarmos a sua proposta de annexação.

O recurso ao arbitramento teria o inconveniente de retardar de quatro ou cinco annos, se não mais, a desejada solução e de, menos no caso de nos ser favoravel o laudo do Juiz, não trazer decisão alguma radical e definitiva, porquanto elle não supprimiria ou resolveria as difficuldades com que os dous paizes lutavão desde 1899. Iriamos ao arbitramento abandonando e sacrificando os milhares de Brazileiros que de boa fé se estabelecêrão ao sul do parallelo de 10° 20'. O arbitro só nos poderia attribuir o territorio que haviamos declarado em litigio ao norte desse parallelo e é ao sul que está a maior parte do Acre, sendo tambem ahi muito mais numerosos os estalelecimentos de Brazileiros. Durante o processo arbitral continuarião esses nossos compatriotas em conspirações e revoltas contra a autoridade boliviana. Persistiria, portanto, entre nósa a gitação politica em torno da questão do Acre, e na Bolivia, talvez, a tentação de algum novo arrendamento para, com recursos do estran-

geiro, subjugar uma população que lhe era decididamente infensa. E, dada a volubilidade da opinião em alguns dos nossos meios politicos e a influencia que occasionalmente poderião ter na da maioria real ou apparento da nação, era impossivel prever a que decisões nos poderia levar, em momentos de exaltação patriotica, o espectaculo da constante revolta desses Brazileiros ou da sua final submissão pelo quasi exterminio.

Por outro lado, era muito provavel que, mais do que as boas razões que pudessemos allegar, pesasse no animo do arbitro a tradição constante de trinta e cinco annos, durante os quaes o Governo Brazileiro não sómente considerou ser incontestavelmente da Bolivia o territorio entre a linha obliqua Javary-Beni e o citado parallelo, mas chegou até a praticar actos positivos de reconhecimento da soberania boliviana, antes de ultimada a demarcação, concordando na fundação de uma Alfandega em Porto Alonso, depois Porto Acre, e estabelecendo alli um consulado brazileiro. De mim digo que, tratando-se de tão altos interesses do presente e do futuro desta nação, não ousaria aconselhar o arbitramento senão no caso da inteira impossibilidade de um accordo directo satisfactorio, e fóra do terreno do Tratado de 1867, com garantias muito especiaes e de difficil aceitação pela outra parte.

O accôrdo directo era na verdade o expediente preferivel, o mais rapido e o unico efficaz, podendo assegurar vantagens immediatas, tanto para o Brazil, como para a Bolivia. A elle recorremos e, depois de paciente labor, conseguimos realiza-lo de modo satisfactorio e honroso para os dous paizes, não só resolvendo radicalmente todas as questões de actualidada, mas abrangendo em uma concepção generica o conjunto das nossas relações de caracter perpetuo com a Bolivia.

Por felicidade, nem foi preciso innovar o direito existente entre os dous paizes para alcançar tal resultado. O presente accôrdo é, no que tem de essencial, simples desdobramento e applicação estipulações das do de 1867, como acima indiquei. Não ha propriamente cessão, mas permuta de territorios de ambos os paizes reciprocamente habitados por cidadãos do outro paiz, precisamente como estatue o pacto de 1867, no seu art. 5°, já citado. Mas, ainda quando se pudesse chamar « cessão de territorio » o facto de darmos cerca de 2.200 kilometros quadrados para receber 191.000, não se poderia dizer que semelhante acto fosse indecoroso em si e muito menos que não estivesse autorisado pela tradição dos povos livres mais pundonorosos do mundo, como os Estados Unidos da America e a Suissa, e pelos precedentes juridicos e costumeiros da nossa patria. A Constituição do Imperio admittia, no art. 102, § 8, a cessão territorial, fazendo-a depender da sancção da Assembléa Geral Legislativa. E o principio foi não só admittido, mas praticado por vezes.

No caso do presente Tratado, entretanto, nós não perdemos, nós ganhamos territorio. Mais ainda : effectuamos a nossa primeira acquisição territorial, desde que somos nação independente.

As decisões dos dous pleitos em que me coube a honra de defender os interesses do Brazil, não accrescentárão, apenas mantiverão o patrimonio nacional dentro de limites prestigiados por affirmações seculares do nosso direito. Verdadeira expansão territorial só ha agora e com a feliz circumstancia de que, para a effectuar, não espoliamos uma nação vizinha e amiga, antes a libertamos de um onus, offerecendo-lhe compensações materiaes e politicas, que desdeá se revelão como verdadeira equivalencia e que o futuro se encarregará de

traduzir em outros tantos laços de solidariedade internacional.

Com sinceridade afianço a V. Ex. que para mim vale mais esta obra em que tive a fortuna de collaborar sob o Governo de V. Ex., e graças ao apoio decidido com que me honrou, do que as duas outras, julgadas com tanta bondade pelos nossos concidadãos e que pude levar a termo em condições sem duvida muito mais favoraveis.

Entretanto, o tratado não está feito e acabado antes da sancção do Congresso Nacional. Aqui pára o trabalho dos plenipotenciarios de V. Ex., e começa a responsabilidade dos representantes da Nação. »

UM FOLHETIM (1)

CAPITAL FEDERAL. — SAUDE E FRATERNIDADE. — VÓS. RECOMMENDO-VOS. — ASSIGNATURA. — CIDADÃO. — ROCHA TARPEIA

Entre as publicações ineditoriaes no *Jornal do Commercio*, de 25 de Dezembro, encontrámos um artigo em que o illustrado Sr. Miguel Lemos, Director do Apostolado Positivista no Brazil, censurou incidentemente o novo Ministro das Relações Exteriores por haver restabelecido na correspondencia official da sua Repartição o estylo e certos usos, que haviam sido modificados em 1893 por um dos seus predecessores, o então Ministro Dr. João Felippe Pereira, positivista praticante. A *Tribuna*, dias antes, tinha feito tambem, de passagem, alguns reparos sobre o assumpto, em uma das suas secções humoristicas.

(1) Artigo geralmente attribuido ao Barão do Rio Branco. Appareceu com a assignatura *Nemo.*

Examinemos rapidamente essas censuras e outras criticas que têm chegado ao nosso conhecimento.

Extranharam, o Sr. Miguel Lemos e a *Tribuna*, que os actos do Ministerio das Relações Exteriores sejam agora datados do *Rio de Janeiro* e não da *Capital Federal*.

A razão é obvia.

Empregando-se o nome geographico *Rio de Janeiro*, todo o mundo sabe que se trata da Capital Federal do Brazil; usando-se da periphrase *Capital Federal*, não se póde saber, ao certo, se o documento foi firmado no Rio de Janeiro ou se em Berna, Berlim, Washington, Mexico, Caracas, Buenos-Aires, Ottawa ou Sydney. Em nenhuma outra Federação occorreu ainda a ninguem substituir o nome particular e distinctivo da cidade por um vago circumloquio, e, felizmente, em nenhum dos Estados da nossa União houve ainda quem se lembrasse de desprezar o nome proprio da cidade séde do Governo para escrever : *Capital Estadoal*.

Uma fórmula que poderia conciliar tudo, mas que teria o grande inconveniente de ser sobremodo extensa e sahir da regra geral, seria esta :

« Na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos... de Janeiro de 1903. »

O Sr. Miguel Lemos, que tanto se arrecêa do chamado sebastianismo, deveria attender a que o emprego de *Capital Federal* tem franco resaibo monarchista, pois não é outra cousa mais do que uma transformação do antigo vezo portuguez e brazileiro de dizer *Côrte* para designar Lisboa e o Rio de Janeiro.

No tempo do Imperio, o actual Ministro das Relações Exteriores nunca deu á cidade do Rio de Janeiro o improprio nome de *Côrte* e agora, procedendo coherentemente,

quer apenas que os documentos expedidos pela sua Repartição tragam o nome proprio da cidade em que são assignados e que se proceda aqui a semelhante respeito como procedem republicanos insuspeitos em todas as outras Capitaes Federaes e Capitaes de Republica.

Cumpre notar que o artigo do Sr. Miguel Lemos em que apparece a censura é datado do *Rio de Janeiro* (« Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, 22 de Bichat de 114 ») e que a *Tribuna* tambem apresenta, com muito acerto e diariamente, no alto da sua primeira pagina, o nome geographico e privativo da séde do nosso Governo e não do inconveniente e extravagante substitutivo : *Capital Federal.*

O Sr. Miguel Lemos viveu muitos annos em Pariz, no bello bairro latino, tambem de mui gratas recordações para o actual Ministro das Relações Exteriores. Sabe, portanto, bellamente que os republicanos daquella terra não datam os seus officios e cartas da *Capitale de la République*, mas sim de Pariz.

No tempo do Imperio, os viajantes que escreviam sobre o Rio de Janeiro mostravam-se admirados do costume local de dar á cidade o nome de *Côrte.* Agora, os modernos, como Carton de Wiar de outros, extranham tambem a denominação de *Capital Federal.* E' verdade que ha entre nós outras excentricidades do mesmo genero, que não causam menos espanto aos extrangeiros, como, por exemplo, a de se chamar « apolice « (bond) o tram-carro, — esquecendo o nome do inventor, Mr. Tram, — e « cartola » o que para os Portuguezes, e tambem para os Brazileiros do tempo antigo, é « chapéo alto » ou « chapéo redondo. » No caso, porém, dos nomes de cidade, a cousa póde ter até inconvenientes imprevistos. Não ha muito tempo, um joven patricio nosso, em Pariz, querendo dirigir uma carta para o Rio de Janeiro, escreveu assim

o endereço : — *Monsieur...* — *Capitale Fédérale.* A carta foi aberta pelo correio francez, para conhecer o nome e endereço do remettente, e devolvida a este, depois de fechada, com a nota : *Adresse insuffisante.*

Restituamos á nossa cidade federal o nome que lhe pertence e unico por que é conhecida no mundo inteiro. Chamemol-a como ella tem o direito de ser chamada : *Rio de Janeiro.* A Federação e a Republica não poderão perigar por isso, nem o Templo da Humanidade soffrer damno de especie alguma.

* * *

A circular de 7 de Julho de 1893, do Sr. Dr. João Felippe Pereira, tornando obrigatoria a formula positivista — *Saude e Fraternidade,* — foi revogada por outra, de 4 de Dezembro ultimo, do actual Ministro das Relações Exteriores.

Os motivos da revogação encontram-se no seguinte respeitoso officio que o Sr. Rio-Branco, então Ministro em missão extrordinaria nos Estados Unidos da America, dirigio ao seu illustre superior :

Missão Especial do Brazil nos Estados Unidos da America. — Nova-York, 20 de Setembro de 1893.

2ª Secção. N. 21 *bis.*

Sr. Ministro.

Tenho a honra de accusar o recebimento do Despacho-Circular de 7 de Julho em que V. Ex. recommenda que todos os officios sejam fechados com as palavras : « *Saude e Fraternidade.* »

Entendendo que a circular se applica aos serviços ordinarios e não ás Missões Especiaes e temporarias como esta, deixo por emquanto, até decisão de V. Ex., de recommendar aos Secretarios que ajuntem essa formula final aos officios daqui expedidos. Se a ordem é

igualmente applicavel a Missões Especiaes, ouso pedir a V. Ex. que, não havendo inconveniente, se digne de me dispensar do emprego de uma formula de saudação que na Republica Franceza, onde teve nascimento, só é empregada hoje pelos discipulos da religião de Augusto Comte, e que só poderei empregar com o protesto, que desde já faço, de que isso não importará da minha parte adhesão de especie alguma á doutrina politica e religiosa d'esse Philosopho.

Se entre nós a antiga formula — Deus guarde a V. Ex. ou V. S. — foi abolida em attenção ás idéas philosophicas de alguns Brazileiros, creio que as crenças religiosas de outros, sem duvida muito mais numerosos, merecem tambem consideração. Isto justificaria a adopção das formulas de cortezia e respeito usadas no estylo official da Republica Franceza, da Confederação Suissa e dos Estados Unidos da America, formulas estas que satisfazem a todas as consciencias.

Peço venia para observar que mesmo no tempo em que a correspondencia official de todas as outras Repartições Publicas no Brazil terminava com o « Deus guarde a V. Ex. ou V. S. » (que, entretanto, nunca foi obrigatorio), o nosso antigo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, creio que desde pouco depois da Independencia, usava como fórmula final ou de saudação as que estavam e estão em uso no estylo de chancellaria ou diplomatico de todos os povos cultos.

Com a adopção da antiga fórmula revolucionaria, não admittida em nenhuma outra Republica, os despachos ou documentos do nosso Ministerio das Relações Exteriores, communicados aos Governos estrangeiros pelos nossos Representantes diplomaticos, ficaram constituindo uma excepção extranhavel, e asseguro a V. Ex. que *mesmo nas tres* Republicas acima citadas a impressão

dahi resultante nos não será favoravel, porque isso induzirá a crer que ainda estamos atravessando uma crise revolucionaria.

Estou convencido de que V. Ex. prefere ao silencio das reservas mentaes a linguagem da franqueza e lealdade e assim não levará a mal as respeitosas observações que faço n'este officio, usando do direito de representação e aguardando a decisão de V. Ex., que receberei com o maior acatamento.

Tenho a honra de reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais respeitosa consideração

(*Asssignado*) RIO-BRANCO.

A S. Ex. o Sr. Dr. João Felippe Pereira, Ministro e Secretario de Estado das Relações Exteriores.

Esse officio não foi respondido e o Sr. Rio-Branco continuou a regular-se pelo antigo formulario até que o seu particular amigo Sr. Dr. Olyntho de Magalhães, em 1899, tornou extensivas ás Missões Especiaes as regras estabelecidas para a correspondencia das Legações e Consulados. A ordem foi immediatamente cumprida pelos dous Ministros que então tinhamos em missão especial no estrangeiro, os Srs. Nabuco e Rio-Branco, mas deixou de ser observada em algumasdas nossas Legações, sem que o Dr. Magalhães, occupado com assumptos mais urgentes, tivesse tido opportunidade para recusar a Excellencia e os protestos de respeitosa consideração que lhe eram enviados, ou para exigir o emprego da fórmula positivista : « Saude e fraternidade. »

Agora, para uniformisar a correspondencia official do Ministerio das Relações Exteriores, foram restabelecidas as praticas anteriores a 1893 por meio das seguintes instrucções :

1ª Secção. Circular, Rio de Janeiro, Ministerio das Relações Exteriores, 4 de Dezembro de 1902.

« Sr... (Ministro ou Consul).

« Sendo conveniente restabelecer na correspondencia desta Repartição e dos serviços que d'ella dependem as formulas de cortezia usadas no estylo de chancellaria de todos os povos cultos, e nomeadamente no de todas as outras Republicas, declaro revogada a circular de 7 de Julho de 1893 e peço a V. S. que de ora em diante remate os officios que dirigir a funccionarios publicos brasileiros e a particulares, dizendo que tem a honra de lhes offerecer ou de lhes reiterar, conforme o caso, os protestos mencionados no apontamento annexo a esta circular.

«Quando forem dadas ou transmittidas ordens e instrucções, não será necessario ordenar ou recommendar sempre a sua execução : bastará, na generalidade dos casos, pedir ao subordinado que as tenha presentes ou que as execute, devendo este entender que o pedido do seu superior hierarchico ou de qualquer autoridade competente é necessariamente uma ordem.

« No fecho das notas e cartas officiaes a autoridades estrangeiras, as Legações e Consulados Brazileiros deverão continuar a empregar as formulas de polidez usadas no estylo official do paiz em que estiverem.

« Tenho a honra de reiterar a V. S. os protestos da minha estima e consideração.

(*Assignado*) RIO-BRANCO.

Como se acaba de vêr, o que o Sr. Ministro das Relações Exteriores fez com a Circular de 4 de Dezembro ultimo foi pôr de novo em vigor, na correspondencia da sua Repartição, as regras de cortezia official abolidas *em 1893 e que* são, resumidamente e com ligeiras va-

riantes, as mesmas que se encontram em um folheto de cincoenta paginas em cuja capa e folha de rosto se lê o seguinte :

« *République française. Protocole du Ministère des Affaires Étrangères. — 1900.* »

E da pagina 11 em diante : — « Protocole du Ministre. »

Os republicanos da Suissa, dos Estados-Unidos da America e da França, sendo mais antigos, devem entender mais de Republica do que os do Brasil. O nosso Ministerio das Relações Exteriores está seguindo agora, em materia de estylo official, os exemplos que nos dão os republicanos dessas e *de todas as outras Republicas.*

O Sr. Rio Branco, portanto, não supprimio fórmulas republicanas, nem obedeceu a pensamento algum politico. O *Salut et Fraternité*, usado em França na época da grande revolução, é desde muito *fórmula religiosa* e *não politica*, de que apenas se servem em França e outros paizes os pouco numerosos observantes da doutrina religiosa de Augusto Comte. Não nos parece que se possa com razão considerar « pequice politica » o emprego de alguns poucos minutos em concertar a reforma de 1893. O que com certeza deve ser considerado « pequice politica » e mesmo rematada *carolice* é o acto dos que então impuzeram ao Ministerio das Relações Exteriores uma fórmula da Religião da Humanidade. Na Republica do Equador o ultramontano Garcia Moreno não foi tão longe, pois nunca se lembrou de decretar para fecho dos officios e notas o *Dominus vobiscum*, que seria a fórmula equivalente e mais aceitavel naquelle paiz de carolas.

Os avisos e communicações das outras Repartições são documentos do nosso serviço interno, correspondencia trocada entre Brasileiros, e que, assim, se passa toda em

familia. Não succede o mesmo aos despachos do Ministerio das Relações Exteriores. Não raro são elles communicados por traducção aos Governos estrangeiros e isso basta para mostrar que em taes documentos nos não devemos afastar dos estylos observados na correspondencia diplomatica de todos os povos civilisados. O « Salut et Fraternité » e o « Hail and Fraternity », nas traducções franceza e ingleza do nosso protesto contra a decisão do tribunal arbitral anglo-venezuelano, causáram bastante sorpreza aos velhos republicanos de Pariz, Berna e Washington e deram motivo a commentarios pouco agradaveis sobre o nosso caloirismo republicano.

No Brazil foi decretada a separação da Igreja e do Estado e não houve lei alguma impondo ás repartições e aos funccionarios publicos manifestações de adhesão á religião da Humanidade.

Sabemos que o Sr. Rio-Branco admira profundamente os talentos, a illustração, a constancia de propagandistas e a pureza de vida dos dous dignos apostolos do positivismo no Brazil. Tem por elles e por todas as religiões o maior respeito, mas não póde esquecer que no Brasil o Estado não tem religião.

O chamado tratamento de — vós — tambem se não póde dizer que seja rigorosamente republicano. Nas outras democracias é admittido, ou de rigor em certos casos, o tratamento de Excellencia. Nas de lingua hespanhola, ha este e o de Vossa Senhoria : nunca o de *vós*. Mesmo no Brasil, o de Excellencia é de estylo corrente nas discussões das camaras legislativas. O pronome da segunda pessoa do plural só é, em regra, empregado na lingua portugueza, na hespanhola e na italiana quando se falla ou escreve a mais de uma pessoa. A' indole

dessas tres linguas repugna o tratamento de *vós*, e póde dizer-se que em Portugal elle só era e é empregado nas Cartas Regias e outros documentos expedidos em nome do Rei ou, excepcionalmente, quando se falla á Magestade ou a alguma pessoa da maior eminencia. Nos paizes de lingua portugueza tratamo-nos todos por « Senhor. » Como, pois, pretender que o « Vossa Senhoria » offenda o sentimento da igualdade?

E' melhor evitar os erros de conjugação tão frequentes entre nós depois que se introduziu o tratamento de *vós*.

Veja-se, por exemplo, o seguinte curioso trecho de officio ha tempos publicado, escripto por um pretenso positivista que em 1889 mereceu a honra de um retrato, com extensa dedicatoria, do illustre Benjamin Constant:

« ... Já *ves*, pois, que quem se enganou e errou *fostes vós* e não *este seu criado*, que *chamei* a attenção dos illustres Ministros... »

Em officios e telegrammas, em vez do *vós*, têm recebido funccionarios brasileiros, ás vezes, o pouco ceremonioso tratamento de *tu*.

* * *

O segundo paragrapho da circular teve por fim, como o primeiro, acabar com a seccura e dureza do estylo official observado desde 1893 e que de dia em dia se foram aggravando. Abolidas todas as formulas de polidez (« Tive a honra de receber »; « Reitero a V. os protestos da minha estima e consideração »; « Queira fazer isto », etc.), a correspondencia entre os funccionarios do serviço exterior e a Secretaria deixava a impressão de que o Governo estava mal com os seus delegados e de que estes tambem não sabiam tratar com a devida deferencia os seus superiores. As ordens eram dadas com o

laconismo e aspereza com que certos sargentos fallam aos seus inferiores :

« Recommendo-vos que encarregueis o 1° Secretario dessa Legação de escrever um relatorio minucioso sobre a viticultura nesse paiz. »

« Saude e Fraternidade. »

A formula final soava como um aspero « Passe bem! »

Não era assim que tratavam os seus subordinados os estadistas que deram renome ao nosso antigo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, dentro os quaes bastará citar os Viscondes do Uruguay, de Abaeté, do Rio-Branco, de Maranguape, de Sinimbú e de Caravellas, o Marquez de Abrantes, o Conselheiro Saraiva, o Barão de Cotegipe, e, depois da Republica, Quintino Bocayuva e Carlos de Carvalho.

Homens como Daniel Webster, Guizot, Gambetta, Metternich, Cavour, Palmerston, Derby, Salisbury não desciam da sua dignidade dizendo aos seus subordinados: « O officio *que me fizestes a honra* de dirigir... » « *Peço-vos* que communiqueis isto... » « Recebei, senhor, os protestos da minha distincta consideração » (formula franceza de cortezia nos despachos dirigidos aos simples Chancelleres de Consulado). Na Inglaterra, o chefe do *Foreign Office*, seja elle embora um Palmerston, termina deste modo os seus despachos officiaes, mesmo quando se dirige a um Vice-Consul : « Tenho a honra de ser, senhor, vosso humilde e obediente servo... »

Entre nós, entenderam alguns jovens Ministros que não ficava bem á sua autoridade respeitar taes usos de chancellaria, posto que observados escrupulosamente por mestres em Republica, como são os Suissos, os Norte-Americanos e os Francezes.

Comprehende-se facilmente que na carreira diplomatica, e tambem na consular, o exercicio da polidez deva

ser de uso constante. Funccionarios habituados á dureza de fórma ou á falta de fórma, maltratados e inhibidos de observar as mais comesinhas regras de cortezia nas relações com os seus superiores, acabariam por ficar uns grandes malcriados, até mesmo no trato com as autoridades estrangeiras.

A Circular de 4 de Dezembro procurou attender á necessidade de evitar esse inconveniente, restaurando praticas que não são só das Monarchias, mas tambem de todas as demais Republicas.

* * *

Outra critica de que tivemos noticia é relativa á assignatura *Rio-Branco*. Essa foi feita por um ex-Ministro em conversa de *bond*, ouvida pelos vizinhos. O joven estadista via nesse modo de assignar uma demonstração de sebastianismo.

Responde-se mui facilmente á critica e á suspeita.

O nosso *Diario official* acaba de publicar uma nota do Conselho Federal Suisso dirigida ao Ministerio das Relações Exteriores desta Republica. Termina assim o documento :

. . . .

« Queira aceitar, Sr. Ministro, os novos protestos da nossa alta consideração.

Em nome do Conselho Federal Suisso :

O Presidente da Confederação

(*Assignado*) Zemp.

O Chanceller da Confederação

(*Assignado*) Ringier. »

Vejamos, ao acaso, outro documento, este da França :

« O Presidente da Republica Franceza, por proposta dos Minitro dos Negocios Estrangeiros, decreta :

17.

. . . .

O Ministro dos Negocios estrangeiros fica encarregado da execução do presente decreto.

Feito em Pariz, aos 16 de Novembro de 1900.

(*Assignado*) E. LOUBET.

Pelo Presidente da Republica,

O Ministro dos Negocios Estrangeiros :

(*Assignado*) DELCASSÉ. »

Poderá o critico pretender que os velhos republicanos suissos Zemp e Ringier, que o radical francez Delcassé devem ficar suspeitos de fingido republicanismo porque assignam um só nome?

E cumpre notar que não são esses os unicos republicanos que assignam em documentos officiaes um só nome. Póde dizer-se que tal é a regra geral na Confederação Suissa e na Republica Franceza (Constans, Waldeck-Rousseau, além de muitos outros), e se nos não falha a memoria, o uso, sem ser tão geral, é frequente nos Estados Unidos da America.

* * *

Notemos tambem de passagem que nas Republicas que nos pódem servir de modelo em materia de costumes democraticos e estylo official (Suissa, Estados Unidos da America e França), ninguem diz ou escreve « cidadão Chefe de Policia, » « cidadão Ministro, » « cidadão Fulano ou Beltrano. » Nos Estados Unidos diz-se : « Mr. President, » « Mr. F. ; » e nunca ; « citizen President, » citizen F. » Na Suissa tambem, embora todos sejam cidadãos, os funccionarios e particulares são tratados por « Sr. F. » e não por cidadão F. » Na Republica Franceza, só aos anarchistas, desordeiros, e politicos desequilibrados se costuma dar em tom de mofa o tratamento de « citoyen » em vez de « Monsieur. « Diz-se

correntemente; « la citoyenne Louise Michel »; mas nenhum homem que se respeite dirá ou escreverá: « le citoyen Waldeck-Rousseau, » « le citoyen Méline. »

No Paraguay de Solano Lopez, sim, quando alli reinava o cepo-uruguayano e outros instrumentos de tortura, além dos fuzilamentos e degolações, é que se dizia sempre : « el ciudadano coronel F. », « el ciudadano juez de paz », etc,

* * *

Depois de dizer que o Sr. Rio-Branco é o « acclamado chefe do intitulado partido da patria », o Sr. Miguel Lemos termina assim :

«... Seja como fôr, o que sinceramente desejamos é que essas reformas iniciaes do actual Ministro do Exterior muito contribuam para que o illustrado Brazileiro nos demonstre praticamente na gestão *politica* da sua pasta, que o capitolio das Missões e do Amapá está muito distante da rocha tarpeia do Acre e de outros insondaveis despenhadeiros que demoram em torno da sua eminente posição no Governo da Republica. »

Não sabemos que haja entre nós um « intitulado partido da patria. » Se existe, terá outro ou outros chefes. Afastado ha vinte e oito annos das nossas questões de politica interna, o Sr. Rio-Branco tem mostrado que não procura nem deseja eminencias politicas. Se ultimamente, pela confiança do novo Presidente da Republica, foi collocado em « posição eminente », outros galgáram essas alturas muito mais depressa e muito mais facilmente do que elle. E' tambem sabido que só aceitou o posto que occupa, depois de longa resistencia, porque, dados os seus habitos de vida tranquilla e retirada e os encargos de familia que tem, a aceitação importava mui grande sacrificio, não só seu, mas tambem de terceiros

que lhe são caros. Acabou, porém, por inclinar-se diante do insistente convite do Presidente eleito, e inclinou-se, lembrando-se sómente do muito que devia e deve á nossa terra.

Póde o Sr. Miguel Lemos estar muito certo de que o novo Ministro das Relações Exteriores não partiu da Europa ignorando a existencia dos despenhadeiros a que se refere. Veiu para o Brasil mui sciente de que no posto de perigo que lhe foi designado, tinha bastante a perder e nada a ganhar. Se, porém, tiver de cahir de algum despenhadeiro, estamos convecidos de que ha de fazer o possivel por cahir só, sem arrastar em sua quéda os interesses do Brazil. Sèja como fôr, as fórmulas agora abolidas do nosso estylo de chancellaria não tiveram a virtude de impedir a horrorosa embrulhada de Acre, em que andamos mettidos, nem a constituição dos rochedos com que é ameaçado o novo Ministro.

Raymundo Corrêa

ANOITECER

Esbrazea o Occidente na agonia
O sol... Aves, em bandos destacados,
Por ceus de oiro e de purpura raiados
Fogem... Fecha-se a palpebra do dia.

Delineam-se, além, da serrania
Os vertices de chamma aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancholia...

Um mundo de vapores no ar fluctua...
Como uma nodoa informe, avulta e cresce
A sombra, á proporção que a luz recua...

A natureza apathica esmaece...
Pouco a pouco, entre as arvores, a lua
Surge, tremula, tremula... Anoitece.

A CHEGADA

Vimos de longe; o guia vae na frente,
É longa a estrada... Aos rispidos estalos
Do impaciente latego, os cavallos
Correm veloz, larga e fogosamente...

Já extranho rubor inflamma o Oriente ;
Rompe a manhã ; cantam ao longe os gallos...
Que ledo campo entre risonhos vallos
Se vê! Que fresca matinal se sente!

Eis de uma ponte rustica a passagem :
Abaixo as aguas refervendo bramam...
Está proximo o termo da viagem,

Eil-a a cidade, emfim; os sinos clamam,
E as casas brancas — que feliz paizagem! —
Pelo pendor da serra se derramam...

A CAVALGADA

A lua banha a solitaria estrada...
Silencio... Mas além, confuso e brando,
O som longinquo vem se approximando
Do galopar de extranha cavalgada :

São fidalgos que voltam da caçada :
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando...
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece....
Da cavalgada o estrepito que augmenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silencio outra vez, soturno, desce...
E limpida, sem macula, alvacenta,
A lua a estrada solitaria banha...

PLENA NUDEZ

Eu amo os gregos typos de esculptura :
Pagans nuas no marmore entalhadas;
Não essas producções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,
Os corpos nus, as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas...

Não quero, a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes formas, entrevel-a
De transparente tunica através ;

Quero vel-a, sem pejos, sem receios,
Os braços nus, o dorso nu, os seios
Nus, toda nua da cabeça aos pés...

ARIA NOCTURNA

Da janella em que, olhando para fóra,
Bebes da noite o incenso a longos tragos,

Claro escorre o luar... Em sonhos vagos
Atraz da sombra espreita rindo a aurora.

Longe, uns dolentes, musicos afagos,
Sentes? Não é o rouxinol que chora
Nas balsas, nem o vento que desflora
A toalha friissima dos lagos...

É elle; e vaga toda a noite, emquanto
O luar macilento e o campo flores
Tressuam molle e perfido quebranto.

Não lhe ouças, filha, o canto merencoreo;
Fecha a janella e foge, que esse canto
Vem da guitarra de D. Juan Tenorio.

SAUDADE

Aqui outrora retumbaram hymnos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças hoje abandanadas
Rodou por entre os ouropeis mais finos..

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropelladas
Legiões de povo, bimbalhar de sinos...

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras e desses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as lageas frias;

E em torno os olhos humidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalem de tantos sonhos!...

O MONGE

« O coração da infancia — eu lhe dizia —
É manso. » E elle me disse : « Essas estradas,
Quando eu, novo Elizeu, as percorria,
As creanças lançavam-me pedradas. »

Fallei-lhe então na gloria e na alegria;
E elle — alvas barbas longas derramadas
No burel negro — o olhar sómente erguia
Ás cerulas regiões illimitadas...

Mas quando eu lhe fallei no amor, um riso
Subito as faces do impassivel monge
Illuminou... Era o vislumbre incerto,

Era a luz de um crepusculo indeciso
Entre os clarões de um sol que já vae longe
E as sombras de uma noite que vem perto.

CONCHITA

Adeus aos philtros da mulher bonita ;
A esse rosto hespanhol, pulchro e moreno,
Ao pé que no *bolero*... ao pé pequeno,
Pé que, aligero e celere, saltita...

Lyra de amor, que o amor não mais excita,
A um silencio de morte eu te condemno;
Despede-te, e um adeus, no ultimo threno,
Soluça ás graças da gentil Conchita!

A esses, que em ondas se levantam, seios
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados
Olhos meridionaes de ardencia cheios;

A esses labios, emfim, de nácar vivos,
Virgens dos labios de outrem, mas corados
Pelos beijos de um sol quente e lascivo.

PEREGRINA

I

Zagaes do monte que um lindo
Rebanho estais a guardar,
— Essa em pós da qual vou indo,
Acaso a vistes passar?

Fonte entre seixos filtrada,
— Não veiu ella aqui beber?
Florinhas que orlais a estrada,
— Não vos veiu ella colher?

E vós, peregrino bando
De andorinhas a emigrar,
— Essa em cujo encalço eu ando,
Não na vistes vós passar?

II

Sem responderem, lá se iam
As andorinhas pelo ar;
E as florinhas não sabiam
Resposta nenhuma dar;

E a agua corrente da fonte
Corria sem responder;
E os pobres zagaes do monte
Nada sabiam dizer.

Mas, no fim da estrada, havia
Uma pedra tumular :
Esta, ai ! sim, responderia,
Caso pudesse fallar.

FABORDÃO

Felizmente p'ra Don' Anna !
Felizmente p'r'o marido !

Na sisudez de Don'Anna
Só o esposo se não fia :
Com ciosa mão tyranna
A imbelle dama opprimia.

Retida em casa, Don'Anna,
Qual num carcere, vivia;
E ahi, cerrada a ventana,
Da rua ninguem na via.

Certo, innocente, Don'Anna,
Taes tratos não merecia.
O esposo... Ella o não engana :
E elle porque desconfia?

D'este a suspeita vesana
No ciume se accendia;
Mas dos olhos de Don'Anna
Ciumes quem não teria?

Felizmente p'ra Don'Anna,
Como tudo cessa um dia,
Elle, alfim, se desengana
E a confiar principia.

Principia elle em Don'Anna
A confiar : principia
A espairecer a leviana
Celimene, á luz do dia...

Em novos ares, Don'Anna
Sólta o vôo á phantasia;
Nos bailes reina e se ufana
Dos chichisbéos que extasia.

Aos seus feitiços Don'Anna,
Como cumplices, allia
O leque com que se abana,
A flôr com que se atavia...

Gyra, doideja Don'Anna
Incauta assim... Todavia,
A maledicencia humana
Por traz da rótula espia...

A maledicencia humana
Observa, espreita, vigia,
Segue os gyros de Don'Anna,
E descobre o que queria.

Qual mariposa, Don'Anna
Cáe na teia, que lhe urdia
A caranguejeira humana,
Com visguenta hypocrisia.

E, a boquejar em Don'Anna,
Ninguem despertar temia
Do Othello a colera insana...
Que horror! se elle o sabe um dia!

Em vez da colera insana,
O contrario... Quem diria?
(Felizmente p'ra Don'Anna!)
O contrario succedia.

Em alta voz, da leviana
Já muito mal se dizia:
Só o esposo de Don'Anna
Era surdo, ou nada ouvia!

Toda a gente, da leviana
Os amores conhecia:
Só o esposo de Don'Anna
Era cego, ou nada via!

Só o esposo de Don'Anna
Nada via, nem ouvia,
Cego e surdo; e bem se engana
Quem pensar que elle fingia.

Suspeitára de Don'Anna,
Quando ella bem procedia;
E agora, sim, que ella o engana,
Agora é que elle confia.

FLOR DE LOTUS

No momento em que eu, para aclarar o quarto, abria a janella que deita para a estrada, a bafagem matinal me

soprou contra o rosto (pareceu-me) um pouco de cinza, da pulverulencia talvez, ou do cinereo pollen de alguma flor escura, ou do que quer que a isso se assemelhava.

Aqui está numa insignificante casualidade o que me suggeriu a idéa de compor este conto, que afinal tem mais relação com aquelle facto, do que póde parecer ao principio. E eu compul-o com os retalhos multicolores do sonho que me havia agitado durante a noite no meu solitario e frio leito; frio, porque solitario.

Certo radjah tinha uma filha... Foi isso no Pandjab, ou em Malouah, ou em Radjepoutana, ou não sei bem com precisão onde isso foi. Decididamente foi, porém, em algum desses fantasticos paizes da India cisgangetica, sobre os quaes tão sublimes passagens se encontram em varias legendas brahmanicas.

O caso era que, junto á filha do radjah, as mais formosas dentro as donzellas da mesma casta se sentiam offuscadas. Surgia aquella, descoravam estas a olhos vistos, tristemente assistindo ao eclipse dos seus proprios encantos, pois que a nenhuma era dado emular com ella em formosura e brilho. Assim, mergulhando na larga resplandecencia do astro glorioso, arrefecem e apagam-se, umas após outras, as pequeninas estrellas-myriades de fachos cahindo no mar... Tremulos asteriscos de luz muito longinqua e frouxa, que dessas noites tropicaes apenas o docel aromado e morno arreiam, que é dellas mais, das pequeninas, das frias e desmaidas estrellas, quando, sobre torreões de nuvens, a minaretes de ouro e purpura assoma o sol?

Pois, em verdade, essa a que eu aqui me refiro, era o sol da belleza oriental; e muito escusado seria ir procurar além della, em outro clima ou região diversa, um typo mais cabal e perfeito de semelhante belleza, que *nenhures* se poderia achar.

Ideae agora um talhe airoso e gracil, copiando na elegante flexura o da mais esbelta palmeira, salvo que a copia excedia muito em excellencia e primor ao respectivo original; uma nobre postura, umas gentis maneiras, e um andar tão cheio de garbo e magestade, como o de um joven elephante, para me servir assim de uma imagem vedicá; uns melindrosos contornos abronzados a transfulgir sob a leve musselina solta e ondulante que, discretamente embora, nelles se modelava, desenhando-os com voluptuosa fidelidade; e ideae tudo o mais emfim, que é bem menos facil á gente exprimir do que idear.

Ajuntarei entretanto que o luar negro dos seus olhos alienava os sentidos e que a harpa indefinivel da sua voz raptava o espirito, porque olhal-á ou ser por ella olhado era uma fascinação e beber-lhe a fala um extasis.

Ajuntarei ainda que o nome della era suave e mellifluo como o dos eleitos de Vischnou. Para melhor ouvil-o, a alma se devia concentrar e resumir toda na orelha, emquanto esta se dilatava para o sorver com avidez, mas demoradamente, num prolongado deleite; por que esse nome era de uma pronunciação singularmente agradavel pelo cadenciado das syllabas, posto que fosse menos susceptivel de ser articulado, do que de ser suspirado, desli zando pelos labios num murmurinho, como um cicio quasi, e tão doce em summa, que a briza de Manaar impregnada de vetyver e canella não ciciaria mais doce.

E como escrever esse nome aqui? Talvez que por meio das notas de musica se podesse dár graphicamente uma idea aproximada delle : por meio de caracteres alphabeticos seria impossivel.

Onde quer que se achasse, todo o ambiente se enchia de um effluvio castissimo, respirando o ineffavel incenso, que o seu ser vaporava, como si mysticas roseiras trescalassem invisiveis no ether limpido e fresco.

Caminhava ella, e, ao rhythmo ao seu passo, parecia resoar no azul solemne a marcha fantastica dos anjos, emquanto por seu turno um não sei que de indefinidamente sagrado, que lhe fulgurava no aspecto, como que se ia reflectindo transitoriamente sobre todos os objectos exteriores. Era como si ella, de passagem, transmitisse a tudo de redor um pouco de si mesma, da sua celestial essencia, em fluidos ou particulas imponderaveis; purificando o golpe de vento que no banho lustral e balsamico dos seus cabellos se vinha desalterar, embebendo-se na sua fragrancia; ferindo com um talisman divino de novas e extranhas tonalidades a luz circumfluente; santificando a tenra graminea que acaso em caminho calcasse, ou o pequenino seixo que rolasse á percussão do seu pé; sagrando o molle e fofo tapete das cactaceas resequidas e as crepitantes palmas de coqueiros que lhe juncassem a estrada; benzendo a folha, a borboleta, a lagarta; e irrorando de bençãos a tudo enfim, vivente ou pedra, voante ou rasteiro, que por ventura a tocasse, ou fosse por elle tocado.

Como doira e illumina o sol a todas as coisas sobre que se espalha, assim a todas as coisas ia ella emprestando, ao passar, um lampejo da sua aureola; de maneira que, a um toque seu, nenhum ser, por mais humilde que fosse, deixava de participar, ainda que momentaneamente de um quinhão maior ou menor do que nella havia de olympico e sagrado. E, ao influxo prospero e fovente das suas graças, tudo estremecia em volta miraculosamente repleto e saturado della.

Tambem, por onde passasse, entre os vassallos fieis do radjah, só se viam, de uma banda e de outra, cabeças curvadas para o chão, espinhas dobradas em arcos e joelhos em terra, longas alas de genuflexos adoradores, similhando extensas fileiras de *zêz*; como si fosse uma deusa, a propria filha dilecta de Brahma que assim se

patenteasse a uma multidão palpitante e fanatica de crentes.

Mas, occultos sob essa apparente veneração, que incendio voraz de peccaminosas paixões, em muitos peitos talvez, não faria involuntariamente lavrar á sua passagem, a pulcherrima donzella intemerata e casta.

Nem os myrtos de sua grinalda virgem eram immarcessiveis, nem o sagrado caracter que a revestia se achava isento de todo o perigo, quando ella transitava assim, com tão ingenuo destemor, entre aquellas ondas vivas do mundano lodo agitado.

Como não era uma deusa, como não era a esposa de nenhum radjah do ceu, mas simplesmente à filha de um radjah da terra, é preciso tambem com respeito a ella attender ao reverso de toda a medalha humana, por quanto somente a deusas, e nunca a mortaes mulheres, é dado accenderem paixões sem o risco de se queimarem nas labaredas que ateam.

Si por um lado a magica e fascinante princeza tinha essa virtude communicativa de ir transmittindo a esmo, em luz, calor e aromas, uma pouca da sua propria essencia a tudo quanto estivesse em torno de si, por outro lado infelizmente não era inaccessivel ás contaminações do mundo exterior.

A inviolabilidade da sua casta e jerarchia não tinha a dura resistencia do diamante, sinão a friabilidade do vidro; nem lhe resguardava o immaculo candor como coiraça forte e sem defeito, sinão como cupola de crystal purissimo, qne o mais tenue halito empanaria, e que o menor embate faria em pedaços.

Demais, para a completa profanação de tão melindrosa virgem não era mister o contacto : um gesto, uma palavra, um fugitivo pensamento impuro seria bastante para

polluil-a, porque em um simples pensamento mesmo havia pelo menos a possibilidade metaphysica de uma violação. Tudo isso era muito conforme á moral transcendente dos brahmanes e dos sapientissimos doutores versados nos quatro livros dos Vedas.

Uma tarde, porque ella caminhava na direccão do poente e a sombra do seu doce vulto se ia alongando sobre o caminho, as famulas de sua comitiva seguiam-na um pouco afastadas, mantendo-se reverentemente a certa distancia, para lh'a não pisarem, bem que a sombra nunca possa ser pisada sinão pelo mesmo corpo que a projecta, visto erguer-se e desdobrar-se sempre sobre qualquer outro que se lhe sobreponha : tal como o cão que se não deixa fustigar sinão pelo proprio dono.

Nesta occasião foi que um tchaudala, conta-se, surgiu inesperadamente de algum esconderijo vizinho e, prosternando-se aos pés da inviolavel donzella, ousou beijal-os.

Por mais execraveis que pudessem ser os intentos sacrilegos do monstro, a execução não foi alem desse beijo; mas, tivesse se limitado elle a tocar-lhe apenas de leve a orla roçagante das vestes com o labio ou com a ponta dos dedos, isto seria de sobra para que se julgasse consummada a affronta.

Quando se considera que um tchandala não era propriamente um homem, mas um ser abjecto, tão asqueroso como os animaes que se nutrem de cadaveres, bestas mortas e outras immundicias, e cujo contacto era tão repulsivo como a elephantiasis e a lepra, pode-se avaliar com justeza a escandalosa gravidade de um tal acontecimento.

Urgia a effectividade de uma punição exemplar em que *se devesse ter* muito em vista a alta categoria da offen-

dida, a desprezivel condição do offensor e a irreparabilidade da offensa.

Reuniu-se logo em sessão plena o supremo conselho julgador composto dos mais eminentes brahmanes e radjepontes, ou magnates do paiz ; e, como em conjuncturas dessa ordem, era excusado cada cabeça ter a sua sentença, foi unanime o voto a que o severo radjah deferiu de prompto sobre a sorte do criminoso : — punil-o de tortura e de morte, não só nos orgãos ou membros de que se houvesse realmente servido para delinquir, mas tambem nos outros membros ou orgãos com o auxilio dos quaes teria hypotheticamente delinquido, e, depois de esquartejado em regra, dal-o como pasto ás feras necrophagas.

Em consequencia dessa condemnação, os algozes encarregados de estrictamente a executarem, começaram por queimar á victima os cabellos e todos os pellos do corpo, chamuscando-o dos pés até á cabeça com ardentes archotes embebidos em breu e outras resinas combustiveis. Em seguida passaram á mutilação dos orgãos, e de tal modô e com tanto escrupulo e pericia se houveram nessa tarefa, cortando, furando e trucidando, que, pouco depois, no rosto adusto e fuliginoso do miseravel semivivo ainda, em lugar de olhos, nariz, bocca e orelhas, já não se viam mais do que seis buracos hediondos, sanguilonentos. E afinal, tendo-o feito em fatias, deixaram-no ao pé de um tremedal infecto, abandonado á gana immunda dos chacaes e dos abutres.

Quanto á formosa donzella, tão formosa quão desventurada, aquelle atroz e deshumano supplicio em nada podia aproveitar á sua pureza para todo o sempre perdida. Jamais se apagaria o labéo que a infamára, embora sem culpa sua. Não havia no culto nem ceremonias nem abluções que a purificassem. Para a picada venenosa de um aspide ha remedio; mas o osculo do tchaudala é como a

baba visguenta e corrosiva de uma calumnia que nunca se lava. E isso não deve parecer extraordinario ante as subtilesas da moral seguida em tal paiz, quando em varios outros do mundo, onde se professa uma moral menos inconsistente, muita vez se tem como irremessivelmente perdida a mulher virgem que é calumniada, ao passo que o mesmo não acontece á que não é calumniada... nem virgem.

Pois que a religião prescrevia a perpetua reclusão das mulheres assim profanadas, o radjah, austero ritualista e menos pai compadecido que juiz inexoravel, fez enclausurar a filha no pavimento superior de uma torre isolada, que especialmente para esse fim mandara construir, em pyramide quadrangular, com espessas muralhas, toda marchetada por fóra de scintillantes saphiras e rematada por uma flexa de ouro, fina e aguda, traspassando o ar, e que allumiava tanto, de dia e de noite, como si fosse um raio fulvo do sol que ali se tivesse encravado e partido.

Essa torre, levantada sobre um rochedo muito alto, tão alta era já por si só, que em cima della se teriam as estrellas do céo ao alcance da mão, e bem assim as mais remotas nuvens da tarde, — essas nacaradas, vespertinas nuvens que, como floccos de algodão carmineos, se lhe ennovelavam em torno e, rasgando-se e despedaçando-se ás vezes na ponta luzente da flexa, em roseos farrapos iam descendo para a terra, de onde nenhum rumor subia...

Rumor nenhum, com effeito, chegava ali aos ouvidos da triste encarcerada, a não serem, na estação borrascosa, o mugir dos ventos e o estalar das procellas, e, na ridente quadra hirundinea, o ledo gazullar das emigrantes aves, que alli arribavam vindas de longe — eternas mensageiras do bom tempo.

Naquelle extranho carcere apenas um feixe de sol com

vagos tons azulados se coava por uma estreita fresta, como um pequeno rectangulo, aberta do lado occidental da torre e de onde em dias limpos se descortinava alem, muito abaixo, um descampado, immenso páramo, que só o horizonte visual limitava, parecendo a tamanha distancia inteiramente ermo de homens, bichos e cousas, e cortado ao meio pela linha branca e interminavel de uma estrada que persistentemente o ia riscando, riscando, até se perderem ambos de vista, engolfando-se e sumindo-se ao mesmo tempo no infinito...

Ali se finava a infeliz princeza mergulhada em funda desolação e amargas lagrimas.

Nunca mais deveria pompear — niveo lotus sem macula — entre as donzellas intactas do seu sequito, a que outrora offuscára, como um sol, nas festas da sua nubilidade!

Nunca mais em aurea tripode veria immolar-se á sua pureza e candor a imbelle pomba symbolica! Nunca mais afortunados guerreiros, os briosas chattryas, para bem merecerem della, porfiariam em melhor saciar-lhe a feminil cobiça, colmando-a de sedas e cachemiras finissimas, joias e arrecadas raras! Nunca mais enfim nenhum principe insigne da sua casta lhe viria trazer o annel e o beijo esperado das nupcias. Nunca mais! Nunca mais!

Mas a noticia do caso chegou até as pópulaçães mais afastadas do Occidente. Essas populações tinham tido tambem as suas castas, os seus tchandalas, os seus brahmanes e os seus radjahs, mas depois que o espirito de igualdade industrialista e pratico, dissecando e despoetizando a vida, lhes cortara o vôo á fantasia, cada uma daquellas coisas foi sendo abolida por sua vez, e mesmo os seus proprios radjahs, que eram reis de manto de

purpura e sceptro de ouro, não puderam ser tolerados mais senão nas cartas de jogar.

Todavia, em um meio assim, tão arido e secco, propicio apenas ás mollezas do sensualismo egoista e onde as chimeras não encontrariam agazalho sinão nas casas dos doidos, um doido houve, alma intrepida entretanto, sonhadora e manceba, a quem a sorte da desditosa donzella logrou commover vivamente.

Era um visionario que no encalço de uma utopia azul ia fumando e consumindo a existencia, coração mordido e atormentado, que se gozava do seu proprio tormento, cerebro escaldado a arder e a convulsionar-se entre os gelos do indifferentismo ambiente, como um volcão sob a neve; e parecendo não ter nenhum outro ponto de tangencia com o mundo real onde vivia, sinão os pés com que mal lhe roçava a superficie, de leve e passageiramente, como a aza de uma andorinha a flor de um lago, sempre de rota-batida atraz do ideal sorridente que lhe enamorava o olhar e lhe fugia.

Via-se nesse bello sonhador, exoticamente renovado e reflorescido, o romanesco typo do antigo cavalleiro andante, que em busca de uma aventura não se refusaria a cavalgar o seu hippogrypho para dar uma volta ao globo, digladiando-se com heroes e gigantes que se lhe atravessassem em caminho; e, como a historia da filha do radjah fizesse rebentar com vehemencia em seu seio uma excentrica paixão pela peregrina virgem indiana, concebeu logo o plano descommunal de transportar-se a essa fantastica região do Levante, onde o objecto da sua paixão o attrahia e chamava, e, combatendo impossiveis, exterminando dragões, minotauros e monstros, arrancar á sua clausura de saphiras a formosa princeza, libertal-a e desposal-a até, elle que era um principe *tambem*, principe sim, lá em um reino encantado e des-

conhecido, que para si só intimamente creára, para o seu exclusivo imperio e delicias.

Como se vê, o mais difficil seria conceber similhante plano : mas uma vez concebido, a execução era facilima. Para isso só lhe bastavam duas cousas : uma espada e um cavallo. Pois bem; muniu-se da primeira, montou-se no segundo e partiu a galope, como o heroe manchego, mas só e sem escudeiro, em direcção ao Oriente para ir colher em um paiz de mais sol e de mais flores, a mysteriosa flor do lotus, a flor mysteriosa da illusão e do sonho.

Partiu, e aqui precipita-se a acção, como o galope veloz do ginete em que foi : porque uma tarde...

Uma tarde em que a maguada princeza, pelo estreito postigo do seu carcere azul e através do prisma das lagrimas, contemplava com tristeza a immensa paisagem abaixo a esbater nas ultimas tintas do dia, lobrigou alem, muito além, seguindo a linha alvacenta da estrada, um como argueiro que se movia indistinctamente ao principio e que pouco a pouco foi crescendo, crescendo, aproximando-se, avolumando-se... Mas antes que aquelle argueiro se virasse no cavalleiro, que a vinha raptar, as sombras da noite cerraram-se de todo, e nada mais se viu...

Momentos depois, porém, um formidavel estrondo, como o de um trovão, abalou pavorosamente a torre desde o cimo até a baze. O cavalleiro, tendo chegado a termo da sua audaciosa empreza, apeára de um salto e, galgando com a rapidez de um relampago as escarpas do rochedo, rasgára com o punho da espada um largo rombo no muro massiço da torre, onde o seu amor jazia trancado.

Como quem apalpa emfim a realidadade de um sonho por tanto tempo e com tanto ardor sonhado, assim anhelava elle, com o coração a debater-se-lhe no peito no

desespero louco de um passaro decapitado, e o halito em fogo, attonita e alucinadamente ao brando contacto de um melindroso e quebradiço corpo, corpo adoravel de virgem, que desmaiado e frio lhe resvalou entre os braços. Depois, sustendo e acalentando nestes com carinho o precioso fardo, e apertando-o contra si mais e mais, como para o aquecer e reanimar ao calor do seu sangue e da sua paixão, cavalgou novamente o alipede corcel, que partiu de regresso a galopar pela noite a fóra...

Urgia assim regressar, fugir sem perda de tempo, de modo que, antes do sol surgir outra vez, estivesse bem a salvo com o seu thesoiro, muito longe daquelle paiz, onde o fôra roubar, e tão longe que não no pudessem mais perseguir para o rehaverem delle.

E o cavallo, participando da vertigem e da febre do seu cavalleiro, deslocava-se veloz a todo o galope, numa carreira electrica e fantastica, por extensos caminhos enluarados, varando a solidão augusta, cheia de trilos e murmurios mysteriosos, suarento, arquejando, nitrindo, lavados em nivea escuma os freios de prata, mas sem parar, sem parar...

Nem parava o cavallo, nem cessava o cavalleiro, na insania daquelle delirio, de estreitar contra si, contra o seu coração, aquelle busto frio e desfallecido de virgem; mas, ah! com tanto fogo e extremo tal de paixão o fazia, queimando-o, carbonizando-o, calcinando-o ao contacto do seu peito em brazas, que, quando o sol surgiu de novo entre as nevoas do alvorecer, como entre rotos veus de musselina esparsos, só lhe restava do seu pobre amor uma fragil braçada de cinzas, que o primeiro bafo cheiroso da manhã dispersou nos ares...

Foi um pouco dessas cinzas talvez, que a lufada matinal me soprou contra o rosto, quando eu abria a janella, *que deita* para a estrada...

Rodrigo Octavio

O ULTIMO BEIJO

Enchendo o Coliseu, a plebe dissoluta
De Roma espera anciosa a sanguinaria luta
Dos miseros christãos com as féras carniceiras.
Cesar está presente. As luzes derradeiras
Do dia vão logar ás trevas dando, e a noite
Vem para que este crime enorme ao mundo acoite.
Arde em meio da arena um facho, a mysteriosa
Sombra espancando em torno; a um lado, a lacrimosa
Turba está dos christãos; nem supplica se eleva,
Nem a voz de um perdão soluçada na treva
Escuta-se; sómente em cada olhar o pranto
Brilha como uma estrella ornando o ethereo manto.

Urra o povo, porem, pelas archibancadas;
Tarda a luta demais. O pranto ás gargalhadas
Contrastam e a blasphemia echôa. De intervallo
A intervallo, uma chamma, á bocca de um cavallo

De bronze presa, luz vermelha em torno espalha.
O povo se diverte. Entretanto, na palha
Fria, humildes estão os tristes penitentes,
Em silencio deixando as lagrimas ardentes
Correrem pela face, e o triste olhar magoado
Volvendo para o céu de estrellas recamado.

Recrudesce o furor em roda, o povo exulta!
A hora se aproxima e toda a turba-multa
Um fremito percorre e subito da terra,
Do intimo do solo estrondo se ouve: berra
Um leão, e prompto cessa a vozeria em roda!
Toma-se de pavor a archibancada toda.
Outro berro, outro; após, o silencio domina,
Apenas nos brandões o estallar da resina
Se ouve. Mas, pouco dura o silencio, de novo
Urra a turba em furor, grita exultando o povo

Pallido, o Imperador, do camarote á frente,
A ensanguentada scena espera anciosamente,
A mão no grosso gladio entresachado de ouro.
Forra-lhe o camarim todo um regio thesouro
De baixellas de prata e purpura e brocados,
Pelles de leões da Hircania e de tigres mosqueados
Do Indostão, e coraes e perolas e gemmas
Tauxiando o throno em meio ás ricas plumas de emas
Augmenta-se o furor e Cesar que comece
A luta ordena. — Irmãos, a derradeira prece
Enviemos a Deus! — Tal voz se ouvio do meio
Do bando soffredor; e um velho, as mãos ao seio
Em cruz levando, ergueu-se; os mais, ao ceu volvendo
O lacrymoso olhar, olhos que estavam vendo
Pela ultima vez o brilho das estrellas,
Murmuraram, chorando, umas preces singelas.

Ora, havia tambem entre o bando tristonho
Dos christãos, um casal amante, ao qual, risonho,
Ha pouco estava aberto o caminho ; a chimera
Apenas começára, em luz a primavera
Brilhava; era tão doce a vida e tantas flores
Havia ; tanto sol, tantas aves de cores
Bellas e bella voz, tanto perfume doce,
Tanta harmonia, assim, como se a terra fosse
Toda uma orchestra ! como era saudosa a vida
Tão pouco aproveitada, e ai, tão cedo perdida!
E vão morrer os dois ! Não rezam entretanto :
Ella revê-lhe o olhar, toda banhada em pranto,
Elle o olhar lhe revê, todo em pranto banhado,
E um, entre os braços do outro, um beijo prolongado,
O ultimo beijo, sorve em extasis...

E o bando
Fulvo dos feros leões invade a arena, urrando....

A UMA NOIVA

A grinalda de flor de larangeira
E o transparente veu de noiva, em breve
Hão de envolver-te a fronte como a neve
Envolve o gallio em flor de uma roseira.

Vais te casar. Que sejas companheira
Economica e boa como deve
Ser quem foi, como foste sempre, e teve,
Como tiveste, em riso a infancia inteira.

Nem tenhas tempo para ter saudades
De outros dias peiores e diversos...
(Porque, passado, o espirito me invades!)

Vive e teu noivo na ventura immersos,
Que só venturas e felicidades
Levam-te as azas estes pobres versos.

CALMARIA

Profunda calma em derredor; em cima,
No alto, no ceu, profunda calma; em torno
Cantam as ondas mansamente; morno
O ar pesa como em africano clima.

Não tange o vento a costumada rima
No cordame; dos mastros, como adorno
Sem vida, as velas pendem, e o contorno
Vê-se das serras que o luar encima.

Proxima a terra: os coqueiraes sombrios,
Como espectros phantasticos, esguios,
Vestem a curvatura azul do porto.

Nem uma aragem corta o espaço mudo,
Sómente a lua, calma, sobre tudo
Abre o parado olhar, sem brilho, morto.

OUVINDO BEETHOVEN

(SONATA-24-OP. 13)

Quando os teus dedos habeis, do teclado
Eburneo arrancam as celestes notas
Dessa musica extranha, eu sou levado
De um triste sonho ás regiões ignotas.

Deixo o mundo; só tu vens a meu lado,
Tu sómente, e deixando em baixo grotas,
Serras, cidades, fujo, ascendo, alado,
De fantasia pelas invias rótas.

E vejo um sol na tela purpurinao
Do occaso, e subo ainda, penetrando,
Alfim, do ceu no páramo profundo.

E então escuto, pávido, a argentina
Voz das estrellas tremulas, fallando
Sobre as cousas tristissimas do mundo...

RAUL POMPEIA

SAUDADES E EVOCAÇÕES

De uma vez que Pompeia, por um domingo de manhan, me appareceu na *republica* para juntos fazermos o habitual passeio pelas collinas que cercam a gloriosa Paulicéa das tradições academicas, informei-o de que o

bairro, a Consolação, havia despertado sobre a noticia sensacional de uma tragedia.

Um italiano, que nós ambos conheciamos, musico e mestre de uma pequena orchestra ambulante, havia dado, pela madrugada, cabo da existencia. A casa do suicida era fronteira á minha e, antes de fazermos nosso caminho, penetramos nella e, entre grupos de curiosos que entravam e saiam atravancando o corredor, chegamos ao quarto do morto. Em torno do leito vimos, taciturnos, os figurantes da pequena orchestra, companheiros cujo semblante, numa expressão commovedora, traduzia um mixto de consternação e de surpresa.

Tinham sido abertas as janellas todas do quarto e a viva luz da manhan, musical e perfumada pela vizinhança de uma grande chacara onde passaros cantavam nas murteiras em flôr, punha em toda a evidencia os minimos detalhes da scena. Sobre a borda de um leito pobre, de madeira, via-se o corpo inanimado do infeliz; o tronco sobre o colchão, as pernas caidas para o soalho. A policia ainda não havia tomado conhecimento do facto, de sorte que o corpo se achava na mesma postura em que o suicidio se effectuára.

O misero se havia servido, para a realização do desesperado intento, de uma espingarda a cujo gatilho atára uma corda que pela outra ponta estava amarrada a um dos pés. Por essa fórma, collocando o cano da arma sobre a fronte, pela rapida distensão da perna, a operação se deu do modo mais horrivel.

Toda a parte superior e posterior da cabeça foi desalojada. A visagem do pobre homem apresentava o aspecto de uma simples mascara, sinistra, contraida numa dolorosa expressão de angustia e de pavor, olhos abertos, bocca ensanguentada.

Fugimos os dois á contemplação d'aquelle espectaculo

afflictivo, e uma vez na rua, puzemo-nos a andar, para frente, sem dizer palavra, cada qual ruminando comsigo a philosophia que a impressão viva do caso ia suggestivamente desenvolvendo no espirito. Foi longo o silencio. Quando chegamos á altura do Bexiga paramos instinctivamente. Era esse um dos nossos pontos habituaes de descanso.

Realmente o panorama em de redor convidava á contemplação demorada. Em baixo, apenas vivo do crespo franzido da viração, o açude jazia entre as collinas verdes, reproduzindo a passagem silenciosa das nuvens, e a um lado, por onde a varzea se estendia serpeada pelo Anhangabahú, lavadeiras batiam roupa nas pedras da margem, algumas entoando cantigas monotonas. No horizonte, de uma parte, os fundos das casas da cidade desde a Consolação até a Liberdade, em sobrado, sobre a vegetação dos quintaes que se alongavam pelo morro abaixo, e, do outro lado, o suave perfil das collinas até a sombra espessa dos salgueiros do cemiterio, ascendendo para o espaço numa luctuosa expansão.

Ahi paramos e Pompeia disse : — Não era um artista aquelle diabo de homem que se matou...

Sobre esse conceito inicial, cuja significação só em seguida comprehendi, a conversação se estabeleceu.

Não era o facto do suicidio que preocupava meu companheiro. O suicidio, em ultima analyse, é uma solução, e é tolo entretecer em torno delle considerações philosophicas ou moraes, porque, mesmo quando no suicidio se veja uma deserção covarde, para o praticar ainda assim é mister uma coragem de que nem todos são capazes.

E o certo é que mal se pode avaliar a luta que se deve travar no espirito do homem que, em meio de uma grande crise psychologica, chega ao suicidio como a solução que se lhe afigura necessaria e unica. Não, o suicidio é ape-

nas uma solução. Boa ou má. porém, solução, e que, ao menos para quem a tomà, derime todas as difficuldades, apaga todos os soffrimentos.

A Pompeia não era o facto do suicidio que preocupava.

Comprehende-se que um homem se mate, que abra mão do direito de continuar a viver até o dia em que tenha de deixar o mundo a pezar seu; mas não se comprehende que o animal intelligente e consciente se deforme, quebre por vontade o complexo harmonico de linhas e fórmas que constituem a cabeça. Ser bello, sempre bello, mesmo depois de morto, emquanto a contemplação do morto se permitte aos vivos... Não era um artista aquelle italiano musico e tão apaixonadamente possuido da sua arte. Si o fosse teria tido o cuidado esthetico, derradeiro cuidado, de não tornar repulsiva a morte pela ostensiva exhibição de uma chaga compungente...

É preciso guardar a illusão até o fim, até para depois de nós.

Alem disso, é preciso ainda respeitar a cabeça, a séde superior dos conhecimentos humanos. O homem vive pelo cerebro. Quando o cerebro se enfraquece ou morre o homem diminue e torna-se ridiculo. Nunca ferir o cerebro. Deve a morte vir pelo coração. O coração é o centro da vida animal. É pelo coração que deve a morte ser buscada.

A reminiscencia perdida em mim deste pequeno episodio, velho de onze annos, voltou-me nitida ao espirito e viveu em todos os detalhes ante a inesperada noticia do suicidio de Raul Pompeia.

Consoante as considerações que naquella manhan me enunciára, o meu pobre amigo fizera com um tiro de revolver parar de subito o coração, transbordante de sentimento e de vida.

E ao outro dia, quando o pude ver, inteiriçado no

funebre caixão, todo cercado de flores, a energica expressão da physionomia diluida numa pallidez de marmore, ainda a lembrança desse episodio me veio á memoria.

O meu pobre amigo havia achado a solução para as angustias que lhe affligiam o espirito, e, quem lhe conhecesse a tempera e fosse capaz, assim, de avaliar a intensidade da devastação que lhe conturbava a existencia, servida por uma exagerada susceptibilidade morbida, bem devia comprehender que para elle a solução era completa, pois de uma vez o libertára do inferno do mundo. Para os outros, para os que ainda contemplavam o morto, não offereceu elle o espectaculo de uma contemplação afflitiva.

Sob as flores que lhe cobriam o corpo mal se adivinhava o pequeno orificio por onde escoára tanta vida, como a inclemencia da tempestade que lhe agitára o espirito, horas antes, mal se advinhava na calma placidez, pallida e fria, de um semblante quasi risonho.

E era o mais bello dos dias. Celebrava a Christandade o Natal, o dia risonho e poetico que tão mysteriosamente fala á imaginação das crianças ; e a natureza acertára, por seu turno, em dar para esse dia o ceu azul mais limpido, sem a macula mesma de um simples nimbo alvissimo...

Não foi um homem vulgar esse que de tal modo findou.

Desde muito criança, affeito ao estudo e á meditação, viveu comsigo só, graças a uma educação quasi monastica, em que a sociedade, a vida ruidosa e facil dos salões, não entrou. Amigos, teve-os na rua, nas palestras do botequim, nas rodas literarias, e ultimamente, na solidariedade politica. Em casa, muito poucos o viram.

Raros penetraram o seu gabinete de trabalho e conheceram os segredos de sua existencia de artista. Na vida apparente, na convivencia passageira dos camaradas, apresentava elle o mais sensivel contraste com o que era realmente sua vida. Cá fóra, Raul era alegre, enthusiasta, turbulento mesmo nas expansões de alegria e de enthusiasmo. Recolhendo-se ao isolamento, não levava comsigo sinão a tortura de um ideal não attingido. Trabalhava com um ardor de crente, com uma sinceridade de convertido. Só cogitava do seu trabalho, extenuava-se no esforço, ás vezes vão, de fixar a idéa com a precisão impeccavel que a impressionabilidade delicada e fina do temperamento lhe exigia.

Desse esforço continuo e fatigante vinha-lhe a exaltação perenne em que vivia e que lhe preparava o espirito para ver em todas as coisas, as mais naturaes, uma segunda intenção, perfida, insidiosa, ameaçadora.

Da vida social não conheceu sinão esse aspecto sombrio do esforço intellectual em prol da arte e da idéa. A cortina que abre para a scena alegre e folgazan não a descerrou elle. A unica diversão a que se permittia era a palestra na roda dos confrades de letras ou dos correligionarios politicos.

E essa diversão unica elle amava devéras. Era um conversador emerito, eloquente, vivissimo. Muitas vezes o vi completamente feliz nas sessões do Club Rabelais, invenção delle, longamente preparada no animo dos companheiros e que finalmente se consubstanciou em ágapes ruidosos onde se fazia espirito e se trocavam idéas, a proposito de se fazer honra a profuso jantar do Globo ou do Internacional; ahi, na communhão intima de soldados de uma mesma cruzada, na confraternidade de conscriptos de um mesmo valle, Raul expandia-se todo e era inexcedivel na graça saltitante com que retru-

cava a todos os ditos, na promptidão admiravel com que contradizia todos os conceitos. Nisso consistia porém, toda a alegria de sua vida; e era muito pouco para contrabalançar as grandes sombras que lhe enchiam o espirito, a grande amargura que lhe travava o coração. Por dentro era um concentrado, um triste, dessa triteza congenita, original, que se não redime á agua lustral de nenhum baptismo, feição mesma do seu espirito, aspecto do seu temperamento. E no meio de tudo faltava-lhe o amigo; essa foi sua desgraça. Pompeia não tinha um intimo, na absoluta significação dessa palavra. A ninguem confiava o fundo do coração e da alma. Era moço e poeta e ninguem sabe de algum amor que lhe eflorasse o coração. E elle devia amar, porque, si em sua existencia o cerebro procurava sempre indicar o caminho, o coração muitas vezes dirigia o cerebro.

A misanthropia instinctiva do seu temperamento, formado pela educação, cultivado pelo convivio assiduo dos philosophos e poetas doentios que encaram a vida sómente pela prisma da sua inocuidade dolorosa e desconsoladora, essa misanthropia não lhe havia tornado o peito mais arido e inhospito que a propria lava resequida, onde ainda nasce e floresce a recendente giesta, a triste flor dos versos de Leopardi,

> ... lenta ginestra
> Che di selve adorate
> Queste campagne dispogliati adorni...

O poeta devia amar; entretanto, a ninguem confiava o fundo do seu coração e de sua alma. Não tinha pois, esse salutar derivativo da confidencia que, quando sincera, conforta o espirito mais desalentado e desanuvia o coração mais confrangido. Assim, toda a magua que os embates das paixões distillam no espirito do homem

pensador neste fim de seculo anarchisado e prenhe de borrascas incalculaveis, accumulou-se nelle e, encontrando elementos propicios para uma devastação tremenda, foi-lhe envenenando a alma, lenta e torturadamente, até a final explosão decisiva e irremediavel.

Foi um trabalhador e talvez o mais completo dos nossos trabalhadores da palavra. Si na sua obra a fórma é irreprehensivel, harmoniosa e castiça, não lhe faltam nem a idéa superior e o conceito original que fazem meditar, nem a vivacidade animada e flexivel do estylo que encanta e prende.

Era um escriptor de pulso forrado por um pensador de alma.

A obra com que dotou a literatura patria ficará guardando por muitos annos a memoria do glorioso autor. Nella não se encontram nem a banalidade trivial dos trabalhos de fancaria, nem a simples preoccupação de escrever bonito, juntando pacientemente palavras cantantes e exdruxulas, bordando entorno de uma fantasia qualquer uma trama rendilhada de frases ocas de idéas, vasias de sentimento.

Em Raul Pompeia o philosopho e o escriptor se completavam e se integravam. Aquelle, vendo as coisas e os homens de um modo original, através de sua tristeza e de sua idiosincrasia; este, vestindo as observações do philosopho de uma roupagem surprehendente de brilho e frescura, obtida por um trabalho cuidadoso e consciente, em que punha toda actividade, toda a arte, todo o talento. As frases lhe sahiam promptas da penna, inteiras, perfeitas; mas elle as lia e relia, e ainda outra vez as lia, alto, cantando, e riscava, substituia, emendava, emendava sempre, sempre com animo de emendar ainda, sem nunca achar a fórma definitiva que satisfi-

zesse as exigencias de seu gosto ou de seu capricho. Desse modo elle nos deixa trabalhos admiraveis, paginas impereciveis, que serão lidas sempre, com admiração e prazer.

Morreu aos 32 annos, mas teve os tres ultimos annos da vida absorvidos pelo funccionalismo e pela politica, que o tinham absolutamente conquistado ás letras. Podemos pois dizer que o escriptor morreu aos 29, e ainda assim, por esse tempo, elle era sobretudo o escriptor politico, nas *Lembranças da Semana*, do *Jornal do Commercio*, nas correspondencias para jornaes de S. Paulo e Juiz de Fóra, já quasi afastado da literatura propriamente artistica. Entretanto, são admiraveis de vigor e de enthusiasmo esses artigos em que o pamphletista apaixonadamente prega e defende a theoria de um nativismo exclusivo e intolerante, prenunciando o advento da revolução que deveria fechar o cyclo da formação da nacionalidade brazileira.

« Tivemos um dia a revolução em nome da dignidade humana. Tivemos a revolução da dignidade politica. E' preciso que não tarde a terceira revolução : a revolução da dignidade economica ; depois da qual sómente poder-se-á dizer que existe a Nação Brazileira. »

Assim definia elle essa aspiração patriotica na brilhante *Carta ao autor das Festas Nacionaes*. por certo a obra culminante da ultima phase da sua actividade literaria.

A politica, porém, foi um desvio fatal na carreira do grando escriptor. Sincero e desinteressado, faltava-lhe tudo o que era preciso para o triumpho politico. Seu caracter, apaixonado e intransigente no dominio dos principios, não tinha por certo a ductilidade necessaria para conchavos partidarios, nem a calma indispensavel para as refregas parlamentares. Si elle entrasse effectivamente no scenario politico em pouco tempo verse-se-ia

isolado, só, com sua intransigencia e com seu ideal. Entretanto, essa mesma politica o tinha dominado, e esse é um traço de seu caracter que convem assignalar : — elle nada queria para si, nada ambicionava della, não tinha aspirações nesse terreno. Era politico por patriotismo, puramente por isso, por convicções sinceras e profundas, certo de que representava á idéa salvadora da dignidade da patria.

No mais aceso da campanha abolicionista, em S. Paulo, foi um lutador ousado e extrenuo; ahi havia o grande ideal supremo da libertação dos captivos a lhe falar á alma nobre e vibrante de moço e poeta.

Ultimamente, o marechal Floriano encarnou para elle a personificação da resistencia a todos os elementos subversivos que perturbam e entorpecem a marcha de nosso engrandecimento moral e social, e elle tornou-se um partidario da politica do marechal, extremado até o fanatismo, incondicional até a irreflexão.

Excessivo em todas as manifestações do sentimento, foi nessa derradeira phase da existencia que o erectismo do seu temperamento attingiu a maxima intensidade. Esse estado psychologico, porém, deveria necessariamente passar quando a calma fosse voltando em geral aos espiritos, e se dissipasse essa anarchia mental que nos ficou da grande convulsão que agitou tão profundamente a nossa vida politica.

Então o escriptor renasceria, o artista voltaria a se preocupar somente da sua arte, e a Raul já não bastava a simples arte de amontoar palavras, elle aspirava fazer mais, arrancar do marmore perceptivel aos sentidos, toda a opulencia da mulher estatua, a suprema expressão da formosura humana,

... mappa mundi
Da suprema belleza...

Era notoria a aptidão do illustre moço para a pintura e a esculptura. Alguns pequenos trabalhos deixou, cabeças de criança, troncos de mulher, fructos apenas de sua intuição, alheios completamente aos ensinamentos do mestre, que não teve.

Nos ultimos tempos elle falou-me varias vezes numa projectada viagem á Italia « — e de lá voltarei esculptor, » dizia. « Ainda é tempo de aprender. » — Isso era porém, uma esperança, uma promessa, que se não realizaria talvez. Nas letras é que elle já era uma realidade. é que a perda foi sensivel, enorme, impreenchivel.

A obra de Pompeia é vasta.

Publicados tem apenas dois volumes : um romance de menino, escripto em 78 ou 79, quando ia a meio no curso do antigo collegio de Pedro II, a *Tragedia no Amazonas*, mas onde já se notam grandes qualidades de escriptor, na simplicidade das scenas e na belleza das paizagens, e o *Atheneo*, chronica de saudades, a historia da vida do collegio, das intrigas do internato, escripta com uma superioridade de observação e critica de velho mestre experimentado.

Alem desses dois volumes publicados, do joven escriptor nos fica ainda materia esparsa pela imprensa diaria e periodica, bastante para meia duzia de volumes excellentes.

Quasi concluido devia ter deixado um novo romance, *Agonia*, a historia sentimental de uma adolescencia feminina, como o *Atheneo* é o descerrar do mundo para um futuro cidadão. Conheço da *Agonia* capitulos admiraveis; nesse livro Raul trabalhou com afinco muitos mezes a fio em 89 ou 90. Si pudesse tel-o concluido, seria outro romance que honraria as letras nacionaes

Alma morta é um trabalho em que deduz em opulentos capitulos o seu modo de ver o mundo e a sociedade,

a sua philosophia triste a desanimadora. São paginas profundas e admiraveis, em que o pessimismo do autor se concretisa e accentúa; foram escriptas em 85, no Recife, ao tempo em que juntos moravamos no pittoresco arraial do Caxangá, esparso á margem do Capiberibe de tradições historicas.

E, além desses, tantos outros ainda : *Violeta*, a *Mão de Luiz Gama*, a deliciosa colleção da *Pandora*, publicada na *Gazeta de Noticias*, e innumeros contos e novellas e fantasias.

Dos seus trabalhos porém, a obra prima, aquella a que dedicou mais cuidadoso desvello e que por certo mais amava, é o bello livro das *Canções sem metro*, em cujo lavor o artista trabalhava desde 83. Quando, a esse tempo, conheci Raul, em S. Paulo, elle terceiro annista e eu calouro, apenas iniciando os meus estudos na velha Academia, o então já conhecido escriptor começava a compôr as *Canções sem metro*. Eram a principio pequeninas historias, uma impressão apenas, uma simples mancha, como se diz na linguagem dos *ateliers*, subordinada cada uma ao sentimento que na imaginação popular corresponde a cada côr do espectro : — Verde, esperança; amarello, desespero; azul, ciume. Depois, a idéa passou além das côres, outras canções se foram juntando ás primitivas, e, quando o poeta as tinha promptas, as fez de novo, e sobre ellas levou toda a vida a trabalhar até a ultima noite, pacientemente, com o velho ourives de Heredia sobre a custodia de ouro.

E si essa gemma nos legou completamente acabada, tendo conseguido confiar-lhe com tão paciente esforço todo o sentimento poetico de sua alma, muito ainda era licito esperar do talento masculo, da infatigavel actividade de moço escriptor.

Elle era sobretudo um artista.

Todas as proccupações de outra natureza passariam um dia, e elle ver-se-ia de novo entregue ao afan predilecto de extravazar no papel o que lhe transbordava do coração e da alma.

Falava sempre com tanto amor das obras começadas, dos futuros trabalhos! Tinha um longo roteiro traçado, cujo caminho anciava por perlustrar, recomeçando a jornada que inciara com tão assignalado exito. E a fatalidade dos acontecimentos bruscamente toldou a perspectiva brilhante dessa peregrinação triumphal.

Para o estudo da personalidade poderosa do meu saudoso amigo é mister o concurso do psychologo e do critico. Este virá quando a obra de Pompeia apparecer em seu conjunto opulento; o estudo de sua alma têm procurado fazer todos os que escreveram sobre o triste successo do dia de Natal.

Mas, como tudo quanto se tem escripto está longe de dar uma pequena idéa da complexidade extraordinaria daquelle espirito vibratil e sensivel, daquelle caracter immaculado e austero, daquella alma generosa e pura...

O GONGO-VELHO

(COISAS DE OUTRO TEMPO)

Em viagem para a terra de meu primeiro emprego judiciario, depois que deixei os bancos academicos da brumosa capital paulista, tive de pernoitar no arraial do *Infeccionado*, povoação algumas leguas distante de Ouro Preto.

Eu trazia boas horas de marcha, n'um burrico trotão, pelos tortuosos caminhos mineiros, atravez de serras e campinas, debaixo da soalheira de um dia de Novembro.

Foi, pois, com a mais accentuada alegria que ouvi ao pagem a noticia de que a pequena torre gretada pelo tempo, de primitiva architectura colonial e que então surgia aos meus olhos, de entre um bosque verde-negro de tamarineiros folhudos, indicava a approximação do pouso desejado.

Em pouco tempo, com effeito, appareceram as primeiras habitações e subito, na volta de um barranco, o pittoresco panorama do arraial se descortinou com a unica rua de pequenas casas caiadas, com a egreja em cujo pateo de ladrilho brincavam creanças, com o cruzeiro suggestivamente plantado na collina proxima e agora nitidamente destacado sobre um céo limpido de tarde luminosa e calma.

Debaixo do alpendre de uma venda a cujo balcão, debruçados, conversavam pausadamente caipiras, emquanto cá fóra pastava pelas ruas a tropa, ao continuo badalar dos cincerros, apeamo-nos, atando o pagem as bestas nas argolas de um moirão.

Tinha chegado á hospedaria da terra e onde me esperava todo o conforto possivel em tal sertão, para lenitivo do corpo moido pelos solavancos interminaveis do animal viageiro. Uma porta no alpendre, ao lado das portas da venda, dava ingresso ao quarto que eu teria por aquella noite e em cuja penumbra descobri, ao fundo, um vasto leito antigo, de talha, com um colchão sem lençóes. Em breve espaço, porém, estava a cama feita com alvos linhos de tecido grosso e esperava-me um banho tepido, cujo calor se evolava aromatisado de aguardente.

Foi com a melhor disposição de espirito e com o mais salutar appetite que, em companhia do pagem, um velho camarada, pratico e de confiança, eu me sentei á mesa, posta n'uma sala interior que abria em janellas para a

paisagem alpestre de penedias graniticas, em frente aos pratos de louça azul, chineza, onde fumegava uma tostada fatia de lombo cheiroso e um mexido caracteristico de couves picadas. Pois, d'essa parcimonia culinaria, bem me lembro, fez o momento a mais principesca refeição com que me tenho banqueteado: — lombo tostado, couve mineira; ao depois, marmelada de Lisboa, um copo de agua cristalina, café de sacco e mais, para o pagem, uma pouca de canninha.

Como tivesse de madrugar, logo que se fez noite completa me preparei para dormir e me recolhi de facto depois de um passeio no qual o acaso guiou meus passos para a proximidade de um regato de aguas escuras, correndo tumultuoso n'um leito de cascalhos por margens revolvidas, denunciando antigos trabalhos de mineração. Ao comprido, no largo leito de talha, pregostava eu as delicias de uma noitada de cansaço, n'esses indefinidos momentos, de meia vida, que precedem o somno. Havia ainda algazarra na venda e persistente, uma viola plangia uma cantilena monotona.

Tudo constituia o ambiente phantasista do meu espirito, que, n'um meio somno me transportava aos modestos auditorios de minha futura comarca, onde triumphos me esperavam e a carreira publica se me abriria em promettedora apotheose de aurora...

Creio que esse devanear optimista chegou a ser sonho. A cessação da algazarra pelo echoar sinistro do relogio da egreja, me despertou. Fez-se um instante silencio em volta, apenas a viola, persistente, plangia sempre a cantilena monotona.

Agora porém, havia junto de minha porta, no alpendre, uma voz destacada que contava, com vagar, n'um rosario interminavel, alguma cousa que deveria ser uma

historia, interessante por certo, pelo attento silencio com que era ouvida.

Aquillo me prendeu a attenção.

Eu não podia ouvir a narrativa continua e apenas percebia uma ou outra palavra do narrador nocturno. O esforço para ouvir, porém, afugentou-me o somno. Não sei que tempo se passou.

A voz por fim calou-se, confundindo-se tudo no quieto sussurro de mil vozes que forma a silenciosa placidez da noite nos campos. E ouvi, então perfeitamente, a voz do meu pagem perguntar:

— « E do Gongo-Velho, que sabe você, pae Joaquim?... »

A estas palavras taes ergui-me do leito. Tomei a roupa e abri a porta do quarto.

Havia a um canto do alpendre um pequeno grupo, sentados alguns n'um banco ao longo da parede, estendidos outros pelo chão. Alumiava a scena uma simples candeia de azeite, fumegante, prendida a um esteio do telheiro. Pedi que se não desconcertassem á minha chegada; apenas desejava ser tambem da companhia, e aproveitar a minha noite de somno perdido, ouvindo as historias de quem as estava contando.

— « Cousas de outro tempo, Nho-moço », pronunciou, n'um riso acanhado, um velho africano que deveria ser centenario, a julgar-se pela carapinha cinzenta que lhe envolvia a cabeça e lhe cobria o prolongado mento; « cousas de outro tempo... »

— Pois terei muito prazer em ouvil-as, se você quizer ser tão bom que m'as conte, disse.

— Eh? Nho-moço... Preto só tem meia lingua. Nhomoço não ha de entender meia lingua de preto. As historias de que me lembro ainda em minha idade só sei contar aos companheiros que me podem entender.

— Pois, conte aos seus companheiros. Serei tambem um d'elles por algumas horas. Conte a historia do Gongo...

— Do Gongo-Velho, atalhou o meu camarada.

— Sim, do Gongo-Velho, repeti, aproximando-me do narrador e tomando assento no banco.

O africano, com ar contrafeito, n'um meio riso, picava um pedaço de fumo torcido para uma comprida palha de milho que tinha presa atraz da orelha.

Os outros companheiros dispuzeram-se a ouvir e eu então percebi que dormia a um lado, resonando, recostado á parede, um caipira que tinha as pernas extendidas, pousada a viola, que não mais plangia a cantilena monotona.

— « O Gongo-Velho »... começou o africano, apertando com a unha grossa o fogo do comprido cigarro, ha pouco accesso, « o Gongo-Velho tem uma triste historia... Eu mesmo não sei se a devo contar em hora tão adiantada. Isto já deve ir roçando pela meia noite e ha defunctos na historia do Gongo-Velho... »

N'este instante, como a defender os escrupulos do africano supersticioso, o relogio da torre disse-lhe soturnamente que eram onze horas, apenas... Sumido que foi o ultimo echo da ultima badalada, o africano dispoz-se e com singela vivacidade contou-nos a historia extraordinaria cujos traços geraes inda conservo indeleveis no espirito.

— Pois bem ; vá lá... disse, n'um suspiro. « E' de ouvido que conto, porque não é de meu tempo que estas cousas que vou contar, se passaram. Mas d'ellas sei por miudo, que de minha mãe as ouvi, um sem numero de vezes, por serões como este.

Gongo-Velho se chamava n'outro tempo um pequeno

corrego que ia desaguar no Rio das Mortes. Hoje tem outro nome que o coração manda calar para que se não saiba ao certo o logar d'este drama, onde tanta lagrima de captivo foi vertida... Corria elle pelas terras de dois irmãos que um dia chegaram do reino com uma cadeia de escravos e ahi se estabeleceram, n'um viver tão solitario e recolhido que não parecia de humana creatura.

Era de muito ouro toda a redondeza e Gongo-Velho se ficou chamando toda a terra dos dois irmãos recemvindos.

Foram de rude labor os annos que se seguiram. Minerava-se no Gongo-Velho com verdadeira furia de amontoar thesouros. E sobre a chegada dos moços portuguezes muitos annos se passaram.

Nunca ninguem soube da vida d'elles, tambem nunca se soube que elles se mettessem com a vida dos outros. Apenas cá fóra, aquem dos muros do *retiro*, verdadeiro presidio, transpiravam certos rumores de scenas horrorosas de perversidade, narrações assombrosas de barbaros castigos a que repugnava ao espirito mais embrutecido dar credito por inteiro.

« Deveria naturalmente haver exagero n'aquillo » era o que se pensava. Dura, porém, corria a existencia do captivo nas lavras do Gongo-Velho. Ao certo, o que se passava ninguem sabia, mesmo porque, quando algum desgraçado conseguia, furtando-se á severa vigilancia dos algozes, evadir-se, ia procurar asylo em paragens bem distantes d'aquelles valles, cujas quebradas repetiam o echo doloroso dos soluços de agonia dos seus irmãos de infortunio.

E os dois moços do reino envelheceram.

Tinham um capataz de confiança, portuguez como elles, que conduzia a tropa de ouro á Villa-Rica. Ninguem mais sabia do *retiro* e ninguem mais entrava n'elle senão o

capataz, de volta, trazendo, as mais das vezes, novo contingente de pretos, reforço para a escravatura. Mas até então o Gongo-Velho não tinha historia.

Já iam bem adiantados em annos os dois irmãos quando se deram os successos por que se tornaram celebres as lavras do Gongo-Velho. O principio do episodio ninguem o soube ao certo, pois não restou um só, de tantos, para trazel-o ao mundo. O que se sabe é que uma tarde, quasi á noite, os captivos se rebellaram e, n'um sitio afastado, onde se achavam, depois do trabalho do dia, antes de se recolherem á casa, em uma reacção de energia que se manifestou n'uma explosão canibal, aggrediram um dos senhores, o que de costume feitorava o serviço, lançaram-n'o por terra e estraçalharam-lhe o corpo com uma gana desenfreada de carnivores esfomeados.

Consummado o crime, o bando revolto veio, em marcha célere, pelo caminho de casa, e, a mesma fila pacifica de captivos que todas as noites se recolhia á senzala n'uma passiva submissão de animaes domesticados, entrou os terreiros murados da fazenda como uma horda selvagem, aos berros, agitando no ar os instrumentos do trabalho, tintos agora do sangue do senhor.

Ao outro fazendeiro, que estava em frente da casa a espera da gente, se desvendou num instante o sentido daquelle incomparavel acto de insubordinação e logo a falta do companheiro lhe denunciou a certeza do que se havia passado.

N'um impeto de heroismo, porém, o velho portuguez precipitou-se com os punhos cerrados, ao encontro do bando amotinado e n'uma explosão de apostrophes violentas conseguiu n'um momento dominar o espirito rebellado dos captivos.

Ao bando revolto de ha pouco tornou a quieta passi-

vidade submissa que lhe constituia o fundo do caracter e, ao assomo de energico atrevimento do senhor, os escravos perderam de novo a liberdade de acção em que se haviam conseguido abroquelar algum tempo.

Restituida a ordem, os captivos se recolheram á senzala n'uma muda procissão de penitentes. E a noite cahiu sobre a terra.

Ao outro dia foram os escravos levados pelo capataz para serviço em lugar opposto áquelle em que haviam estado na vespera e onde deviam jazer os despojos do velho infeliz, victimado por um acto talvez de justificada vindicta.

Conta-se que o irmão, solitario e em lagrimas, se dirigiu em busca do ignorado sitio da scena sanguinaria e o tendo encontrado afinal, piedosamente recolhera todos os destroços do corpo do irmão assassinado e os sepultara em cova aberta por suas proprias mãos...

Alguns dias se passaram depois d'este acontecimento, sem que nada de anormal occorresse.

Uma tarde, porem, tendo chegado a gente das lavras, o senhor em pessoa foi presidir á distribuição do rancho. Appareceu com ar prazenteiro até então desconhecido n'elle.

« Não sabia porque n'aquella noite sentia na alma uma alegria immensa »... disse; queria que todos comessem bastante e foi de melhor qualidade e farta a comida que se serviu.

Feita a distribuição os captivos se repartiram em grupos, e o fazendeiro triumphante esfregava as cabelludas mãos, por entre os grupos de escravos que surpresos mastigavam calados.

A um canto o capataz, com o queixo apoiado no alto cabo do rebenque de couro, olhava espantado para o *amo*, pensando que por certo a loucura lhe havia trans-

tornado o espirito, tão incomprehensivel achava aquelle procedimento extraordinario.

Terminada a refeição o proprio fazendeiro, tomando ao capataz as grossas chaves que trazia á cinta, abriu a porta da senzala e assistiu á entrada humilde dos captivos que, todos um por um, creanças e velhos, elevando supplicamente as negras mãos callosas, iam tomando a benção com um grunhido inintelligente e triste.

Depois que o ultimo escravo entrou, o velho torceu na fechadura a chave ferrugenta, atirou para o meio do terreiro o masso das chaves e encostando uma escada ao alto muro macisso, de taipa, do funebre dormitorio, galgou-lhe os degraus, e, precipite, alcançando a cumieira, abriu um buraco no sapé que formava a coberta.

Seus olhos então se mergulharam pelo vacuo enorme e soturno da horrenda habitação pouco illuminada por alguns candieiros de azeite presos á parede sem reboco.

Na meia claridade da senzala percebia-se no chão como um tumultuar sinistro de vermes. Em um e outro ponto iam já brilhando as labaredas de pequenas fogueiras de cavacos e lenha secca.

Mais acostumado áquelle ambiente, o fazendeiro distinguia agora bem os corpos dos captivos, acommodandose pelo chão, n'uma promiscuidade indecorosa, velhos e creanças, homens e mulheres.

De repente um grito lancinante quebrou a monotonia morna d'aquelle sepulchro repulsivo.

Todos voltaram-se para o lado de um infeliz que, tendo desdobrado, de um salto, a estatura herculea na meia sombra da senzala, extorcia-se agora n'umas contorsões horrorosas, desesperadamente agitando-se, de rastos, como a querer metter-se pelo chão a dentro.

Subito outro grito, mais outro, e em poucos momentos uma vozeria infernal que abalava os alicerces da casa,

estremecendo tudo, elevava-se do interior da senzala em cujo chão negro, n'uma desesperada convulsão infernal, agitavam-se, revolviam-se centenas de miseraveis, presos de uma agonia indescriptivel, n'uma dança macabra nunca vista, n'uma horrivel communhão de soffrimento que só difficilmente poderia ser concebida pelo delirio de uma imaginação allucinada para exemplar tortura e castigo dos mais detestaveis reprobos humanos.

E toda a agitação tumultuaria e dolorosa se foi pouco a pouco amainando e se confundindo no mesmo indefinivel resfolegar, soluçado e tremulo, que mais e mais se apagava até que tudo se converteu na sepulchral quietude de um silencio de morte.

Sem comprehender o que seria aquillo, o capataz colláva o ouvido á porta da senzala e mergulhava o olhar curioso pelo estreito orificio da fechadura. Tinha medo de haver acertado a verdadeira significação das scenas cuja vista aquellas paredes de carcere lhe estavam interceptando.

Quando viu que tudo tinha terminado, lembrou-se do velho fazendeiro que lá jazia, ainda, estendido sobre a palha da coberta, com a cabeça mergulhada pela abertura feita, em uma attenta e immovel contemplação sinistra.

O capataz chamou por elle; como não respondesse subiu tambem a escada, chamou de novo sacudindo-lhe o corpo : estava rijo, inanimado, morto, com as orbitas horrendamente esbugalhadas, com as pupillas apagadas agora, mas cujo espelho deveria ainda guardar o reflexo de tanta agonia afflictiva, o desespero de tanto soffrimento angustioso...

« Aqui acaba a historia do Gongo-Velho, » continuou o africano depois de uma pausa. Bem lhes dizia que não

era propria para ser contada a horas tão assombradas, pois isso já deve ir roçando pela meia noite e é só de defunctos a historia do Gongo-Velho. »

Calou-se o preto.

O relogio da torre da egreja começou sinistramente a badalar a hora funebre das almas penadas e um vento sussurrante arrepiava, como um fremito, as folhagens do arvoredo.

Então ergueu-se o velho narrador e disse aos companheiros com piedosa intonação na voz :

— Façamos oração, meus camaradas, para que seja alliviado em seu penar sem fim o triste velho matador, cuja alma sem descanço deve andar por estas horas lugubres, adejando nas proximidades do sitio assignalado por tão extraordinario episodio...

E, persignando-se, voltou á primitiva postura.

HAMBURGO

Notas e Impressões

Uma das grandes curiosidades de Hamburgo é o seu jardim zoologico. Dizem-no todos os guias ; confirmam-no todas as pessoas que visitam o velho emporio commercial do norte. Minha estada nesse jardim na noite em que cheguei, não se podia contar como visita. Apenas pudera então contemplar o aspecto encantador de um lindo concerto ao ar livre, num parque profusamente illuminado e repleto de gente alegre e ruidosa. Do jardim zoologico propriamente nada pudera ver, em verdade. Assim, mal despertei de minha primeira noite de Hamburgo, saltei do leito, abri os pesados reposteiros que

interceptavam no quarto a entrada da luz intensa da hora matinal, vesti-me, tomei um primeiro almoço, rapido e frugal, e sahi, subindo na rua a um carro que me levou ao celebrado parque.

Era pouco mais de oito horas quando entrei. Aconteceu que fosse uma quinta-feira, dia de descanço nas escolas e em que os professores levam os discipulos a instructivos passeios pelos parques e museus da cidade. O jardim zoologico nessa clara manhã estava cheio de crianças, divididas em grandes turmas, de meninos ou de meninas, algumas attentas ás explicações do mestre ante a jaula das feras ou os tanques dos otarios, outras em folga, correndo em alegre debandada pelas ruas e alamedas do jardim.

Eu não pretendo fazer aqui a descripção minuciosa do extenso e curiosissimo parque. Apenas direi que, sem ter as magnificas installações e cuidadoso tracto do jardim zoologico de Anvers, sem ter a extensão e a quantidade enorme de especimens do de Londres, o jardim zoologico de Hamburgo contem uma riquissima collecção de animaes de toda a especie, os mais lindos e os mais extravagantes, sendo cotado entre os primeiros do mundo.

Já não sei mais tudo quanto vi e admirei nesse pequeno canto de terra onde uma sabedoria experiente conseguiu reunir a fauna das cinco partes do mundo; o certo é que passei nesse jardim uma deliciosa manhã cheia de surprehendentes espectaculos e de perspectivas curiosas, a que dava a alegria folgazã da criançada uma encantadora nota de ternura e de graça.

Lembro-me bem que numa parte mais elevada do vasto jardim se ostenta a ruina de um velho castello, de que apenas resta de pé uma triste torre, escura e gretada.

Nas brechas e fendas da antiga construcção acham-se

accomodadas as gaiolas e casas das desgraciosas aves nocturnas, mochos de cinzenta plumagem, corujas a contemplar a luz com seus redondos olhos arregalados que nada veem de dia.

Andava eu por ali, a ver e observar as tristes aves do agoiro, quando um bando alegre de pequenas raparigas, futuras mães da poderosa raça germanica, tomou de assalto o desarvorado torreão.

Numa alacridade sadia, as meninas subiram as escadarias desengonçadas, escalaram os muros rôtos por todas as portas e janellas, e por fim, num espectaculo maravilhoso, animaram com o claro de suas vestes e o louro de seus cabellos as ameias do solitario castello, tal como se sobre elle houvesse pousado um fulgente bando de faisões de ouro.

Subito a vozeria cessou, mas em seguida, levando-me á alma a commoção mais funda, daquellas muitas boccas juvenis alçou-se a cantilena de um hymno religioso, pleno de uma uncção profunda, enchendo o espaço tranquillo de uma harmonia lenta e penetrante. Do alto dessa torre descortina-se um vasto panorama, principalmente curioso para o lado da cidade industrial e fabril. Centenares de chaminés, elevadas e negras, lançam no espaço, que se escurece, os movediços rolos de fumaça, e, a um lado, fechando o horisonte, ve-se a inextricavel floresta dos mastareos e das gáveas dos vapores e embarcações de todo o genero, ancorados no porto fluvial do Elba, um dos mais vastos e movimentados receptaculos das quilhas que sulcam as aguas de todos os mares.

E a minha visita a esse jardim maravilhoso foi se prolongando até que, meio dia passado, tive necessidade de voltar ao hotel. E ainda á sahida fôi-me dado gozar de um dos mais bellos e surprehendentes espectaculos que têm contemplado meus olhos: na rua principal do jar-

dim, que vae da porta de entrada ao largo terraço onde se encontram os estabelecimentos do botequim e salla de musica e baile, eleva-se o *aquarium*. Eu não fazia ideia do que isso fosse. Por fóra é uma pequena construcção, fechada e baixa, sem nada que desperte a curiosidade ou a attenção. Pela unica porta do edificio desce uma escada subterranea, que conduz a um pequeno adro de onde se estende um corredor escuro.

A gente penetra nesse corredor, e, quem ahi penetra pela primeira vez, fica surpreso ante a belleza e originalidade do que vê. Nas paredes, de um lado e do outro, se acham abertas grandes piscinas, illuminadas pela luz solar que vem do alto, e cuja contemplação é proporcionada por largos panos de cristal. Nessas diversas piscinas, para onde é trazida a agua natural de diversos mares, a gente sorprehende, na sua vida multiforme e cheia de imprevisto, o fundo accidentado do oceano. Peixes de diversos tamanhos e de feitios e cores as mais variadas, jazem immotos no meio d'agua num equilibrio que a razão humana não concebe, ou serpenteiam numa vivacidade incrivel, entre as algas e outras maravilhosas florações submarinas. E ali os ha de varios mares e climas varios. Cada nova *vitrine* que se contempla reserva uma surpresa nova, e é tão inesperado o espectaculo e tão maravilhoso, que a gente não tem mais vontade de sahir do escuro corredor. De tudo, entretanto, alguma cousa mais me sorprehendeu e maravilhou do que o resto : foi a piscina dos zoophitos, seres intermedios entre o animal e a flor, sobretudo as chamadas *anemonas do mar* ou *actinias*, — animadas florescencias que se engastam ás ramas de coral ou construcções de argilla do fundo oceano e, numa variedade suavissima de cores e matizes, — verdes, roseos, lilazes, alaranjados, — abrem e fecham os finos e longos tentaculos transparentes como

animados, vivos crisanthemos de um submergido jardim de fadas. Só a consciencia do dever de fazer outra cousa e a esperança de voltar mais tarde, me puderam arrancar a essa contemplação phantastica. Nada tinha visto até então e nada vi depois, no dominio da arte, ou no seio da natureza, que um tão interessante espectaculo me proporcionarsse aos olhos pasmos e quasi incredulos do que estavam vendo.

E' verdade que eu me achava numa suave disposição de espirito, que me predispunha para essa impressão tão intensa. O aspecto daquellas crianças, sadias e rubicundas, felizes na liberdade instructiva daquelle passeio matinal, e que eu encontrára, em grupos, á cada volta do caminho, que muitas vezes me envolveram, triste passeiante solitario, no turbilhão de suas ruidosas correrias, em cujo contacto, emfim, eu passára aquella deliciosa manhã, fresca e illuminada, esse aspecto de felicidade infantil me avivára a perenne saudade dos meus filhos que não me haviam acompanhado nessa rapida excursão ao norte da Europa. Essa disposição de espirito me enternecera o olhar e eu estava tudo vendo atravez da minha desperta saudade. Já havia dado uma hora da tarde quando vagaroso dexei o largo portão desse pequeno paraiso e ainda ahi parei, vendo um dos grupos escolares que haviam visitado o jardim, sahir delle e seguir, por uma das ensombradas ruas de frondosos carvalhos que o circumdam, em marcha militar, tesos e orgulhosos, conscios já de seu valor de soldados de amanhã, ao som cadenciado e agudo de um pifano estridente.

Ruy Barbosa

DO LADRÃO FIEL

Quem não terá ouvido fallar nesse lendario VIDOCQ, cuja legenda floreia ahi pelas encyclopedias em todos os idiomas? Iniciado na vida, quasi ao abrir della, por um furto de milhares de francos ao proprio pae, evadido logo apoz, errante entre vagamundos, palhaço, alistado no exercito, desertor, soldado, em seguida, no extrangeiro, condemnado ao açoite nas fileiras austriacas, fugitivo, re-alistado em França, divorciado outra vez da bandeira, outra vez aventureiro, reincorporado á linha, ahi promovido a official, restituido então ao jogo e ao roubo, falsario, condemnado como tal ás galés, tres vezes fugitivo e tres devolvido á grilheta, cançado, por fim, da perseguição policial, e pesaroso de malbaratar na industria do crime a longa experiencia, a sciencia consummada, que adquirira na batota, no lupanar e na calceta, teve, em 1809, a lembrança de offerecer a sua serventia á policia de BONAPARTE, e endereçou-lhe um memorial, onde se propunha a demonstrar que, para rastrear ladrões, necessario era ter sido ladrão.

Acceitaram-lhe os prestimos, sob a condição de cortir algum tempo mais de pena, encerrado nas enxovias do carcere de *la Force*. Ahí, na companhia dos condemnados, profundou os seus estudos na psychologia do mal, na arte do crime, no vocabulario do calão, e, posto depois desse retiro, no serviço da policia, á frente de uma esquadra de forçados, assombrou com as suas proezas de sagacidade o vulgo e os especialistas, até que, afinal, tendo organizado elle mesmo, num rasgo de amor pela sua vocação primitiva, uma espantosa aventura de salteadores, que desorientou os mais finos lebreus da prefeitura de Paris, decahiu da confiança do seu chefe, que o poz vilipendiosamente fora do cargo, dissolveu a companhia de criminosos rehabilitados, e nunca mais admittiu ás funcções da policia investigativa senão pessoas que exhibissem folha corrida.

Já se vê que não acabou com boas notas o ensaio do emprego de pessoas sem moralidade na moralização dos costumes sociaes. O chanceller PASQUIER, sob cuja administração policial, no segundo lustro do seculo, fora acolhido a vez primeira entre o funccionalismo da repressão aquelle bandido, nos diz, nas suas *Memorias*, dadas a lume ha poucos annos, extranhando o accesso, com que os relaxados escrupulos do imperio, da restauração e da monarchia de julho elevaram a tão delicados postos de confiança um tuna de tal calibre : « Em meu tempo, não se lhe consentiria transpor o limiar da minha antecamara, e com elle só tinha relações o chefe da secção que o utilizava. Essa confiança publicamente concedida, com tamanho despejo, a um condemnado, foi de pessimo effeito, e muito contribuiu, em varias occasiões, para desconsiderar a policia franceza. » E o certo é que o famanaz do pilhante nunca mais logrou volver ao theatro das suas glorias officiaes. Decretada a republica, em

1848, envidou elle esforços, por tornar á carreira laureada; mas LAMARTINE, a quem offereceu a profisciencia de principe dos secretas, rejeitou desenganadamente aquella parceria da autoridade com a gazúa.

Essa licção devia ser a morte, para todo sempre, ao menos em materia politica e administrava, da velleidade, que já consignavam os nossos mais velhos adagios, de *fazer do ladrão fiel*. Pouco importa que o nosso annexim nos esteja a dizer, ha mais de trezentos annos : *Queres fazer do ladrão fiel, fia-te delle*. O contraste dos factos nos dotou, mais tarde, com outros ensinamentos. A moral dos governos afastou-se das tradições desse desdem pelo asseio dos instrumentos do poder. A França, com a sua superioridade na vulgarização do mal e do bem, nos acudiu com o exemplo mais typico das decepções do systema. E, ao cabo, a prudencia humana regressou ao bom senso, melhor engastado noutro rifão popular, que os habitos devotos de nossos maiores facetaram nesta lapidação semi-religiosa : *Contas na mão, e olho no ladrão.*

Eis senão quando, agora, porém, a theoria acaba de renascer, e dignificada com a coroa civica, no parlamento brasileiro. Foi um dos nossos confrades quem relatou o caso na sua innocencia, uma dessas á que a phraseologia da moda chamaria simplesmente adoravel. Justificando o projecto do arrocho commercial, leu antehontem, na camara dos deputados, o seu illustre autor certo lanço de um periodico inglez, onde se arguia o banco allemão de ser aqui o centro da baixa; com o que declarou o orador estar do mais pleno accordo. Seria preciso não se achar na assentada o Sr. FAUSTO CARDOSO, para lhe não ir, no mesmo ponto, com os embargos, com que foi : « E v. ex. apoia o ministro, que nomeou, para dirigir o nosso primeiro estabelecimento de credito, o director de um banco baixista? — « Apoio, sim; porque,

assim fazendo, usou do habil estratagema de transformar *o ladrão em fiel.* »

Se fosse da nossa penna que irrompesse uma tal phrase a proposito do acto do ministerio da fazenda em relação ao Sr. PETERSEN, era a maior das affrontas ao banqueiro e ao secretario de estado. Mas, na bocca de um amigo do governo, será, talvez, até para agradecer. Bem se comprehende a razão, que é justa. Articulada por nós a sentença, seria maleficio de ironia. Decorrente de um ministerialista, é a ingenua confissão de uma intimidade, que devia ser enunciada sem ambages, para evidenciar a candura da situação. Não ha de que nos escandalizarmos, quando o sentimento corre assim a froixo dos mananciaes da consciencia tranquilla, no cristal da mais limpida sinceridade.

A philosophia do apophthegma é simples. Quer dizer apenas que, a respeito de cada vicio, a incumbencia da sua eliminação ha-de commetter-se a elle mesmo. Não será o que nos ensina, em bacteriologia, a noção dos mi crobios e toxinas? Não será o que se pratica em homœopathia, segundo o lemma therapeutico da cura de cada enfermidade pelo agente que a produziria? Nada mais scientifico, nem mais hahnemannico. Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, *tarantula cubensis*. Porque a mordedura desse arachnideo gera symptomas de peste. Logo, a previne. Logo, ha-de cural-a. Agora, na Bolsa, qual é a praga? Especulação. Agiotagem. Baixa. Logo, baixista. Logo, agiota. Logo, especulador. Logo, o director do banco allemão.

Muito bem. Appliquemos o principio. Corrompe-se a administração? Ponhamos-lhe á testa um corrompido. Venalizou-se a municipalidade? Chamemos de Nova York, para inaugurar a reforma, o chefe de TAMMANY HALL. Quer-se fidelidade nas funcções fiscaes? Installe-se no

systema tributario do paiz a delação. Vae escasseando a moeda até para a paga das tropas? Queime-se dinheiro. Ha desvios na metade feminina da especie? Entregue-se a THAIS a direcção dos internatos. Vae feio o contrabando? Sejam providos na superintendencia aduaneira os melhores contrabandistas. Assanham-se os larapios? Confie-se a policia ao insigne AFFONSO COELHO.

Grande kaleidoscopio de surpresas, a scena financeira. Do individualismo spencerista passamos, de um salto, ao socialismo ultra-moscovita. Agora de um fiscalismo implacavel nos atiramos ao vidocquismo. Permittam-nos baptizar assim, com o nome que a sua associação historica lhe dá, a moral politica do ladrão convertido em fiel. Quando se erigir o héroon da nossa epocha, alvitramos que esta seja a inscripção do monumento.

A LIÇÃO DAS ESQUADRAS

Ha uns poucos de dias que o *poço*, o ancoradouro do Rio de Janeiro, nos offerece extraordinario panorama. Ao correr dos bondes pelas ruas de onde se descortina o mar, todos os olhos se estendem para elle. A' superficie do elemento azul cinco pavilhões estrangeiros affirmam diversamente o tamanho das nacionalidades, que representam. Alli se ostenta, de extremo a extremo, a escala inteira do poder naval, desde a grandeza crescente da Grã Bretanha, a mãe dos mares, a semeadora de povos, até á magestade simplesmente historica da Lusitania, a soberana descoroada, mas veneravel, de cujo manto as vagas parece roçarem ainda com respeito a fimbria em em torno do *Adamastor*. Passa e repassa a vista curiosa por essa assembléa extraordinaria de testemunhas do oceano, e não lhes pergunta que nos dizem, que nos tra-

zem desses longes do espaço e do tempo, da immensidade vaga, aonde o passado se recolhe, e donde assoma o futuro, como as velas repontam do horisonte. Povo descuidado, abrimos as palpebras entre dois intervallos de sésta, á brisa da costa doirada pelo sol, banhando-nos na tepidez do ar, na volupia do colorido, na embriaguez ambiente da luz, e banindo d'alma os pensamentos do imprevisto, cerrando-a ao sussurro da consciencia, que falla pelo rugir das aguas eternas.

Ingenuamente dilatamos as pupillas, com alguma coisa da impressão primitiva dos antigos hospedes das nossas selvas, quando essas grandes aves que arribam da civilisação açoitaram pela primeira vez com as largas azas brancas a quietude deste estuario, como se, tantos seculos depois, ainda inquirissemos de onde veem essas gaivotas gigantescas, onde foram buscar umas a elegancia das suas linhas e a alvura do seu dorso, outras a negrura do seu vulto e a arrogancia do seu collo.

No olhar dos mais intelligentes, quando muito, se descobriria alguma coisa daquella sensação dos passageiros de um transatlantico, debruçados para o crystal retinto, nas paragens onde palpita o coração do globo, pelas aguas quentes do equador scismando nas maravilhas em que se annunciam á tona essas florestas submarinas, á vista das quaes são desertas as da terra, contando um a um esses encantos do inesperado, seguindo essas pradarias do mundo liquido, as gorgonas, as isis, as pallidas anemonas cor de rosa, os alcyones, a flora cambiante e ephemera, com que as arterias da natureza oceanica ajardinam a zona das calmas, o dominio oscillante das algas, essas regiões onde se espelham complacentemente os resplendores solares, e se occultam os immensos reservatorios da vida submersa.

Mas não basta admirar : é preciso aprender. O mar é

o grande avisador. Pol-o Deus a bramir junto ao nosso somno, para nos prégar que não durmamos. Por ora a sua protecção nos sorri, antes de se trocar em severidade. As raças nascidas á beira-mar não têm licença de ser myopes; e enxergar, no espaço, corresponde a antever no tempo. A retina exercida nas distancias marinhas habitua-se a sondar o infinito, como a do marinheiro e a do albatroz. Não se admittem surprezas para o nauta: ha de advinhar a atmosphera como o barometro, e presentir a tormenta, quando ella pinta apenas como uma mosca pequenina e longiqua na transparencia da immensidade. O mar é um curso de força e uma escola de previdencia. Todos os seus espectaculos são lições: não os contemplemos frivolamente.

Na festa de hontem bem poucos se deteriam em penetrar a expressão intima desses convidados do outro hemispherio, ou do outro continente, cujos canhões honraram a solemnidade nacional, cujos galhardetes flammeavam em arco á luz do sol, e cujas myriades de focos rutilantes constellaram de noite a bahia. Cada um delles era, entretanto, uma interrogação mysteriosa ao novo porvir. Esses mensageiros da civilisação européa e americana, deslumbrados na magnificencia das nossas costas, nas estupendas bellezas da nossa terra natal, estudam o homem, que a habita, e procuram nas suas obras o sello das grandezas que o circumdam. Quando voltarem desta cerimonia, a que concorreram com a distincção do seu obsequio, com a imponencia da sua presença, irão dizer aos que os mandaram se a creatura aqui responde á liberalidade do Creador, se este ramo da familia humana trabalha pelo bem commum. E queira Deus que desse juizo nos possamos desvanecer, como com esta fineza nos lisonjeamos.

Bastava que de nossa parte os estudassemos, para

sentir quanto nos esquecemos de nós mesmos. Por elles veriamos como presentemente o valor dos povos quasi que se mede pelo seu valor no oceano. Considerae nessa obra prima do *Adamastor*, pequeno escrinio de ferro onde parece refugiar-se o maior dos poemas navaes, como a mais formosa das linguas no canto dos *Lusiadas*. Vede o *Carlos Alberto*, a *Calabria*, o *Piemonte*, o orgulho de Roma e de Veneza, esbordando o Mediterraneo, para ostentar na outra metade do planeta o arrojo das suas aspirações, o garbo das suas obras e o vigor da sua gente. Olhae para as duas fragatas, a *Sophia* e a *Nixe*, vedetas soberbas daquella formidavel nacionalidade, cuja ambição arde pela gloria naval, prelibada não ha muito, no heroico lyrismo daquellas palavras imperiaes: « Nosso futuro está no mar. » No *Iowa* e no *Oregon*, quentes da guerra, estuantes do fogo, como que ainda frementes do canhoneio, medi o poder dos colossos que a liberdade levanta e a miseria dos paizes maritimos desapercebidos no oceano. Notae, emfim, com que fidalguia de primeiros entre eguaes se embalam nas ondas, entre os outros, o *Beagle* e o *Flora*, pequenas malhas esparsas da coiraça que abriga pelos mares a potencia universal da maior das nações, a antiga regedora das vagas.

Nós tinhamos alguma gloria, para não entrar humilhados nesse comicio brilhante. Não faz mais de trinta annos que as aguas do Prata davam testemunho de proezas inolvidaveis, consummadas por uma esquadra de heroes brasileiros. Acabava a guerra separatista nos Estados-Unidos, que tamanha revolução produzira nas artes da lucta naval. E, comtudo, guardadas as proporções, affirmam os mestres que a campanha fluvial do Paraguay não foi nem menos gloriosa, nem a certos respeitos, menos instructiva. Nos maiores movimentos

estrategicos do nosso conflicto com o despota de Assumpção coube sempre á nossa armada uma parte capital, decisiva, admiravel, e a bravura dos nossos marinheiros, sua intelligencia, sua capacidade mostraram em nós ao mundo o nervo, de que se faz o caracter das nações. Era um thesoiro, que se não devia malbaratar; e malbaratou-se. Não haveria sacrificios, que outros não fizessem, por conquistar esse prestigio. Nós o tivemos, obtido á custa do melhor do nosso sangue, e deixamol-o perder.

E' mister rehavel-o, se é que temos empenho em conservar a nossa nacionalidade. O oceano tem sido quasi invariavelmente o campo de batalha pela independencia das nações que confinam com o mar. Essa Hollanda, um de cujos navios visitou ha pouco as nossas aguas, não a deveu, no seculo dezesete, senão ás victorias dos seus almirantes. A Inglaterra não teria preservado a sua existencia, se as suas frotas não houvessem desbaratado as da França em 1692, em 1759 e em 1805. A França não teria ido sepultar a sua fortuna com a de Napoleão nos gelos da Russia, se batesse as forças navaes inglezas em Abukir e Trafalgar. A União não teria supplantado, na America do Norte, a revolta dos estados meridionaes, se as esquadras da legalidade não levassem immensa vantagem ás da confederação. O Brasil sem os seus navios não teria anniquilado o Paraguay. Foi no mar que se abysmou a China. Foi no mar que pereceu a Hespanha. No mar é que se liquidaria a questão da Argentina com o Chile. E na grande conflagração européa, se um dia se desencadeasse, a ultima palavra tocaria ao mar.

Ora, presentemente, quando o mar intervem nas questões entre os povos, é como o raio Em poucos dias a aggressão, o combate e a victoria, ou a ruina. Uma

batalha supprime uma esquadra, e a suppressão de uma esquadra póde envolver o desapparecimento de uma nação. Feliz do que póde ser o primeiro no golpe, e amarrar por bandeira ao grande mastro a vassoira de TROMP. Se ella encontrasse abandonado á sua violencia impetuosa um litoral de seis mil e quinhentos kilometros, póde ser que então a surdez chronica da politica brasileira começasse a perceber a voz que detona, por essas praias além, no fragor continuo das rochas e das ondas : « Marinheiros ! Marinheiros ! Marinheiros ! »

REDACÇÃO DO CODIGO CIVIL

FRAGMENTOS DO PARECER

I

. . . .

Buscou a commissão da Camara solver o conflicto, até onde lhe era possivel nos estreitos limites de tempo que se traçara. Mas nelles não podia caber tudo. A celeridade com que alli se ultimou uma faina sem exemplo em nossos annaes parlamentares, votando, quasi sem debate, centenas de emendas, não dava grande espaço á maturação das idéas. Onde, portanto, o vagar para o trabalho de lima, para a severa moldagem das fórmulas numa lingua adequada, elegante e segura ?

Bem sei que, em rapido excurso ao Norte, o digno presidente daquella commissão, portador solicito do trabalho por ella adoptado, o submetteu ao esmeril de um grammatico illustre. Conheço e acato essa autoridade, que tenho a fortuna de considerar entre os meus primeiros e melhores mestres, contando-me, ainda hoje, entre os

seus discipulos mais reverentes. Mas para a empreitada apenas lhe deram alguns dias; e, em tão acanhado lapso de tempo, não seria possivel, a quem quer que fosse, reduzir a vernaculo soffrivel, desbastar, cepilhar, brunir uma estructura legislativa de quasi dois mil artigos, onde a violencia da rapidez na producção intellectual obrigara o legislador a descurar o lavor literario, não menos essencial á duração das leis que á das demais obras do entendimento. De quanto melhorou, transitando pelas mãos do sabio e laborioso philologo, a linguagem do projecto, bem se poderá julgar pelos vestigios, que ainda lhe restam de incorrecção e desalinho. Em taes casos muito deixa sempre por fazer a emenda inicial. Ao primeiro passar do retocador, caem apenas as rebarbas mais grossas. O lavor artistico demanda mais pausa, não se obtendo senão a poder de tempo, estudo e mimo.

Para bem redigir leis, de mais a mais, não basta grammaticar proficientemente. A grammatica não é a lingua. O alinho grammatical não passa de condição elementar nos exames de primeiras letras. Mas o escrever requer ainda outras qualidades; e, se se tracta de leis, naquelle que lhes der fórma se hão-de juntar aos dotes do escriptor os do jurista, rara vez alliados na mesma pessoa. São as codificações monumentos destinados á longevidade secular; e só o influxo da arte communica durabilidade á escripta humana, só elle marmoriza o papel, e transforma a penna em escopro. Necessario é, portanto, que, nessas grandes formações juridicas, a crystallização legislativa apresente a simplicidade, a limpidez e a transparencia das mais puras formas da linguagem, das expressões mais classicas do pensamento. Dir-se-á que ponho demasiado longe, alto em demasia, a meta, que a sublimo a um ideal praticamente irrea-

lizavel. Mas eu não exijo que egualemos essa perfeição custosa e rara. Basta que, ao menos, della nos acerquemos, não a podendo alcançar: que a lei não seja imprecisa, obscura, manca, disforme, solecista. Porque, se não tem vernaculidade, clareza, concisão, energia, não se entende, não se impõe, não impera: falta ás regras da sua intelligencia, do seu decoro, de sua magestade.

II

. . . .

. . . .

Não proseguirei, senhores. Seria esmiudar particularidades, que nas minhas ligeiras notas ao texto do codigo encontrarão melhor cabida. Basta o que até aqui vae dito, para evidenciar praticamente que não é questão de mera grammatica, tampouco o é de simples philologia, nem ainda o será de pura capacidade literaria a redacção de um codigo civil. No codificador taes aptidões hão de reunir-se, como instrumento, ao saber nos ramos do direito, cuja substancia se pretende reduzir a leis. Quando não, o jurista ou trahirá, no escrever, a sciencia, ou será trahido pelo escriptor, a quem incumbir a obra d'arte. A' alliança de todas essas qualidades no mesmo individuo se devem os serviços prestados á codificação portuguesa por Alexandre Herculano, em cuja admiravel competencia o genio do jurisconsulto rivalizava o do prosador.

Tão longe desse padrão supremo, como a terra do céo, aventurei-me, por obter alguma coisa no mesmo sentido, a lutar com a minha mediocridade e a minha timidez. Não presumo, pois, ter-me approximado sequer da correcção, que entrevejo. Obra emendada não pode ser obra perfeita, ainda quando a mão, que emenda,

seja capaz da perfeição, quanto mais estando tão aquem dessa altura. As correcções, que alvitro, não armam, portanto, senão a melhorar, quanto eu sabia, o trabalho primitivo. Urgidas pela escassez do tempo e obrigadas a cingir-se aos moldes da mão d'obra alheia, muitas dellas susceptiveis tambem, por sua vez, de outros reparos, ficam apenas a meio caminho do que a mim mesmo, com todas as desvantagens da minha inferioridade, me seria possivel, se me tivesse cabido a honra da primeira redacção, ou se, para a rever, dispuzesse de prazo razoavel.

Bem ingrata é, pois, de todos os lados, a tarefa, que me impuz, e que talvez não houvesse transposto o meu gabinete de estudo, se com a presidencia, que me confiastes, dos vossos trabalhos não crescesse tanto a minha responsabilidade. Deante d'ella, com a viva percepção, que tenho, das taras do projecto na sua fórma (não tracto aqui senão della) e o meu profundo sentimento da importancia desta em relação ao valor da lei, que vamos ultimar, eu não podia emmudecer, sem prevaricar aos meus deveres. Muito mais commodo me seria, se me não temesse da minha consciencia, illudil-os, para lisongear vaidades, e captar amigos. Perdoem-me, portanto, aquelles, cujo amor proprio as necessidades desta situação me constrangem a desagradar.

Ainda inferior, talvez, á de hoje, não é a geração de amanhã que nos sentenceará. Mas pode ser que a patria resurja algum dia em nossos netos. Encontraremos então, entre esses, quem nos julgue; e será miseria, aos seus olhos, termos estampado a consciencia juridica do nosso tempo num codigo civil, que até elles não chegue, ou das suas escolas venha a ser refugado, por corromper o fallar da mocidade. Embora frouxo éco possam ter estas idéas actualmente, porque um povo insensivel á

mutilação do seu territorio não se poderá doer da adulteração de sua lingua, eu, meus illustres collegas, lavrarei hoje por esta, no seio de vós, como ha dois annos, lavrava por aquelle, da tribuna do senado, o meu protesto. Se porventura somos uma familia humana condemnada a perder a individualidade, e ser devorada pelas nações civilizadoras, quero estar entre os ultimos a não se desconvencerem, nesta terra, de que uma raça, cujo espirito não defende o seu sólo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por elle absorvida.

III

DA REPLICA

. . . .

— Aqui temos outra bugiganga critica, de que o sabio professor bahiano se dignou fazer cabedal.

Eu me poderia abster de mais nada, redarguindo a tão respeitavel sciente com a sua propria autoridade; porque o *asnão*, albardado por elle dentre as linhas do meu substitutivo, não seria animal de outra especie que o *asno* tresmalhado na *Grammatica Portuguesa* (p. 148) do meu velho mestre, cujo alto saber, sem advertir nos inconvenientes philologicos do aurito solipede, alli escreveu confiadamente : « *Mas no* primeiro destes dois ultimos idiomas... »

O argumento *ad hominem*, porém, apenas me serviria de mostrar a fraqueza da memoria humana e os riscos da perversidade, ainda quando se insinue no coração dos bons. Não se me faz mister o subsidio pessoal do professor Carneiro, ainda que valedio quanto os que mais o forem, para mostrar que a posposição da negativa ao adverbio *mas* não constitue cacophaton.

Bem sei que mais de um grammatico ensina o contrario. Mas a esses esqueceu um criterio essencial na verificação dessas anomalias grammaticaes. Cacophaton é o som desusado, ou a combinação insólita de sons, que, pela extravagancia, desafinada, indecorosa, ou risivel, escandaliza ou desgosta o ouvido. Quando o costume correntio, tradicional, unanime, universal de um idioma consagra uma associação de palavras, seja qual for a combinação que dellas resulte, não póde contrariar as leis da harmonia, que é, em boa parte, mero effeito da accommodação entre o sentido humano e os sons a que se affez. Se, acertando uma vez de se encontrarem, dois vocabulos, que se não fazem boa companhia, suscitarem, pelo seu contacto, imagens deshonestas, inconvenientes, ou esdruxulas, surprehendida pela novidade, a audição immediatamente a perceberá, sentindo-se, e reagindo por um phenomeno instinctivo. Mas, se já nos costumámos a presencear esse encontro, se de cotio o praticamos, nossos passados o praticaram, e terão de o praticar os nossos descendentos, como recurso comesinho da linguagem, toda a gente de siso encolherá os hombros á caturrice do escogitador, que, contra o uso geral de uns poucos de seculos e de todos os logares, der um dia o grito de cacophaton.

IV

DEFEITUOSA PROBIDADE

. . . .

« Não ha probidade defeituosa », declara o mestre. « Se probidade é o apego severo aos deveres »; « se probidade é synonimo de integridade, honestidade »; « se o adjectivo *defeituoso* o mesmo vale que imperfeito » : « póde a probidade ser *estricta, austera, severa, rigorosa,*

escrupulosa, etc. » ; « defeituosa é que não póde ser. »

Com o mesmo arrazoado em que se ella estriba qualquer logico de fracas posses provaria o erro desta sentença, aliás tão categorica e tesa, que me começou por deixar perplexo e atalhado.

Só ás qualidades susceptiveis de imperfeição podem caber os adjectivos, por onde a perfeição se discerne e exprime. Se não ha probidade *imperfeita*, toda a probidade é necessariamente *rigorosa, escrupulosa, estricta, severa ;* porquanto, falseando á severidade, á estreiteza, ao escrupulo, ao rigor, terá incorrido em defeitos, e de ser capaz de os ter é justamente que o mestre lhe sustenta a impossibilidade. Uma de duas : ou a idéa de *perfeição* é, como quer o dr. Carneiro, substancial á de *probidade*, e não haverá probidade, que não reuna todos aquelles caracteres ; ou, se ha probidade, a que elles possam faltar, probidade ha capaz de faltas, arriscada a faltas, isto é, *defeituosa probidade.*

O padrão metaphysico, a que o mestre submetteu o conceito de *probidade*, quadraria com a mesma justeza a cada uma das virtudes. Todas ellas são absolutas no archétypo divino ; todas lacunosas em cada uma das suas imagens terrenas. E' o que o dr. Carneiro não vê, ou não quer ver.

Dada a fragilidade humana, pareceria natural que *a virtude*, nos melhores, tivesse as suas quebras. Mas a nova theoria só admitte a virtude estreme e intemerata : a dos santos, ou a dos estoicos. E que diremos então da sciencia ? Poderá ter falhas ? Não póde ; visto que *falhar*, em materia de saber, é *ignorar*. Em não abrangendo, pois, quando menos, o cognoscivel todo na sua universalidade, usurpou a *sciencia* o nome, de que usa. No rigor logico, *sciencia que não sabe*, é proposição que se implica nos seus termos. Não haverá, pois, meio

termo entre o apedeuta e ARISTOTELES. Ou tudo, ou nada: ou sciencia ou ignorancia. Em assumptos de *honra*, por egual, ou LUCRECIA, ou MESSALINA; ou CATÃO, ou CARTOUCHE. Coragem, bravura, intrepidez, tambem, só a dos heróes. Ou BAYARDO, ou cobarde. Não concebe o dr. CARNEIRO as qualidades moraes, a não ser no superlativo da sua idealização cabal. A *honestidade*, que não for sem jaça, como a dos diamantes raros, perdeu o jus aos foros de honestidade. Em *improbidade* para logo degenerou a *honra*, se lhe aconteceu passar pela leve tara. Moral com eclipses, religião com peccados, caracter com desvios não se concebem. Eis onde vae parar a philosophia do mestre.

VIEIRA, com todas as austerezas do pregador, com todas as severidades do pulpito, era menos absoluto, reservando tão sómente á virgindade essa condição extrema de não tolerar deslise, de não admittir diminuição, nem augmento. « *Se fallara* », dizia elle, « *de qualquer outra virtude, não tinha difficuldade esta doutrina.* Mas da virgindade, parece que não póde ser, porque a virgindade *consiste em indivisivel*. E' uma inteireza perfeita, incorrupta, intemerata, que não póde crescer, nem minguar, nem admitte mais ou menos. » (*Sermões*, v. I. p. 103.)

> A combien de désirs il faut que l'on s'arrache,
> Si l'on veut conserver une *vertu sans tache*!

versejava CRÉBILLON; e *vertu sans tache*, escreve CHARPENTIER trasladando a francês o *probitatis spectatœ* de TACITO. De onde se vê que, na expressão dos merecimentos humanos, não é incompativel com a nota de virtude a reserva de *maculas*, *taras*, *lacunas*, *defeitos*.

« Qui n'aurait que *la probité que les lois exigent*, serait encore un assez malhonnête homme », escrevia DUCLOS:

« bem improbo seria aquelle, cuja probidade não passasse da exigida nas leis » ; o que nos mostra do padrão legal ao podrão moral da probidade quanto vae a dizer. « *La probité d'un avare* n'est pas moins suspecte que l'honneur d'une coquette » dizia Cœuilhé : « a probidade de um avarento não é menos suspeita que a honra de uma loureira » ; e ainda aqui se descobre quantas differenças medeiam, socialmente fallando, entre probidade e probidade. Era Massias quem advertia « qu'on répare difficilement les *fautes contre la probité*, jamais celles contre l'honneur » ; onde se vê como os peccados contra *a probidade* nem sempre a destroem, antes della mesma sae a força de os reparar.

Não seria acaso a idéa de *probidade* susceptivel de comparação? não compadeceria a noção usual de intensidade e desenvolvimento maior, ou menor, isto é, de augmento e diminuição? Mas os latinos tinham *probissimè* (Terencio, *Adelph.* III, 3, 65), que nós verteriamos *probissima* ou *honradissimamente*. Plinio disse *probissimus vir*. (II, ep. 9, e X ep. 95.) Cicero : « Modestior rex, et *probior* et *integrior*. » (X, *Ad. Att.*, 7.) E Plauto : « Esse *probiorem*, quam ipsus fuerit, postulet. » (*Pseud.* 1, 5, 23.) A propria concepção de *integridade*, no padrão relativo da nossa linguagem, não escapa á idéa commum de graus. « Quid hac quæstione dici potest *integrius?* » exclamava Cicero. (*Pro Mil.*, 22.) E não tinham elles *integerrimè, integerrimus*, como nós *integerrimamente, integerrimo ?* « Asiam *integerrimè* administravit. » (Suetonio : *Vespas.*, 4).

Se a *probidade*, logo, humanamente fallando, póde ser maior, ou menor, mais ou menos perfeita, é que será tambem capaz de imperfeições. E de homens não seria ella, se não fôra. Se a probidade não tolerasse máculas, como se poderia fallar em *probidade immaculada ?*

V

PONTUAÇÃO

. . . .

Como eu notasse ao projecto, em certos lances, parcimonia excessiva no virgular, desforra-se o professor CARNEIRO, acoimando-me de prodigalidade na virgulação.

Proemiando a versão das *metamorphoses*, onde presentia incorrer nesse defeito aos olhos de outrem, « Se descontentar », dizia CASTILHO ANTONIO, « é um livro mal pontuado; por onde não virá nenhum mal ao mundo.[1] » Assim responderia eu ao meu critico, se fosse da pontuação num livro *meu* que se tratasse. Mas trata-se da pontuação *no codigo civil*. Não devo, pois, entregal-a indefensa á fortuna da assacadilha, que a poderá ter melhor do que mereça.

Nos monumentos escriptos da historia, ou da lei, um ponto, ou uma virgula pódem encerrar os destinos de um mandamento, de uma instituição, ou de uma verdade. A estranha e aggravosa critica do mestre á redacção do art. 199 no meu substituitivo já nos deu a ver como, para coroar uma creatura humana com um par de orelhas d'asno, basta calumniar-lhe a ortographia de uma clausula grammatical, engolindo-lhe uma virgula, substitiuindolhe um colon por um ponto final. Mas ninguem celebrou ainda a importancia e (porque não dizer?) a venerabilidade quasi sacra dos signaes orthographicos em termos de tamanha edificação como um dos nossos maiores no magisterio da penna e da palavra, o padre VIEIRA, pregando, ha dois seculos e meio, a quaresma.

« Bem é » clamava elle, « que saiba o nosso tempo

[1] *Metamorphoses de Ovid.* Prol., p. XX.

quanto bastará, para falsificar uma escriptura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma palavra? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos basta. Não é necessario para falsificar uma escriptura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto ou uma virgula. [2] Perguntam os controversistas se, assim como na sagrada escriptura são de fé as palavras serão tombem de fé os pontos e virgula? E respondem que sim; porque os pontos e virgulas determinam o sentido das palavras; e variados os pontos e virgulas tambem o sentido se varia. Por isso antigagamente havia um conselho chamado dos Masoretas, cujo officio era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuação da escriptura. Esta é a galanteria mysteriosa daquelle texto dos canticos: *Murenulas aureas faciemus tibi vermiculatas argento*. Diz o Esposo Divino que fará a sua esposa umas arrecadas de oiro, esmaltadas de prata: e o esmalte (segundo se tira da raiz hebrea) era de pontos e virgulas; porque, em logar de *Vermiculatas*, lêem outros: *Punctatas virgulatas argento*. Mas, se as arrecadas eram de oiro, porque eram os esmaltes de prata, e formados de pontos e virgulas? Porque as arrecadas são ornamentos das orelhas onde está o sentido da fé: *Fides ex auditu;* e nas palavras de fé, ainda que os pontos e virgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o oiro), tambem pertencem á fé tanto como as mesmas palavras. As palavras, porque formam a significação; os pontos e virgulas, porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo: *Surrexit; non est hic*. Resuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Christo resuscitou, e com as mesmas (se se mudar a pontuação)

[2] E' o que se me fez na aleivosa censura á redacção do substitutivo quanto ao art. 199.

póde dizer um herege que Christo não resuscitou: *Surrexit? Non; est hic.* Resuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e virgulas, com as mesmas palavras se diz que Christo resuscitou; e é de fé; e com as mesmas se diz que Christo não resuscitou; e é de heresia. Vêde quão arriscado officio é o de uma penna na mão. Officio que, com mudar um ponto, ou uma virgula, da heresia póde fazer fé e da fé póde fazer heresia. Oh que escrupuloso officio! »

Os escrupulos e riscos de officio tal não creio já os sentisse alguem mais vivamente que eu vendo-me em travacontas de palmeria com o mestre, por não saber com as virgulas a quantas ando. Que se metta a redigir codificações quem não sabe dar a um periodo a pontuação elementar? quem numas duas ou tres linhas de seu proprio punho anarchiza toda a orthographia? quem tontamente abusa de pontuação, ao extremo de cançar e adoecer a visão ao leitores?.

. . . .

VI

. . . .

Aquelles que educaram a faculdade da palavra na lição de escriptos estrangeiros, que se affizeram a pensar num genero de aravia cosmopolita, feita a esmo de quantos residuos o contacto de idiomas peregrinos lhes foram imbutindo na mente, que habituaram o ouvido a essa lingua bastarda, a esse dialecto promiscuo, a esse fallar incongruente e discolo, perdendo o senso de vernaculidade, o tino da sua belleza, a intelligencia da sua harmonia, acabam por suppôr seriamente mais clara essa miscellanea amorpha, emburilhada e rude, esse português mistiço de entre lobo e cão, no pitoresco dizer

dos nossos maiores, que o genuino phraseado patrio, onde até as singularidades, os modismos, as anomalias são traços de luz, gradações de idéas, claroescuros de perspectiva na imagem verbal do pensamento.

Não me proponho a curar desse achaque os que o contrahiram. Bem sei que delle raros acertam de sarar. Na « vergonhosa metamorphose por que está hoje passando o português » entre nós, « homens aliás mui instruidos, verdadeiros sabios em outras materias, commettem crassos erros de linguagem ». Depois então que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de ALENCAR e outros menores, « *o dialecto brazileiro* », todas as mazellas e corruptelas do idioma que nossos paes nos herdaram, cabem na indulgencia plenaria dessa fórma da relaxação e do despreso da grammatica e do gosto. Aquella « formosa maneira de escrever », que deleitava os nossos maiores, passou a ser, para a orelha destes seus tristes descendentes, o typo da inelegancia e obscuridade. Ao sentir de tal gente, quanto mais offender a linguagem os modelos classicos, tanto mais melodias reune; quanto mais distar do bom português, mais luminosidade encerra. As bossas da palavra recheiaram-se-lhe de francês, ligeiramente lardeado ou trufado ás pressas de inglês e allemão. De todos esses idiomas, afinal, todos mal sabidos, haurido na sciencia de cada um apenas o *quantum satis* para o trato dos livros, a que a profissão, ou a curiosidade os attrae, fica-lhes sendo a nossa apenas a menos mal conhecida entre as varias linguas estrangeiras, cuja mistura cultivam.

Os franceses, observa o melhor dos nossos criticos, « escrevem naturalmente bem; são excepções os que delles conhecem, além das linguas classicas, outro idioma que não o seu; mas mesmo o conhecendo, lêem enormemente mais no seu que no alheio. Aprendendo o

seu profundamente (o curso de francês nos lyceus é de sete annos) e directamente dos seus grandes escriptores estudados sob todos os aspectos, não admira que a critica alli raro tenha a notar-lhes incorrecções de linguagem ». Entre nós, bem ao contrario, os melhores alumnos transpõem os cursos secundarios e superiores sem o menor germen de estima do idioma patrio. Aquelles que, por mais laureados, como o dr. B., o alto magisterio vem a chamar ás suas cadeiras, vão levar á mocidade, com o exemplo, a persuação de que os grandes merecimentos se sublimam, arregaçando as vestes talares da sciencia, por não roçarem no chão as questões inuteis de linguagem.

VII

ARCHAISMOS

> « E' caso mui digno de notar que os meus criticos de agua doce não me accusem senão de palavras antigas... Ora esses que me argúem de antigualha, tomem o trabalho... e contem as palavras antigas, e vão ao mesmo tempo fazendo outro rol das modernas, e, feita a somma, verão que por uma antiga, que a necessidade do assumpto, ou a redondez da phrase me inclinou a usar, encontrarão com vinte modernas que talvez me grangeariam a accusação de modernista. »
>
> FILINTO ELYSIO: *Obr.*, v. I, p. 55-6.

O gosto da antiguidade levado ao archaismo, isto é, a mania de rejuvenescer inutilmente formas anachronicas, inintelligiveis ao ouvido commum na época em que se exhumam com o vão intuito de as modernizar, avulta entre os mais ridiculos e insensatos vicios do estylo, no fallar idiomas vivos. E', todavia, um dos achaques, de que me acaba de fulminar a nota o concurso dos censores

do meu trabalho sobre a redacção do codigo civil. Desta assacadilha me não defenderia eu, se a devesse apenas á gente que HERCULANO definiu, alludindo aos « criticos de folego curto e letras rabudas ». Mas, com os que vêm dar regras deste assumpto, sem saber de todo em todo o que dizem, tambem os ha daquelles que o bom Fr. LUIZ DE SOUZA classificava de « sujeitos grandes em virtude e letras. De « algum politico, mau grammatico e peior christão », que se esteja a saborear dos seus remoques neste sentido á minha prosa, mais que vingado me dou pelo proprio nome que os assigna. Mas não posso votar ao justo despreso dos *falsi et audaces emendatores* um critico do porte do sr. JOSÉ VERISSIMO, ornamento do seu genero entre nós, *vir in cognoscendis rebus multi studii*, nem um philologo da reputação do professor CARNEIRO, *multi nominis Romæ grammaticum*. Bem que de ambos esses « as suas grandes letras, aviso e prudencia » me autorizassem a esperar outra equidade, outro criterio e outro acerto, mais que tudo póde commigo a sua merecida autoridade e a consideração, em que me habituei a tel-a. A todos, pois, « vá pelo direito o seu direito ».

Nem a estima que inspiramos, porém, nem o magisterio que exercemos nos autoriza a aventurar ácerca de outrem sentenças fulminatorias, que se não acompanhem da prova. Nesse dar por liquida uma arguição, que nunca ninguem me irrogara, qual a dessa « affectação de purismo », qual a desse « muitas vezes mal inspirado gosto de archaismo e de expressões obsoletas », com que me regala o sr. JOSÉ VERISSIMO, disso, tirado o tom oracular do critico, nada resta. Quando mesmo pudesse caber-me a increpação de *purismo*, que me encara lado a lado com essa, as duas pelo braço do illustre escriptor, justificada uma, nem por isso a outra estaria comprovada. O inimigo dos neologismos póde egualmente sel-o

dos archaismos. Uns e outros se propõem a lutar contra a fatalidade das leis naturaes, estes restaurando o passado, aquelles antecipando-se ao futuro. Bem podia succeder, pois, que eu fosse o mais intransigente dos puristas, e, entretanto, não admittisse com o archaismo relações de especie alguma.

Onde, porém, os documentos do meu *purismo?* Purismo, no sentido pejorativo do vocabulo, é a superstição da immobilidade do idioma numa phase delimitada pelos ultimos escriptores que se cotaram com o apreço de mestre. Fixada a immutabilidade vernacula com essa rigidez inflexivel, todas as formas, que não couberem no inventario exacto do classicismo, incorrem na averbação de viciosas, tão somente porque novas, embora de bom prestimo, boa origem e bom cunho. Em sendo neologias, dado que necessarias e bem nascidas, não se toleram. Mereci, acaso, por algum feito em coisas de linguagem, que de tal me culpassem?. . . . .

. . . .

Serão archaistas esses escriptores? Terão incorrido o vicio de archaismo, por haverem tentado insuflar o espirito do nosso tempo nessa formas de outr'ora? Não Foram antes renovadores bemfazejos do idioma patrio, que não rejuvenesce unicamente com as locuções creadas agora de novo pela inventiva dos modernos, senão tambem com o revivescer das antigas; do mesmo modo como o arvoredo não frondesce de primavera unicamente com o novedio das vergonteas lustrosas e tenras, agomadas ao sopro da sazão creadora, mas ainda com o reabrotar das galhas antigas e rugosas, que a intelligencia do cultor previdente se absteve de esfrançar, á espera de vel-as garrir e revicejar em galas e fructos entre as recem-vindas á festa annual da natureza.

Como proscrever em absoluto o *archaismo*, quando se

recebem, aconselham e festejam *os neologismos?* Pois, se, por dar expressão adequada a idéas, factos ou coisas novas se nos permitte e applaude que recorramos ao cabedal estrangeiro de outros idiomas, vivos *e mortos*, como nos havia de ser defeso recorrermos, para a mesma serventia, á nossa propria fazenda, injustamente abandonada ao mugre pelo deleixo de umas gerações e a insciencia de outras?

Dos vocabulos que Duarte Nunes, vae por tres seculos, enterrava, quasi metade a precisão, a curiosidade, ou a arte os trouxeram de novo á luz, e circulam hoje a par dos novissimos no idioma corrente. O mesmo aconteceu aos inscriptos no obituario philologico de Francisco José Freire, e acontece a cada hora com os certificados de inhumação lavrados pelos diccionaristas. Essas covas facilmente se transformam em berços. De uma expressão hoje em dia tão corriqueira como o substantivo *talante* escrevia, ha cerca de duzentos annos, Bluteau : « *Palavra antiquada*, que *queria* dizer vontade. Parece que no tempo de D. Francisco Manuel *talante* era palavra culta. »

Quando nos não corremos de ir tomar de emprestimo a estranhos as locuções, que nos fallecem, como nos envergonhariamos de recorrer ao *nosso*, de ir buscar nos thesoiros, que o esquecimento domestico entregou á ferrugem, as preciosidades reclamadas pela occasião?

VIII

(CONCLUSÃO)

Mas já é tempo de pôr termo a esta defesa. Não foi a meu prazer que a dilatei, como quem navegasse a cairo largo por mares amigos. Pouco me importava, a mim pessoalmente, ficar, ou não, em seguro das frechadas,

que voavam sobre o meu nome de escriptor. Mais do que este me interessa hoje a economia do meu tempo, reclamado por outros encargos. Por mais settas que contra mim embebessem no arco as paixões agastadas, emquanto só a minha individualidade perigasse, bem pouco se me dava. Já me habituei a não lhe acudir, em taes casos, por mais numeroso que seja, na accommettida, o golpe de inimigos. Sei que a parte, que de mim conhece o mundo, pouco me sobreviverá; e já por ella me não mato. Outros interesses, porém, estavam em jogo, uma vez que a commissão especial do senado fizera seu, por voto unanime, o meu trabalho. Desde então era a sua responsabilidade collectiva o que punham a vulto as aggressões endereçadas ao meu escripto. Desaggraval-a me ficava sendo, portanto, um dever, com que eu não podia deixar de cumprir, sem incorrer em deserção e covardia.

Foi o de que me desempenhei, começando por mostrar que nem por toque offendera os nossos predecessores na collaboração do codigo civil, a camara, a sua commissão, o primeiro autor do projecto, os seus revisores extraparlamentares, o philologo bahiano, em quem os commissarios da outra casa do congresso delegaram as vezes do seu poder quanto á materia grammatical, e discutindo em seguida, tirados ao claro estes pontos de cortezia elementar, com os contradictores que tão asperamente vinham renhir commigo sobre o assumpto, as injustiças da sua censura.

Se o logrei, dirão os que tiverem a paciencia de me ler. Mas era mister a todo o risco tental-o; e não o podia fazer em palavras taxadas e avaras. Força era discorrer por largo, e esquadrinhar por miudo, cerrar argumentos, multiplicar provas, e, atravessando rota batida o fadigosissimo estirão, dar successivamente alcance aos erros, malignidades e sophismas, que m'o difficultavam. Não

creio que de tão dura prova conseguisse alguem sair á satisfação de todos. Como o alcançaria, pois, quem de tantas qualidades para tamanha porfia se sente desprovido? Ainda quando, porém, todas me falleçam, não me hão-de achar menos a consciencia propria e o respeito da alheia, o desejo do bem e o amor da verdade, a paixão do dever e o enthusiasmo do trabalho. Muito mais longe me levariam elles, se a natureza deste papel m'o consentisse. Mas, emquanto qualquer margem me restava devoluto, não deixei censura alguma por ventilar, embora fosse apertada a estreiteza de praça na tela, e as liberdades que ousei no excedel-a fossem grandes.

Quem quer que possuir experiencia ou noção destes estudos, avaliará o que neste caso me custaram, o que representa de esforço, tenacidade e capricho investigativo a somma de elementos criticos e documentos literarios, aqui reunidos, á soffrega, no espaço de alguns mezes, por um trabalhador entregue exclusivamente a si mesmo e com a vida, a responsabilidade, a attenção divididas entre tantos outros empenhos. Valha-me esta consideração de escusa ás faltas, que, a pezar meu, houverem escapado ás insufficiencias da minha aptidão para empresa tamanha. Seja quaes forem ellas, porém, não terei vendido barata ao inimigo a confiança dos meus collegas. E é quanto me basta por consolo e pago.

O de que me não penitencio, é do esmero, bem ou mal succedido, que puz em dar os cuidados que dei á fórma, com que nos veiu da camara o projecto. Neste particular sempre quereria ver-me arguido antes de excesso que de mingua. Cotejado o numero das minhas emendas com o das contra-criticas a ellas oppostas, averiguar-se-á que a defesa em bem diminuto numero de pontos se conseguiu apalancar. Estes se numeram por dezenas, ao passo que por centenas se contam aquelles em que emmudeceu, e

fez pé atrás. Rarissima vez succedeu que tivesse por si a razão; mas nesses casos não lh'a regatei. Assim que, em ultima analyse, de uma e outra parte, sairá lucrando o projecto. Se dahi se causou demorar-se-lhe a elaboração todo este espaço, toque a responsabilidade a cuja é. A camara nos dera o exemplo, submettendo, até, a redacção da sua obra ao processo inaudito de uma limagem extra-parlamentar. Não fiz, portanto, mais que render a devida consideração ao que tamanha lhe merecera.

Meu *desideratum*, nesse trabalho preliminar ao estudo technico do projecto, era melhorar-lhe a linguagem, até onde me fosse dado, em clareza, exactidão e vernaculidade. E, para chegar ao effeito almejado, houve de traçar-me certas regras, com as limitações aliás que todas as regras padecem. Fiz, antes de mais nada, pelo depurar de barbarismos e solecismos. Bani as expressões de cunho estrangeiro, onde quer que nol-as não impunha a necessidade, reconhecida pelo suffragio dos competentes. Não desconhecendo o prestimo das neologias indispensaveis, ou uteis, quando bem naturalizadas, refuguei as mal trajadas e ociosas. Busquei sempre a expressão, ou a syntaxe, de feitio mais português, em não embaraçando ella a transparencia do pensamento legislativo e o seu accesso ao entendimento commum. Onde o texto derogava á technologia profissional, trabalhei de a restabelecer. Onde se preteriam as tradições da phraseologia consagrada nas leis nacionaes, por abraçar fórmas estranhas, baldas de outro beneficio mais que o de novidades infelizes, restitui ao uso autorizado os seus direitos. Se alguma vez o vocabulario do projecto não observava, na escolha das palavras, a especialização definitivamente firmada pelo tempo, repuz os termos especificos, condição essencial da precisão juridica, no seu devido logar. Não me esqueceu, emfim, o alinho, a

elegancia, a harmonia, meritos de que o legislador, se não em todas as leis, ao menos nos grandes padrões da arte legislativa, não poderá deixar de fazer conta.

Obtive acaso o que pretendia? Bem longe estou de poder affirmal-o. Tão alto puzera o fito, que, para o tocar, muito nos restará, provavelmente, por fazer. Como quer que seja, porém, tenho por certo que esse passo já constitue vantagem consideravel sobre o estado anterior deste commettimento, para o qual a camara dos deputados venceu, talvez, dois terços do caminho, mas o que vos resta por vingar não é breve, nem facil. Do meu contingente para elle, agora, ouvidas as duas partes, estaes habilitados a estimar a valia. Não será muita. Mas foi posto por obra com devoção e sinceridade, sem outro intuito que o de servir á nossa terra, sua civilização e sua lingua.

Recebendo, porém, nesta contribuição a minha quota para a tarefa que nos incumbe, espero, e supplico, ainda uma vez, me dispenseis de continuar comvosco. Será, de um lado, manifesta equidade commigo; porquanto o meu duplo serviço exprime somma extraordinaria de trabalho, que submetteu as minhas forças a uma prova demasiada, e a minha saúde está reclamando pelos seus direitos. De outro lado, será medida não só de boa politica, mas até de necessidade, a bem da obra que intentaes, aliviardes a vossa cooperação de um companheiro, cujo nome, pelos muitos melindres que sobreirritou contra si neste incidente, ficará sendo occasião certa de novas prevenções e luctas contra o que fizerdes, por melhor que logreis fazel-o.

Não me indefirais, pois, quando me houverdes lido, a justa petição, em que insisto, e insistirei, a todo o meu poder.

O PROCESSO DO CAPITÃO DREYFUS (1)

Eis ahi um facto, de expressão quasi tragica, sobre o qual se acaba de exercer distinctamente a consciencia dos dois povos que a Mancha separa : um, na maneira de resolvel-o ; o outro, na de consideral-o. Decompostas atravez delle, como dois feixes differentes de luz coados pelo mesmo prisma, destacam-se em matizes caracteristicos certas qualidades de ordem moral, predominantes no espirito e na historia das duas grandes nações.

Tudo quanto resumbra das causas que geraram a terrivel sentença, resume-se na phrase interrompida, em que M.e Demange, ao abrir da audiencia, declarou que a accusação inteira assentava exclusivamente em um documento contestado. A esta revelação do advogado, o official presente lhe cortou a palavra, votou-se o *huis-clos*, e a instancia immergiu no mysterio, cujo termo é a condemnação do accusado a penas de irresgatavel infamia.

Não me cabe descrever a cerimonia atroz da degradação militar, preludio feroz da expiação sobrehumana, que se abriu hontem para o malfadado. Essa cruel solemnidade horrorizou a Europa. Antes de se separar irremissivelmente da patria, amaldiçoado pelos seus conterraneos, par ir agonizar, sob o indelevel ferrete, em remoto presidio penal, esse infeliz passou pelos tratos do mais tremendo supplicio conhecido na historia das torturas moraes. O formidavel espectaculo fôra preparado com todos os requintes da encenação regu-

1 Datada de Londres, 7 de Janeiro de 1895.

lamentar. Quando o condemnado entrou no quadrangulo da Escola Militar, as insignias, que ainda lhe sobresahiam a fardo, jà não figuravam alli senão por artificio convencional, como outros tantos stygmas no peito e na fronte daquelle homem. O alfaiate substituira de vespera as costuras, por alinhavos; o cutileiro partira e resoldára a espada, que no outro dia se devia quebrar publicamente deante das tropas. A lenta e implacavel pragmatica esgotou no flagellado o calix das affrontas possiveis. Se entre ellas não figura o esbofeteamento, dir-se-ia que não é senão para poupar á mão do executor o vilipendio do contacto com o rosto do reprobo. Desde o *kepi* até ás listas vermelhas da calças, um a um lhe cahira aos pés, arrancados por um subalterno, os emblemas da dignidade militar. Ficáram-n'o envolvendo apenas os restos negros e rotos da farda, imagem do luto pela honra que acabava de despir. Nesse miseravel extremo ainda lhe coube a penitencia de transpôr as filas do quadrado; e, entrégue então á policia civil, submettido, como os criminosos communs á medição anthropologica, passou das mãos dos seu camaradas ás dos gendarmes, para acabar os dias em Nova Caledonia, entre a escoria dos criminosos, onde a familia irá respirar com elle o ar dos galés.

Qualquer que fosse o crime daquelle desgraçado, a rebuscada e caprichosa deshumanidade dessa punição revolta profundamente o sentimento contemporaneo. Aqui o effeito foi de indignação e espanto. A repugnancia ao escandalo por pouco se não transmudou em misericordia e sympathia pelo afflicto. « A ceremonia da degradação », escreve o sr. de Blowitz em um dos seus telegrammas ao *Times,* « apresenta hoje em dia um espectaculo de aspecto barbaro, do qual

nenhuma lição se póde colher. E' deploravel que se não pudesse pronunciar a pena de morte. »

A *Pall Mall Gazette,* uma das folhas inglezas que mais reserva guardáram no tocante ao processo Dreyfus, soltou esta tarde os diques ao seu *humour* e á sua severidade nestas palavras: « Não ha muito que a Europa mettia á bulha o imperador da China pelo seu systema obsoletamente barbaro de punir arrancando botões ao accusado. Comtudo, o contagio já se communicou á França. Custa a perceber o proveito da repulsiva scena celebrada sabbado na praça da Escola Militar. A degração symbolica, nas leis militares, é uma reliquia da média idade, em que a investidura se operava tambem por um ritual solemne. Comprehendemos o clamor pela execução de espiões e traidores. Comprehenderiamos, até como recurso disciplinar, a efficacia e o valor de um apparato como esse, quando levado a effeito no campo de batalha. Mas, devemos confessal-o, os pormenores da degradação, concebidos e postos por obra a sangue frio, mezes após a perpetração do allegado crime e semanas depois da sentença proferida contra o infeliz, deixam-nos a impressão de uma penalidade quasi materialmente identica á tortura. »

Dilacerante, como é, todavia, essa expiação no seu cortejo de cicumstancias terriveis, não conseguio moderar, em França, o espasmo de odio insaciavel, que agita contra o accusado todas as classes da população. « Até agora », observa o correspondente do *Daily News,* « não se imaginava a commoção de Pariz, quando, ha um seculo, ao reboar o grito de perigo da patria, o rei e a rainha foram enviados ao cadafalso como cumplices da invasão estrangeira. » Mas as cerimonias da guilhotina nem sempre acabam entre bravos e

palmas, como a execução do assassino de Carnot. Entre os espectadores do patibulo ha, muitas vezes corações tocados de compaixão e olhos humidos de lagrimas. Na turba que cercava de longe o supplicio de Dreyfus só havia lampejos e accentos de ira. Tão miserada é a sua sorte que a policia, ao que se diz, terá de adoptar precauções, para lhe defender a vida contra a indignação patriotica dos calcetas. E, segundo o *Figaro,* quando o ex-official, saciado de opprobrio, ao passar pelos officiaes da reserva, renovou o seu protesto insistente de innocencia, um delles cuspiu-lhe á face o epitheto de « Judas ».

« Este episodio », telegrapha o correspondente do *Times,* « recorda-me o que se deu, no anno de 1871, em Bordeaux, quando a Assembléa alli trabalhava. O serviço de sentinellas fôra confiado á guarda nacional, que adherira á republica, e tinha em conta de reaccionaria a Assembléa. Uma vez, quando Thiers descia as escadas do theatro, onde ella funccionava, um guarda nacional gritou : « Vive la République! » Thiers, com o olhar chispeante, caminhou para o soldado, sacudiu-o pelo braço, e, com o agudo peculiar da sua voz ainda mais timbrada pela paixão, lhe bradou ao ouvido: « On ne parle pas sous les armes! ». Desconfio que elle teria dito o mesmo a esse official da reserva, futuro guarda nacional. »

Que faculdade sobrehumana deu áquelle homem energia bastante para sobreviver ás emoções incomportaveis dessa provação? A não se tratar de um miseravel, bronzeado na fronte, callejado no coração pela pratica habitual dos vicios que emasculam o caracter, e saturam de impudor os mais baixos villões, só duas forças seriam capazes de forrar uma alma contra a abjecção incomparavel daquella quéda, contra o desespero inaudito

daquelle destino: a insania, ou a innocencia. Ora, Dreyfus não tinha no seu passado uma nodoa, um traço duvidoso. Quinze annos de serviços immaculados e a alta posição de confiança, que occupava no mais delicado ramo da administração da guerra, definem-lhe a fé de officio. A superabundancia dos seus recursos, a opulencia de sua familia, a simplicidade dos seus habitos, a sua aversão ao jogo, a concentração exclusiva da sua vida particular nas affeições domesticas excluem a suspeita das seducções tenebrosas, que são frequentemente a explicação obscura dessas catastrophes da honra. De onde viria, pois, a tentação inexplicavel, que instantaneamente prostituiu aquelle ornamento da sua classe, aquella nobre esperança dos seus concidadãos?

Narram as testemunhas attentas do supplicio que o executado não empallideceu nunca. Os passos não lhe vacillaram. Não lhe tremeu a voz. A cabeça esteve-lhe sempre erecta. Ao vêr, de manhã, preparada a sua farda para a cerimonia: « Capitão », disse elle ao official presente, « estais sendo instrumento da maior injustiça deste seculo ». Quando, ao empuxão do executor, o *kepi* lhe desceu sobre os olhos, a mão levantou-se-lhe como invocação de um innocente: « Por minha mulher e meus filhos », exclamou, « juro que sou innocente. Viva a França! » Aos apupos de um grupo de officiaes, « com admiravel imperio sobre si mesmo », diz um jornalista, respondeu serenamente: « Feri, mas não insulteis. Eu sou innocente. » E, ainda ao sahir, no momento em que os gendarmes lhe punham algemas, teve forças, para dizer aos seus camaradas do 59 de infantaria: « Crêde-me, senhores. Sou um martyr! »

A insistencia desse protesto, com as circumstancias que o distinguem, precedem, e circumdam, não tem analogia na chronica das hypocrisias do crime. Sua reper-

cussão no jornalismo inglez, alheio ás allucinações locaes, sobrio, como se sabe, em pontos de sentimentalismo, mas inclinado á rectidão propria dos costumes juridicos deste paiz, foi vasta e profunda.

A *Pall Mall Gazette* enuncia-se assim : « Segundo todas as informações, o capitão Dreyfus soffreu a provação mais dilaceradora a que se podia expôr um homem, de cuja sensibilidade moral ainda restasse alguma coisa, com um estoicismo antes conciliavel com o sentimento da innocencia do que com a consciencia do crime. » E, depois de considerar nas antecedencias honrosas do condemnado, conclue : « A ser assim, Dreyfus será um innocente, ou um louco. »

O *Daily Grafic*, que ainda se não pronunciára a favor delle, remata hoje com estas ponderações : « As duvidas existentes e francamente exprimidas fóra da França na questão da criminalidade ou innocencia de Dreyfus, não soffrerão quebra, por certo, em presença da singular fortaleza com que o condemnado padeceu o medonho castigo. A sua firme protestação de inculpabildade tende naturalmente a suscitar a crença de algum erro commettido contra elle. »

Mas entre francezes não é licito sequer pôr em duvida o crime de Dreyfus : « Quem quer que deixasse transparecer, a esse respeito, a menor incerteza, ou denotasse o mais leve sentimento de commiseração, seria encarado com o mesmo horror e o mesmo odio que o proprio traidor. » Pleno arbitrio de negar a Deus, alluir a propriedade, santificar a communa, divinizar Marat ; mas obrigação estricta e universal de teimar e bater fé em como Dreyfus é o mais desprezivel dos malfeitores. « Nisto se affincou o publico desde o primeiro dia », escreve um correspondente inglez. « Criminoso de que, esse criminoso ? Ninguem o sabia ; e, até hoje, ninguem, dentre o

publico, o sabe. Todavia, a existencia da traição passou em julgado como facto indisputavel. »

Onde o corpo de delicto? Onde a identificação entre o seu auctor e o accusado? Ninguem seria capaz de mostral-o. Ninguem viu o processo. Ninguem tem noticia de documentos, ou depoimentos. Falla-se em um papel, cuja lettra se attribue ao condemnado. Mas o que a esse proposito se conhece, por indiscreções publicadas no *Figaro*, é que, de cinco peritos ouvidos sobre o caracter da letra n'esse escripto anonymo, se tres reconhecem a de Dreyfus, dois sustentam o contrario.

Essa multidão espumante, que cercava, ameaçadora, a Escola Militar, bramindo insultos, assuadas e vozes de morte, — que mais era, portanto, afinal, do que uma força violenta e céga, como os movimentos inconscientes da natureza physica? Pela minha parte, não conheço excessos mais odiosos do que essas orgias publicas da massa irresponsavel. Nada seria menos estimavel, n'este mundo, que a democracia, se a democracia fosse isto. Esses escandalos representam o peior desserviço á dignidade do povo, e constituem o mais especioso argumento contra a sua auctoridade. Não é sob taes fórmas que elle se ha de mostrar digno da soberania, cujo sceptro as tendencias da nossa época lhe reconhecem. Se o numero não souber dar razão dos seus actos, se as maiorias não se legitimarem pela intelligencia e pela justiça, o governo popular não será menos aviltante que o dos autocratas. Nem a invocação da patria imprime a taes desvios physionomia menos antipathica. Mal honram a patria as contorsões de um patriotismo hysterico, que vive a se superexcitar com a obsessão de traições, que julga de oitiva, fulmina por palpites, e instiga os magistrados a prevaricarem, antepondo a popularidade á justiça.

Aqui, onde não chega o revérbero ardente do brazeiro

francez, ninguem comprehende o encarniçamento da imprensa daquelle paiz sobre o cadaver moral de Dreyfus. O governo excluio da cerimonia os jornalistas estrangeiros, sob uma razão de decencia. O pudor da França queria encerrar no circulo domestico o apparato da ignominia de um homem, que vestia o glorioso uniforme do exercito francez. Entretanto, no dia immediato á execução, parecia ter-se posto a premio entre os jornaes, como thema de concurso litterario, a descripção do espectaculo, sobre cuja humilhante crueldade se tinha querido baixar o véo da vergonha, o mesmo véo, que, ao menos por coherencia, diz o *Standard*, devia ter coberto a execução de uma sentença, cuja gestação se incubou ás occultas.

Não contentes, os directores moraes da opinião, n'aquella grande metropole de tantas cruzadas humanitarias e liberaes, encetaram uma campanha, a que se diz vai ceder o governo, para se additar aos sitios de degredo a Guyana Franceza, que offerece aos irritados pela benignidade da condemnação de Dreyfus a segurança de uma policia mais efficaz e um clima ainda mais funesto ao homem do que o da Nova Caledonia. Custa a comprehender que interesse nacional possa haver, deveras, para a França em accumular soffrimentos sobre os restos de vida sobrenadantes áquelle naufragio. Nessa extrema descaridade parece haver alguma coisa de mutilação após o sacrificio, que, em certos estados barbaros, assignalava os costumes penaes, e revelar-se a *bête humaine* accordando inesperadamente no homem civilizado. Pois em verdade ainda haveria agonias que espremer daquella agonia? Para a lição moral, assim como para o effeito expiatorio, a medida ainda teria muito que encher?

Como quer que seja, votar uma lei, para aggravar a miseria de um condemnado, seria singular novidade na

historia penal destes tempos. N'essa medida, adoptada especial, senão expressamente, para sobrecarregar as consequencias de uma sentença já proferida, ferindo um homem já esmagado, ha uma intenção de vindicta individual, um caracter de rancor, um elemento retroactivo, que as noções de direito christão não tolerariam. Não importa que seja apenas trocar degredo por degredo. Se a nova localidade se elege, por ser mais inhospita, menos habitavel do que as contempladas na lei sob que se proferiu o julgado, a alteração projectada seria, em substancia, uma verdadeira revisão de sentença por acto legislativo, isto é, um mal dissimulado exemplo dessa retroactividade penal, que todas as legislações contemporaneas stygmatizam (1).

Se os officiaes que compunham o conselho de guerra dispuzessem, na hypothese, da pena de morte, certamente, a meu vêr, não hesitariam em pronuncial-a. Essa decisão, mais clemente e mais heroica a um tempo, encerraria, ainda, para a classe a que pertencia o degradado, a vantagem de poupar-lhe, com a eliminação immediata dessa existencia aviltada, o reflexo inevitavel de vergonha destingido sobre os seus antigos companheiros de armas. Só um obstaculo insuperavel na lettra da lei po-

(1) Essa lei foi votada nas camaras francezas um mez depois, e o *Journal des Débats*, em editorial de 9 de fevereiro, exprimia-se assim a seu respeito;

« Ce n'est un secret pour personne que le projet de loi a été présenté, en vue d'un cas unique, à la suite de la condamnation prononcée contre l'ex-capitaine Dreyfus. Ce n'est pas assurément une très bonne habitude que celle que l'on prend d'improviser ainsi des lois pour un fait spécial, pour ou contre un individu. Cette méthode de législation laisse infiniment à désirer.

« ... Mais on n'aurait pas pu édicter une loi désignant les îles du Salut comme lieu spécial de déportation pour les traîtres, et appliquer cette loi à Dreyfus, sans créer une peine nouvelle avec effet rétroactif, et c'eût été une dérogation regrettable à un des principes essentiels de la législation. »

deria deter a mão aos juizes fardados, em cujo espirito a indignação e a piedade, de mãos dadas, deviam pleitear pela pena capital.

O tribunal recuou, com effeito, ante disposições legislativas na sua opinião ineluctaveis. O art. 76 do Cod. Penal consignava a morte como a pena reservada aos crimes da natureza do imputado a Dreyfus. Mas a constituição de 1848 abolio a pena de morte nos delictos politicos, entre os quaes se incluia a traição militar, e a lei de 8 de junho de 1850 fixou, para esses casos, o degredo com prisão perpetua numa fortaleza, accrescentando que as pessoas incursas n'essa comminação desfructariam a liberdade compativel com a segurança necessaria á custodia dos condemnados.

Não me cabe apreciar o acerto, ou desacerto, do direito francez neste ponto. Computando a traição militar entre os delictos politicos, elle obedeceu á logica de uma philanthropia, cuja influencia se assignalou no Brasil republicano por um especimen curioso, na extincção absoluta da pena de morte por estatuto constitucional, com reserva apenas das disposições militares em tempo de guerra. Todos aliás conhecem o valor dessa barreira moral em certos paizes. Na França porém, os juizes de Dreyfus, apezar de homens de espada, a consideraram inviolavel. Se houvessem de pronunciar-se como legisladores, o seu voto seria provavelmente diverso. Aquelle que taxar de excessiva a pena de fuzil, para o crime de que se accusa Dreyfus, não poderia admittil-a para outro. Se ha delicto equiparavel ao parricidio, é esse, felizmente não menos raro do que o seu congenere. O official que entregou ao inimigo os planos de defesa da patria, emparelha com o que vende ao inimigo a vida dos seus camaradas. O opprobrio dessa inconfidencia suprema equivale ao da traição no campo. Um soldado, um cidadão não póde perpetrar

attentado mais negro. Não ha militar, não haveria talvez estadista, que não lhe comminasse resolutamente a ultima pena.

Uma coisa, porém, é fazer a lei; outra, executal-a. E os julgadores de Dreyfus, unanimes em condemnal-o, accordaram com a mesma unanimidade no respeito ao seu papel de applicadores da vontade escripta do legislador.

Na dignidade com que desempenharam essa grave magistratura, no imperio, que, a bem della, exerceram sobre os seus proprios sentimentos e as paixões dos seus compatriotas, aquelles sete officiaes deram á opinião versatil e irritadiça do paiz um exemplo virtuoso. A França, porém, não se satisfez com a sentença. No sentir, por que assim digamos, unanime de Pariz, Dreyfus devia ter sido condemnado á morte. Essa foi a voz das ruas, a da imprensa e a da tribuna. Os radicaes trovejaram tempestades contra o governo e a situação social. O parlamento incendiou-se em uma scena de escandalo. O proprio elemento moderado teve que render o seu preito á força da corrente, propondo ás camaras, por orgão do governo, a comminação da pena extrema á espionagem em tempo de paz; como se a precipitação remediasse o caso julgado, ou se as reformas semeadas pelos furacões politicos na região do direito penal pudessem lançar raizes na consciencia dos povos, e levantar-lhes a moralidade.

O *povo soberano*, os partidos e governos, entre as nações sem disciplina juridica, estão sempre inclinados a reagir contra as instituições que se não dobram aos impulsos das maiorias e ás exigencias das dictaduras. A lei foi instituida exactamente para resistir a esses dois perigos, como um ponto da estabildade superior aos caprichos e ás fluctuações da onda humana. Os magistrados

foram postos especialmente para assegurar á lei um dominio tanto mais estricto, quanto mais extraordinarias forem as situações, mais formidaveis a somma de interesses e a força do poder alistados contra ella. Mas ha nações, que a não toleram senão como instrumento *dos tempos ordinarios;* e, se encontram nella obstaculo ás suas preoccupações, ou ás suas fraquezas, vão buscar a salvação publica nos sophismas da conveniencia mais flexivel, a cuja sombra os impulsos instinctivos da multidão, ou as aventuras irresponsaveis da auctoridade se legitimam sempre em nome da necessidade, da moral, ou do patriotismo.

Não ha mais odiosa iniquidade, allegam, do que passar pelas armas o conscripto, cuja mão, sob o phrenesi de um desvario momentaneo, se levantou contra o seu superior, e poupar a vida ao official, que, reflectida e interessadamente, *atraiçôa a sua patria, isto é, allia-se, contra ella, ao estrangeiro.* Assim discorre a dialectica, e assim raciocina o francez. Porque o francez não adverte em que a lei é a lei com todas as suas insufficiencias, todas as suas desigualdades, todos os seus illogismos, e em que a observancia della é o caminho para a sua reforma, unico remedio real aos seus defeitos, menos funestos, em todo caso, do que o arbitrio da razão humana, encarnada no numero, no poder, ou na força.

Certo, responde o inglez, no seu ponto de vista, que acabo de antecipar; certo o crime de Dreyfus é tamanho, quanto o do pobre soldado, senão maior, muito maior. « Mas » (e aqui deixo fallar um dos mais altos inspiradores da opinião no Reino-Unido), « o caso é que a lei fixa a morte como a comminação adequada, n'uma especie, não na outra; *e os exercitos não se mantêm senão pela mais rigida adherencia a leis inflexiveis.* Se o capitão Dreyfus fosse fuzilado, nenhum official mais nunca

se sentiria em segurança; porque, de futuro, qualquer outra lei, que tocasse a officiaes, poderia ser conculcada por uma explosão do sentimento publico. Assim, por exemplo, a que legitimasse a repressão militar de movimentos sediciosos. Se a lei favorece em demasia os traidores, é modificarem a lei. A camara franceza trata agora de converter em delicto de pena capital a traição, ainda quando inspirada por motivos politicos. Pela nossa parte, não temos que objectar. Fuzilar, porém, o capitão Dreyfus em virtude de uma disposição retroactiva, seria extinguir esse sentimento de confiança na seriedade da lei, *tão essencial á disciplina quanto a propria severidade.* »

Estas palavras são do *Spectator*, que representa, na Inglaterra, a mais fina flor da cultura jornalistica e, ao mesmo tempo, o equilibrio mais exacto entre as opiniões moderadas.

A tendencia, não sei se diga franceza, se latina, a condemnar por impressões, a antecipar as sentenças, a se substituir aos juizes, e a dictar arestos aos tribunaes tomou, neste ominoso episodio, feições dignas de estudo no seu contraste com o sentir de aquem-Mancha.

Dias antes do julgamento, o correspondente do *Daily News* tinha com certo advogado francez um dialogo, que mereceu reproducção integral em telegramma a essa folha, uma das mais influentes na politica do paiz. — « A opinião, nos tribunaes », dizia o jurista, « é que Dreyfus, infelizmente, sahirá absolvido. » — « Porque *infelizmente?* » — « Porque é deploravel que esse canalha, deshonra da França, não soffra o que merece. » — « Mas, suppondo que o conselho de guerra o absolva, não acreditaes na honestidade dos juizes? » — « Os juizes farão o seu dever; mas, se absolverem, é porque não terão encontrado provas contra Dreyfus. » — « Isso

é claro », acudiu o jornalista. — « Mas o que eu quero dizer », retrucou o advogado, « é que, se não se acharem provas, será porque as auctoridades as terão sonegado. » — « Supponde, porém, a innocencia de Dreyfus, » — « Se elle fosse innocente, acreditais que haveria da parte de potencias estrangeiras (da Allemanha e da Inglaterra) todo esse afan por exculpal-o? » — « Mas deveras andam potencias estrangeiras tão empenhadas na soltura de Dreyfus? » — Ora, muito innocente sois em me fazer tal pergunta. » — « Mas demos que assim seja : não é culpa de Dreyfus. » — « Talvez não ; mas o facto demonstra o seu crime. »

E era um homem do fôro, versado no habito de lidar com as delicadas questões da prova judiciaria, quem, de olhos fechados, fulminava essa condemnação absoluta, num caso cuja prova, até hoje, não se conhece, e a cujo respeito ninguem, fóra do circulo dos membros do tribunal condemnador, póde affirmar sequer a existencia de provas, dignas de tal nome.

O que nos deixa calcular ainda melhor a temeridade das prevenções, que agitam, neste assumpto, a fibra doentia do patriotismo francez, é a mancommunação, em que se sonhou figurarem varias potencias européas como cointeressadas no escape de Dreyfus. A' Allemanha coube naturalmente o primeiro quinhão na suspeita, que obrigou a embaixada do imperio em Pariz a sahir á imprensa, protestando pela sua innocencia na culpa do accusado. As folhas inglezas deram-se os parabens de que o vizinho deste lado da Mancha não fosse escolhido, para substituir, na posição de *scapegoat*, de bode expiatorio, o inimigo de além-Rheno. Não ha dois mezes que o *Figaro*, com a perspicacia de *vieux malin* que se lhe conhece, dava ao mundo a estupenda nova de que os *sportsmen* inglezes de primeira classe, os *blasés* das emoções da

caça ao tigre, se tinham organizado em excursão venatoria a Madagascar, com o intento de aproveitarem a expedição franceza contra os Hovas, para se exercitar no *Tir aux Français*. « Esse sport de novo genero, sem precedentes nos annaes do mundo civilizado e, até, do mundo barbaro, não é de todo novo » (accrescentava sériamente a folha pariziense) « para os nossos amaveis vizinhos da outra banda do canal. Ao que parece, já se entregaram a esse passatempo contra os nossos soldados dispersos em Tonquin e no Dahomey. » E, no paiz mais morbidamente sensivel ao ridiculo, essa ridicula monstruosidade percorreu circumspectamente, como rebate dado ao sentimento nacional, toda a imprensa franceza, produzindo nos animos superexcitação tal, que o governo teve que descer á necessidade de desmentir a grotesca atoarda. Ainda mais recentemente, não ha duas semanas, creio eu, outro jornal francez contava, com o mesmo aprumo, a historia do suborno recebido pelo Sr. Clémenceau do thesoiro britanico, para advogar os interesses da Inglaterra no parlamento e na imprensa. O deputado francez viera em pessoa a Londres, para embolsar elle mesmo a propina, que lord Roseberry, o *premier* inglez, se dignou de ir entregar-lhe no *Reform Club*, em Pall Mall. O *Daily News* esfrega as mãos de que a Inglaterra evitasse o stygma no caso Dreyfus. Essa fortuna, diz elle, vem provavelmente de estar já transbordando a taça da nossa infamia com a transacção entre lord Roseberry e o Sr. Clémenceau.

Não póde haver absurdo, já se vê, por descommunal e risivel, que não encontre monção favoravel na credulidade daquelle paiz, quando a corda patriotica estremece em um desses periodos de vibração tão communs alli desde 1870. Extranho phenomeno o da rapidez e intensidade, com que, em uma nação de genio tão lucido

e qualidades tão fortes, esses desvarios emergem á tona da opinião agitada, assumindo ás vezes a apparencia das grandes vagas de tempestade.

Considerando nisto, o observador estrangeiro difficilmente poderá furtar-se a uma impressão de duvida em face do caso Dreyfus. Esse homem estava condemnado pela intuição geral dos seus compatriotas, antes de sêl-o pelo tribunal secreto, que o julgou. Mas essa intuição offereceria mais visos de solidez do que a que andou buscando entre as potencias rivaes da França outros tantos padrinhos e co-réos do accusado?

A *St. James Gazette*, em um editorial sob o titulo de « *Traitor or victim ?* », não vacillou em suggerir como perfeitamente possivel a hypothese de uma injustiça na condemação de Dreyfus. « Não é mister », diz ella, « duvidar, um momento sequer, da honorabilidade dos officiaes que constituiram o tribunal. De boa mente, e sem a minima reserva mental, os damos por tão honestos quanto os officiaes inglezes que funccionaram nos conselhos de guerra, a que foram submettidos os tripulantes e capitães do *Anson* e do *Victoria*. Mais não poderia dizer um inglez. E, todavia, não ha quem, lendo as actas do processo nesses dois feitos, não concebesse as mais sérias desconfianças ácerca da capacidade dos tribunaes marciaes como mecanismo fidedigno para a apuração da verdade. Um official e um gentleman não são necessariamente bons aquilatadores em questões de prova. E as circumstancias, em que se reuniu o conselho de guerra francez, não favorecem a hypothese de que estivesse em condições de deliberar com toda a imparcialidade precisa. »

Semanas antes do julgamento o ministro da guerra qualificára de indubitavel a culpabilidade do accusado. O general Mercier, na opinião dos seus proprios conter-

raneos, não prima pela discreção; e « não seria absurdo suppôr que outros, além delle, no exercito francez, tivessem formado juizo antes do processo. » A arguição pertence, por sua natureza, ao numero das que mais tendem a suscitar prevenções immediatas contra o accusado. Essas prevenções surgiriam naturalmente, ainda quando se não tivesse produzido a exaltação publica ateada pela declaração prematura do ministro da guerra. Nada perturba mais profundamente a serenidade aos homens publicos, em França, do que o receio de incorrerem na taxa de tibieza patriotica. A influencia exercida por esse temor era singularmente aggravada, na especie, pela presumpção de ameaçaá « defeza nacional ». Quando a colera franceza se accende ao grito irreflexivo « *Nous sommes trahis* », o incendio lavra por todas as classes, poucos o evitam, e raros ousarão arrostal-o. Os militares são, de mais a mais, especialmente susceptiveis neste particular. A imagem da Allemanha projectava sobre a questão o crepusculo sinistro dos seus maleficios. O dever de hostilidade á velha inimiga accentuava-se em uma dessas nevroses, de que a mania da espionagem, tão commentada e já proverbial na imprensa ingleza, é outro simptoma peculiar. Difficilmente se conceberia, ainda em tribunaes civis, o vigor de animo preciso, para julgar com calma, em França, a causa de um francez suspeito de pactuar com allemães. Que não será, nos tribunaes militares, em pleito de antemão sentenceado pela « opinião publica », e tratando-se, por cumulo, de um accusado, em cujas veias circula sangue judaico?

O certo é que, valham o que valerem estas e outras interrogações, formuladas na imprensa ingleza, a cotação moral da sentença fulminatoria contra Dreyfus ficará dependente sempre da confiança implicita, que os membros do conselho de guerra e a unanimidade do seu

veredictum inspirarem, mais ou menos imperfeitamente, a cada espirito. Sete officiaes superiores não podiam conchavar-se no crime de condemnar um camarada innocente. A prova, que satisfez com igual plenitude aquellas sete consciencias, devemos suppôr que satisfaria absolutamente a outras quaesquer, por mais provectas, exigentes e severas na liquidação da verdade judiciaria. Mas, se o credito pessoal na sua capacidade profissional bastasse, para dispensar a garantia suprema da justiça, a publicidade, o argumento procederia com mesma força em relação a todos os tribunaes civis e militares, aos quaes todos assiste a presumpção de honra e competencia; e, conseguintemente, o sigillo; a tradição medieva e barbara, devia restabelecer-se como regra geral do processo. Rejeitar a conclusão, rigorosamente logica, é confessar o vicio da premissa. A clandestinidade do processo inquina de suspeita as decisões mais justas. Os tribunaes mais illustres dependem, para a sua respeitabilidade moral, da luz, que derramam sobre o espirito publico, do esclarecido assentimento, que neste conquistam.

Mas o segredo, no processo Dreyfus, é, talvez, consequencia da sua origem. Segundo as noticias correntes na imprensa européa, dentro e fóra da França, todo o edificio da accusação assentava em um documento subtrahido a uma legação estrangeira. Divulgal-o seria arriscar, a um tempo, a segurança do paiz e a honorabilidade da accusação. Confessar a subtracção era collocar-se mal, para vindicar a honra da nação, e dar ao exercito, na condemnação do accusado, uma lição de honra. Resta saber se a contradição moral envolvida nesse proceder não é antes uma homenagem ás paixões intolerantes do que um serviço á justiça pacificadora.

Como quer que seja, na Inglaterra a fórma inquisitoria

dada em França a esse julgamento seria hoje impossivel. O *Times*, a tradição viva deste paiz, exprimiu o sentimento inglez sobre o assumpto num artigo memoravel. Não sei resistir ao prazer de transcrever-lhe os trechos capitaes. Fal-o-ei, porque, além de tudo, nenhum paiz necessita mais de lições como esta do que o Brasil destes dias.

« Quando entramos a considerar nas circumstancias do processo », (diz elle) « não podemos occultar o nosso espanto, ao vermos o modo positivo como, em Pariz, vulgo e imprensa dão por incontroversa a criminalidade do accusado. Asseveram-nos que a opinião publica e os periodicos approvam unanimemente o veredictum do conselho de guerra. Mas o processo correu a portas fechadas, e o publico pariziense, portanto, absolutamente não póde ter fundado a sua acquiescencia no conhecimento dos factos, em que as sentou a condemnação. Ao instaurar-se o processo, a semana passada, o accusador por parte do governo reclamou que a investigação se fizesse em segredo. A regra geral em vigor nos tribunaes militares, em França, fulmina de nullidade os processos, que se não celebrarem publicamente ; mas reserva aos juizes o arbitrio de estabelecer o sigillo, nos casos em que a publicidade lhes pareça envolver risco para a moral, ou para a ordem. Assim se resolveu na especie do capitão Dreyfus. O seu advogado, Me Demange, lavrou protesto, e tentou arguir o ponto. Mas cortaram-lhe peremptoriamente a palavra. Qual seja o documento, a que elle alludiu como o unico esteio da accusação, e porque reputaram necessario occultar-lhe o caracter e a origem, questões são estas, que a resolução do tribunal deixou á mercê das conjecturas publicas. E' voz que o documento, ou os documentos, subtrahidos pelo capitão Dreyfus, tinham sido communicados por elle á embaixada allemã,

e que desta se retiraram por outro ardil do mesmo genero. Mas, apezar de terem sido secretos os trabalhos do conselho de guerra, foram dados a lume os nomes das testemunhas, e deste modo se sabe que nem de uma nem da outra parte se citou a juizo ninguem da embaixada allemã, ou de outra qualquer legação estrangeira.

« Não queremos censurar o melindre do povo francez a proposito de infracções que envolvem, não só a segurança de uma grande potencia militar, senão tambem a santidade de deveres particularmente imperiosos para o soldado. Comtudo, não podemos deixar de reflectir que, quanto mais odioso e impopular fôr um crime, tanto mais de preceito é que a sua verificação e o seu castigo se rodeiem de todas as salvaguardas de justiça publica. *E dellas a mais indispensavel é a publicidade.*

« Na Inglaterra seria impossivel admittir a uma aggregação de officiaes, fossem quaes fossem, o direito de julgar a portas cerradas uma querella susceptivel de resolver-se em penas infamantes, mais anniquiladoras, por assim dizer, para um homem de honra, do que a propria morte.

« Em verdade, a prevalecer o aresto desentranhado agora dos peiores dias da revolução e do absolutismo napoleonico, não ha motivo, para não se deliberarem nas mesmas condições, a portas fechadas, sentenças capitaes, sob o pretexto, cujo arbitro absoluto ficaria sendo o proprio tribunal, de que a ordem periclitaria com a publicidade.

« Póde haver, bem se comprehende, importantes documentos militares, taes quaes os que se dizem desviados pelo capitão Dreyfus, cuja natureza dicte ás autoridades prepostas ao serviço da guerra a conveniencia de obstar-lhes á ventilação publica do conteúdo. Mas nada

mais facil a qualquer tribunal do que discutir a identidade desses documentos, e tratar a questão do seu extravio criminoso, ou da sua apprehensão illegitima, sem consentir, entretanto, em que a sua materia transpire. Do que se praticou no processo Dreyfus, a parte censuravel não está em se encobrir ao publico o teôr dos papeis, que se averbam de furtados, senão sim em condemnar o réo, sem a comprovação, em tribunal aberto e mediante depoimentos solemnes, *de que o accusado foi realmente o auctor do furto.*

« Os membros do conselho de guerra eram, não ha duvida, homens de bem, cujo empenho se cifrava em fazer justiça. Mas, por outro lado, não podemos esquecer que o caracter da imputação, de que se fazia cargo ao capitão Dreyfus, devia, pela sua idole, predispôr contra elle o espirito do exercito, bem como o do povo, e que o unico amparo contra essa influencia havia de estar na publicidade assegurada aos argumentos da defesa e á inquirição das testemunhas. Além de que é para temer que a propaganda antisemitica, accesa em França, avivasse a hostilidade contra o capitão Dreyfus, membro de uma familia hebréa bem conhecida, e a favor de quem um homonymo, o grande rabbino de França, foi nomeado testemunha. A presumpção é, certamente, que a sentença do conselho de guerra obedeceu á prova confidenciada exclusivamente a esse tribunal. Mas as condições do sigillo infelizmente imposto ao processo geram duvidas, que, no caso de arguição tão grave, associada a penas severas e opprobriosas, não deviam ficar indecisas. Se importa ao povo francez guardar os segredos da administração da guerra, *infinitamente mais importante é, para elle, preservar, nas suas instituições, a justiça publica da suspeita sequer de iniquidade, ou subserviencia ás correntes da paixão popular.* »

Esse habito de collocar os direitos permanentes da justiça em altura inaccessivel ás conveniencias do governo, ás crises da politica, ao clamor das tormentas populares, é a virtude cardeal da Inglaterra. Todas as opiniões e todos os partidos, aqui, estão unificados no sentimento inerradicavel desta necessidade.

Essa unanimidade, perpetuada atravez de todas as situações, nos dias prosperos e nos dias calamitosos, infundiu ao individuo uma confiança absoluta na ordem social, e apoiou solidamente nessa confiança o interesse commum; de modo que o povo mais individualista da terra é, ao mesmo tempo, aquelle onde mais desenvolvida se acha a consciencia activa da solidariedade humana e da cohesão nacional. Graças a essa estabilidade e a essa soberania do principio juridico, dominando todas as espheras da vida collectiva como a lei a que todas as outras leis se subordinam, é que a Inglaterra descreve, entre as outras nações, essa longo orbita de paz, cuja curva magestosa ainda está por medir.

Outros povos, muito menos confiantes na justiça têm nella apenas um fragil tecto de vime artistico para os dias tranquillos e azues, devassado, roto e lançado ao chão pela primeira borrasca que desce do céo. Esses, quando os ventos maus lhes toldam o horisonte, dão-se pressa em abandonar as garantias do direito, como os primeiros esteios ameaçados, para ir pedir ao empirismo dos politicos sem convicções, ou á estrella dos despotas sem escrupulos, a panacéa miraculosa, ou o signo salvador. E então os mais desacreditados instrumentos da arte de opprimir, os golpes de auctoridade, os tribunaes de excepção, as justiças secretas se preconizam em novidades salutares, e dominan sem freio, ora em nome das leis, sophismadas mais ou menos capricliosamente sob color do bem publico, ora em nome do bem publico,

declaradamente sobreposto ás leis. Essas nações, fadadas ao captiveiro alternativo da anarchia e da dictadura, cuidam fugir da desordem, evocando o arbitrio, e não fazem mais que oscillar periodicamente entre a agitação demagogica e a inercia servil. Para ellas foi que se immortalizou a phrase de Sieyès : « Não sabem ser justos, e querem ser livres ! »

Afortunada condição, a todos os respeitos insular no meio do mundo contemporaneo, a deste paiz! As suas antigas liberdades, as mais veneraveis da terra, desafiam intemperies e perigos, abrigadas á toga dos seus juizes, como as crenças austeras do seu culto sob o marmore das suas velhas cathedraes.

« Com que palavras poderemos deplorar assás o infortunio de viver sob um governo como o nosso? » dizia, sob Luiz XVI, uma amiga de Turgot. (1) « Fraca e desditosa creatura como sou eu, preferiria, comtudo, a sorte do mais insignificante membro da nação ingleza á de soberano da Prussia. » Quantas vezes, aqui, o forasteiro experimentado nas miserias da impostura das fórmas liberaes nos nossos tempos, sob as democracias mais pretenciosas, não será levado a fazer, em relação a ellas, com *a republica do Reino-Unido*, o mesmo confronto que M^lle^ de l'Espinasse, nos fins do seculo dezoito, em relação á monarchia franceza, e volver os olhos, com a mesma inveja, para este torrão tranquillo, onde amadurecem, na paz e na liberdade, para uma raça privilegiada, os fructos doirados da justiça!

(1) M^lle^ DE L'ESPINASSE. *Apud* LADY BLENNERHASSET : *Madame de Staël* (trad. ingl. Londr., 1889), vol. I, p. 70.

Salvador de Mendonça

Abrupta e selvatica dilata-se á margem do Atlantico a Serra do Mar, fechando com uma trincheira cyclopica a provincia de S. Paulo. Embaixo o littoral estreito, coalhado de pantanos ou coberto de areias, donde se levanta o immenso véu de novoeiro que cobre a fronte do Paranapiacaba. Em cima os campos patentes do grande taboleiro, dois mil e quinhentos pés ácima do nivel do mar, com seus grupos de vegetação a simularem vedetas alli postadas para transmittirem ao continente a senha do Oceano nas horas das grandes convulsões da natureza. E entre os dois planos deseguaes, degrau do templo da creação erguido na America, nenhum accesso facil, nenhuma subida praticavel. Apenas, no ponto mais alto da cordilheira, um desfiladeiro alpestre se intromette, fechado ao fundo pela cachoeira que se despenha da cumiada, e, a uma e outra parte do adito temeroso, se travam os contrafortes da serra, como enormes maxillas da bocca do monstro.

Que poderosa força volcanica não rompeu as entranhas da terra, para soerguer o dorso do gigante e o deixar alli exposto á colera dos tempos!

Vermes pequeninos daquelle immenso Titão, rojaram sobre elle os aborigenes, seguindo pela mata cerrada o carreiro da anta, escalando penhas e fraguedos, transpondo barrocaes por sobre a ramagem que bracejava ácima das torrentes.

Entrou a raça invasora e cortou na epiderme do colosso a senda sinuosa por onde subiram durante mais de dois seculos os seus descendentes.

Hoje o monstro está totalmente domado : os nervos de aço da industria atravessaram-lhe as carnes, e sobre o seu dorso rendido passam velozes os comboios do caminho de ferro.

De ambos os lados da estrada arvores seculares tecem festões e grinaldas de enrediços ou escondem os galhos sob as folhas e os tuberculos dos orchideas. As bromelias varias memoram ainda os cocares dos guerreiros autochtones. Mal percibido do viajante de vias ferreas, em cuja retina se succedem rapidamente as imagens dos objectos, quasi sem tempo de nella se fixarem, ha em uma deveza da serra, juncto a uma lapa, um tronco esgalhado, com uma coroa de epiphytas, o qual semelha o derradeiro guayanaz, soturno e merencorio, visitando o tumulo do filho.

Dir-se-ia que, abrindo prodiga as entranhas, a terra ostenta alli todos os prodigios da vegetação.

Acima de um accumulo de nevoas, no fundo do desfiladeiro, está ainda de pé uma arvore morta : cipós, tesos como cabos, prendem-se-lhe ás grimpas, onde a *barba de velho* oscilla ao vento. Parece o mastro grande de uma nau sossobrada.

Deixando atraz de si, no horizonte, a linha esbatida do Oceano, sobre a cabeça o ceu puro, sob os pés o abysmo torvo e em volta o ambiente saturado do perfume acre do sertão e o espaço pejado do fragor longinquo das

torrentes, transpõe o viajor os planos inclinados e, dentro de pouco tempo, entra nos campos do extenso planalto.

Ahi o scenario muda : o solo argilloso e secco cobre-se de pastagens que recuam até ao fundo do quadro, a perder de vista. Erguem-se então os capões do matto, alguns dos quaes tão regulares e symetricos como se fossem aparados á tesoira. Vê-se que não funccionou alli espontanea a vegetação e que algum representante de outro reino da natureza se veiu entremetter no trabalho do reino vegetal.

Com effeito, se não foi a mão do homem quem dispoz assim os grupos daquelle immenso parque, outro animal pequeno alli trabalhou : foi o cupim.

O campo era continuo : veiu o cupim e lavrou-o. O solo era liso e rijo; o animalzinho furou-o, solapou-o, levantou-lhe uma empola. Cahiram depois as chuvas, humedecendo a terra arida ; e a semente trazida pelo vento, pelo passaro, pelos insectos, poude germinar afinal. Germinou, cresceu, fez-se arvore, floriu, fructificou, conservou a frescura sob a capa, cobriu de humus o chão, protegeu novas sementeiras, perfilhou a quanto desvalido lhe foi bater á porta em noite tormentosa, e aos que dava agasalho e abrigo ia ensinando a proceder de modo identico para com outros ; e desta forma a lavra de um infimo animalzinho tornou-se um bosque.

Fora da acção desse obscuro e ignorado agente da creação, a explanada corre despida de arvores, mas coberta de rasteira gramminea que, não raro devorada pelo fogo, renasce de sob as cinzas.

Quem vinga o alto da serra e penetra nesses campos, sente expandir-se-lhe o coração ; a circulação do sangue accelera-se, as narinas dilatam-se e olfateam com volupia, sorvendo a largos haustos o ar vivificante.

Era o que succedia no anno da graça de 1871, em

pleno mez de Dezembro, pouco depois do meio dia, a um viajante commodamente sentado em um vagão de 1ª classe da estrada de ferro da Santos a Jundiahy.

O seu traje elegante e cuidado contrastava com o vestir negligente e bonacheirão de mais dois passageiros que iam no mesmo compartimento do carro, um cabeceando a um canto, presa mais do somno que da belleza da paizagem, outro a olhar de esguelha para o *leão* fluminense que suspeitava ter deante de si.

Se o traje do *touriste* era elegante, o physico resentia-se de tal ou qual adiposidade que, no distender das costuras da artista em córtes, deixava transparecer a pretenção ridicula de parecer mais esbelto e mais moço do que realmente era.

Desde as pontas voltadas do collarinho a milord até ás pontas demasiado largas das botinas de verniz, editadas na Côrte sob a responsabilidade de Méliès, as differentes peças da moderna armadura dos conquistadores, tinham nelle quasi todas as cores do prisma.

Gravata azul-celeste, abotoadura e cadeia de coraes, luvas amarellas, collete e chapéo cor de perola, paletot cor de pinhão, calças de cor indefinivel pela multiplicidade e contraste dos matizes que a compunham : tal era o traje de um rapagão viajado cheio de experiencia do mundo e de confiança no seus quarenta annos que, attestando-lhe de modo irrecusavel ter já feito o que bastava ao seu amor proprio, não o faziam chorar como os quarenta annos de Cesar, ao lembrar-se este de que com menos edade já o Macedonio conquistára meio mundo, ao passo que elle nada havia feito ainda. Uma ponta de calvice se lhe insinuava por entre os cabellos louros que pareciam estar presos ao rosto um tanto flaccido, pelas duas costelletas ruivas e por sua vez quasi unidas ás guias do bigode da mesma cor.

Barba e cabellos ornamentavam-lhe a fronte, dando-lhe uns ares marciaes e triumphantes de couraceiro allemão. Trouxera esse aspecto, por influencia ou memoria da campanha franco-prussiana, de volta da sua viagem á Europa. Respirando o ar livre da planura, o viajante, com os pollegares mettidos nas cavas do collete, cabeça alta, olhos e charuto accesos, satisfeito comsigo mesmo e com a companhia ingleza de caminhos de ferro, via valsarem as arvores de um lado e do outro.

Dansa phantastica é essa do arvoredo á beira das estradas de ferro. As arvores mais proximas e esbeltas, apanhadas pelo raio visual mais curto, volteam rapidas, e as mais distantes ou mais copadas gyram como pesadas matronas, receiosas de se metterem no doudejar do bando vertiginoso.

Quando, depois de atravessar os campos do Ipiranga, o comboio desfilou pelos pittorescos arrebaldes da Moóca, do Braz e da Luz, envolvendo a velha capital paulista no seu semi-circulo de ferro, a physionomia do viajante abriu-se ainda mais e elle perguntou em tom communicativo ao desconfiado companheiro de carro qual a demora do trem na estação de S. Paulo.

A resposta secca do interrogado não conseguiu perturbar a expressão expansiva que se via no rosto do viajante. Alguma remota lembrança lhe sorria talvez na alma. Talvez a simples passagem por aquella cidade de onde cada moço traz para a vida pratica um romance, cujo numero de volumes varia com a indole mais ou menos imaginosa do auctor, talvez, quem sabe? o mero attractivo que possue um campo de batalha para todo o esforçado cabo de guerra que applaude tanto as proprias como as alheias façanhas, verdadeiros Corações de Leões que não desdenham de apertar a mão dos Saladinos infieis; talvez tudo isso, ou nada disso, mas coisa diversa,

enchesse de secreto jubilo o coração do nosso viajante.

O que é certo é que elle conservou as mesmas felizes disposições até á estação de Jundiahy, onde saltou de mala em punho, como qualquer viajante illustre com proposito democratico, e onde o recebeu um pagem vistosamente fardado, creôlo esbelto e bem fallante que tinha vindo ao seu encontro.

— A bençam, seu Amancio, disse-lhe o pagem quasi com intimidade. A conducção está ahi; o senhor está esperando Vosmecê na fazenda. Hontem, quando elle recebeu o seu telegramma, deu ordem para apromptarem os animaes e queria vir hoje buscal-o; mas appareceram uns sucios, e lá ficou elle ás voltas com a orelha da sota. Esperam com o jantar, ainda que Vosmecê chegue de noite.

— E sinhá tambem está á minha espera? perguntou Amancio sacudindo a poeira da roupa e estendendo o pé ao pagem para que lhe puzesse as espóras.

— Este seu Amancio! Oh! seu Amancio, acudiu o pagem com vivacidade, olhe que depois do casorio eu quero ir para o Rio com Vosmecê.

— Qual casorio, pateta, não sejas bobo : penso lá em casar-me!

— Pois lá em casa não se falla noutra coisa. Havemos de ver só. Seu Julio, seu tio, disse que Vosmecê estava um rapagão. E eu vi Nha Lu estar vendo no album o seu retrato. E o moleque, abaixado a atar-lhe as esporas, levantou a cabeça e olhou sorrateiro para Amancio.

— Vosmecê lembra-se ha dois annos na Côrte daquella moça do bond?

— Tratante! disse o viajante lisongeado, mettendo dois dedos no bolso do collete e dando-lhe algumas moedas.

O pagem guardou o dinheiro, saltou da plataforma e segurou no estribo para Amancio montar.

Puzeram-se a caminho. O sol dardejava raios abrazadores sobre a terra incandescida : os córtes avermelhados da estrada desprendiam evaporações quentes que nas arestas das barrancas pareciam atear na vegetação rasteira chammas semelhantes ás que produz o alcool. A luz immergia nas devezas mais escuras, doirando os insectos e fazendo emmudecer o habitante alado das capoeiras. Cada folha de arbusto recortava no chão sombra varia e differente.

A'cima da paizagem exuberante de luz e de vida erguia-se o cone volcanico do Jaraguá envolto em uma como aureola.

Era um formoso dia de verão, claro e ardente como a paixão do amor, mas do amor que vive, como a salamandra do mytho, da chamma que o anima e devora.

Horas depois, Amancio e o pagem, tendo galgado uma pequena collina, descortinavam um valle pittoresco, fechado por montes não muito elevados, atraz dos quaes, havia pouco, se tinha escondido o sol poente.

Castellos de nuvens brancas, pejadas de electricidade, davam ao crepusculo um tom diffuso.

Após um dia abrazador, não corria a menor viração : o unico movimento que havia na folhagem, onde já se aninhavam as sombras, era, no mais cerrado das moitas, o agitar das azas dos vagalumes que se diria o offegar da vegetação ardente.

No fundo do valle avistavam-se as casas da fazenda, de onde coavam sobre o arvoredo visinho as primeiras e indecisas resteas de luz.

O viajante parou um momento no topo do morro, extendeu os olhos sobre aquella terra da promissão, deu de novo redeas ao animal e, seguido pelo pagem, desappareceu em uma volta do caminho.

Silva Ramos

EPISTOLA

A ARTHUR AZEVEDO

Emquanto passam fóra as turbas dos devotos
Da politica, e alçando, em cada mão, os votos,
Anhos de Rabelais accorrem, lesto, ás urnas,
Para me distrahir das fadigas diurnas,
Eu, que á festa não vou nem folgo na taberna,
Arthur, fico a scismar na poesia moderna.
Sê pois, o meu Pisão; escuta-me a parlenda,
Que eu gosto de fallar, se encontro quem me entenda.

Sem duvida, é o Brazil dos povos do Universo
O povo onde melhor se dá a trova e o verso.
Explica-se este caso ethnologicamente :
Embalou-nos no berço a musica indolente
Dos hymnos a Tupan; por outra parte, o clima
Actuou, por sua vez, na producção da rima.
Vencidos do calor ao natural quebranto,
Balança o corpo a rede, a alma balança-a o canto.

Depois, tudo é rimar na vastidão das matas:
O cachoar da ribeira e o choro das cascatas;
Rima o vento que açoita as densas ramalheiras,
E o canto festival das aves palradeiras.

Mas ah! porque esqueceu á natureza ingente
Ministrar-nos tambem, concomitantemente,
Na uberrima expansão da enorme seiva athletica,
Esta coisa banal e simples : a *Arte poetica!*
(A arte neste lance o esdruxulo condemna,
Mas, tem paciencia, assim foi que sahiu da penna.)
Pois seja como for, se houvera o tal tratado,
Diria a Natureza ao poeta : O' meu amado,
Adoro os madrigaes, mas, por Deus, não te mettas
A balbuciar de amor, pegando-te a muletas.

E teria razão a doce mãi Natura.
Na verdade, não sei como é que ella ainda atura
Tantos versos onde ha tudo o que se lhes metta :
Astros, cancros, reptis, larvas, — uma gaveta
De remendão — mas têm um defeito os perversos :
Que, sendo tudo mais, sómente não são versos.

Que tratos que não dão aos pés em que se parte
O metro, e vêm dizer que aquillo é que é a arte :
Se é a arte aquella coisa, affirmo, com certeza,
Que é a arte que entorta os pés da japoneza.
Não; a arte não é, nem póde ser aquillo :
A arte é sentir o verso, ainda antes de exprimil-o,
Palpitar dentro em nós na essencia mais completa :
Isto é a arte, sim, e quem o sente é poeta.

E na adjectivação, ó céos, que desatino!
Em vão, tu te esforçaste, ó grande Tolentino,

Dando ao denominado o epitheto opportuno;
Não te seguiu a escola, ao menos, um alumno..
E hoje apenas um fim têm os attributivos :
Não deixar perceber os simples substantivos.
E as imagens? E' rara a estrophe em que não surda
Qualquer comparação supinamente absurda.

Tu, que, na lide, heróe entre os heróes, combates,
Podias ensinar aos incipientes vates
O que, só por fallar, a ti inculco e digo:
— Se um com outro aprender, não serás tu commigo. —
O artista a quem apraz pintar com penna e tinta
Tem de reproduzir, como aquelle que pinta
Com paleta e pincel, a realidade nua.
E' assim que o esplendor das artes se insinua
Nos corações; não é arremedando a imagem
Da verdade com vã, phantastica visagem.
Antes de tudo mais, deve-se ser sincero :
Foi Horacio quem deu a lei que eu considero
A suprema das leis : « chora, primeiro, amigo,
Se intentas conseguir que eu vá chorar comtigo ».
E' preciso fugir ás suggestões de escola :
Quando a luz da manhã a nuvem desenrola
Que envolve a creação, deixando absorta a vista,
Ninguem pergunta ao sol se elle é naturalista.

No contorno do verso evitem-se as durezas;
Hão de surgir da estrophe as naturaes bellezas,
Como surge o esplendor do sol nas manhãs calmas,
Alumiando o mundo e alumiando as almas.
A poesia, meu caro, é a gondola ligeira
Que deslisa, a sabor da viração fagueira;
Não é o churrião que vae, aos solavancos,
Pelo pendor da encosta, aos trancos e aos barrancos,

Aqui se arrasta, ali se empina, além se enterra,
A vencer e a galgar os barrocaes da serra.

No que toca á medida, ahi fica a arena vasta,
Que cada poeta vá para onde o gosto o arrasta.
Soffre do alexandrino eternamente o jugo
Quem amou a Musset e amou a Victor Hugo;
Mas contra a seducção, se no intimo reage,
Alongue o braço á estante, alcance o seu Bocage,
E ha de ver que, quando é um mestre que o tornea,
O decasyllabo é o ideal da melopea.

Ao de nove consagro uma infinita zanga,
E' monotono como um hymno de charanga.
E' bello e tem seu que de marcial o de oito;
Mas sempre te direi que a esse eu não me afoito;
Não se póde guardar com elle o meio termo,
Se um guerreiro não sae, sae nos um estafermo.
O de sete, esse sim; esse eu amo e tu amas,
Verso que a acalentar cantam as mães e as amas,
E' a trova do pastor na volta para a herdade,
E que em nós vão gemendo as maguas e a saudade.
Nem a deixo esquecida a fórma a que submetto
Os meus caros ideaes, angelical soneto,
Diamante que reflecte um mundo inteiro, e abarca
A alma de Camões e a alma de Petrarca.

Não basta a um verso ter as syllabas da conta :
E' forçoso attender a uma outra lei que aponta
Para cada medida as proprias dominantes.
Quem isto desprezar eu lhe aconselho que antes
Se dê a fazer prosa, ou melhor, nada faça,
Mas versos, Deus o livre e a nós dessa desgraça.

Não urge em portuguez a consoante de apoio
A' ultima vogal accentuada; apoio
Que a empregue quem quizer, contanto que se exprima
Naturalmente a idéa e se não force a rima.

Aborda-se a questão dos agudos e graves;
Uns e outros, de bom rosto, applaudirei que traves:
Mas, bem deves saber, não vou entrar na pugna
Pela partilha igual. E' certo que repugna
A insistencia no agudo á indole da lingua,
E, se dous a seguir me vêm na estrophe, extingo-a
Como fazia o grego á geração disforme.
Mas não vejo tambem que muito se conforme
Com a feição liberal, com que a arte se atavia,
A nimio rebuscada e inane symmetria.

E as figuras que dão ou tiram lettra? Nunca
Me verás recorrer á que estira e á que trunca;
Abomino-as; não ha coisa que me enquizile
Como essas taes: eu estou com o mestre de Banville:
Licenças, não as ha. — Syllabas não são callos,
Que assim possa qualquer creal-os ou cortal-os.

E basta; que, afinal, tudo o que a Arte ensina
De que serve a quem não tiver a *mens divina?*

LITERATURA IMPESSOAL

A proposito da entrada de Pierre Loti para a Academia Franceza, preterindo a Emile Zola, revive a questão da litteratura impessoal.

Não pretendo discutir o direito, no meu entender indiscutivel, que tinha o autor da grande obra de arte que se

estende pela immensa galeria dos Rougon-Macquart, a occupar no glorioso Areopago a cadeira que deixou vasia a attrahente figura do autor de *Mr. de Camors*; mas, tendo visto que a principal accusação contra o autor de *Chrysanthême* é o seu extremado *personalismo*, senti revoltar-se-me o animo, e experimentei uma vontade irresistivel de dizer bem alto o que tantas vezes tenho pensado commigo :

Meus caros amigos naturalistas, é tempo de acabarmos com este flato de litteratura impessoal, em que nem os senhores, nem eu, nem o proprio Zola acreditamos absolutamente.

Tem-se dito milhares de vezes : a menos que não pretendam reduzir o escriptor á condição de machina photographica e a obra litteraria a producto de chapa, esta tem por força de ser pessoal.

Nem me venham com subtilezas, dizendo que, quando se affirma que o romance deve ser impessoal, se não pretende excluir a intervenção indirecta do escriptor, mas simplesmente dar a entender que elle se não deve insinuar como personagem na sua obra. As consequencias são as mesmas. Que digo? São peiores no caso do romance chamado impessoal, porque, neste, o leitor penetra desprevenidamente, sem guia e sem pharol, em um labyrintho inextricavel de virtudes e de vicios, de opulencias e de miserias, de heroicidades e de fraquezas, de amores e de odios, de egoismos e de abnegações, de paixões que ennobrecem e de depravações que aviltam e, uma vez lá dentro, admira-se de que os que ali vivem não pensem como elle pensa, nem sintam como elle sente, sem se lembrar de que homens e sentimentos tomam proporções tão grandiosas, como productos naturaes do cerebro que os concebeu, o qual transcende em larga medida a bitola dos cerebros communs.

Não assim no romance pessoal. Neste, o autor, emquanto envolve o nosso espirito no turbilhão das consciencias alheias e lhes sonda os mais intimos recessos, de tal maneira vai deixando a descoberto a propria consciencia, que podemos desde logo decidir que parcela de elemento subjectivo ha de descontar-se afinal.

A grande lei da influencia do meio acha-se inteiramente invertida nos trabalhos dos escriptores impessoaes.

O que evidentemente caracterisa essa influencia é ser em si mesma *determinativa*, quero dizer, occasionar, na pessôa sobre que se exerce, modificações que não dependem da vontade desta, e da parte de quem a experimenta, *inconsciente*, o que significa que taes modificações se realizam, sem que o individuo se aperceba que se está elaborando dentro delle um trabalho lento de adaptação.

Ora, os escriptores naturalistas, que se comprazem nas longas descripções minuciosas, visam, por certo, a que o leitor tome o conhecimento mais completo das circumstancias que actuaram no modo de ser e nas resoluções das suas creaturas. Mas a impressão que tem o leitor, por exemplo, ao penetrar em uma das galerias do *Germinal*, guiado por um cicerone singularissimo, a quem não escapam os mais sinuosos esconderijos daquelle mundo subterraneo, não é, por fórma alguma, a impressão que podem receber os espiritos incultos dos operarios das minas; por outra parte, a influencia que tudo aquillo exerce no animo dos mineiros não é a que nós experimentamos, commodamente sentados no nosso gabinete, embevecidos pelo encanto do estylo epico do seu autor, deixando-nos commover muito mais pelo seu talento do que pelos sentimentos dos personagens que elle creou á imagem e semelhança da sua alta mentalidade, e que vivem antes a vida que elle proprio lhes insufflou do que

a existencia que lhes é determinada pela natureza do meio.

O naturalismo, com o rigor do seu processo scientifico, pretende levar-nos á conclusão de que, dado o temperamento dos personagens e as conclusões do meio em que elles se debatem, as coisas haviam de se passar necessariamente como se passaram. E nós ingenuamente confessamos que assim é, ao concluirmos a leitura de uma scena como a que determina, por exemplo, no Paradou a prevaricação do padre Mouret.

Mas é uma illusão isto, porque o meio perfeitamente definido e repleto de minudencias que impressiona o espirito do leitor, não é de maneira nenhuma o meio vago em que os personagens mal reparavam, e de cuja influencia sobre a sua quéda não tiveram, a minima consciencia; por outro lado, o que naquelle ambiente devia actuar, com effeito, no animo dos que nelle viviam, nenhuma acção póde exercer no intimo dos que leem, entretidos como se acham a examinar as particularidades da decoração e a criticar os processos da escola.

E é em volta deste circulo vicioso que tem girado continuamente a pretendida impersonalidade das letras.

Incomparavelmente mais sincera é a obra considerada pessoal. O autor descreve acontecimentos em que tomou parte, pinta-nos quadros que se lhe desenrolam diante dos olhos, refere-nos como sentiu uns e como viu outros, e termina por dizer-nos, com toda a simplicidade, como foi que se deixou impressionar por elles. Aqui é o autor que, tendo elle proprio sido o executor, nos vem contar como foi que, solicitado pelas diversas forças que o rodeavam, se produziu a resultante que veiu a imprimir aos seus passos a direcção que elles tomaram, é o protagonista que nos vem fazer quinhoeiros das suas proprias emoções que elle nos transmitte directamente, ao mesmo

tempo que, transportando-nos para a atmosphera em que se agita o seu ser, e obrigando-nos a respirar o ar que elle respira, faz com que nós recebamos apenas, do meio para que nos transportou, a influencia que elle proprio recebeu.

Donde se conclue que a obra pessoal é muito mais completa e não menos scientifica; pois que nesta vê-se claramente como as circumstancias actuaram em um ser que tem vida real, havendo apenas a considerar que esse ser sobreleva ao commum dos seres nas condições especiaes da sua impressionabilidade, emquanto que na arte impessoal tudo é convencional, desde a minucia da descripção, que faz suppor um trabalho de microscopia a que ninguem ainda se deu, por mais observador que tenha sido, até o temperamento dos personagens que têm de ser, naturalmente, irritadiço, victimas como elles são, do attrito de pequeninas coisas que passariam despercebidas para toda a gente, mas que elles, coitados, são obrigados a supportar, porque ao seu creador aprouve dotal-os com uma acuidade de percepção que a maioria dos viventes não possue.

Diz-se ainda : o elemento pessoal origina a parcialidade. O autor que, ao mesmo tempo, é actor, não póde conservar a imperturbabilidade necessaria para não falsear a narração.

Mas tal imperturbabilidade não existe, absolutamente, em toda a obra dos escriptores impessoaes. Basta dizer que uma vez traçado o plano dentro do qual se ha de desencadeiar o drama, e esboçado o caracter dos individuos encarregados de levar a effeito a acção, elles não admitiem um destes reviramentos occasionados por frequentes excepções que a sciencia tantas vezes registra sem delles poder dar a explicação. Assim, por exemplo, os seus romances são sempre encaminhados a explicar os actos

pelas fatalidades do temperamento e os temperamentos pelas leis da filiação e do atavismo. Ora, isto, que, como principio de escola, é eminentemente scientifico, como opinião anticipada para dar a razão de todos os actos e justificar as mais complexas organizações, é, por extremo, fallivel.

Note-se que eu não estou fazendo a critica dos processos naturalistas; desejo, apenas, tornar sensivel que o *personalismo* nas letras não é, de modo algum, um elemento dissolvente, e que não damnifica, de nenhuma fórma, a obra de arte o sentimento affectuoso que leva o escriptor a dizer a quem o lê : vem comigo; quero mostrar-te as florestas por onde me perdi e as vagas que me balançaram no dorso; vem debruçar-te, como eu me debrucei, das amuradas que o luar banhava no esplendor das noites tropicaes, ou atravessar, em alongada caravana, os desertos interminaveis da Nigricia; vem ver como se despedaçam as náos de encontro aos gelos dos polos, ou como se requebram as almeias na embriaguez das dansas do Oriente. Vem sentir, vem gozar, vem viver, como eu senti, como eu gozei, como eu vivi.

E, emquanto elle nos vai encantando com estes dizeres, reparem-me neste impassivel que, abrindo á minha curiosidade o seu vastissimo museu, me aponta as galerias, e, cruzando os braços em seguida, aguarda silencioso, sem um movimento, sem um gesto, sem a simples contracção de um musculo, que, á saida, eu lhe assignale 90 gráos na minha admiração, dobrando-me em angulo recto.

Parece-me ouvir dizer ainda : o *personalismo* introduz o commentario e o commentario é absurdo. Dada a fatalidade, ou, para falar a linguagem do positivismo, dada a *determinação* dos successos, elles se prendem tão intimamente á cadeia de causas e effeitos de que são o ultimo

elo, que a opinião do escriptor é inteiramente dispensavel.

Mas, santo Deus, se o autor póde guiar os nossos olhos e os nossos ouvidos na contemplação das scenas que vai desdobrando diante de nós, porque não ha de poder igualmente encaminhar a nossa intelligencia a observar os phenomenos, a agrupar os factos, a constituir as syntheses, a formar as leis, por fim, coisas estas que o leitor nem sempre póde fazer por si, por deficiencia ingenita das proprias faculdades ou, quando mais não seja, por natural desidia do espirito.

O que torna Zola grande, nem creio que lhes dê novidade, não é a impersonalidade da sua obra; é a fauna e a flora portentosas da natureza por elle creada, é o maravilhoso arremesso da sua architectura colossal, é o adamantino dos blocos em que talha as suas imagens sorprendentes, é a anatomia minuciosa dos seus corpos gigantescos, é a psychologia transcendente dos seus caracteres excepcionaes, é a nunca desmentida logica com que tira as conclusões das premissas que elle mesmo estabeleceu, é, finalmente, o assombro da sciencia com que filia os factos ás leis naturaes.

E é porque está convencido do nenhum poder da vontade para desviar a corrente dos acontecimentos que Zola se abstem de intervir na acção, e em toda a sua obra monumental não desmente uma só vez esta coherencia.

Mas, se já ninguem acredita no livre arbitrio, no sentido em que esta expressão era tomada, não deixou, todavia, de existir a emoção por parte do *quid* que em nós sente, pensa e quer. Ora, analysar o poder da emoção do individuo, isto é, estudar-lhe a sua psychologia é, pelo menos, tão scientifico como determinar pelas leis naturaes da mecanica social a trajectoria dos acon-

tecimentos, ou como deduzir das fatalidades do temperamento as condições peculiares a cada existencia.

E, francamente, em que melhor laboratorio podemos nós estudar a psychologia do que em nós mesmos? Em que é que a escola naturalista teria de desmerecer pela intervenção pessoal do autor na dramatização, mostrando-nos como foi que o seu eu se deixou avassalar pelas scenas que elle reproduziu, fazendo-nos experimentar a mesma força de attracção com que o reclamaram de todas as partes os variadissimos factores de seu meio, obrigando-nos, n'uma palavra, a sentir com o seu sentimento, quer dizer, a sympathisar com elle, pois que sympathia o mesmo é que synchronismo de sentimentos?

De tudo isto concluiram já os que me lêem que, se é incomparavelmente mais intensa a minha admiração pelo autor de *Betê humaine*, é inquestionavelmente mais profunda a minha estima pelo autor de *Pêcheur d'Islande.*

OS « ESTUDOS BRAZILEIROS »

DE JOSÉ VERISSIMO

Este livro desde o titulo que está a rever aquelle

> ... amor da patria não movido
> De premio vil, mas alto e quasi eterno.

Entrado ao prologo, confirma-se o leitor na certeza de que tem diante de si uma obra intencionalmente patriotica.

« Esta é, declara o autor, a aspiração principal da minha obscurissima vida literaria e o espirito que di-

rige todos os meus desvaliosos trabalhos feitos ou premeditados : o estudo da patria brasileira em todos os aspectos que nol-a representem, tal qual é, como a unica base segura para assentarmos uma cultura verdadeiramente nacional. »

Infelizmente, porém, como os estudos são de critica literaria, e os escriptores criticados escassamente vem ao encontro dos bons desejos do autor, ministrando-lhe, por uma feição accentuadamente nacional da propria obra, os elementos com que elle haveria de constituir a sua synthese, ficamos privados de escutar a bella lição com que José Verissimo não deixaria de deliciar-nos, se lhe fosse dado realizar a aspiração que assignala no estudo VII, a proposito do romance *Memorias de um sargento de Milicias :* « surprehender na obra dos nossos novellistas como que a palpitação da vida brasileira, tirar d'ella um typo nacional e deduzir a lei esthetica do nosso romance. »

José Verissimo, com a modestia peculiar aos espiritos cultos, arreceia-se de que para tanto lhe escasseie o engenho. Não, não é o talento que lhe hade faltar; a clareza de idéas revelada no presente trabalho não permitte antever a possibilidade de vir a abandonal-o a lucidez de entendimento tão necessaria em obras d'esta natureza, naquellas com que porventura ainda tenha de enriquecer a literatura da nossa terra. Outras são as causas que hão de tolher a José Verissimo ver realizado o seu nobre empenho. Estudemol-as, particularisando.

Em primeiro lugar, uma literatura não constitue na existencia de um povo um phenomeno puramente isolado. Estreitamente ligado com todos os outros phenomenos da vida organica d'esse povo, ha de por força resentir-se da falta de vitalidade accusada em todo o apparelho.

E' o nosso caso. Sim, porque eu não chamo vitalidade á insania que gerou os desregramentos da *Bolsa* nem ao ardor impetuoso com que os nossos guerreiros têm pretendido conquistar-nos a felicidade, a tiro de canhão. A vitalidade de um povo, se me não engano, consiste no perfeito equilibrio das funcções organicas da nação e esse, ai de nós, ainda não é uma realidade.

Emquanto nos não reconstituirmos na nossa administração, na nossa industria, no nosso commercio, na nossa politica, encarada esta ultima, bem entendido, como a aspiração suprema do ideal sociologico e nunca sob o ponto de vista estreito da nossa politicagem de campanario, não podemos esperar que uma literatura se origine, quero dizer uma literatura definida, com feição propria e da qual possam deduzir-se leis estheticas.

Sómente os povos que têm a inteira comprehensão do seu destino e que para elle caminham resolutamente possuem a doce serenidade altiva susceptivel de engendrar obras de valor.

Um povo entregue ainda ao culto dos salvadores da Patria só póde gerar em literatura a anthologia louvaminheira nos dias da festa do orago.

Procede d'aqui um novo impedimento : a falta de ideal. Nós não possuimos um ideal. Não me parece que as proesas do general Trinca-Espadas, realizadas com o unico fito de empolgar o pennacho, que até alli fluctuava no elmo do não menos general Traga-Balas sejam assumpto bastante inspirativo para despertar as lyras dormentes dos poetas, que, com relação ás altas personalidades que têm de governal-os, se devem encontrar, supponho eu, na mesma situação embaraçosa daquelle carangueijo que, tendo o cozinheiro usado com elle a deferencia de lhe perguntar de que maneira preferia ser preparado para o effeito de o comerem, conten-

tentou-se com responder humildemente : peço perdão, mas o que eu desejaria, antes de tudo, era não ser engolido.

A' negação de um ideal em arte accresce ainda o incaracteristico do nosso elemento social. Abandonado o indianismo por falso e absolutamente insignificativo da nossa maneira de sentir e da nossa maneira de viver, consoante nol-as transformou a civilisação, eu não sei o que possa estremar-nos de um modo sensivel dos outros povos de que recebemos a civilisação.

E' cousa sabida, e José Verissimo allude a esse facto no correr da sua obra, que nós vivemos á franceza : é franceza a nossa cozinha, é franceza a nossa mobilia, é franceza a nossa maneira de trajar, só não é inteiramente franceza a elegancia dos nossos habitos e a scintillação do nosso espirito. Ora, com certeza, não é com estes dois predicados negativos que nos havemos de apresentar como producto ethnico ao grande certamen universal.

A estas causas de natureza objectiva, pois que residem todas no que constitúe o fundamento das literaturas de quaesquer épocas, outras correspondem pelo lado subjectivo que me parecem egualmente ponderaveis.

E' a primeira o estado de espirito hoje dominante a que poderemos chamar a anarchia do criterio, tomada aquella expressão á boa parte, no sentido de manifestação suprema da liberdade individual na execução da obra de arte.

Pois que outra cousa é o desengano a que todos chegamos da nenhuma significação que tem para a critica literaria a pretendida distincção de escolas, senão o reconhecimento da independencia de cada uma dellas, tão eloquentemente formulado n'estes conceitos de José Verissimo : « Escolas e theorias são interessantes como producto da evolução do gosto e das formas literarias,

o que importa dizer da mesma civilisação. Como criterio do valor intrinseco da obra de literatura ou de arte não são só falliveis, são imprestaveis e inserviveis. »

Verdade seja que esta maneira de ver em critica de arte, que deve ter sido inspirada a José Verissimo pelas mesmas elevadas considerações de scepticismo á Renan que engendraram no animo de Jules Lemaitre por elle citado, a larga critica do autor de *Les Contèmporains*, não se compadece por fórma alguma com o dogmatismo cathedratico de Edmond Scherer e Ferdinand Brunetière, invocados por elle com egual acatamento : ou o subjectivismo do primeiro ou o objectivismo dos ultimos.

Não é que eu não julgue perfeitamente legitima a coexistencia das duas feições da critica, em dada época, o que é ainda uma consequencia d'aquelle inteira liberdade que acima deixo assignalada, mas o que se me afigura irrealisavel é a conciliação no mesmo entendimento, de processos tão polo a polo dispartidos, para o effeito de deduzir uma lei geral que teria de impor-se como dictatorial, o que, se está muito nas cordas dos autores dos *Etudes sur la littérature contemporaine* e dos *Etudes Critiques sur l'Histoire de la littérature Française*, desafina inteiramente da largueza de vistas do autor de *Les Contemporains*, e d'aquelle prologo de *Pierre et Jean* de Guy de Maupassant a que José Verissimo allude enternecido em um dos seus bellos estudos.

Mas vejo ainda outro embaraço para a critica nacionalista : a inconsistencia do terreno em que pretende firmar-se.

Supponhamos que se estabelece em definitivo o criterio nacionalista. Seriam julgadas mal feitas e lançadas fóra da boa litteratura, obras de relevante merecimento sob o ponto de vista da arte em geral e que se apartassem daquelle criterio.

Em contraposição, acolheria a critica com incondicionaes applausos, trabalhos de soporiferos autores que não perdessem de olho aquelle estalão?

Que seja o proprio autor dos estudos quem com o seu verbo fluente faça sentir ao leitor quão oscillante é a base em que pretende firmar a sua critica.

No estudo XIII dedicado á personalidade inconfundivel de Machado de Assis, assim se exprime :

« Parece-me, porém, que legitimo de certo modo (o criterio nacionalista) é por demais estreito para formarmos delle um principio exclusivo de critica.

Se a base de uma literatura qualquer é o sentimento nacional, o que a faz grande e enriquece não é unicamente esse sentimento. Estreitariamos demais o campo da actividade literaria dos nossos escriptores se não quizessemos reconhecer no talento com que uma obra é concebida e exercitada, um criterio do seu valor independentemente de uma inspiração mais pegada á vida nacional. »

E' este o grande perigo das generalisações, deixarem de fóra certos factos que, por não caberem lá dentro; ou as hão de aniquilar a ellas ou ser por ellas esmagados.

Collocado na contingencia ou de negar todo o valor da preciosa obra do autor do Braz Cubas ou de dar mais largas ensanchas ao talhe da obra de arte que as que lhe havia traçado o nacionalismo de Sylvio Romero por elle abonado, José Verissimo, com louvavel desprendimento, que de certo lhe não foi inspirado pelo infallivel director da *Revue des Deux Mondes*, não duvida lançar por terra os seus proprios castellos, e, tendo de referir-se á obra de Machado de Assis, exprime-se nos seguintes termos : « Se houvessemos de julgal-a conforme o criterio a que chamei nacionalistico, ella seria nulla ou quasi nulla, o que basta, dado o seu valor incontestavel

para mostrar quão injusto póde ser ás vezes o emprego systematico de formulas criticas.

Eu, por mim, cada vez acredito menos n'ellas. »

José Verissimo confessa ainda implicitamente o acanhado do seu criterio nas seguintes expressões com que se refere á obra de Aluizio Azevedo : « Estabelecer esse criterio (o nacionalista) é reconhecer que o livro do Sr. Aluizio Azevedo qualquer que seja o seu merecimento, e certamente é grande no ponto de vista da arte pela arte, fica sem valor como factor da determinação do caracter nacional. »

Ora, se o merecimento do livro de Aluizio Azevedo é grande sob o ponto de vista da arte pela arte, mas perde o seu valor por lhe faltar o nacionalismo, a conclusão a impor-se, de um modo fatal, é que o nacionalismo é alguma coisa independente da arte.

No bello estudo X, sobre José do Alencar, encontra-se José Verissimo muito á vontade, porque o autor do *Gaúcho* e do *Sertanejo*, ajustando-se admiravelmente aos moldes do seu criterio nacionalista, permitte-lhe discorrer largamente sobre a indole do eminente romancista e sobre a influencia que elle exerceu na literatura do seu tempo e do seu paiz.

E a proposito : No estudo intitulado o *Romance no Brasil* ha uma observação que me parece feliz, tanto mais quanto eu proprio já a havia formulado de mim para mim. Collocando em confronto a escola romantica de Alencar e a moderna escola naturalista, José Verissimo, dando de barato o que havia de falso e de convencional nos processos empregados pela primeira, reserva-lhe ainda um largo saldo de verdade e de sentimento do real, em contraposição com as nevroses e anomalias, sobre as quaes são architectados os romances da actualidade.

Mas, que querem? esta nossa geração que ahi anda a morphinisar-se, não encontra mais nos quadros ternos da vida patriarchal, nem na pureza dos costumes de outros tempos perrexil assás aperitivo que lhe desperte o paladar embotado. Que pena que os vicios sejam tão poucos! Esta exclamação, desprendida dos labios de não sei que dama celebre, resume a ancia insaciavel dos nossos dias.

Pena é que com os successivos estudos de José Verissimo sobre a literatura brasileira, não tivesse coincidido a publicação de algum livro de contos de Arthur Azevedo. O estimavel autor dos *Contos Possiveis* teria deparado ao ilustre critico largo ensejo para discorrer, tomando para exemplo as suas narrativas sobre a perfeição a que póde attingir a cópia da nossa vida burgueza e o desenho de typos e caracteres muito nossos, deprimidos ou exagerados, já se vê, consoante a perspectiva da arte.

E a não ser o sr. Barboza Rodrigues com o seu *Folk-lore do Selvagem Americano*, trabalho de uma outra ordem, M. de Almeida com as *Memorias de um Sargento de Milicias* e Gregorico de Mattos com as suas satyras, ninguem mais forneceu a José Virissimo o contingente de elementos ethnicos de que necessitava para realizar o seu bello plano.

Trata bem os nossos poetas, Raymundo Correia, Guimarães Passos, e, a proposito d'estes, lembra com affecto a Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e outros. Sem embargo, acredita que a poesia, pelo caminho em que vai, não tardará a cahir no gongorismo.

E' perfeitamente natural que assim succeda. O culto da forma pela forma é uma enfermidade progenita das literaturas decadentes; nem ha ter mão nella. Para me servir de uma imagem da actualidade, affirmarei que se

propaga com a rapidez do bacillus. Foi o que se deu com o gongorismo que alastrou por toda a Europa culta, chamando-se em Hespanha cultismo, na Inglaterra euphuismo, na Italia marinismo, e na França, Hotel Rambouillet; não a Pleiade, como pretende Camillo Castello Branco. Entre parenthesis : ainda agora me não explico como, possuindo Camillo tão elevado criterio, pôde confundir com as disgraciosidades do jesuita Graciano o que havia quiçá de louvavel esforço nas tentativas, aliás infructiferas, de Ronsard e Du Bellay.

Simplesmente o mal não é tamanho, como, á primeira vista, parece. Como doença de caracter agudo, que, quando não aniquila o organismo, o retempera e avigora, o gongorismo, na impossibilidade de lutar contra as forças vivas de qualquer lingua, desapparece ao fim de algum tempo, deixando augmentado o vocabulario, mais variada a locução, um ou outro effeito decorativo da phrase, cousas estas que não deslustram o brilho do idioma, e que uma renascença literaria bem inspirada póde aproveitar, fazendo-as passar pela fieira do bom gosto.

Emquanto a mim, o unico criterio em litteratura, compativel com o nosso seculo, é o que faz consistir a perfeição da obra litteraria na commoção viva que ella produz, ou ella nos desvende um trecho da natureza ou o interior de uma alma, um aspecto do mundo real ou uma imagem do mundo dos sonhos.

A' critica, desillududa das suas velhas crenças, só lhe resta manter-se naquelle suave scepticismo que lhe permitte acceitar todas as fórmas, abraçar todos os processos, sem acreditar em nenhum delles como definitivo e absoluto, pois que tudo rola com o planeta em que vivemos, e a humanidade, como a creança que, vendo ao longe a montanha a perder-se no céu, acredita que gal-

gando-lhe ao cimo poderá trazer de lá um retalho do azul immaculado, a humanidade, na infancia, talvez, com relação á edade infinita dos seculos, illude-se, quando suppõe poder alcançar uma parcella da verdade eterna, que lhe ha de escapar constantemente, pois que é nella que reside o recondito segredo da creação e, uma vez quebrado o encanto, a humanidade seria Deus.

Como quer que seja, os Estudos Brasileiros, se não realizam o ideal da synthese sonhada pelo seu autor, valem muito como trabalhos isolados de um espirito elevado, ao qual o muito amor da sua terra dá a illusão acariciadora de que ella possue uma physionomia que permitta á sua litteratura extremar-se de um modo sensivel das litteraturas com que se acha estreitamente relacionada; e apezar da heterogeneidade do criterio, pois que umas vezes affirmam a possibilidade de vir a deduzir-se uma lei esthetica do romance, outras vezes condemnam os preconceitos de escolas que, afinal de contas, se originam de leis d'essas, são ainda de muitissimo preço como revelação da inconstestavel competencia do seu autor para trabalhos d'este genero, tão descurados entre nós; e, como eu me comprazo, por igual, n'aquelle doce dilettantismo tão proprio da nossa decadencia, que permitte a José Verissimo admirar, com dentico fervor, a Scherer e a Jules Lemaître, a Ferdinand Brunetière e a Guy de Maupassant, como quem diria o preto e o branco, a treva e a luz, a minha delicia não é menos intensa, ao saborear as bellas paginas de José Verissimo, escriptas no estylo de elegante simplicidade que convem ao assumpto, do que seria, se em toda a sua obra se encontrasse, com effeito, o pretendido nexo de nacionalismo, que, afinal de contas, não deixa de existir, mas de uma maneira unicamente subjectiva.

Não terminarei sem fazer notar a quem me lê um

coincidencia, em extremo lisongeira para mim: Era neste mesmo logar que José Verissimo ia desdobrando aos olhos do publico os successivos aspectos da sua critica e que agora foram collecionados em volume. Se nos conceitos, que ahi ficam, houver algum aproveitavel, não será, porventura, echo disperso da larga inspiração do autor dos Estudos o qual andasse por ahi a esvoaçar em torno e se perdesse no caminho?

Silvio Romero

A NAÇAO BRASILEIRA (1)

COMO GRUPO ETHNOGRAPHICO E PRODUCTO HISTORICO

E' incontestavel a tendencia moderna para reduzir as chamadas sciencias moraes a uma prolação da historia natural. Depois que o homem deixou de ser o centro e a medida das cousas, depois que se lhe marcou o genuino logar na creação, o modo de tratar a historia e os outros ramos scientificos, que se lhe prendem, soffreu uma alteração radical.

A antiga maneira de fazer a critica litteraria fundada nas regras *eternas do bom gosto*, modificou-se de uma vez e foi obrigada a acceitar a *relatividade* de seus conceitos.

Desde Buckle e Gervinus, começou-se a estudar a acção dos differentes *meios* sobre os diversos povos; desde Taine e Renan, admittiu-se, além d'isso, o influxo divergente das *raças* nas creações religiosas e artisticas.

(1) *Historia da litteratura brazileira*

Antes destes escriptores essa intuição era existente; elles a tornaram classica e vulgar.

Começaram a apparecer então os exageros, e os dilettantes litterarios não tiraram mais da bocca as palavras *meio* e *raça*!... Sobre a antiga rhetorica fundou-se outra com seus termos mysticos e sagrados. Improvisaram-se theorias phantasiosas sobre povos de formação recente, e, entre outros, Portugal, por exemplo, teve sua *raça* peculiar nos *mosarabes* e seu *meio* absolutamente distincto do resto das Hespanhas pela visinhança do *mar*, que não é, por certo, uma excepção portugueza!...

Entretanto, os factos ahi estão para impor-nos grande reserva: de um lado, a verdade inconcussa de que as velhas raças pre-historicas são quasi desconhecidas e que as raças historicas, como as dos aryanos, semitas e altaicos, desde a mais remota antiguidade, têm vivido no mais completo cruzamento e quasi fundidas. O criterio para a sua separação é quasi puramente linguistico, e a linguistica é um criterio bem fraco em ethnographia, especialmente entre os povos modernos e recentes, resultantes da fusão de muitas raças.

Por outro lado, o estudo da mesologia começa apenas a esboçar-se e ainda não se sabe totalmente como os *meios* modificam os povos. Tudo isto é certo e tambem o é que estes, por sua parte, reagem contra aquelles. O meio não funda uma raça; póde modifical-a e nada mais. Deve-se, neste assumpto, contar com o *factor humano*, isto é, com uma força viva prestes a reagir contra todas as pressões por intermedio da cultura.

Não contesto a acção dos meios e das raças, que é um achado definitivo d'or'avante na sciencia. Imponho-me sómente algum cuidado no manejo de meu assumpto: a litteratura patria.

O povo brazileiro é um grupo ethnico extreme e caracteristico, ou é uma determinada formação historica? Nem uma nem outra cousa, respondo resolutamente.

Não é um grupo ethnico definitivo; porque é um resultado pouco determinado de tres raças diversas, que ainda acampam em parte separadas ao lado uma da outra.

Não é uma formação historica, uma raça sociologica, repetindo a palavra de Laffite, porque ainda não temos uma feição caracteristica e original. Temos porém os elementos indispensaveis para tomar uma face ethnica e uma maior cohesão historica.

Quando se trata de caracterisar a nação brazileira é claro que não deve ser no ar, phantasticamente, e sim em relação ao povo de que ella principalmente descende e diante daquelles que a cercam. Se o povo portuguez não se distingue ethnologicamente do hespanhol, nós temos elementos para nos separarmos consideravelmente do nosso ascendente europeu e dos povos visinhos que nos cercam.

A raça aryana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma subraça mestiça e crioula, distincta da européa. A introducção do elemento negro, não existente na mór parte das republicas hespanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos destas de um modo bem positivo.

As condições especiaes de nossa geographia vêm tambem em nosso auxilio. Não é tudo; uma circumstancia, por assim dizer pre-historica, e de que não se tem medido todo o alcance, apparece para auxiliar a caracteristica do povo brazileiro. A principal familia indigena, que occupava esta porção da America, não se confundia com qualquer outra. Os brasilio-guaranys povoavam justamente a mór porção d'esta parte do conti-

mente, onde se vieram estabelecer o negro e o portuguez. Este facto concorre para separar-nos ainda mais das gentes hispano-americanas, que, além de não possuirem o elemento africano, tiveram um vasto cruzamento indigena de todo diverso do selvagem do Brazil.

A' vista deste facto, deprehende-se por si mesmo que toda a margem esquerda do Paraguay e do Paraná é genuinamente brazileira pela origem primitiva de seus habitantes, e seria hoje uma parte do Brazil, se o não tivesse obstado a fraqueza ou a inepcia dos governos portuguez e imperial.

O povo brazileiro como hoje se nos apresenta, se não constitue uma só raça compacta e distincta, tem elementos para accentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na America um grande destino cultur-historico.

Dentro dos limites de uma só familia humana, ramos varios podem offerecer tendencias e aptidões diversas. Os francezes, italianos e allemães pertencem ao mesmo grupo aryano, e que diversidade entre elles de manifestações espirituaes!... No Brazil a tendencia á differenciação póde ser ainda maior do que entre aquelles povos, se circumstancias anomalas e retardatarias não se vierem interpôr ao nosso desenvolvimento, como é muito para temer.

Concerrando o assumpto deste capitulo e respondendo á questão que elle contém, em poucas palavras, direi:

A estatistica mostra que o povo brazileiro se compõe actualmente de povos aryanos, indios tupis-guaranys, negros quasi todos do grupo bantú e mestiços destas tres raças, orçando os ultimos certamente por mais de metade de população. O seu numero tende a augmentar, ao passo que os indios e negros puros tendem a dimi-

nuir. Estes desapparecerão num futuro talvez não muito remoto, consumidos na lucta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento.

O mestiço, que é a genuina formação historica brazileira, ficará só diante do branco quasi puro, com o qual se ha de, mais cedo ou mais tarde, confundir.

Não é phantasia: calculavam-se em tres milhões talvez os indios do Brazil. E hoje onde estão elles? Reduzidos a alguns milhares nos remotissimos sertões do interior.

Computavam-se tambem em alguns milhões os negros arrancados da Africa pela cobiça dos brancos; e hoje chegam elles por certo apenas a uns dois milhões.

As pestes e as guerras fizeram aos indigenas o que os trabalhos forçados fizeram aos africanos. As selvas não estão mais povoadas de caboclos, para serem caçados pelas *bandeiras*; os portos da Africa estão fechados aos navios *negreiros*.

A consequencia é facil de tirar: o branco, o autor inconsciente de tanta desgraça, tirou o que poude de vermelhos e negros e atirou-os fóra como coisas inuteis. Foi sempre ajudado neste empenho pelo *mestiço*, seu filho e seu auxiliar, que acabará por supplantal-o, tomando-lhe a cor e a preponderancia.

Sabe-se que na mestiçagem a selecção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o typo da raça mais numerosa, e, entre nós, das raças puras a mais numerosa, pela immigração européa, tem sido, e tende ainda mais a sel-o, a branca. E' conhecido, porisso, a proverbial tendencia do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando a sua cor pode illudir.

Quasi que não temos mais familias extrememente arysanas; os *brancos presumidos* abundam. Dentro de dois

ou tres seculos a fusão ethnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado.

Os mananciaes negro e caboclo estão estancados, ao passo que a immigração portugueza continúa e a ella vieram juntar-se a italiana e a allemã. O futuro povo brazileiro será uma mescla africo-indiana e latino-germanica, se perdurar, como é provavel, a immigração allemã, ao lado da portugueza e italiana.

Ouçamos um homem pratico, o Dr. Hermann Rentschler: « Nos Estados Unidos, onde havia mais indios e negros do que no Brazil, a experiencia tem demonstrado que no decorrer do tempo o *indio* e o *negro* desappareceram em contacto com o branco. O Brazil não deve contar seriamente com os indios e negros como elementos de uma civilização futura, ainda que extenda até elles os beneficios do ensino primario. As futuras gerações do Brazil, se fôr aproveitada a colonização allemã, constituirão um povo mixto de brazileiros propriamente ditos, portuguezes e allemães. Os descendentes do novo povo mixto serão superiores a seus antecessores, portuguezes e allemães, como elemento de colonisação. Transportemo-nos em espirito ao futuro do Brasil: ahi veremos um *povo mixto* muito mais apto e capaz do que seus progenitores para a cultura das terras, porque serão habituados desde o berço ao clima e á vida do paiz. Uma nacionalidade não é um facto primeiro, que surja num dia certo do fundo tenebroso da historia. Segundo o pensar de um notavel ethnologo, é ao contrario o resultado de uma grande quantidade de combinações, de fusões, de eliminações e de associações de toda a especie. Uma vez formada, ella constitue um quadro indestructivel que se impõe nos elementos novos que se lhe vêm juntar; mas a unidade, nisto como no mais, é um termo e não um principio

original.» (*Contribuição para a psychologia comparada dos povos*, Rentschler.)

Estes factos ficariam sem vigor para a historia litteraria, se, ao lado do cruzamento physico, se não désse tambem o das idéas e sentimentos. A união neste solo de povos em tão variados estadios da intelligencia influiu na psychologia do povo brazileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que supponho por factos, no momento primeiro do fetichismo, phase primordial da edade theologica.

Os indios achavam-se no periodo da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista.

Os portuguezes eram monotheistas, ultimo momento do theologismo, mas tinham grandes residuos da epoca anterior — o polytheismo.

Dahi uma grande confusão no conjuncto das crenças e tradições brazileiras que encerram elementos contradictorios de todos as phases do pensamento.

Somos um povo em via de formação; não temos, pois, vastas e largas tradições nacionaes. Negros e indios pouco puderam fornecer, e os portuguezes já tinham, com a Renascença, esquecido em parte as tradições da edade media, quando o inconsciente das coisas os atirou ás nossas plagas.

Dahi o estado fragmentario da nossa litteratura popular.

A TERRA

A terra! Em face della a prece é pouco,
Tanto essa mãe sagrada é grandiosa!
Só uma estrella languida, mimosa,
Num hymno excelso a poderá saudar.

Negra, profunda, amamentando a vida,
Bebe do sol os raios que a illuminam;
A' Vesta os seios calidos ensinam,
Meio abertos, o modo de os beijar.

Filha da luz, enternecida ainda,
Oh! Se se lembra do homem quando infante,
Odiando o temporal, moço gigante,
A sua ossada enorme lhe entregou.
Dentro, no corpo amado, é uma reliquia
Que ella sabe guardar... Narra aos espaços,
Contando aos ceus azues, que nos seus braços
A alma humana infantil acalentou.

Ao perfume balsamico das flores
E das auras ao tepido respiro,
Brilhando o céo, das aguas ao suspiro,
Um dia em seu sacrario um Deus sorriu.
Primogenito do homem, das estrellas,
Das nuvens, seu tambem, que soube amal-o...
Que poema scintillou para abraçal-a!
Que nota nesse côro então se ouviu!

A natureza e as almas agitava
O suave frescor da mocidade;
Sabia juvenil a divindade
Sobre um collo de grega adormecer.
E' intimo o segredo dos destinos!
A terra alcatifada e perfumosa
Fazia a flor em sonho, a moça em rosa
Do crystal de uma idéa um Deus nascer.

Vasta herdeira de imperios esquecidos
Atraz do tempo rapido, no escuro

Que elle deixa na busca do futuro,
Anciava, testemunha das nações.
Que glorias! Quanto sol sob o seu manto!
De tremulas palmeiras sob o leque,
Como Thebas sonhava e amou Balbek?
Como a vida estreara os corações?

Viu-as lindas, sorrindo embriagadas
Aos effluvios cheirosos das auroras,
Festivas, deslumbrantes... Nessas horas
Quanta rosa nos peitos a se abrir!
Cem cidades, em fulgido concerto,
Do seu collar as perolas!... Nos seios
Após um sonho, em fervidos enleios,
Soltas lhe rolam todas a cahir...

. . . .

PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO

NA REPUBLICA DO BRASIL

I

Sr. Conselheiro.

O Brasil inteiro conhece a parte proeminente que representastes na confecção da carta constitucional de 24 de fevereiro, que organizou e legitimou a republica entre nós. Todos sabemos que o vasto conhecimento que possuis das instituições americanas e a admiração que tendes por aquelle povo insigne levaram o vosso illustrado espirito a tomar por modelo, por norma, a constituição da grande Republica do Norte, quando tivestes, com vossos companheiros, no projecto do governo provisorio, de traçar as grandes linhas que haviam de

marcar a fórma, os contornos, a estructura da nova organisação politica do nosso paiz, que foram aceitas pelo congresso constituinte. Todos sabemos disto, e é a razão por que de preferencia nos dirigimos a vós para o esclarecimento da these politica que serve de epigraphe a estas cartas.

Amigo vosso, admirador sem igual de vosso extraordinario talento, podeis contar que falareis ao abrigo de nossos applausos, ao aconchego de nosso respeito.

Falareis como mestre e vossa palavra despertará a attenção que lhe conquistaram a superioridade de vossa illustração e a relevancia de vossos serviços.

Cheguemos, porém, ao assumpto.

E' escusado querer esconder, como fazem muitos, a grande, a enorme aceitação que vai tendo no Brasil a idéa da republica parlamentar.

A principio timida, receiosa do descredito que certo sectarismo enfesado e inepto procurava, como ainda procura lançar sobre ella, a theoria do parlamentarismo sentiu, por fim, força e estimulos para sahir do retrahimento a que se condemnara, deante dos erros, dos quasi irremediaveis desatinos do governo presidencial, que nos tem desbaratado em tres annos de terriveis loucuras.

E a idéa vai encontrando adeptos entre publicistas, deputados, senadores, politicos de valor e reputação, homens dotados de experiencia, conhecedores de nossa historia, avaliadores conscienciosos da indole de nosso povo.

Não é tudo : um forte, um poderoso partido levantou-se no sul, na terra gloriosa da Republica de Piratiny, e inscreveu na sua bandeira o lemma do parlamentarismo, como o unico apto a consolidar a republica em plagas brasileiras.

Aquelle punhado de bravos lucta agora por seus lares, *pro aris et focis*, por suas familias, por sua honra; porém combate tambem por principios; são republicanos sinceros, firmes nas suas convicções.

Até aqui os luctadores do sul têm sido victoriosos; e se elles obtiverem o triumpho final, se sahirem vencedores em toda a linha, nós vos perguntamos, esse partido, fortalecido pelo exito das armas, não terá o direito de atirar na politica brasileira a sua idéa, prestigiada pelos esplendores da lucta, pelos clarões da victoria? Não será a occasião de começarmos a estudar o assumpto? O *parlamentarismo* será de facto uma idéa vencida deante do *presidencialismo?* Este systema será um progresso sobre a theoria rival, ou a verdade estará na concepção contraria?

That is the question, que a nação brasileira tem o direito de discutir, quando mais não seja para procurar as causas pelas quaes o nosso desageitado presidencialismo nos desorienta e machuca ha tres annos.

Nada existe tão difficil, Sr. conselheiro, na esphera da sciencia humana, vós o sabeis, como os assumptos politicos e sociaes.

Não é, pois, de admirar que homens, que pugnaram por uma idéa, venham depois, esclarecidos pelos factos, orientados pela experimentação dos acontecimentos, fazer o sacrificio de suas vistas individuaes, deante da verdade triumphante.

A sinceridade assim o exige.

A sinceridade não consiste no aferro incondicional a um credo em que não mais se crê, pelo receio da revelação das mudanças por que se passou.

A sinceridade é antes o sacrificio de nossa commodidade doutrinaria deante da verdade que se nos impoz, que nos conquistou.

Tal é o caso de muitos dos nossos melhores republicanos em face do regimen parlamentar, em troca desse presidencialismo dissipado e trefego, que nos esphacela e deprime.

O systema parlamentar tem sobre o seu adversario uma boa duzia de excellentes argumentos; não é um vencido. Attendei.

Uma critica mais segura das fontes e das condições que deram origem á constituição americana tem esclarecido a verdadeira indole do chamado *presidencialismo*, que, bem longe de ser o grande merito daquella organização politica, é, ao contrario, o seu maior defeito. Os patriotas americanos de 1776, 1781, 1787-1789 não se afastaram, naquelle ponto, do modelo inglez por um acto de plena consciencia e por certeza absoluta de corrigirem para melhor a constituição de seus antepassados. Além de que o genuino parlamentarismo não tinha ainda naquelle tempo chegado á completa elaboração de sua propria fórmula, e isto é capital, os legisladores americanos, mesmo para o que já então existia na Inglaterra, não beberam nas melhores fontes. E' uma das bellas demonstrações do excellente livro de *Bryce*, apto a modificar a velha intuição corrente sobre o direito publico americano.

Pondo de lado a influencia geral e doutrinaria de Rousseau, que teve grande parte no espirito dos constituintes de 1787, influencia essa anti-britannica e dispersiva, os auctores da carta americana, segundo o celebre publicista inglez, não estavam bem ao par da genuina organização politica da mãi patria. Raros eram os membros da Convenção que tivessem estado na Inglaterra e possuissem um conhecimento pratico e directo de sua organização politico-social.

As noções immediatas, que vieram a ter depois de

começada a lucta da independencia, lhes vinham pelas relações coloniaes e estrangeiras do governo inglez, as menos proprias para fornecerem cabal conhecimento do systema no jogo dos seus diversos poderes.

Fóra desta porta, por onde lhes chegavam truncadas noções, havia os livros lacunosos dos juristas, como Blackstone, que afferrado á lettra, quasi nada esclarece do espirito da organização politica, ou as obras dos publicistas, como Montesquieu, que, com sua exagerada comprehensão da *separação dos tres poderes*, chegou a illudir aos proprios americanos. Não é só isto; é mister não esquecer que as colonias inglezas da America eram verdadeiros Estados quasi autonomos, com seus governadores, suas assembléas, sua organização judiciaria, etc.

Em 1787 os convencionaes não fizeram, em grande parte, mais do que continuar o que em sua patria já estava feito havia mais de seculo. Ora, os governadores dos Estados, representantes do executivo, dependendo directamente da corôa, não tinham necessidade de receber das legislaturas locaes ministros responsaveis, e gozavam deante dellas desta independencia, que lhes era garantida pelo governo da mãi patria.

A constituição federal tinha, pois, em casa o seu modelo, e, passando para a nação, para o paiz tomado na sua totalidade, uma circumstancia meramente occasional e oriunda das condições *coloniaes*, commetteu um erro que tem sido um escolho na vida politica do grande povo, erro que tende a ser eliminado, e que não tem sido fatal, por encontrar correctivo nas qualidades praticas e solidamente sensatas daquellas gentes sem par.

O presidencialismo é, dest'arte, um filho espurio da historia, oriundo de um *mal-entendu*, um resultado da inadvertencia, que só por aberração póde ser elevado á

categoria de principio politico geral, que se proponha á imitação das outras nações. E a historia de toda a America desgraçadamente ahi está para dar-nos razão.

Não é tudo; ao passo que os americanos transportavam para a União uma anomalia propria dos governos locaes das colonias, o parlamentarismo seguia a sua evolução para adeante; dotava a Grã-Bretanha do governo mais livre que existe sobre a terra, ia ter repercussão entre os povos progressivos e liberaes.

A Hollanda, a Belgica, a Suecia, a Italia, a França, a Hespanha, entraram no grande cyclo dos governos de discussão, de responsabilidade, de vida ás claras, governos da opinião.

E, na Europa, quaes os povos que evitaram a grande innovação?

Quaes os povos que ficaram apenas na simples *fórma representativa*, sem admittir o governo de gabinete, o governo de responsabilidade directa?

As monarchias conservadoras, aristocraticas, retardatarias, da Prussia, da Austria, do Imperio da Allemanha! E eis como os extremos se tocam.

Este ponto é digno de ser ponderado : ha monarchias não parlamentaristas, como ha republicas deste genero; porém são as mais ferrenhas e despoticas; ha monarchias onde o governo de discussão e responsabilidade é a regra, como existem republicas desta especie, e são, por certo, as mais felizes e as mais liberaes.

Não argumentemos com os Estados Unidos. E' opinião corrente entre os bons conhecedores daquelle povo illustre que elle se tem desenvolvido em paz, não pelo presidencialismo, porém a despeito do presidencialismo.

Este systema sem malleabilidade, firmado em uma suspeição insensata entre o legislativo e o executivo, proprio para crear attritos e luctas insoluveis entre os

dois poderes, luctas que só podem ter sahida pela submissão affrontosa do legislativo, ou pela revolução armada, é o grande defeito, o grande defeito e não a grande virtude, da constituição federal americana, infelizmente imitada por nós neste ponto gravissimo.

O assumpto é tão sério, Sr. conselheiro, que, apezar da pratica que já temos de nossos desatinos de tres annos, não nos atreveriamos a fazer aquella censura á carta norte-americana, e implicitamente á nossa, se não tivessemos de nosso lado, além de *Bryce*, a auctoridade de E. Boutmy, conhecedor emerito do grande povo. Escreve este :

« A primeira impressão que deixa um estudo imparcial do assumpto é que a constituição federal mostra graves vicios de estructura, e é uma machina muito imperfeita que se arrebentará ao primeiro choque verdadeiramente sério.

O principal objectivo de uma constituição deve ser, quero crer, estabelecer o accôrdo entre os poderes, prevenir os conflictos violentos, impedir, pelo menos, a permanencia desses conflictos, ter á mão, neste intuito, meios de solução pacificos e rapidos; o texto federal parece ter tomado por alvo fazer nascer esses conflictos, desenvolvel-os, envenenal-os; multiplica-lhes os ensejos e prolonga-lhes com prazer a duração. Em todo tempo e em toda a parte, foi preoccupação especial crear e manter a intelligencia entre o parlamento e o poder executivo.

E é este um ponto capital. Na Inglaterra, nomeadamente, houve constante esforço por approximar os dois poderes, achar entre elles pontos de contacto; encaixou-se, por assim dizer, um no outro, e, ainda assim, prevendo que a harmonia poderia ser perturbada, prepararam-se meios promptos e efficazes para restabelecel-a

no *sentido indicado pela vontade do povo*. A Convenção de Philadelphia, compenetrada, até á superstição, da theoria de Montesquieu, poz todos os cuidados em conservar separados os poderes. Os caminhos que lhes traçou são invariavelmente parallelos, nunca se cruzam em um ponto qualquer.

Os poderes podem avistar-se, ameaçar-se com o olhar ou com brados distantes, não existe, porém, corredor ou becco onde se possam encontrar, entrar em uma justa opportuna, que deixe a um delles a vantagem e a victoria.

Na Inglaterra os ministros são membros das camaras e dirigem todo o trabalho legislativo. Nada mais razoavel. São elles, por certo, que melhor conhecem as necessidades e as difficuldades do governo, vêem, mais claro do que os outros, quaes as leis mais urgentes. E' sob sua responsabilidade que vão ser executadas as medidas votadas; terão cuidado em prevenir as inconsideradas e perigosas. Na America os ministros não têm entrada no congresso. O presidente e seus secretarios só por meio de mensagens e relatorios escriptos se podem communicar com as camaras.

O presidente póde dirigir de tempos a tempos ao congresso informações e chamar a attenção para medidas necessarias ou uteis. Porém taes proposições ou moções não podem ser acompanhadas nem pelo presidente, nem pelos ministros nas camaras, no intuito de as converter em *bills* formaes, sustental-as com a auctoridade da palavra de um governo responsavel, dissipar as desintelligencias, afastar as emendas contrarias ao *desideratum* da lei, modificar por si proprios o texto no correr do debate, segundo as impressões que surgirem na assembléa.

Todas estas condições de um trabalho legislativo ama-

durecido, judicioso, consequente lhes foram recusadas...

Os ministros, levados ao poder pela maioria da camara, têm escrupulos em se conservar nelle quando são por ella abandonados. O mais leve signal de desconfiança é sufficiente para os fazer retirarem-se.

Personagens considerados, chefes obedecidos, oradores admirados, fazem questão de honra em que não se lhes diga duas vezes que deixaram de agradar.

Em caso de dissidencia, a resolução do conflicto não se faz esperar. Os ministros desautorados por um voto contrario se demittem; cedem o logar aos representantes de uma opinião mais conforme á da maioria; a harmonia reina de novo entre os poderes.

Este mecanismo infinitamente sensivel, os Estados Unidos não o conhecem; nenhuma das duas camaras tem alli o poder de derribar os ministros. E' que o ministerio não é lá um conselho de homens politicos, não passa de um simples *comité* de directores geraes, a cabeça mobil de uma *bureaucracia*.

Uma demonstração parlamentar não os attinge em seu amor proprio de oradores, nem em sua responsabilidade de homens de Estado.

O congresso tem contra elles um meio de acção: é uma accusação criminal seguida de uma condemnação pela maioria de dois terços.

Porém não passa isto de uma arma pesada e pouco maneavel, que serve apenas para se pendurar no museu das antiguidades constitucionaes.

Podem por consequencia os ministros se manter contra a vontade das camaras e conduzir o paiz por caminhos que ellas desapprovem, comtanto que o presidente esteja de accôrdo com aquelles e semelhante accôrdo poderia em rigor prolongar-se por todo o periodo presidencial.

E', ao que parece, o *conflicto permanente organizado pela propria constituição...*

Na America o ministerio não tem o recurso de appellar para o paiz e indagar das preferencias populares.

E' forçado a esperar que expirem os poderes da camara e que o proprio senado, renovavel pelo terço, passe por uma ou duas eleições.

Preso, durante todo este longo intervallo, a assembléas adversas, exposto a ver todos os seus actos mal considerados, obrigado a abrir mãos das leis que julga mais indispensaveis, resigna-se geralmente a viver de expediente; calcula todos os movimentos de modo a não levantar tempestades; renuncia a todos os planos para os quaes um governo tem necessidade de que se lhe dê credito e se lhe conceda o beneficio do tempo.

Sua politica torna-se pallida, expectante, sem alcance. Nunca, evidentemente, empregou-se mais arte para tornar possivel a existencia e prolongar a vida de um governo fraco e dividido, sem orientação e desacreditado, *de um governo que não quer ou que não póde fazer a vontade da nação.* »

Merecem sério reparo estas considerações do mais notavel dos publicistas francezes hodiernos.

São oriundas da historia e da analyse do systema.

Nem elle está isolado, vós o sabeis: vinte annos antes já *Laboulaye*, o famoso jurista e politico, tinha falado bem claro no meio de seu enthusiasmo pela Republica Americana.

« A responsabilidade ministerial, como existe na Grã-Bretanha, é uma garantia mais efficaz *do governo popular,* do que a mór parte dos systemas organizados pelas constituições inventadas ha sessenta annos... Na minha opinião o systema constitucional dos ministros responsaveis é *muito mais republicano* e tem menos inconve-

nientes do que o systema dos Estados Unidos. Os jornaes americanos já têm annunciado que se devia reformar a constituição federal de modo a que os ministros tivessem entrada na camara e esta pudesse exprimir o seu descontentamento. E no dia em que a camara puder censurar os ministros e intervir no governo, se exigirá, por indispensavel reciprocidade, que o governo possa dissolver a camara, e chegar-se-ha dest'arte *ao systema mais verdadeiro, mais franco, mais republicano*, que, todas as vezes que uma difficuldade grave se produz entre os poderes, appella para o povo para que elle decida a questão...

No systema americano são patentes os inconvenientes, e já se começa a pensar na responsabilidade ministerial.

Percebe-se que até na monarchia, com ministros responsaveis, que podem ser derribados e substituidos por homens que melhor representem o paiz, *existe mais liberdade e verdadeira democracia do que na America* onde uma vez que um homem é eleito presidente, representa por quatro annos a administração, sem que se possa tocar em seu poder; e durante esse tempo elle póde governar só, *entregue a si mesmo e sem prestar attenção á vontade do paiz.* »

E' bem certo que o presidencialismo tem tambem a sua especie de apologetica, que o vive a incensar; porém é o tributo do interesse e do partidarismo inconsiderado.

Bryce, indirectamente, *Boutmy* e *Laboulaye*, de modo explicito, entre vinte outros quasi tão notaveis, representam a critica séria, sensata, desinteressada. Os factos falam a favor delles.

Vel-o-hemos mais de espaço, Sr. conselheiro, se tiverdes a bondade de ouvir-nos.

II

SR. CONSELHEIRO,

O presidencialismo americano que, na phrase de *Alexandre Dehaye*, se afastou do ideal da fórma republicana moderna, não constitue um progresso, nem representa um avanço sobre o parlamentarismo. E' um velho systema, mais que secular, puramente oriundo de influencias locaes, do semi-representativismo das treze colonias inglezas da America do Norte, da falta de exacto conhecimento da organização britannica, e da influencia dezarrazoada das exagerações de Montesquieu.

O parlamentarismo, em sua fórmula completa, é um producto historico mais recente; porquanto, na sua radical integração, é filho dos ultimos annos do seculo passado e das primeiras decadas do actual.

O presidencialismo já era uma realidade pratica na grande republica anglo-americana, quando se abriu o cyclo de constitucionalismo representativo parlamentarista, que interessou as principaes nações de nosso tempo.

Cesse, pois, essa leviana louvaminha do presidencialismo, como a mais adeantada das concepções politicas dos povos modernos. E' cantilena que não tem por si nem a historia, nem a doutrina.

Não basta, porém, Sr. conselheiro, ficar nesta ordem de considerações de indole geral; indispensavel se torna penetrar no amago do systema, mostrar a carcoma que o corrompe, patentear a sua imprestabilidade no Brasil.

No empenho de concerrar o debate, correndo mesmo o risco de imprimir a estas despretenciosas cartas um cunho didactico, vamos dispôr em linha os defeitos da doutrina politica adoptada por nosso pacto republicano,

defeitos que constituem outros tantos argumentos contra ella e em favor da theoria opposta. E' preciso falar tambem para o povo e procurar ser claro.

Eis aqui; o regimen presidencial tem os seguintes defeitos principaes :

a) é chegado ao militarismo, especialmente entre nós, e é muito geitoso para o manter indefinidamente ;

b) é uma especie de dictadura, nomeadamente entre os povos latinos da America, tendo todos os vicios desta modalidade de molestia politica ;

c) por uma pessima comprehensão da divisão e harmonia dos poderes publicos, não tem a maleabilidade, o elasterio indispensavel ao jogo politico da democracia moderna, tornando-se um viveiro de revoluções armadas das quaes as republicas americanas offerecem exemplos diarios, já innumeraveis, e de que o nosso Brasil já conta tristissimos casos ;

d) accumula abusos incontrastaveis pela irresponsabilidade e indiscussão em que se acha abroquelado ;

e) tira a força e o prestigio ao poder legislativo, e ao mesmo tempo a respeitabilidade ao executivo ;

f) por falta de scenario, de discussão, de lucta das idéas, é um regimen apropriado a elevar e manter no poder individuos mediocres, apenas habeis em curvar a espinha aos caprichos do presidente;

g) soffre de todos os vicios, e até mais aggravados, dos manejos eleitoraes, sem as suas vantagens ;

h) não tendo necessidade senão de poucos agentes, não tendo que dar satisfação ás grandes correntes da opinião representadas nas assembléas, é proprio para manter-se pela corrupção, contra a vontade do paiz;

i) na geral indisciplina e desorganisação do caracter brasileiro, resvala facilmente para o despotismo ;

j) estando divorciado, por vicios de sua origem mili-

tar, da massa do nosso povo, não tem meios de o attrahir, por sua natural tendencia de viver á parte, sem precisar de attender, como se sabe, ás aspirações da opinião ;

k) tem contra si a indole do nosso povo, no que ella tem de mais liberal, as suas tradições, no que ellas têm de mais selecto ;

l) é antipathico e suspeito á democracia, feição geral da vida social contemporanea, pelo aferro com que o defende o doutrinarismo compressor e dictatorial dos positivistas.

Vosso atilado espirito, vossa lucida e perspicaz intelligencia, Sr. conselheiro, bem vos estará mostrando que, por emquanto, é bastante a esplanação desta *duzia* de defeitos, só remediaveis para um *povo cheio de virtudes civicas*, o que não é absolutamente o nosso caso, para justificar o anhelo de muitos republicanos patriotas que anceiam por estabelecer no Brasil uma republica, firme, livre, popular, democratica.

Estas *contas* são pesadas ; mas vale a pena desfial-as por amor a este paiz. Peguemos no rosario e lá vai o primeiro padre nosso : *o regimen presidencial é facil de descambar para o militarismo, maximè entre nós, e muito geitoso para o manter indefinidamente.*

Quem enuncia uma these destas é immediatamente assaltado por tantas provas, que sente apenas difficuldade na escolha.

Toda a historia das republicas hespanholas ahi chega em nosso soccorro. Caudilhos arrogantes, senhores da força armada pela habilidade de seus manejos, desobrigados de manter uma administração contrastada pelas camaras, têm sempre nessas regiões assentado barraca nas cumiadias do poder, de onde só se deixaram rechaçar por outros guerrilheiros opportunamente mais habeis, ou mais felizes.

E esse facto anormalissimo não é devido sómente ao caracter irrequieto daquellas gentes, como afoitamente, levianamente temos por habito dizer.

Nosso caracter nacional não é menos inconstante e indisciplinado, seja dito desde logo, e cumpre accrescentar que alli, como aqui, o proprio systema do regimen politico ajuda a ellas e ajuda-nos a nós nessas terriveis agitações.

Um regimen politico, onde o chefe do Estado é de facto um dictador, cercado de auxiliares irresponsaveis sem a mais leve obrigação de dar ao paiz a menor satisfação de seus actos, abroquelado no supremo desdem que lhe é outorgado pela propria constituição, tendo os pés fincados na força armada, que se move ao seu aceno, senhor de um poder discrecionario, enorme, limitado em seu mando, elle o chefe, apenas pela responsabilidade *theorica e pilherica* dos processos phantasiosamente ideados na carta politica, é naturalmente, irremediavelmente um *capitão de militarismo*, que a propria lei suprema apparelha.

E se acontece que a republica foi feita com o auxilio da força publica; se ella foi ajudada por uma revolta armada; se ella já teve dois presidentes militares; se esta classe teve força e habilidade para levar algumas duzias de seus camaradas ao senado e á camara dos deputados; se ella teve geito para em vinte governadores de estados tirar mais de metade de seu seio; se ella tem alastrado por toda a administração publica; se ella, obedecendo aos acenos do presidente, poz os fuzis ao serviço da derrocada dos governos estaduaes, temos bem fundados motivos, Sr. conselheiro, para desconfiar de que o nosso presidencialismo é *um guapo alliado do militarismo*, e de que os dois amigos não se separarão facilmente.

Não phantasiamos; os factos falam. Nos Estados Unidos, onde a republica nasceu com a causa santa da independencia, onde não existem exercitos que mereçam tal nome, não passando elles de uma perfeita *gendarmeria*, onde o genio industrial e pratico do povo oppõe-se quasi insuperavelmente ao vicio do *militarismo*, alli onde a republica brotou naturalmente do solo da historia, onde não foram precisas baionetas para expulsar imperadores, onde a posição privilegiada do paiz entre dois oceanos, sem vizinhos poderosos e ameaçadores, dispensa quasi totalmente a força armada, o perigo não tem deixado por vezes de ser uma realidade, a ponto de despertar a attenção dos observadores imparciaes.

« Os americanos, escreve *Boutmy*, têm mostrado tanto ou mais gosto do que qualquer outra nação pelo renome e os ouropeis militares; já se disse, com razão, que nunca houve uma guerra dos Estados Unidos que não tenha feito seu presidente. Em vinte e quatro eleições presidenciaes, o exercito forneceu *dez candidatos felizes* e *quasi igual numero* de candidatos que se approximaram da victoria. Em um paiz como a França, este concurso dez vezes repetido do suffragio da população e das acclamações de um exercito profissional, animado pelas recordações de uma victoria recente, teria submettido os personagens eleitos a tentações demasiado fortes para a fraqueza humana e *creado pelo menos dois ou tres Cesares...* »

E em nosso Brasil o genio do povo de quem se approximará mais—do francez ou do americano? Cuidado com os Cesares, com os dictadores de quaesquer nomes ou feitios...

O vosso talento insigne supprirá tudo quanto era possivel dizer nessa direcção, tudo que deixamos calado pela urgencia de ser conciso, pela necessidade de não ser inconveniente.

E' acertado ir adeante e tocar no segundo vicio :

O presidencialismo é uma especie de dictadura, nomeadamente entre os povos latinos da America, e systema cheio de todos os vicios desta casta de molestia politica.

Este defeito póde parecer uma simples variante do primeiro ; porém em rigor é bem diverso e muito mais amplo. O cunho dictatorial do regimen presidencial é macula que elle apresenta quasi sempre e por toda a parte, ainda que não chegue ao extremo do militarismo desbragado.

Que vem a ser esse desrespeito diario pela lei, pela constituição acintosamente rasgada a toda hora? esse desembaraço em intervir na vida interna dos Estados, depondo governadores, congressos, tribunaes, magistraturas? essas reformas bancarias, extra-legaes, quando no parlamento se discutia o assumpto, discussão que se fez sustar machiavelicamente? esses escandalos eleitoraes, sem receio da menor censura? essas ajudas de custo, esses presentes dos dinheiros publicos aos amigos, ferindo de frente os orçamentos? essa caçada de homens, esse recrutamento expressamente abolido na constituição, resuscitado até dentro da capital da republica, em desprezo covarde á liberdade do cidadão? esses abusos administrativos caprichosamente praticados em desrespeito aos mais comesinhos direitos do publico e para gaudio dos apaniguados da charanga governamental? Que foi quasi todo o governo do Sr. Deodoro, seus desatinos nas finanças, sua politica reaccionaria, seu golpe de estado? Que outra coisa é essa gestão inqualificavel, indefinivel do Sr. Floriano, reformando generaes, ministros do supremo tribunal, demittindo, por desaccôrdo politico, funccionarios vitalicios? Que outro nome póde ter em lingua humana todo esse balmace-

dismo crudelissimo que está trucidando o Rio Grande do Sul, a não ser de *dictadura*, a ferrea *dictadura* dos governos ineptos e malignos?

A republica precisa de mais tino, mais respeito á lei, mais liberdade, mais sentimento do dever, mais largueza de animo, mais espirito de concordia, mais fraternidade.

Em seu falso plano, seu desgeitoso anhelo de ter auxiliares submissos nos Estados — o presidencialismo não quiz attender á opinião, desprezou, atacou, feriu as influencias locaes. Levantando, como arma de occasião, como espantalho vistoso, o *phantasma do sebastianismo*, machucou as influencias provincianas, que deviam ser aproveitadas, fez inimigos de homens que poderiam ser auxiliares, optimos auxiliares da republica, com o seu prestigio, com a sua experiencia.

Partindo da illusão do perpetuo sustentaculo das gentes militares, suppondo ingenuamente poder viver no ar, sustentado nas pontas das baionetas e nas boccas dos canhões, acreditando infantilmente poder viver divorciado da nação, das classes operarias, das classes industriaes, das classes conservadoras, cahindo na disparatada crença de ser praticavel a operação de reduzir um povo inteiro á selecção de um só grupo, um só gremio, reduzindo a esphera do governo a uma região asphyxiante, onde falta o ar, consumido pelo pneumatismo especifico que lhe é inherente, o regimen presidencial, por vicios intrinsecos e por achaques de origem, é inhabil, inefficaz, imprestavel para fundar no Brasil uma republica democratica, livre, que a todos possa abrigar, que a todos chame á collaboração da grande obra de nossa regeneração.

O systema decahido é para a nação uma recordação afflictiva, uma pagina da nossa vida que já foi volvida,

que já está fechada e deve ficar perpetuamente na posição em que os acontecimentos a deixaram.

A monarchia brasileira, mais ainda do que a monarchia franceza, é uma condemnada da historia e uma galé da politica. Mas só a republica parlamentar, a republica vasada nos moldes francezes a poderá firmemente substituir.

Os dois povos têm certos pontos de contacto, as suas condições anteriores certas analogias, que os politicos experimentaes e praticos não podem desprezar sem erro palmar.

Desfiemos por agora, Sr. conselheiro, ainda e só, a terceira *conta* do nosso rosario :

O systema presidencial, por uma pessima comprehensão da divisão dos poderes constitucionaes, não tem a malleabilidade indispensavel ao jogo politico da vida democratica moderna, e converte-se em um viveiro de revoluções.

Esta critica irrespondivel não é feita por nós; está em todos os labios e lê-se em todos os livros que tratam do regimen norte-americano.

E' tão poderosa na sua simplicidade, tão evidente no seu conteúdo, que não ha possibilidade de a esconderem, ou a dissimularem.

A razão de ser de todo governo, seu principio justificativo e fundamental é a salvaguarda dos direitos de todos e a garantia da ordem publica.

Por isso o engenho dos homens, amadurecido pelas lições da historia, tem procurado estabelecer aquellas fórmas governamentaes em que os conflictos sejam mais facilmente conjurados.

Em todo o regimen politico ha duas especies de conflictos : os dos governados uns com os outros ou com a administração publica, e os dos proprios poderes gover-

namentaes entre si. Os primeiros são inevitaveis, originam-se naturalmente das relações humanas na lucta pela vida social; cabem todos na alçada das leis civis e penaes.

Os outros devem ser evitados, é da obrigação de todo o governo sensato evital-os, e falha ao seu mais elementar *desideratum* o systema politico que os não resolve pacificamente.

As questões mais graves podem apparecer exactamente entre o poder que representa o povo e legisla em seu nome e o poder que se acha á frente da administração publica. O regimen das monarchias absolutas solvia illusoriamente a difficuldade, concentrando nas mãos dos reis os dois poderes; mas o conflicto que se não dava entre o chefe do Estado e os representantes do povo, que não existiam, dava-se directamente entre o monarcha e os seus subditos.

Que fez, nesta emergencia, o systema presidencial americano?

Tomou ao pé da lettra o exaggero, o excesso da separação dos poderes em Montesquieu e afastou um do outro completamente os dois poderes capitaes do Estado,

Não era isto o que se deveria ter feito; e a illusão theorica do celebre auctor do *Espirito das Leis* é facil de ser explicada.

Sahindo de um paiz de regimen absoluto, quasi despotico, a procurar lições para o seu patriotismo contristado na Inglaterra, elle que via na sua patria da concentração de todos os poderes na mão do rei originar-se a falta de liberdade e a sujeição geral e viu na Gran-Bretanha a separação harmoniosa dos elementos constitutivos do Estado e presenciou a vida livre deste povo exemplar, concluiu que esta vinha pura e exclusivamente da admirada separação. Dahi o seu culto excessivo por

este phenomeno politico; dahi a sua visão ter chegado além do alvo justo e preciso.

Por esta, além de outras causas que já deixamos rapidamente indicadas, o regimen americano sahiu fóra do genuino parlamentarismo e inaugurou esse representativismo falho, que é, como dissemos, um curioso viveiro de conflictos. Será preciso citar factos? Será preciso lembrar as luctas da Republica Argentina, do Mexico, do Perú, da Bolivia, do Equador, de todas as republicas hespanholas? Será necessario recordar aquella sangrenta hecatombe que assolou o Chile com Balmaceda? Será indispensavel lembrar que nós mesmos já tivemos um presidente que *vetava* caprichosamente os actos do congresso, por que, por outro lado, este legislava caprichosamente para ferir o chefe da nação?

Será mister repetir aqui o haver desse conflicto permanente nascido o golpe de estado de 3 de novembro de 91, que originou a revolução de 23, que deu origem ás deposições dos governadores, que foi a causa da nossa actual anarchia geral, que é o nascedoiro da lucta do Rio Grande do Sul, que é actualmente a fonte de todas as nossas miserias?

Cremos, illustre conselheiro e amigo, ser conveniente poupar á nação estas tristes recordações, sendo, porém, mais conveniente ainda preparar-lhe o terreno para a posse de si mesma e para entrar na investidura de um governo digno e sério.

Teixeira de Mello

IGNOTAE DEAE

Quando eu dormir á sombra do salgueiro,
Que em minha cova arrebentar por si,
Tu, que nem sabes por meus frios cantos
O que sou, o que fui e o que soffri.

Sobre o meu nome, pobre grão de areia,
Que uma criança arremessou no mar,
Deixa uma gotta, a unica de pranto,
Sobre o meu nome, lenta, escorregar;

Como uma per'la, que gentil princeza
Dos seus cabellos desprendesse rindo,
E aos pés lançasse de voraz mendigo
Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai! tu não sabes como o leito é gélido
Aos que no seio as illusões seccaram!
Ai! tu não sabes como é quente o tumulo
Aos que entre os vivos como um som passaram!

Eu que por flores suspirei da terra,
Que não dormi por tanta flor do céo,
Que descorei por tanto olhar de fogo,
Coado a furto de zeloso véo;

Que mergulhei em tanto mar de amores
E me enxuguei a tanto sol de outomno,
Que vejo o mundo ao pé de mim e durmo...
Despertarei do meu pesado somno.

E quando o mar por alta noite estenda
Lençóes de espuma, em que se deite a lua,
Aerolithe, que incendeia o espaço,
Virei banhar de luz a fronte tua.

E quando um dia a tempestade as azas
Por sobre o azul do teu viver abrir,
Eu, da tormenta asserenando o grito,
Virei ao pé do teu dormir — dormir.

PHANTASIA

Nayade viva da legenda antiga,
Deixa o seio do rio em que te encantas!
Dá-me um riso de amor, gotta de orvallho
Que em noites de verão desperta as plantas.

Vem ás horas dos pallidos vampiros
Sobre as azas em pé das borboletas!
Algum sylpho talvez te espere em cuidos
Sobre os seios azues das violetas.

Não vês a natureza a somno solto
Nos braços do silencio, immovel, fria?

A alma vagando, estrella d'outros mundos,
Pelos campos da loira phantasia?

E os ventos que adormecem como a noite
Nos cabellos dos arvores do val?
Nem soluçam gemidos que te assustem
Esses mortos que dormem no hervaçal.

Desce ás horas do amor e dos mysterios!
Poisa o pé sem temor... é chão de flores.
Quando os vivos resonam como os mortos,
Vem banhar-te comigo em mar de amores.

Aos clarões do luar, que despertou-te,
Ouve-se a estrella a scintillar dormindo.
Ouve-se a briza a desfolhar saudades!
Ouve-se a folha a suspirar cahindo.

Vem, flor do rio, perfumada em risos:
Vem, flor dos bosques, orvalhada em pranto.
Mas si inda assim o coração te treme,
D'essas azas que tens faze o teu manto.

Dá-me um hymno dos teus na voz magoada;
Dá-me um canto do ceu na voz tristinha!
Já que o mundo dos vivos me abandona,
Vem, princeza do val, vem tu ser minha.

Vem teus sonhos de amor que a alma embalsama,
Desfolhar sobre mim e o meu futuro!
O mundo não te espreita!... e só da noite
Brilham olhos de Deus no manto escuro.

Mas... se a aurora acordar teu pae que dorme?!
Se a briza despertar no campo as flores?!
Vem sempre! um anjo deve amar mais cedo,
Mais cedo enlanguecer, morrer de amores.

Urbano Duarte

CAÇA ÁS PACAS

O meu visinho Gustavo não gosta de theatros, nem de pagodeiras, nem de comes e bebes. O seu supremo e unico prazer consiste em caçar pacas.

Aos domingos e dias feriados, invariavelmente, elle sai de casa pela madrugada, com botas, chapéo de lebre, sacola ao lado, espingarda embrulhada e acompanhado por dous cães atrelados.

E vai-se por esse reconcavo da Guanabara á porfia das pacas.

Tudo péga.

Eu raciocinava assim : Si esse homem acha prazer tão grande em matar pacas, é porque deve ser cousa bôa.

E veio-me um desejo enorme de experimentar a nova emoção. N'esta vida cumpre aproveitarmos soffregamente os gosos que se nos deparam, para compensar os pezares que apparecem sem ser chamados.

Manifestei a minha vontade ao Gustavo. Elle acolheu-a sem alacridade, exclamando :

— Amanhan mesmo vamos caçar no Burity!

— Ha lá muita caça?

— Paca ali é matto! Apprompte-se. Partiremos ás 4 da manhan.

No dia seguinte, domingo, antes do raiar da aurora, embarcavamos ambos, e mais os dous cães, em um carro da Estrada de Ferro do Norte, na estação de S. Francisco Xavier.

Eu tinha tomado por emprestimo um par de botas de montaria, a um amigo que calçava o n. 39, sendo 41 o meu ponto.

A principio, as botas me couberam perfeitamente, como uma luva; o calçado apertado é traiçoeiro, só começa a nos martyrisar o pé tempos depois, quando menos o esperamos.

Foi o que me succedeu. Os canhões de couro, sem elastico, puzeram-se a magoar-me o ossinho do artelho, justamente quando o Gustavo, risonho e influido, me narrava as suas proezas venatorias por aquellas redondezas.

O wagão era em feitio de bond.

No momento em que o trem, nas alturas da Penha, fazia uma curva, recebemos em cheio um violento golpe de vento vindo do mar.

Os nossos chapéus voáram.

O meu companheiro, um tanto aborrecido com aquelle incidente inesperado, recuperou logo a sua jovialidade, e disse: — Isso não é nada! Arranjaremos outros chapéus.

— Contanto que a caça seja boa, o mais pouco importa — retorqui eu, fingindo não me incommodar com o contratempo.

— Affirmo-lhe que hoje jantaremos paca assada!

— Pois então vai tudo bem.

Descemos na estação do Atura, onde só ha duas ou tres choupanas.

O Gustavo procedeu a uma rapida pesquiza, a vêr si descobria dous chapéus velhos. Voltou desenganado e triste. Os habitantes tinham sahido.

— E agora? O sol já queima...

— Ora adeus! articulei com gesto despachado e resoluto. Você não tem expediente. Tenho aqui os jornaes do dia. Arrangemos dous chapéus armados e está salva a patria!

E com as folhas confeccionamos os chapéus armados.

— E então? Parecemo-nos com os generaes Roberts e Kitchner á caça dos boers...

O Gustavo, pequeno de estatura, collocou o seu transversalmente, á moda de Bonaparto; e mettido nas enormes botas apresentava figura assás ratonica.

Chrismei-o de « Napoleão das pacas ».

Entretanto, cada vez me doiam mais os pés, sob a pressão do couro.

Perguntei : — Quanto dista daqui ao rio Burity?

— Meia legua, si tanto...

— Oh! com seiscentos! Neste caso vou tirar as botas.

— Não faça isso, contestou o Gustavo. Ha muito espinho e muita cobra. Andemos devagarinho. Não temos pressa.

Os raios solares nos castigavam o rosto, incompletamente abrigados pelos improvisados cobre-cabeças.

De repente o Gustavo disse :

— Ah! Tenho uma boa ideia. Transformemos estes chapéus armadas em toucas de irmans de caridade. Têm abas mais largas.

Sentendo-se ao meio da estrada, deu umas tantas do-

bras nas gazetas e as transformou em *andorinhas* das usadas pelas religiosas de S. Vicente de Paula.

Seguimos caminho.

Os bois olhavam para nós com espanto; os burros empinavam as orelhas e fugiam á disparada.

— Comtanto que matemos caça... (dizia eu) tudo vai bem.

— Havemos de jantar hoje paca assada, garantiu-me o Gustavo pela decima vez.

Chegamos finalmente ao riacho Burity. Gustavo lá encontrou o seu canoeiro. Soltou os cães. Nós entramos para o batel.

— Sente-se no centro de canôa e não se mexa. Qualquer movimento em falso faz virar a canôa.

Obedeci á determinação.

De sorte que desde as 9 da manhan até ás duas da tarde, cinco longas horas, permaneci de cócaras ao fundo da canôa, os pés em fogo, na cabeça a touca de irman de caridade, espingarda em punho, á espera que a paca, acossada pelos cães, viesse atirar-se ao rio.

Nem sombra!

Quando, não podendo mais, eu bolia com o corpo, o canoeiro gritava : Não se mexa, patrão!

A' volta, resolvi vir sem chapéu. Caminhava dois minutos e descançava cinco.

E á noite, em casa, para descalçar as malditas botas, foi necessario escorar-me á parede e pedir o auxilio de toda a familia.

BANALIDADES E PARADOXOS

Na mulher admitto todas as vaidades, assim como todas as superstições religiosas.

No homem, não.

Devemos preoccupar-nos sempre com o juizo e as opiniões da sociedade em que vivemos.

Mas não liguemos maior importancia ás opiniões isoladas de Manoel, Antonio ou Joaquim. Estes pensam e sentem através das suas paixões individuaes, dos seus interesses e conveniencias, ao passo que a communhão social, no conjuncto, é sempre imparcial, justa e soberana em seus julgamentos.

O todo não se parece com as partes, do mesmo modo que na chimica, onde o composto adquire propriedades inteiramente diversas das dos corpos componentes. A agua, *verbi-gratia*, não apresenta analogia alguma com o hydrogenio nem com o oxigenio, isoladamente considerados. Foram necessarios seculos para se descobrir que esses dous gazes entravam na sua composição.

Da mesma fórma, uma assembléa deliberante é muito differente de cada unidade humana que della faz parte.

Qualquer grande acontecimento da Historia robóra a verdade supra.

A Revolução Franceza de 1789, por exemplo.

Quem considerar á parte os odiosos *factores* que se chamam Marat, Couthon, Carrier, Fouquier-Tinville, Robespierre, Saint-Just, será levado a pensar que uma revolução feita por taes sujeitos deverá ser uma cousa ruim, injusta, absurda.

Entretanto a Revolução produziu os resultados mais justos, sensatos, salutares e bons, constituindo o marco

milliario de onde partiram a liberdade e o progresso, apanagio dos povos modernos.

A razão é que os Marat, os Carrier, os Robespierre não passaram de factores incidentes, de meros episodios do grande drama social, cujo auctor foi, realmente, o Povo Francez, ou antes, a Humanidade.

O ANDRADE

Para trocar o nome dos outros não conheço ninguem como o Andrade.

Note-se : elle tambem não se chama Andrade, porquanto fui eu quem assim o chrismou.

E' um sujeito de barba cheia, amorenado, sobraçando o chapéo de sol, risonho, affavel, passo lesto.

Conhecemo-nos ha 14 annos, sempre nos cortejamos amavelmente e por vezes permutamos um dedito de palestra, no meio da rua, sobre coisas, etc. e tal.

Ha 14 annos que elle me trata por *seu Galvão*; quatorze annos ha que eu o chamo *seu Andrade*. A verdade é que eu tenho tanto de Galvão como elle de Andrade. Porém o homem nunca reclamou e eu jamais protestei. Nutro uma desconfiança remota de que elle se chama Guimarães, e da mesma sorte já lhe constou que o meu nome é Cincinato.

Isto, porém, em nada alterou as nossas consciencias. Continúa a tratar-me firme « seu Galvão » correspondendo sem pestanejar ao *Andrade* com que o mimoseio. Que querem? O homem é um animal escravo dos seus habitos, como dizem Shakespeare e o seu barbeiro.

O Andrade sempre me pergunta como vão todos que me pertencem. Respondo : Bem, obrigado, e os seus? — Sem novidade. Donde deduzi que o Andrade tinha famlia.

Mas uma vez quiz elle saber noticias especiaes do *velho* Galvão.

O velho Galvão deve ser meu pai, murmurei com os botões. E respondi a todo o risco :

— Vai bem, obrigado.

— Disseram-me que estava doente...

— Sim... ah!... mas... pequenos incommodos...

— Tem recebido cartas de Sorocaba?

Esta interrogação ensinou-me que meu pai Galvão morava em Sorocada.

— Não... ha já mais de um mez...

Algum tempo depois encontro o Andrade, que se dirige para mim com gesto tristonho e olhar funebre.

— Aceite os meus pezares...

Um tanto embatucado, compuz uma cara de circumstancia e retorqui com voz surda :

— Obrigado...

Houve uma pausa.

— Li nos jornaes a noticia do fallecimento, continuou elle, muito intrigado por não me vêr de luto. Pobre Galvão! Um excellente velho!

Percebi que se tratava da morte de meu pai Galvão.

O momento era solemne.

Passou-me pelo espirito, durante um segundo, esta alternativa angustiosa :

— Devo arrancar do espirito deste homem a illusão, que dura ha 14 annos, de que eu sou o joven Galvão Junior, filho do velho Galvão pai, morador em Sorocaba?

Não!

Seria uma crueldade.

E isto poderia tornal-o meu inimigo...

E... por que razão tambem elle não teve a coragem de confessar que não se chamava Andrade?

Delicadeza por delicadeza.

E, fingindo meia cara de choro, disse-lhe em tom magoado :

— Agora mesmo vou ao alfaiate buscar o luto...

— Mas não vi annuncio para a missa do 7° dia...

— Sim... não quiz annunciar... Sou inimigo dessas ostentações...

— Ostentações, não senhor! Dever piedoso. Os amigos não podem adivinhar quando é a missa do 7° dia...

Por um triz que arrebentei de riso com esta calinada, mas disfarcei riscando o phosphoro para accender o cigarro.

Despedi-me do Andrade decidido a escrever para Sorocaba pedindo informação a respeito do meu defunto pai Galvão e da sua familia.

. . . .

A' noite o Andrade viu-me no jardim de um theatro a beber cerveja com amigos, e a rir-me gostosamente de qualquer coisa.

Lançou-me um olhar comprido e feroz de quem tem vontade de dizer : Monstro.

CARTÕES DE VISITA

Pelo cartão de visita póde-se conhecer a psychologia de um individuo.

O amanuense manda imprimil-os com os diseres : « Fulano dos Anzóes, funccionario da repartição tal. »

Isso no intuito de fazer suppôr que é empregado de certa cathegoria.

Mas quando chega a official ou a chefe de secção, tem o cuidado de o especificar no cartão, afim de o não confundirem com qualquer amanuense.

O alferes usa da indicação vaga « official do exercito », na esperança de que os civis, vendo-o á paizana, o tomem por capitão ou major. Quando adquire galões largos, tem

todo o cuidado de declarar o posto no bilhete de visita, para evitar que algum *cebôla* o não julgue ainda *pica-fumo*.

Outros empregados inferiores, quando são chamados a servir passageiramente no gabinete do chefe, mandam logo imprimir cartões, onde se lêm as notas : *No gabinete do Director* ou *No gabinete do Ministro*.

Os leigos, á vista da mysteriosa phrase *no gabinete de S. Exa.*, ficam mergulhados em conjecturas do caso : será elle official de gabinete, secretario, ajudante, consultor ?

A verdade é que o gajo não passa de um copiador de officios; mas como trabalha no *tabernaculo*, os collègas mais graduados o engrossam, por verem-no em cheiro de santidade.

Curiosa é a falsa modestia de alguns *parvenus*.

Conheci um sujeito que era conde romano, coronel brazileiro e commendador portuguez. Só lhe faltavam os titulos de bispo pela Russia e de doutor pela universidade de Rostock (objectos á venda).

Esse fidalgo internacional inscrevia nos cartões todas as suas *dignésias*; por *modestia*, porém, costumava riscar com breves traços de lapis os condados, coronelatos e commendadoratos, deixando apenas o nome. Riscava-os de sorte que toda a gente os pudesse lêr e soletrar ! Que tal a modestia ?

O bilhete de visita mais original que tenho visto é o do sr. H. Pinho.

Reza assim :

H. Pinho,

Ex-ajudante interino do vice-director da extincta repartição de Terras e Colonisação.

Quanta cousa, e afinal nada é o sr. Pinho :

Devia completar os ex-empregos assignando-se Ex-Pinho.

O PRESTIGIO DAS NOTAS

Quando Gastão aportou ao Rio, possuia ao todo duzentos mil réis.

Não encontrando logo emprego que lhe quadrasse, resolveu abraçar uma carreira elegante e difficil, que requer muito engenho e outros dotes naturaes : a ociosidade.

Comprou uma fatiota de viajante, uma bonita mala onde pregou diversas etiquetas dizendo : Petropolis, Theresopolis, Nova-Friburgo, Caxambú e outros pontos de veranistas mais ou menos elegantes.

Depois tomou um tylbury e fez-se conduzir a um hotel de primo cartello.

Alugou um luxuoso aposento da frente e no dia da chegada distribuiu, em gorgetas aos creados, vinte mil réis.

Estes deduziram logo ser elle o filho unico de um riquissimo fazendeiro paulista. A noticia espalhou-se, e o dono do hotel o saudava quebrando o corpo em dous pedaços, nos labios o seu melhor sorriso adulatorio.

De fronte havia um alfaiate *fashionable*. Gastão mandou-o chamar, encommendou-lhe quatro vestuarios differentes, smoking, casaca para baile.

Dous dias depois, na ausencia do Gastão, o correio entregou no hotel um cartão postal com as seguintes palavras : « O barão fica com a sua fazenda pelos 240 contos. Appareça hoje no meu escriptorio.

A. MIRANDA. »

. . . .

Mais tarde chegou outro cartão, com lettra diversa :

GASTAO.

O banco desconta a tua letra de 20 contos, sem exigir endossante.

Do teu O. P.

O hoteleiro concluiu que essas iniciaes significavam Otto Petersen, o actual rei das nossas finanças.

Quando Gastão regressou, á tarde, elle lhe entregou os bilhetes, tratando-o por v. exc. e tendo impetos de se lhe rojar aos pés como tapete.

III

Firmados os creditos, Gastão entrou em casa do alfaite.

— Empreste-me um conto de réis. Restituir-lhe-ei ás 5 horas. Poupar-me-á o trabalho de ir ao banco.

O industrial não póde dissimular uma ligeira pallidez. Mas reflectiu rapidamente que a recusa equivaleria a pôr em duvida a quitação da encommenda. Abriu o cofre e entregou duas notas de quinhentos.

Gastão passou pelo hotel e pediu ao proprietario para lhe trocar o conto de réis em cedulas menores.

Meia hora depois entrou, como por acaso, na loja do seu fornecedor de calçado. Após pequena palestra :

— E' verdade, veja si me arranja duas de quinhentos em troca dessa miuçalha que me atravanca os bolsos.

O negociante, sorrindo baixamente, o satisfez.

Passados alguns momentos dá um pulo ao estabelecimento do seu fornecedor de roupas brancas. Conversou um pouco sobre politica, e, machinalmente, abrindo a carteira :

— Podia dar-me cinco de duzentos por estas duas de quinhentos?

— Pois não!

. . . .

A's cinco menos um quarto restituiu o conto de réis ao alfaiate, o qual, palpitante de alegria, resmunga com voz desfallecida :

— Não havia tanta pressa...

Com essa manobra o credito do Gastão se consolidou por tal fórma que até hoje, já lá vão dous mezes, ninguem lhe fallou em dinheiro nem teve coragem de lhe apresentar conta alguma.

O ALBUM DO FIUZA

Ou antes : os albuns do Fiuza.

E' a sua mania, o seu vicio.

Em casa do Fiuza ha jantar gordo e saráu (genero *firribidi* do *ig-lif*) dez vezes por anno.

Pagode no seu anniversario, no da mulher e nos dos oito filhos.

Os convivas do Fiuza regabofeiam-se a valer, mas hão de pagar um tributo :

Escrever nos albuns!

Possue uma collecção dos ditos.

Um de capa marroquim escarlate com fechos nickelados, tendo no frontispicio um Cupido a vôar.

E' o album do *Amor*.

Tres de capa azul-celeste frisado a prata, tendo em cada folha vinhetas em fórma de coração.

São os albuns das suas tres filhas : Calú, Bilú e Bijou.

Cada amigo tem de escrever nos tres livros o que pensa e o que sente a respeito da Calú, da Bilú e da Bijou. Na primeira folha vê-se o retrato de cada uma das moças.

O quarto album contém como cabeçalho a seguinte pergunta :

— *O que é a felicidade?*

Foi este o unico que consegui vêr.

E transcrevo para aqui alguns pensamentos litterario-philosophicos dos convivas do sr. Fiuza :

« A felicidade é ser amigo do Fiuza. — *J. Rabello Junior.* »

« A felicidade consiste unicamente em ser burro e ter dinheiro. — *A. Magalhães.* »

« Merecer um sorriso de D. Bilú. — *Alf. M.* »

« Comer canjas gostosas e beber vinhos generosos. — *Maranhão.* »

« Para mim a felicidade está em não ter vicio algum. — *B. B.* »

« Na minha opinião, só é feliz quem tem todos os vicios. — *Manéco.* »

« Um bom pifão é o céu aberto. — *Adelino Soares.* »

« A felicidade só procura o homem intelligente e instruido. — F. *Gluck.* »

« A boa sorte só quer saber dos broncos e dos imbecis. — *Augusto Martins.* »

« O amor! Omnia vincit! — *C. D.* »

« Qual amor! Si você quer viver tranquillo, livre-se das saias! — *Peres Corrêa.* »

« Só se dá bem neste mundo, quem fôr esperto com cara de tolo. — *Macedinho.* »

« Está enganado, seu Macedinho ; é quem fôr tolo com cara de esperto. — *Labião II.* »

« O Chico da venda opina que só é feliz quem não *bende fiado.* — *Marcos.*

« Dançar a noite inteira com o Adolpho.—*Mariquinhas.* »

« Fazer as pazes com a Mariquinhas, depois de quatro dias de arrufo. — *Adolpho.*

. . . .

Conforme.

Augusto de Lima

O INQUISIDOR

O grande inquisidor escreve á luz de um cirio.
Corre do seu tinteiro o sangue do martyrio.
Subito, uma mulher acerca-se da mesa
E prostra-se : « Senhor! um dia a natureza
Bradará por meu filho, a victima innocente
Que amanhã vai ser posta á morte iniquamente!
Da sentença riscai, com generoso traço,
O confisco, o pregão, o anathema e o baraço ;
E mandai demolir a forca que abre a cova
A' decrepita mãe, á esposa inda tão nova
E a tres filhos, Senhor, entes que o Christo adora!
A maldição não tisna, é certo, a luz da aurora,
E nem pode manchar a fronte encanecida,
Que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
Como Xerxes punindo o mar com ferro em braza,
Em vão buscais cortar a inaccessivel aza
Do pensamento : — o ideal é um lucido oceano
E uma invencivel aguia o pensamento humano ;

Mas, se preciso for, em nome delle abjuro
A razão, a sciencia, os astros, o futuro! »

Fez-se solemne pausa; e com accento triste
Fala o grande juiz: « Pois bem, mulher, feriste
A fibra paternal do inquisidor austero.
Volta tranquilla ao lar, pois choraste, e não quero
Espalhem os clarins da vil maledicencia
Que a justiça de Deus mais pode que a clemencia.
Acolhi teu clamor humilde e o réu perdôo.
Vai na paz de Jesus, por Elle te abençôo;
Quanto a teu filho amado, illeso das mais penas,
Ha de ser, para exemplo, esquartejado apenas.

NOSTALGIA PANTHEISTA

Um dia, interrogando o niveo seio
De uma concha voltada contra o ouvido,
Um longinquo rumor, como um gemido,
Ouvi plangente e de saudades cheio.

Esse rumor tristissimo, escutei-o:
E' a musica das ondas, é o bramido
Que ella guarda por tempo indefinido,
Das solidões marinhas de onde veio.

Homem, concha exilada, egual lamento
Em ti mesmo ouvirás, se ouvido attento
Aos recessos do espirito volveres.

E' de saudade esse lamento humano,
De uma vida anterior, patrio oceano
Da unidade concentrica dos seres.

EPILOGO

Ideal tão sonhado, sonho puro,
Inaccessivel á miseria humana,
Tenue vapor da aspiração insana,
Tanto me foges, quanto te procuro!

Sonho o bem immortal; mas o futuro,
Frio estuario, ao lago do Nirvana
Leva os seres ephemeros que irmana
No mesmo nada eternamente obscuro.

Impetuoso coração, que esperas?
Basta! Que esperas atravez de escolhos,
De diluvios, volcões e terremotos?

Sangrei meus labios em beijar chimeras;
Cegos de ver miragens tenho os olhos,
E de abraçar o vacuo — os braços rôtos!

Valentim Magalhães

O PRIMEIRO DENTE

Anda pela casa uma alegria extraordinaria.

Algum notavel e extranho acontecimento põe em todos e em tudo esses tons, vivamente coloridos, de jubilo e de festa...

Que foi?

Foi isto: *Tim-tim* já tem um dente, já tem um pequenino dente da côr da neve!

Ha pouco, quando traquinava no collo materno, destroçando com uma vara — vandalo divino! — uma columna de aguerridos soldados de pau, dispostos no soalho, abrira a bocca, num grito de victoria talvez, e a joven mãe descobriu então na gengiva do maxilar inferior, uma pontinha de diamante, rompendo, como um sol, as rosas da carne e enchendo de luz todo o céu... da bocca. Um dente — o primeiro! Deliciosa surpresa!

— Mariquinhas! Paula! Babu! O' gentes! Venham cá, venham depressa ver uma cousa!

A esses gritos festivos correram as primas, precipitou-se a tia, voaram as irmãs de *Dadá*, mãe do menino:

arrufadas as saias, cabellos no ar, ligeiras, garrulas, alegres, — como uma revoada de pombos descendo ao comedouro.

— O que foi?

— O que é, *Dadá*?

— O que foi? o que foi?

Dadá, sentada em um banquinho quasi ao rez do chão, tem, de pé sobre os joelhos, o filhinho. Envolve-o amorosamente na luz humida e carinhosa de seus grandes olhos castanhos; as tranças desfazem-se, cahidas pelos hombros, emmoldurando com o seu ebano luzidio um pequeno rosto moreno, bello, mas de uma belleza terrena, feita de serenidade, de angelitude, de amor, de muito amor.

A sua bocca, energicamente talhada em nacar, arqueia-se em um adoravel sorriso de pleno contentamento.

Arfa-lhe o collo, meio adivinhado atravez do santo desalinho da maternidade.

Tim-tim bate-lhe o rosto com as mãosinhas papudas e roseas, vestido apenas de uma camiseta de cambraia. Mal se aguenta nas perninhas curtas, muito gordas, cavadas em roscas nas coxas e nos joelhos.

Sorri-se candidamente, inconscientemente, para todos aquelles rostos amigos, extasiados deante delle em uma idolatria sagrada.

E o seu dentinho lá está... Mal se percebe surgindo entre o circulo cor de rosa, que vae alargando na gengiva... Mal se percebe, e no emtanto que festas! que jubilos! que estupefacções!

Todos querem vel-o, todos querem apalpal-o.

— Cá está elle! picou-me o dedo. Que engraçadinho!

Mas, de subito, veiu uma idéa triste eclipsar por um momento a festa:

— Agora elle vae ficar doentinho! murmura a mãe.

Mas a sombra fugiu célere á entrada radiante de um velhinho, todo encanecido, muito risonho, muito asseiado. E' o avô.

Toma ao collo o netinho, que lhe empolga travessamente um punhado de cabellos...

Apalpa-lhe com dedo tremulo a gengiva, e exclama alegremente, casquinando uma velha risada infantil:

— Eh! eh! já tem um dente, o maroto! E' como o vôvô, que tambem só tem um!

NOITES ETERNAS

Como, porque, quando, começou o uso de festejar Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Santa Anna — com fogo?

Curioso estudo, interessante investigação a fazer.

O que é certo é que essas noites são das mais bellas e das mais saudosas do anno.

Quanto feitiço e encanto, que suave e callido perfume, que doce melancolia nas ricas e pittorescas tradições d'essas noites!

Que poesia! que deliciosa e inimitavel poesia nessas noites maravilhosas, em que fala o Destino solemnemente, mysteriosamente, nos mil e um engenhados meios de consultal-o: nas cartas, na agua das fontes e dos lagos, nas folhagens de certas arvores, nas pétalas de certas flores, no cucuritar dos gallos, no pipiar dos passarinhos, na clara encantada dos ovos abertos e expostos ao sereno!

Quantas saudades e quantas recordações immortaes! Consulta o teu coração, leitor, quem quer que sejas; consulta-o, pergunta-lhe: « Lembras-te... ? » E no fundo da tua alma, subitamente illuminada pelo vivo luar da

memoria, uma resurreição se fará. A immensa roda, impiedosa e insustavel, do Tempo desandará para traz, para traz! — até que de novo te traga a noite, aquella noite de Santo Antonio ou S. João, de tal anno, aquella noite que nunca, nunca mais se apagará do teu espirito, como estrella que empallidece mas não morre, — uma estrella de amor, — ou que nunca, nunca mais se descravará do teu coração, como um punhal assassino — o punhal de um desengano ou de um remorso, — que excrucia ou envenena a ferida, a qual, no emtanto, o ama, e vive da morte que lhe elle dá.

Prodigio! Milagre!... Vês novamente o logar e as personagens, as minimas particularidades, os mais insignificantes detalhes d'aquelle episodio da tua existencia: — a fogueira flammejante, estrallejando alegremente, espirrando faúlha pelo ar frigido, misturando ás brumas hybernaes a sua fumarada revolta, chamallotada de flammas, picada de brazas; e as crianças e as moças assando as batatas, as cannas, os carás, com gritos de susto, confundidos ás risadas frescas, sonóras na limpidez do luar e no frio da noite, como um choque de taças de crystal, humidas de vinho dourado! E os jogos, as adivinhações, os brincos innocentes nem sempre, mas sempre deliciosos! E entre o livro das sortes e os jorros igneos das pistolas, ao som do piano ou ao chorar da viola, surgirá, luminosa e risonha, a imagem bemdicta d'aquella que amaste, d'aquella que te amou e que é hoje a tua companheira adorada, a tua querida mulher, a mãe dos teus filhinhos!

Então, se a tens a teu lado, dir-lhe-ás num beijo o que nem eu, nem tu mesmo poderiamos dizer! Se a perdeste, — será uma lagrima, d'essas que levam comsigo os corações, será uma lagrima que contará silenciosamente, o que foi aquella noite eterna! Verás tambem, nova-

mente, ao clarão da lua e dos fogos, a cabeça respeitavel e querida de teu pae, olhando-te com os seus grandes olhos, que a recordação torna maiores e mais brilhantes; ou a cabeça branca e sagrada de tua mãe, sorrindo-se, a ti e aos teus irmãos e ao céu e á natureza e a Deus na amargurada delicia, no santo orgulho da sua maternidade!

E aquelle beijo ardente, demorado, enlouquecedor, sorvido ás furtadellas, atraz do tufo perfumoso de uma roseira, no meio de uma corrida, no episodio de um jogo?! E aquelle abraço maldito que ella deu, — bem o viste! — no outro, no jogo de prendas, porque disse que o aborrecia e que te amava?!

Ah! antes houvesse amado o outro, porque te houvera abraçado a ti!...

Ah! tudo, tudo d'essa noite te volta aos olhos e aos labios, do fundo do teu coração, que recuperou de todo a memoria, por milagres do Santo festejado, tudo te volta aos labios e aos olhos em uma onda de beijos e risos ou em uma onda de lagrimas!...

Os que já tiveram a sua noite de Santo Antonio ou de S. João — e quem não a teve? — reviveram-na agora; os que agora a têm, revivel-a-ão amanhã, depois, um, dois, vinte annos mais tarde...

Oh! a saudade! A saudade é a vida eterna!

Infeliz aquelle a quem o céu d'essas noites, — mais estrellado de *machinas* do que de estrellas, — não lembra nada!

Pobre coração, o que á pergunta d'essas festas populares, tão formosas e tão puras: á pergunta que fazem os balões subindo, vacillantes, de varias côres; os foguetes, chorando pedrarias de fogo nas nuvens; as cartas da China espoucando em rufos de tambores; os rugidores rojões e as fogueiras enormes, lambendo longe,

com a ponta das compridas línguas de fogo, as frondes dos arvoredos discretos, rechinando e crepitando alegremente — a essa pergunta : « Lembras-te?... » somente possa responder, sem um sobresalto de goso, ou sem um confrangimento de dôr: — Não me lembro!... »

Desgraçado — o homem a quem a alegria dos outros não faz rir nem chorar!

A' BEIRA DO ABYSMO

« E' um abysmo! » teus labios murmuravam,
Quando nas minhas tuas mãos tremiam,
Quando nas tuas minhas mãos queimavam,
E nossos olhos, humidos, ardiam.

E' um abysmo, sim : abysmo hiante
Que nos attráe, nos chama e nos arrasta,
Este amor impetuoso, delirante,
Esta paixão indomita e nefasta.

Mas que importa do monstro a boca informe,
Escancarada, muda e negrejante?
Boca de leão famelico, que dorme,
Sonhando a presa que antevê distante...

Que importa o abysmo a nossos pés aberto,
Se este amor é uma estrella, alta e tamanha,
Que o céo deslumbra, de astros mil coberto,
E toda a terra em claridade banha?

Que importa o abysmo atroz que nos espera,
Cheio de trevas e de magnetismo,
Se, meigamente, o doce azul da esphera,
Se arqueia sobre a negridão do abysmo?

Que nos importa, se nos adoramos?
O mar braveja, as ondas se enfurecem!
No emtanto, sob as folhas, entre os ramos,
Dois passarinhos um idyllio tecem.

E' a morte que o abysmo nos prepara?
Pois seja! A morte não nos cause horror;
E no abysmo que ruge e se escancara,
Vamos emfim rolar, mortos... de amor.

OS DOIS EDIFICIOS

Encaram-se de frente as duas construcções:
Uma tem a apparencia extranhamente austera
E é muda, da mudez que esmaga os corações;

Seu aspecto sinistro é como o de uma fera;
E a outra é como a flor e as aves e as canções.
Recordam-nos assim o inverno e a primavera.

A segunda é ridente, esbelta e festival:
O dia em frente á noite, o abutre ao pé da rola,
Azas junto a grilhões, o Bem fronteiro ao Mal.

Uma causa pavôr, a outra alegra e consola.
O' que contraste enorme, extranho, original!
A primeira é a cadeia e a segunda, uma escola.

A cadeia é um tristonho e lobrego edificio,
Feito de ferro e pedra, e em que blasphemias e ais
Rolam confusamente em meio ao crime e ao vicio;

Os muros de granito escuros, colossaes,
Sepultam mudamente a dor, o sacrificio,
A medonha explosão das raivas infernaes.

Na escola bate o sol ardente e esplendoroso
E saem de lá dentro as vozes infantis,
Como de um ninho occulto um canto melodioso:

Estão presos ainda os passaros gentis.
E' quasi meio dia. Um velho criminoso
Espreita, da cadeia encostado aos gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas
E uns olhos de chacal. Olha só de travez,
E ri-se de vagar com funebres risadas.

Entregava-se em moço ao jogo e á embriaguez;
Numa rixa matara um homem a facadas;
Depois foi atirado á noite das galés.

Encostada a cabeça aos ferros da janella,
Queda-se a meditar... Com triste lentidão
Passeia, de espingarda ao hombro a sentinella...

Sôa um sino na escola, e logo a multidão
Das crianças, a um tempo, alegre, tagarela,
Sáe á rua, gritando, aos pulos, de roldão...

Immovel na janella, o velho condemnado
Os meninos contempla em bandos a correr,
E suspira: « Faz bem vêr isto! Desgraçado

De mim, que envelheci sem aprender a ler! »

A' MORTE

O' Morte! O' força ignota! O' leí muda e trevosa!
Loba, faminta sempre e sempre a devorar!
Occulta na caverna azul do firmamento
Como occulto vulcão em bonançoso mar.
Medusa silenciosa!
Eumenide fatal!
Ladra, p'ra quem não ha juiz, nem tribunal!
Que obedeces á voz do grande Deus augusto,
Do Soberano Eterno, immaculado e justo,
Como panthera negra á voz do domador;
Tu, para quem não ha snpplicas, orações,
Nem vida a respeitar, de mau ou de innocente,
Nem lagrimas de amor;
Que, cega, muda e surda, aniquilas, no escuro,
Os pequenos e os reis, os malvados e os bons,
Tu que és a Omnipotencia, o Nada e o Tudo obscuro;
Que és o Principio e o Fim, o' Morte! O' Morte!... Em [frente
A um pequenino berço, a um perfumoso ninho,
Enfeitado de amor, de beijos, de carinho,
Dentro do qual repousa um anjo encantador,
Embalsamado em luz, como em perfume a flor,
Alvo, candido, entregue a tudo, desarmado,
Indefenso, gentil, ao mal abandonado,
Como avesinha implume ás serpentes crueis;
Ante a Innocencia, a Luz, a Suprema Fraqueza,
Tu, que és a Potestade, a Eterna Fortaleza,
Tu, que és a Lei das leis;
Devias suspender a garra, ter piedade,
Compassiva recuar perante a tempestade
De um coração de mãe, cheio de desespero...

Ante a terrivel Dor, o grande drama austero,
Que Dante, Palestrina, Eschylo, Rafael,
Miguel Angelo — a lyra, a palheta, o cinzel —
Conseguiram jámais reproduzir fielmente.

. . . .

Mas não! Fera sem nome! Atroz e indifferente,
Nem trepidas sequer: nos dedos infernaes
Esmagas egualmente os tojos e os rosaes,
Os demonios senis e os anjos pequeninos,
Os corpos virginaes, tenros e pequeninos!

. . . .

Visconde de Taunay

SCENAS E TYPOS

I

O SERTÃO E O SERTANEJO

Ihr alle fühlt geheimes Wirken
Der ewig waltenden Natur;
Und aus den untersten Bezirken
Schmiert sich heraus lebend'ge Spur.
GOETHE. — *Faust*, 2er Theil.

Todos vós bem sentis a acção secreta
Da natureza em seu governo eterno;
E d'infimas camadas subterraneas
Da vida o indicio á superficie emerge.
GOETHE. — *Fausto*, 2ª parte.

I

Corta uma extensa e mal povoada zona da parte sul-oriental da vastissima provincia de Matto-Grósso a estrada que da villa de Santa Anna do Paranahyba vai ter ao sitio abandonado de Camapoam. Desde aquella povoação, assente quasi no vertice do angulo em que confinam os territorios de S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz e Matto-Grosso até ao rio Sucuriú, affluente do

magestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de leguas, anda-se commodamente de habitação em habitação mais ou menos proxima uma da outra; raream, porém, depois as casas mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros, sem se vêr morada nem gente até ao *retiro* (1) de João Pereira, guarda avançada daquellas solidões, homem chão e hospitaleiro, que com carinho acolhe o viajante desses alongados páramos, offerece-lhe momentaneo agazalho e o provê da matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiry ou da Vaccaria e Nioac, no Baixo Paraguay.

Alli começa o sertão chamado *bruto* (2).

Pousos succedem a pousos, e nenhum técto habitado ou em ruinas, nenhuma palhoça ou tapéra dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está cahindo. Por toda parte a calma da campina não arroteada; por toda parte a vegetação virgem, tão virgem como quando ahi surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na arêa, elemento dominante na composição de todo aquelle sólo, fertilisado aliás por um sem numero de limpidos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributarios do rio Paraná e do seu contravertente o Paraguay.

Essa arêa solta e um tanto grossa tem côr uniforme que reverbéra com intensidade os raios do sol, quando nella batem de chapa. Em alguns pontos é tão fôfa e

(1) Chama-se em Matto-Grosso *retiro* o local em que os criadores de gado reunem as rezes para as contar, marcar e dar-lhes sal.

(2) Sem moradores.

movediça que os animaes das *tropas* viajeiras arquejam de cansaço ao vencerem aquelle terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia cannella.

Frequentes são tambem os desvios que da estrada partem de um e outro lado a procurar na matta adjacente trilha mais firme por ser menos pisada.

Se parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paizagens em torno.

Ora é a perspectiva dos *cerrados* (1), não desses cerrados de arvores rachiticas, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e Minas-Geraes, mas de garbosos e elevados madeiros que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes á beira das aguas correntes ou regados pela lympha dos corregos, comtudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força da seiva que os alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macéga alta e alourada, ou de viridante e mimosa grama, toda salpicada de sylvestres flôres; ora successões de luxuriantes capões (1), tão regulares e symetricos em sua disposição que sorprendem e embellezam os olhos; ora, emfim charnécas meio apaúladas, meio seccas, onde cresce o altívo bority e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das côres, o capim crescido e resiccado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incendio

(1) Florestas de arbustos de 3 a 4 pés de altura mais ou menos, mui chegados uns aos outros.

(1) Excellente palavra brazileira derivada da lingua geral, *caápoàn* (matto redondo.)

que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, atêa com uma faúlha do seu isqueiro.

Minando á surda na touceira quéda a vivida scentelha. Corra d'ahi a instantes qualquer aragem, por debil que seja, e a lingua de fogo levanta-se esguia e tremula, como que a contemplar medrosa e vacillante os espaços immensos que se abrem diante della. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos a um tempo arrebentam sofregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de subito se separam, deslisam-se, lambem vastas superficies, despedem ao céo rôlos de negrejante fumo e voam roncando pelos matagaes de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpôr, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente folego a obra de destruição.

Acalmado aquelle impeto por falta de alimento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinzas. O fogo, detido em pontos, aqui, alli, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como signal da avassalladora passagem o alvacento lençól, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Atravéz da atmosphera ennublada mal póde então côar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros e granulos de carvão que redemoinham, sobem, descem e se emmaranham nos sorvedouros e innocentes trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro ás outras.

Por toda parte melancolia; de todos os lados tetricas perspectivas.

E' cahir, porém, dahi a dias copiosa chuva, e parece

que uma varinha de fada andou por aquelles sombrios recantos a traçar ás pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo n'um trabalho intimo de espantosa actividade. Transborda a vida. Não ha ponto em que não bróte o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sofrego de quem espreita azada occasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura.

A'quella instantanea resurreição nada, nada póde pôr pêas.

Basta uma noite para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde-gáio, assetinado, cubra todas as tristezas de ha pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flôres do campo que desabotoam ás caricias da brisa as delicadas corollas e lhe entregam as primicias dos seus candidos perfumes.

Se falham essas chuvas vivificadoras, então por muitos e muitos mezes, ahi jazem aquellas campinas devastadas pelo fogo, lugubremente illuminadas por avermelhados clarões, sem uma sombra, um sorriso, uma esperança de vida, com todas as suas opulencias e verdejantes pimpolhos occultos, como que raladas de dôr e de despeito por não poderem ostentar as riquezas e galas encerradas no ubertoso seio.

Nessas afflictas paragens, não mais se ouve o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incendio. Só de vez em quando echôa o arrastado guincho de algum gavião, que paira lá em cima ou bordeja ao achegar-se á terra para agarrar um ou outro reptil chamuscado do fogo que lavrou.

Rompe tambem o silencio o grasnido do caracará, que aos pulos procura insectos e cobrinhas ou, junto ao sólo, segue o vôo dos urubús, cujos negrejantes bandos, guiados pelo fino olfacto, buscam a carniça putrefacta.

E' o caracará commensal do urubú. Com elle se atira, quando urgido pela fome, á rêz morta e, intromettido como é, a custa de algumas bicadas do pouco amavel conviva, bellisca do seu lado no immundo repasto.

Se passa o caracará á vista do gavião, precipita-se este sobre elle com vôo firme, dá-lhe com a ponta da aza, atordôa-o, atormenta-o só pelo gosto de lhe mostrar a incontestada superioridade.

Nada com effeito o mette em brios.

Pelo contrario, mal levou dous ou tres encontros do miudo, mas audaz adversario, baixa prudente á terra e põe-se ahi desageitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das azas levanta pó e cinza, tão de perto as arrasta ao chão.

Afinal de cansado deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpesinha, que em custoso rasto procurava algum buraco onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.

II

Taes são os campos que as chuvas não vêm regar.

Com que gosto demanda então o sertanejo os capões que lá de bem longe se avistam nas encostas das collinas e baixuras, ao redor de alguma nascente orlada de pindahybas e boritys ?!

Com que alegria saúda os formosos coqueiraes, nuncios da lympha que lhe ha de estancar a sêde e banhar o afogueado rosto ?!

. Enfileiram-se ás vezes as palmeiras com singular regularidade na altura e conformação; mas não raro se amontoam em compactos massiços, dos quaes se segregam algumas mais e mais, a acompanharem com as

raizes algum tenue fio d'agua que collêa falto de forças e quasi a sumir-se na ávida arêa.

Desde longe dão na vista esses capões.

E' a principio um ponto negro, depois uma cupola de verdura, afinal mais de perto uma ilha de luxuriante rama, um oásis para os membros lassos do viajante exhausto de fadiga, para os seus olhos encandeados e sua garganta abrasada.

E pois, com sofreguidão natural acolhe-se elle ao sombreado retiro, onde prestes desarreia a cavalgadura, á qual dá liberdade para ir pastar, entregando-se sem demora ao somno reparador que lhe trará novas forças para proseguir na cansativa jornada.

Ao homem do sertão afiguram-se esses momentos incomparaveis, acima de tudo quanto possa idear a imaginação no mais vasto circulo de ambições.

Satisfeita a sêde que seccára as fauces, e comidas umas colheres de farinha de mandioca ou de milho adoçada com rapadura, estira-se a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidoso o céo azul, as nuvens que se adelgaçam nos ares, a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindahybas, a copa dos ipês e as palmas dos boritys a ciciarem, a modo de harpas éolias, musicas sem conto com o perpassar da brisa.

Como são bellas aquellas palmeiras!

O estipite liso, pardacento, sem manchas mais que apagadas estrias, sustenta denso feixe de peciolos longos e canulados, em que assentam flabellas abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexiveis e tremulantes.

Na base e em torno da coma pendem, amparados por largos spathos, densos cachos de côcos tão duros que a casca revestida de escamas rhomboidaes e de um ama-

rello avermelhado desafia por algum tempo o férreo bico das aráras.

Tambem com que vigor trabalham as barulhentas aves afim de conseguirem a appetecida e saborosa amendoa! Em grupos se juntam ellas, umas vermelhas como chispas soltas de intensa labaréda, outras versicolores, outras pelo contrario de todo azues, de maior viso e que, por parecerem em distancia negras, têm o nome de araraúnas. (1) Alli ficam alcandoradas, balouçando-se gravemente e atirando de espaço a espaço aos ares immensos das dilatadas campinas notas estridentes, quando não seja um clamor sem fim, ao quererem muitas disputar o mesmo cacho. Quasi sempre porém estão a namorar-se aos pares, pousadas uma bem encostadinha á outra.

Vê tudo aquillo o sertanejo com olhar carregado de somno. Cahem-lhe pesadas as palpebras; bem se lembra de que por alli podem rastejar venenosas alimarias, mas é fatalista; confia no destino e, sem mais preoccupação, adormece com tranquillidade.

Correm as horas: vem o sol descambando; refresca a brisa, e sopra rijo o vento. Não ciciam mais os boritys; gemem, e convulsamente se agitam as flabelladas palmas.

E' a tarde que chega.

Desperta então o viajante; esfrega os olhos; distende preguiçosamente os braços; boceja; bebe uma pouca d'agua; fica uns instantes sentado, a olhar de um lado para outro e corre afinal a buscar o animal, que de prompto ensilha e cavalga.

Uma vez montado, lá vai elle a passo ou a trote, bem disposto de corpo e de espirito por aquelles caminhos

(1) Araras pretas.

além em demanda de qualquer pouso onde pernoite.

Quanta melancolia baixa á terra com o cahir da tarde!

Parece que a solidão alarga os seus limites para se tornar acabrunhadora. Ennegrece o sólo, formam os matagaes sombrios massiços, e ao longe se desdobra tenue véo de um rôxo uniforme e desmaiado, no qual, como linhas meio apagadas, resaltam os troncos de uma ou outra palmeira mais alterosa.

Aperta-se, a essa hora, de inexplicavel receio o coração. Qualquer ruido nos causa sobresalto; ora o grito afflicto da zabelé nas mattas, ora as plangentes notas do bacuráo a cruzar os ares. Frequente é tambem amiudarem-se os pios angustiados de alguma perdiz, chamando ao ninho o companheiro extraviado, ántes que a escuridão de todo lhe impossibilite a volta.

Quem viaja attento ás impressões intimas, estremece, máu grado seu, ao ouvir, nesse momento de saudades, o tanger de um sino, muito, muito ao longe ou o silvar distante de uma locomotiva impossivel. São insectos occultos na macéga que trazem essa illusão, por tal moda viva e perfeita que a imaginação, embóra desabusada e prevenida, ergue o vôo e lá vai por estes mundos afóra a doudejar e a crear mil fantasias.

III

Espalham-se, por fim, as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouvio as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céo, que não viu a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada se arreceia, consubstanciado como está com a solidão, pára, relanceia os olhos ao derredor de si e, se no lugar presentir alguma aguada, por má que seja,

apeia-se, desensilha o cavallo e, reunindo logo uns gravetos bem seccos, tira fogo do isqueiro, mais por distracção do que por necessidade.

Sente-se devéras feliz. Nada lhe perturba a paz do espirito ou o bem estar do corpo. Nem sequer monologa, como qualquer homem acostumado a conversar.

Raros são os seus pensamentos; ou rememora as leguas que andou, ou computa as que tem que vencer para chegar ao término da viagem.

No dia seguinte, quando aos clarões da aurora acorda toda aquella esplendida natureza, recomeça elle a caminhar, como na vespera, como sempre.

Nada lhe parece mudado no firmamento : as nuvens são as mesmas. Dá-lhe o sol, quando muito, os pontos cardeaes, e a terra só lhe prende a attenção, quando algum signal mais particular póde servir-lhe de marco milliario na estrada que vai trilhando.

— Bom! exclama em voz alta e alegre ao avistar algum madeiro agigantado ou uma disposição especial de terras; lá está a péuva grande... Cheguei ao Barranco alto. Até ao pouso do Jacaré ha quatro leguas bem puxadas.

E, olhando para o sol, conclue :

— Daqui a tres horas estou batendo fogo.

Occasiões ha em que o sertanejo dá para assoviar. Cantar, é raro; ainda assim, á surdina, mais uma voz intima, um rumorejar para si, do que notas sahidas do robusto peito. Responder ao pio das perdizes ou ao chamado agoniado da esquiva jaó, é o seu divertimento em dias de bom humor.

E'-lhe indifferente o urro da onça. Só por demais repára nas muitas pegádas, que em todos os sentidos cortam a estrada.

— Que bichão! murmura elle contemplando um rasto

mais fortemente impresso no chão; com um bom onceiro (1) não se me dava de acuar este diabo e metter-lhe uma chumbada no focinho.

O legitimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem em geral familia. Em quanto moço, seu unico fim é devassar terras, pisar campos onde ninguem antes puzéra pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras (2) e furar mattas, que descobridor algum até então varára.

Cresce-lhe o orgulho na razão da extensão e importancia das viagens emprehendidas, e seu maior gosto consiste em enumerar as correntes caudaes que transpoz, os ribeirões que baptisou, as serras que transmontou e os pantanáes que afoutamente cortou, quando não levou dias e dias a rodeal-os com rara paciencia.

Cada anno que finda traz-lhe mais um valioso conhecimento e accrescenta uma pedra ao monumento da sua innocente vaidade.

— Ninguem póde commigo, exclama elle emphaticamente. Nos campos da Vaccaria, no sertão do Mimoso e nos *pantános* (3) do Pequiry, sou rei.

E esta presumpção de realeza infunde-lhe certa maneira de fallar e de gesticular magestatica em sua singela manifestação.

A certeza que tem de que nunca poderá perder-se na vastidão, como que o liberta da obsessão do desconhecido, o exalta e lhe dá fóros de infallibilidade.

Se estende o braço, aponta com segurança no espaço e declara peremptoriamente :

— Neste rumo daqui a 20 leguas, fica o espigão mestre

(1) Cão caçador de onças.

(2) Despontar cabeceiras é rodear as nascentes dos rios, procurando sempre terreno enxuto.

(3) No interior pronuncia-se a palavra grave e não esdruxula, mais conforme assim com a etymologia.

de uma serra *braba*, depois um rio grosso : dalli a cinco leguas outro mato sujo que vai findar n'um brejal. Se *vassuncê* frechar direitinho assim umas duas horas, tópa com o pouso do Tatú, no caminho que vai a Cuyabá.

O que faz n'uma direcção, com a mesma imperturbavel serenidade e firmeza indica em qualquer outra.

A unica interrupção que aos outros consente, quando conta os innumeros descobrimentos, é a da admiração. A' minima suspeita de duvida ou pouco caso, incendem-se-lhe de colera as faces, e o gesto denuncia indignação.

— *Vassuncê* não *credita!* protesta então com calor. Pois ensilhe o seu *bicho* e caminhe como eu lhe disser. Mas *assumpte* (1) bem, que no terceiro dia de viagem ficará decidido quem é *cavoqueiro* (2) o *embromador* (3). Uma cousa é *mapiar* (4) á tôa, outra andar com tento por estes mundos de Christo.

Quando o sertanejo vai ficando velho, quando sente os membros cansados e entorpecidos, os olhos já ennevoados pela idade, os braços frôxos para manejar a machadinha que lhe dá o substancial palmito ou o saboroso mel das abelhas, procura então quem o queira para esposo, alguma viuva ou parenta chegada, fórma casa e escola, e prepara os filhos e enteados para a vida aventureira e livre que tantos gozos lhe déra outr'ora.

Esses discipulos, aguçada a curiosidade com as repetidas e animadas descripções das grandes scenas da natureza, n'um bello dia desertam da casa paterna, espalham-se por ahi além, e uns nos confins do Paraná, outros nas brenhas de S. Paulo, nas planuras de Goyaz ou nas

(1) Vêr o assumpto, observar, attender.

(2) Cavoqueiro é qualificativo empregado para exprimir qual quer qualidade má.

(3) Enganador.

(4) Termo peculiar aos sertões de Matto-Grosso — quer dizer parolar, tagarellar.

bocainas de Matto-Grosso, por toda a parte emfim onde haja deserto, vão pôr em activa pratica tudo quanto souberam tão bem ouvir, relembrando as façanhas do seu respeitado mestre e progenitor.

QUADROS DA NATUREZA

I

A AURORA

Ha já largos annos, ao voltar por terra da provincia de Matto-Grosso, cortando os sertões do centro deste Brasil, tantas e tantas vezes me vi obrigado a levantar pouso com o escuro da noite e a caminhar ao encontro da aurora, que todas as phases do alvorecer de um dia sereno e bello, ligadas por transições imperceptiveis para o viajante indifferente, se me fixáram tão vivamente na memoria que ainda hoje, quando nellas penso em horas de concentração, como que sinto o bafejo daquellas formosas e immensas vastidões.

Nas dilatadas e successivas chapadas que, com ligeiras depressões de terras, ligam Matto-Grosso a Goyaz e Minas-Geraes, planalto central, sulcado de um sem numero de tributarios dos rios Amazonas, Paraguay e Paraná, cujas bacias se alargam de um lado e de outro nas distantes fraldas; nessa quasi continua planura que se nos desdobra ás vistas como um oceano de rasteira, embora vivaz vegetação, interrompida de longe em longe por destacados capões ou tiras finas de possantes mattas; nessas extensões um tanto uniformes e monotonas, o raiar da aurora tem, como em mar alto, um quê de repentino e tão sómente nos céos e em certas manhãs é

que ostenta o brilhantismo e o inesperado das suas infindas gradações.

Quando, porém, se juntam n'um raio de poucas leguas todos os requisitos de uma paizagem caracteristica; quando montanhas, em horizontes não muito affastados, emmolduram com caprichosas fórmas as opulencias da natureza intertropical; quando se expande maravilhosa, já em bosques e gramados que parecem cuidados pela mão de intelligente jardineiro, já em florestas virgens que orlam grandes rios, já em graciosos palmeiraes ou em milhares de flores que, depois das primeiras chuvas de verão, desabrocham garridas de entre os rebentos da macéga nova; quando a solidão dá bastante segurança aos animaes silvestres para que cada qual tome sem constrangimento o seu papel na grandiosa scena da vida, então o romper do dia é um desses espectaculos por tal fórma pomposos e deslumbrantes, que incutem no espirito do homem impressões profundas e indeleveis.

Assim acontece, na zona meridional da provincia de Goyaz, áquelle que, deixando em Santa Barbara o caminho que segue para o Norte em direcção ao Rio Claro e á capital, tomar á direita e portanto ao Oeste a estrada que vai ter á villa de Nossa Senhora das Dôres do Rio Verde, vulgarmente conhecida pelo prosaico appellido de villa das Aboboras.

Do ponto de vista geologico são, antes do mais, em extremo curiosos aquelles terrenos todos. Com effeito, n'uma superficie de muitas dezenas de leguas quadradas, clara e evidentemente alli se manifestam os vestigios da existencia de um grande lago que, antes das nossas éras, constituira um verdadeiro mediterraneo, cujas aguas, em suas linhas de afloração, deixáram impressas nas serras da Cabelleira e do Castello, as successivas differenças de nivel que em diversos periodos se foram produzindo.

Essas linhas parallelas sempre e geometricamente traçadas, quer no dorso da montanha continua, quer em alcantís isolados, são de longe apenas umas riscas finas; de perto porém, planos e largos gradís, trilhas de sólo argiloso e firme que podem dar transito franco a dous cavalleiros emparelhados.

A's vezes, por uma dessas perturbações frequentes nas épocas em que os continentes iam tomando mais ou menos a conformação actual, enormes massas liquidas achåram de repente escoamento de uma bacia mais alta para outras inferiores. Origináram-se então gargantas, onde a passagem das aguas, a principio impetuosissima, occasionou fundas erosões e ao depois, lenta e mais gradual, foi arredondando ambos os lados do canal, formando-se assim rendilhadas pontas que se alteiam nos extremos de curvas delineadas com pasmosa regularidade.

Se agora puder o leitor, por um esforço de imaginação, revestir aquelles movimentos todos de terrenos, muito dobrados e quasi lombas de serras, ou abertos em largos reconcavos; se puder na mente revestil-os de relva verdejante, cércia e densa, toda sarapintada, em certos mezes, de milhões de peregrinas e ainda mal conhecidas flôres e cortada de corregos crystallinos e borbulhantes a buscarem rapidos o pendor dos declivios; se dispuzer, aqui coqueiraes em grupos, typos da serena magestade e da graça esbelta, alli tamburys, vinhaticos e ipés, madeiros de lei, isolados e na pujança da sua organisação de ferro, ou mais frequentemente em umbrosos massiços; se por fim fechar todas essas magnificencias com uma cercadura de pincaros escalvados e fantasticamente recortados, formará então idéa approximada do esplendido palco, em que se vai passar a scena que tentamos descrever.

. . . .

E' noite e noite escura.

Em trévas tão densas nada póde lobrigar o olhar indagador e um tanto inquieto do viajante, na sua frente mais do que a esteira alvacenta que vai desenrolando a estrada, ou dos lados fórmas indecisas e agigantadas, filhas da illusão fugaz e engrandecidas pelas abusões da imaginação.

O ar que lhe açouta o rosto é frio, humido e penetrante.

Por toda parte o silencio, silencio acabrunhador, quebrado tão sómente pelo estrupido cadenciado da cavalgadura ou pelo grito longinquo de algum animal nocturno. Parece senão de todo desfallecida a natureza, pelo menos presa de penoso entorpecimento, perdidos o alento e as forças.

Nos espaços, de um azul quasi negro, scintillam apenas, como pharóes de vacillante esperança, raras e cambiantes estrellas.

Não tarda até que esses mesmos astros, que nos consolavam a vista, vão uns após outros amortecendo o coruscante brilho e apagando os seus fulgores.

Eis, porém, que aos poucos, lá para as bandas do Oriente, clareia um cantinho do céo. Branqueja a mais e mais, qual se, a subir da terra, fôra lentamente desdobrando-se adelgaçado véo de gaze branca.

Passam-se largos minutos.

Depois nesse fundo alvadio que se tinge de duvidoso rosiclér, accende-se a medo uma riscasinha vermelha, que se alonga mais do que se alarga. Parallela a esta rompe, dalli a pouco, outra já mais extensa e afogueada; instantes após, terceira, essa então abrazeada como linha de fogo.

São as barras do dia.

De novo sopra com vivacidade a briza, que fôra gra-

dualmente morrendo; mas vem agora mais quente, com um halito perfumado de brando calor.

Nessa hora do mysterioso lusco fusco, é que se ouve, de quando em quando, como um baque sonoro, acompanhado de estridente grita chromatica. E' o canto das anhumas-pócas, que na margem dos rios ou á beira dos alagadiços, annuncia o alvorecer e acorda as aracuans pousadas nos mattos ribeirinhos. Ergueu-se tambem o alarido mais forte dos quero-queros, cujos alvos bandos gyram vertiginosos sobre as aguas correntes.

De manso, porém, se vai diffundindo a claridade pelo firmamento além. Se por perto se accumularem condensadas nuvens, desenham-se-lhes os contornos como rúbidas curvas. Outras mais espalhadas cambiam da côr de rosa ao rôxo lyrio.

Já ahi principia a natureza a sacudir o lethargo que a prostrára. Espreguiça-se languida, mas alegre e cheia de seiva.

Toucam-se de clarões os pincaros das montanhas, cujos declives e lombas se alevantam gradativamente da uniforme escuridade.

Na terra borborinha o ruido da vida. Doce orvalho banha as plantinhas dos valles; zumbe um mundo de insectos e nos ramos dos arbustos a passarinhada miuda, colleiros, canarios da terra, serra-serras, azulões, lavadeiras, pintasilgos, bicudos, tico-ticos e tithés, chilra baixinho, ainda tonta de somno e como que a sonhar. Nas franças do arvoredo mais elevado se espanejam milhares de volateis das pennas mais variegadas e ricas, e de todos os lados assoma a caça de alto viso, quer em aves, quer em animaes das mattas.

E' nesse momento de indizivel suavidade que nos entrançados matagaes, nas moutas baixas e copadas, o sabiá desfia essas notas soltas, puras e veladas, que a calhandra

da Europa no seu hymno matinal de certo não conhece.

Outras melodias, comtudo, já ha muito se esparziam, vibrantes como um canto triumphal de saudação. Partem da copa das palmeiras, despejadas por centenares de negrejantes graúnas.

Emerge, porém, a mais e mais a luz.

Na arêa da estrada vê-se em distancia, mas já distinctamente, espojarem-se graciosas as pombas caboclas, vermelhinhas como fragmentos de tijolos e as rôlas de cascavel, lindamente salpicadas de branco, a darem estálos com as azas, ao passo que as troquazes cortam os ares, velozes e desconfiadas, como que a desempenharem apressada e compromettedora missão.

Já então apparecem á beira do caminho os desageitados anús, uns de todo pretos, outros alourados, todos elles feios, mal equilibrados e esquipaticos em seus movimentos; já os amarellos e petulantes bemtevis amiudam o grito que lhes deu o nome; as andorinhas do campo e as tesouras volteiam sobre as espigas de capim em flôr; as chocarreiras gralhas se juntam em galhofeiro conciliabulo, e os gaviões atiram o guincho aterrador, librandose nas valentes azas.

O espectaculo, ha pouco sereno e melancolico, transforma-se agora : — é deslumbrante.

Para tanto não ha olhos que cheguem.

Como centro de todas as riquezas, o sol, antes de surgir, e ainda no berço em que rutilam a purpura incandescente e montes de ouro e prata em fusão, arremessa em leque offuscadores raios, uns enfaixados que tudo traspassam, outros divididos que parece vão estacar e embeber-se nos nevoeiros da madrugada.

Cada vez mais se anima a terra.

Vêde que bando de cabritinhos passa alli aos pulos! Mais adiante correm seriemas que guardam o seu caca-

rejar para as horas ardentes do dia. Tambem, por emquanto calados, voam innumeros papagaios em busca das fartas roças de milho e dos laranjaes, seguidos, se bem de longe, dos gárrulos e verdes periquitos, cujo vôo curto e incerto a todo instante os obriga a repetidas paradas..

Do seu lado cada vez mais se illuminam os céos. Em cima como formoso peplum se desdobra o ceruleo manto, emquanto junto ao horizonte se avivam as côres mais gratas á vista embellezada do homem, que contempla absorto todas aquellas manifestações da natureza eterna.

Rompe, emfim, uma onda de luz que se atira sobre o universo como vaga enorme de oceano a trasbordar, sólta a terra um brado ingente... e ergue-se o sol.

E' dia!

REALIDADE

. . . .

... appareceu Innocencia embrulhada em uma grande manta de algodão de Minas de variegadas côres e com os longos e formosos cabellos cahidos e puxados todos para traz. Os grandes e avelludados olhos orlados de fundas olheiras e o quebrantamento do semblante muita fraqueza ainda denunciavam; entretanto as setinosas faces como que se apressavam em tomar côres, á semelhança de rosas impacientes de desabrochar e expandir-se vivas e alegres.

Ao chegar á porta, não a transpoz; mas encostando se á grossa trave que fazia de umbral, alli ficou parada, indecisa e com o olhar turbado e esquivo.

Ao vêl-a, deu Cyrino com timidez alguns passos ao seu encontro; depois por seu turno estacou junto a uma cadeira de comprido espaldar, antigo e solido traste trazido por Pereira da sua casa de Piumby.

Após longa pausa, em que por vezes se cruzaram incertos os olhares, perguntou com esforço :

— Então... minha senhora... como está?... Sente-se melhor?

— Melhor, obrigada, respondeu Innocencia com voz aflautada e muito tremula.

— Comeu já alguma cousa?

— Nhôr-sim... uma aza de frango, mas com... bastante vontade.

— Sente o corpo moido?

— A canceira está passando... hontem muito mais...

A pouco e pouco, fôra Cyrino recuperando o sangue frio e se approximára da moça, que mais se apegou á ombreira, como que a procurar abrigo e protecção.

De um lado da porta ficou ella : do outro Cyrino, ambos tão enleiados e cheios de sobresalto que davam razão ás olhadas de espanto com que os acercava Tico, empertigado bem defronte dos dous em suas encurvadas perninhas.

— Pois chegou a hora de tomar o remedio...

— Já, *seu* doutor? implorou Innocencia.

— Nhã-sim.

— Eu não tenho mais nada.

— E' para cortar de uma vez as sezões... Olhe, se ellas voltassem... era um grande desgosto para mim...

— Mas é tão máu! objectou ella.

— Não é bom *devéras*... mas *bem melhor* é voltar á saude... Com um bocadinho de coragem, a gente engole tudo sem muito custo... Já que lhe amarga tanto... beberei tambem uma pouca...

— Oh! não! protestou Innocencia.

— E' para lhe mostrar... que quero sentir... o que mecê sente.

Fez-se a menina da côr da pitanga, levantou uns olhos

sorprezos e voltou logo o rosto para fugir dos olhares de Cyrino.

— A mézinha? pediu ella por fim toda commovida.

— Ah! é verdade! exclamou Cyrino. Ande, Tico : vá buscar café na cozinha. Lâve bem um pires... percebeu?

O anão fitou o moço com altivez e não se mecheu.

— Você é surdo?

— Não, respondeu Innocencia. Tico ás vezes por manha é que se faz *ansim* de mouco.

Voltando-se então para o homunculo, insistiu com voz meiga e carinhosa :

— Vai, Tico; é para mim, ouviu?

Transformou-se repentinamente a physionomia do anão. Pairou-lhe nos labios ineffavel sorriso; meneou a cabeça duas ou tres vezes com a força de uma affirmação : mas, colerico, enrugou a testa e moveu olhos inquietos e duvidosos.

Innocencia teve que repetir o recado.

— Já lhe disse, Tico; vá buscar o café.

A esta quasi ordem não ousou elle resistir, mas sahiu de vagarinho, voltando-se varias vezes antes de entrar na cozinha, onde muito pouco se demorou.

Neste entrementes tomara Cyrino o pulso de Innocencia e, sem pensar no que fazia quebrando a debil resistencia da menina, cobrira-lhe de beijos o braço e a mãosinha que havia segurado.

— Meu Deus! balbuciou ella, que é isto?... Olhe, ahi vem o Tico.

Recuou então o mancebo e, para melhor disfarçar a commoção, adiantou-se para o anão que vinha trazendo na mão direita uma vazilha de folha de flandres e na outra um pires com colher.

— Muito bem, disse elle, ponha tudo em cima da mesa

E preparando rapidamente o medicamento, apresentou-o a Innocencia, que sem hesitação o sorveu todo.

— Deixe-me um pouco, exorou com ternura Cyrino, um pouco só... Se é tão máu... soffra eu tambem.

— Não, respondeu ella com alguma energia, porque *havéra* de mecê soffrer?

E, ou por effeito do inexprimivel e desconhecido abalo que experimentava no estado de debilidade a que chegára, ou por ser aquella a hora em que costumava a febre salteal-a, o certo é que teve de encostar-se ou melhor agarrar-se ao umbral para não cahir a fio comprido no chão.

— Oh! exclamou com angustia Cyrino, a senhora vae desmaiar.

Transpondo então o limiar da porta, tomou nos braços a pallida donzella, sem reluctancia encostou a desfallecida cabeça ao seu hombro, e com o halito offegante aos poucos lhe foi fazendo voltar ás faces o precioso sangue.

— Estou melhor, balbuciou ella procurando afastar a cabeça de Cyrino.

— Não se faça de forte á tôa, acudiu este. Vamos até aquella cadeira.

E com toda a lentidão e cuidado, foi levando a convalescente até sental-a, desembaraçando-a depois dos muitos cabellos que todos revoltos haviam invadido o collo e lhe cahiam sobre o rosto.

— Quanto cabello! exclamou Cyrino meio risonho.

Com muita attenção seguira Tico as peripecias de toda aquella scena. Ao ver Innocencia perder quasi os sentidos, soltou um grito surdo de desespero; depois, foi seguindo-a até a cadeira e, ajoelhado diante della, contemplou-a com inquietação.

Cyrino quiz aproveitar a occasião para um congraçamento.

— Então está com cuidado, Sr. Tico?... Não é nada... sua ama fica boa logo... Não é o que você quer?

Ao ouvir esta interpellação, levantou-se o anão e correspondeu ao sympathico annuncio do moço com um olhar de desprezo e pouco caso, como que a dizer :

— Não se metta commigo, que não quero graças com você, medico de arribação!

— Agora, disse Cyrino voltando-se para Innocencia, vai mecê beber dous goles deste vinho... Verá logo que *sustancia* ha de sentir dentro do corpo.

Desarrolhou, então com a ponta da comprida faca que a tirou do cinto, a garrafa de vinho, offerecida por Meyer, e n'um caneco de louça branca apresentou á moça um pouco do roborante liquido.

Molhou a doentinha os labios e gratificou o obsequioso mancebo com um sorriso encantador.

Decididamente lhe agradava aquelle medico : curava do seu corpo enfermo e entendia-lhe com a alma. Raros homens que não seu pai e Manecão, alem de pretos velhos, tinha ella até então visto; mas a ella, tão ignorante das cousas e do mundo, parecia que ente algum nem de longe poderia ser comparado em elegancia e belleza com esse que lhe ficava agora em frente. Depois, que cadeia mysteriosa de sympathia a ia prendendo áquelle estranho, simples viajante que via hoje, para nunca mais tornar a ver, sem duvida?

Quem sabe se a meiguice e bondade que lhe dispensava Cyrino não eram a causa unica desse sentimento novo, desconhecido, que de chofre nascia em seu peito, como depois da chuva brota a flor do campo?

A muito a gratidão obriga.

Rapidos correram esses pensamentos pela mente de Innocencia, ao passo que os seus olhos se iam erguendo até se fixarem em Cyrino, limpidos, grandes, abertos,

como que dando entrada para que elle lesse claro o que se passava em sua alma.

— Sinto-me tão bem, disse ella com metal de voz muito suave, tão leve de corpo, que parece que nunca mais hei de ficar *mofina*.

— Não, não de certo! exclamou Cyrino, nunca mais. Alem disso aqui estou e...

Com a sua chegada, interrompeu Maria Conga, a velha negra, aquelle começo de dialogo. Vinha da fonte com volumosa trouxa de roupa que entrou a estender em compridos bambús, assentes horizontalmente sobre forquilhas fincadas no chão.

Despedindo-se então Cyrino de Innocencia :

— Agora, disse-lhe risonho e pegando-lhe na mão, socegue um pouco; depois tome um caldo e... queira-me bem.

— Gentes! Porque não lhe *havéra* de querer? perguntou ella com ingenuidade. Mecê nunca me fez mal...

— Eu, retrucou Cyrino com fogo, fazer-lhe mal? Antes morrer... Sim... dona... de minh'alma, eu...

E, sem concluir, disse repentinamente :

— Adeus!

Depois, com passo lento, foi sahindo e passou diante da janella, junto á qual ficára Innocencia sentada.

— Olhe, recommendou elle recostando-se ao peitoril, cuidado com o sereno.

— Nhôr-sim...

— Não beba leite...

— Mecê já disse.

— Coma só carne do sol...

— Já sei...

— Então, adeus... adeus, menina bonita!

E, a custo, despegou-se daquelle logar, em que quizera ficar, até que de velhice lhe fraqueassem as pernas.

Francisco de Castro

DISCURSO

NO ACTO DA COLLAÇÃO DO GRÁO AOS DOUTORANDOS
EM MEDECINA EM 1899

Na formosa allocução, que acabastes de ouvir e premíastes merecidamente com os vossos applausos, fallou a mocidade. Impetos magnanimos, enthusiasmos abrazados, sinceridade eloquente, paradoxos atrevidos, espirito de negação e de combate, nada do que era seu lhe faltou; tudo resplandeceu naquella palavra magica, cujo resôo ainda nos encanta, como si vertera no ar que respiramos effluvios maviosos e philtros innefaveis; tudo caracterisa nella a fidalguia, a generosidade, a pureza do animo juvenil.

Ide, pelo pensamento, infinitamente longe do circulo que os vossos olhos alcançam; transportae-vos até onde se dilatam as perspectivas cambiantes de um horizonte que as inquietações, as preoccupações ou os desenganos ainda não toldaram; percorrei as regiões que a poesia da vida embalsama com os seus devaneios; divagae pelas

paragens que não conhecem o tumulto da labutação prosaica, o sopro glacial da indifferença, o conflicto dos interesses, a collisão dos egoismos; perscrutae os refolhos onde se occulta a pujança das gerações em flor, e lá vislumbrareis a centelha divina, o germen immortal, a alma creadora, a soberba vegetação da força mysteriosa, que opera as resurreições das idéas, renova as sociedades decadentes, influe alentos imprevistos nas raças desfibradas, rehabilita para as eternas porfias do progresso os povos que não se embeberam no seu genio não o comprehenderam nas suas tendencias, não o assimilaram nos seus beneficios, não o souberam servir nas suas obras.

Fallou a mocidade; mostrou o brilho e o primor das suas prendas nessa oratoria arrebatada e arrebatadora com que costumam ungir para a devoção do bem a ternura das almas; falle agora a experiencia; dê-se a palavra aos cabellos brancos.

O discipulo foi bom; engolfou-se nos livros, medrou no estudo : intelligencia de amplo descortino, tentou devassar num vôo de synthese quanto a sciencia tem vindo por esses seculos, lentamente, accumulando; observador noviço, apenas nos ensaios do aprendizado clinico, não se contentou em apprehender as relações dos factos morbidos, taxar-lhes o determinismo, induzir-lhes as leis geraes, desatal-os da complexidade que os emmaranha, dispol-os para a comparação em séries parallelas, encadeal-os num systema ou n'uma categoria; quiz logo ir além, quiz desvendar-lhes a natureza intima, a condição primordial da sua germinação, a chave racional do seu mechanismo, a porção incognóscivel das cousas; fez o mesmo que o botanico que se aventurasse a designar taxinomicamente a familia e a tribu de uma planta pela simples projecção dos seus primeiros cotyledones, ou o

mesmo que o mineiro que se embrenhasse no solo virgem, e sem a paciente e porfiada tacteação do terreno na pista do filão precioso, ousasse pedir á terra o segredo das riquezas que ella traz amuadas na intermina vastidão dos seus jazigos.

A curta capacidade do mestre teve de arrostar provas tremendas, e ainda neste momento está aturando uma das mais pesadas; o discipulo era exigente, o desejo de aprender não tinha medida; ora, com franqueza vos digo, e sem que por dizel-o me desdoure, o mestre sabia pouco, sabia e sabe pouco e por isso sómente pouco lhe pôde ensinar. Sómente pouco lhe pôde ensinar, mas ensinou-lhe bastante para considerar em todos os passos da sua carreira o officio da providencia, espalhando a bemaventurança e a saude entre os homens; mas ensinou-lhe bastante para que nas materias do foro profissional nenhum outro conselho primeiro ouvisse que o da honra medica; mas ensinou-lhe bastante para que acudisse com as abundancias da piedade ás agruras do soffrimento na fatalidade da molestia, *miseris succurrere disco;* mas ensinou-lhe bastante para que venerasse no exercicio da arte de curar a magestade da vida humana; mas ensinou-lhe bastante para que votasse á tradição da medicina o culto a que o passado tem direito, como a imagem de um luminoso Sinai, de cujos cimos se propagam até nós, esmorecidos pela distancia dos tempos, os echos da tormenta sagrada; entretanto, não capitulasse ao peso da rotina, não lhe reconhecesse a auctoridade, não se submettesse á sua cartilha, enterreirasse-a na arena das demonstrações experimentaes e positivas e ahi lhe offerecesse batalha.

Com effeito, senhores, o desenvolvimento das sciencias não conta maior estorvo que esse que lhe contrapõe *o espirito rot*ineiro. Elle é a encarnação da inercia, a

glorificação do marasmo, a apologia das apirações retrogradas, o symbolo da opposição á lucta cerebral na concurrencia moderna; das conquistas espirituaes só percebe os abalos e só proclama os perigos; nutre-se dos erros que sobrevivem ao fracasso das doutrinas e forceja por inseril-os nas que vierem depois; disfarça com a pompa das formulas a penuria do cabedal; enfeita com os recamos academicos a incapacidade, não confessada, mas descoberta e evidente, e estribado nos seus batidos chavões apregôa nelles a mais especifica therapeutica para as horas crueis dos tempos agitados, preconizando por toda a parte essa panacéa que traz comsigo para reformar o mundo.

Ahi está o inimigo natural e talvez necessario das idéas novas; atravessou todas as camadas da historia, todas as estratificações da civilisação universal, e sempre que se suppunha com a victoria nas mãos, o reverbero da realidade lhe illuminava o caminho dos revezes.

A mocidade, a quem toca a defesa dos arraiaes contemporaneos, ella que lhe faça frente e não o deixe passar. Que o erro, como o espirito do mal, prevaleça nas trevas, mas não afivele a mascara da verdade; que a rotina não tome a côr da sciencia; que o dogmatismo não usurpe os trophéos do livre exame; que a acção incessante da investigação e da critica desbrave as vias do entendimento trancadas á certeza; que o amor dos systemas não obrigue a professar archaismos e devorar absurdos; que a colligação dos elementos anachronicos ceda o campo á expansão desse vapor que dá movimento e imprime direcção á roda intellectual do seculo.

Não é sómente ao poder do obscurantismo que a especulação scientifica deve contrastar; ha tambem na tendencia de regressão ao empirismo outra resistencia que lhe cumpre rebater. Eu bem sei que o empirismo foi o

nascedouro commum das sciencias, que todas tiveram o mesmo berço rasteiro, mesquinho e humilde, ainda aquellas que pelas suas transcendencias, como as mathematicas e a metaphysica, pairam nos limpidos dominios da razão pura e poderiam imaginar-se derivadas por via deductiva de certo numero de idéas necessarias ou conceitos *á priori* formulados em axiomas, postulados e definições. O certo é, porém, que a sua origem não foi outra; pouco importa que uma vez constituidas, uma vez emancipadas, ellas não se relacionem com a existencia, nem impliquem o trafego directo do mundo objectivo. O alvo a que visa a sciencia não é a agglomeração dos factos; para isso basta o empirismo; ella tem por mister pesquizar as leis que se desentranham delles e os regem. Dir-se-ha, ou pelo menos poderá dizer-se, que as leis tambem são factos; não ha duvida, mas o são sob uma expressão generica e abstracta. A lei astronomica da gravitação dos corpos celestes, a lei physica da refracção de luz, a lei chimica da isomeria, a lei physiologica da circulação do sangue, a lei embryologica da phylogenesis ou origens communs da natureza organica, a lei pathologica das crises, das metastases, das diatheses, das molestias transmissiveis por infecção, por contagio ou por herança, não são senão factos; mas factos que passaram pelo cadinho da inducção, que de particulares se tornaram geraes e por conseguinte susceptiveis de abstracção e de synthese. O empirismo collige a materia bruta da observação intuitiva, abastece os seus reservatorios com essas noções universaes, esses rudimentos *de omni re;* a sciencia examina, aprofunda, coordena, systematisa, theorisa, sempre exacta nos seus processos, intransigente nos seus principios, irreduzivel nos seus phenomenos, fixa nas suas regras, logica nos seus resultados, previdente e bemfazeja nos seus fins.

Figurae as sciencias como outros tantos polyedros, e juxtapondo-as por maneira que cada uma olhe para um mesmo centro, fechae com ellas um desmedido perimetro, uma circumferencia enorme. No espaço limitado pela face geral de todas as sciencias está a mansão do sabio, o territorio encyclopedico, o continente da philosophia. A medicina occupa uma vasta extensão em redor delle; pois a sciencia da vida, nos seus pormenores e no seu conjuncto, assim pela sua porção technica quanto pelo seu lado geral ou philosophico, cae inteira na jurisdicção do medico.

Os conhecimentos em medicina brotaram, como os conhecimentos vulgares, do puro syncretismo : a observação superficial, tumultuaria, confusa, marcou esse periodo de iniciação no culto da verdade, periodo que antecede não só chronologica mas tambem logicamente ás instituições de analyse. Nestas instituições funda a sciencia as suas obras vivas; ellas executam o estudo parcial, fragmentario, successivo, comparativo, cujo limite se estende até ao ponto em que começa o movimento de recomposição dos productos dissociados pela desintegração analytica.

A medicina ainda está bem longe desta phase synthetica, ultima do seu progresso, para a qual ha seculos caminha, impellida por essa triplice força de tracção a que nenhum freio modera ou paralysa, a observação, a experiencia e a razão. Emquanto, porém, não dobra a meta do vastissimo estadio, a sciencia qua ensina a prolongar a vida, combatendo as molestias e protegendo a saude, tem que tropeçar em numerosos erros, embaraçar-se na teia da critica apaixonada, enredar-se nos contrafios da hermeneutica viciosa, atravessar as vicissitudes inherentes ás incertezas do juizo, mal assistido nas suas conclusões pela fallacia dos seus instrumentos. Já assim

o sentia a antiguidade hippocratica, quando escreveu com a auctoridade da sua vasta lição e no mais insigne dos seus aphorismos : *E' dè téchne makré, ...é de krisis kalepé*. Tambem o methodo de hoje não é outro que o dos dias de Hippocrates; nem a medicina actual renega o naturismo da escola de Cós.

Os domínios da sciencia medica ainda são até a hora presente impraticaveis em mais de um trecho : encravam-se no meio delles zonas ignotas, de cujos penetraes tantas vezes recúa quantas os investe a curiosidade dos neophytos, a coragem dos iniciadores, a paciencia dos sabios. Através de taes opacidades o espirito espreita, apalpa, interpella debalde as sombras mudas. Cedo é ainda para amanhecer sobre esse boccado de treva o sol da perfeição; mas hão de vir os dias illuminados por elle : o circuito do progresso é fatal; tem a sua lei de ferro; a viagem é de seculos, talvez de millenios; o que importa, porém, é que a humanidade chegue ao fim, vença o estafe dos longos areaes, pise triumphante a promettida terra.

Imaginemos, meus jovens collegas, que tudo isto se faça, e tão depressa que tenhamos a ventura de assistir a tamanha evolução ; supponhamos por um instante que a medicina, que já hoje dispõe de recursos incalculaveis, mede a velocidade das correntes nervosas, decompõe os estados psychicos, avalia a pressão sanguinea, registra as ondulações do pulso, analysa os liquidos organicos, sonda e illumina o recesso das cavidades, submette a economia ao microscopio, ao reagente, a todos esses methodos de exploração semeiotica, desde a percussão de Auenbrugger, *Inventum novum*, até a actinographia de Roentgen, a applicação dos raios cathodicos, faz em summa com o seu hodierno systema de exame somatico e funccional tão profundas, tão estupendas anatomias no

corpo vivo, como si lidára com um cadaver espichado para a dissecção na mesa da necrotheca, supponhamos que a nossa amada medicina, levando cada vez mais longe o arrojo dos seus tentamens, toque ao requinte do seu desenvolvimento. Pois bem : os resultados practicos da sciencia perfeita serão ainda assim imperfeitos; a solução dos problemas foreiros a ella continuará a conter a inevitavel dose de erro; a medicina nunca será uma sciencia exacta, com as suas provas por deducção, as suas equações incisivas, o seu algebrismo de $a \times b$.

Um medico dextro nas subtilesas da sua arte, affeito a affrontal-a nas suas difficuldades, penetrado de uma forte vocação e concentrado nella, sabio na pratica e, o que não é menos, sabio na theoria, cheio de sagacidade, de finura, de bom senso, esse medico, apesar da excellencia de tantos dotes, si apurar as estatisticas dos seus erros, não os contará em proporção menor de 20 por cento. O erro é o flagello da humanidade, envenena as fontes onde a intelligencia se retempéra, enxovalha o esplendor das mais bellas theorias; e si é tal a porcentagem delle nos productos de um espirito douto, qual não será ella quando entre o medico e a sciencia medica a indifferença ou o ocio houver levantado uma muralha chineza?

Referindo-me á medicina comprehendeis que não quero significar essa industria que exerce a sua mercancia e bate a sua moeda sobre os males que acabrunham o genero humano, perigosa industria que as imprevidencias administrativas constituem em calamidade publica, quando lhe franqueiam os hospitaes, lhe entregam doentes, lhe aplainam as veredas para a conquista da sonhada apotheose, sem verem, ou sem quererem ver, na fidelidade dos quadros estatisticos os fructos damninhos cuja medrança não souberam a tempo repri-

mir, emquanto a população, essa mesma população a que impingiram como quintescencia da hygiene urbana o pittoresco da porcaria, presenceia, resignada no seu abandono, o rodar dos carros funebres, a efflorescencia da peste, a vindima da morte. Não; não é disso que tracto; a medicina não é essa torpeza, sobre a qual não se faz sentir a acção punidora das leis escriptas, porque basta para fulminal-a o estygma que lhe lança a consciencia indignada dos bons cidadãos.

Tão pouco fallo desse curandeirismo que nivela a arte clinica com a arte magica, applica para a cura das molestias especificos certeiros como aquelles de que se serviram nos seus processos mais ou menos mephistophelicos os alchimistas, os rosas-cruzes, os sectarios de Paracelso, todos os incansaveis buscadores de pedras philosophaes, apostados em converter as infimas especies metallicas em ouro de lei, e a vida ephemera em mocidade estavel. Si a isso se devem dar os foros de sciencia, então viva a feitiçaria do nosso finado caboclo das Sete Pontes, e mais a do milagrento farçola da capital paulista, viva o systema patusco do padre Kneipp, viva a pathologia das espinhelas cahidas e a pharmacopéa das pomadas e dos pomadistas, das theriagas e das benzeduras.

A vossa profissão, jovens collegas, é outra cousa. Vós não representaes comedias nesse tablado solemne em que a vida alonga os braços para a esperança, quando a grandeza do nada projecta sobre ella a sua sombra terrivel; benemerita profissão é a vossa, benemerita e modesta; practicaes a sciencia e apostolaes a virtude. Não se resume, entretanto, o vosso papel em alliviar, effeitos da molestia arremetter com ellas nas suas causas mais intimas, enfrear-lhes ou tolher-lhes a marcha, protrahir na medida do possivel o momento da catastrophe;

beneficios que só conseguireis aperfeiçoando, utilizando, encaminhando as forças naturaes. Nessas graves situações pairaes acima das contingencias e das miserias do mundo; forma-se em torno de vós uma atmosphera de culto; dos vossos labios se derrama sobre a tristeza das almas a doçura das consolações supremas; vestis a toga de uma magistratura quasi divina. Esta é a funcção clinica, a que se effectua á cabeceira dos doentes, no retiro de lares afflictos, sem outro juiz nem outra testemunha mais que Deus, sempre presente e vigilante na consciencia dos que se approximam delle pela fé, invocam a sua misericordia nos desfallecimentos da razão, sabem adoral-o, como manda o evangelho, em espirito e em verdade.

Funcções de outra ordem são as da medicina publica. Investidos nellas, incumbe-vos aconselhar á administração as medidas de prophylaxia em cujo complexo assenta o alargamento da vida media dos individuos e a defesa sanitaria dos povos, ou compete-vos occorrer com o ministerio das vossas luzes ás imperiosas necessidades da justiça.

De um lado a medicina clinica, do outro a medicina publica, desdobrada em hygiene e medicina legal ou jurisprudencia medico, segundo se encaram as suas relações com o direito administrativo ou com o direito civil e o direito criminal: taes são as tres grandes espheras para onde vos convidam os mais bellos combates e as glorias mais puras.

Vedes que vos esperam ingentes trabalhos para hombreardes com as difficuldades da vossa missão. Nem vos sirva de excusa o atrazo relativo em que nos achamos, atrazo que só não confessam ou de que se exceptuam as personagens desse corêto onde se enfunam os balões do amor proprio, accendem-se as lanternas chinezas do

elogio mutuo e a verbiagem pedantesca, sesquipedal e vã funcciona como sciencia de superior quilate, adquirida na lição dos annos e dos livros. Mas deixemos fallar o areopago dos medalhões, o tabernaculo official dos experientes, dos entendidos e dos sabios : experientes, que nunca perlustraram o rude tirocinio da escola hospitalar ; entendidos, que pouco entendem ; sabios, que nada produzem. A verdade é que é tempo e mais que tempo de romper com o regìmen do ramerrão em que temos vivido ; é preciso que a medicina attinja entre nós ao grau de adeantamento que a nossa indecisão ou a nossa imprevidencia lhe têm recusado. A tarefa é extraordinaria ; não sei si nós outros, o professorado superior, teremos hombros que possam com ella ; pertencemos, na maioria, a uma geração que já vae no seu declinio, ou, para expressar-me no calão plebeu em que tantas vezes se revigora a linguagem fidalga, somos a bananeira que já deu o cacho. Só a juventude é capaz dessa empreza gigantesca ; só ella dispõe de força bastante nas suas azas de aguia para accelerar a marcha scientifica que se faz com pés de kagado.

Os problemas da medicina indigena bastariam para absorver o melhor das vossas lucubrações. Um delles sobretudo requer a mais diligente solicitude, a mais provada e decidida capacidade profissional : é o problema das febres. Poderia generalisal-o a todo o solo brasileiro, examinal-o nas regiões do littoral e nas do interior ; mas prefiro circumscrevel-o á nossa capital, por ser o scenario clinico da minha observação, que embora nada tenha de illustrada ou profunda, é, todavia, sincera, conscienciosa e longa. Em materia de pyretologia andamos como através de um cego e espesso matagal ; tudo são apalpadelas e contradicções ; fallecenos o espirito critico e o espirito pratico ; o que os nossos

mestres nos herdaram é um acervo de incongruencias, de confusões, de opiniões heteroclitas, ridiculas ou erroneas. Festivo será para a sciencia o dia em que se desconjunctar esse artefacto monstruoso, o dia, que já nos tarda, em que essa mole de heresia vier ao chão.

Sabeis que por toda a parte nesta cidade se accusam os maleficios do impaludismo. Pois é accusar um mytho, fazer guerra a um phantasma, perseguir uma chimera. Habituamo-nos a ouvir dizer que o impaludismo senhoreia a carta nosographica da capital federal. E' que no activo delle jazem englobados estados morbidos de varia casta, desde a septicemia aguda ou chronica até a toxicose uremica, desde a lymphagite grave até a phthisica latente, desde o choque operatorio até a pedra na bexiga. Tudo isso recebe o carimbo commum. Neste covil do impaludismo, neste emporio do germen palustre não se conhece como producção autochtone a febre intermittente, a formula morbida por excellencia da malaria, não se conhece a cachexia paludosa, a legitima expressão chronica do envenenamento miasmatico. Em compensação, pullulam essas modalidades clinicas, simples creações da phantasia ás quaes a nomenclatura tem dado corpo de monstruosas realidades : as febres remittentes gastricas, as febres biliosas dos paizes quentes, as febres typho-malaricas, etc. Tivemos até uma epidemia de accessos perniciosos. Assolava o Rio de Janeiro ha cerca de 10 annos uma das mais violentas rajadas estivaes da febre amarella ; senão quando, em poucos dias, sob o regimen dos mesmos factores meteorologicos, com o mesmo ponto hygrometrico, os mesmos ventos, a mesma temperatura, o mesmo ceu ardente, o mesmo sol a vibrar o seu açoite de chammas, a mortandade por febre amarella fica reduzida a quasi nada e a cifra total do obituario é mantida por accessos perniciosos. Possivel será de taes premissas

extrahir semelhante conclusão; mas a razão natural, o senso commum ha de ter primeiro renunciado aos seus direitos. Ora, ahi tendes o impaludismo que nos flagella, e colloca este nosso pedaço de planeta nas condições das velhas cidades lacustres, levantadas á beira do Palus Meotides ou nas margens do Nilo ou naquelle feracissimo valle por onde os grandes rios biblicos, o Euphrates, o Indo e o Ganges, atroavam as solidões infinitas com o eterno clamor das suas aguas.

Si attentarmos nos assumptos da medicina publica, tambem ahi são sem conta os documentos pouco abonatorios do nosso amor a essa especialidade. Não haverá bem tres annos suscitou-se entre nós uma questão medico-legal, que noutros paizes ficaria celebre. Um moço, outr'ora recluso no hospicio dos loucos, assassinou sob os mais futeis pretextos, um ancião respeitavel, amigo de seu fallecido pai, tutor de sua irmã, protector de sua familia. Examinado por medicos peritos estes decidiram que o individuo em questão era um degenerado, com perda do senso moral, mas não um alienado. E, por essa razão, alem das outras de direito, foi o paciente submettido ao tribunal do Jury. No selvagismo patagonico ou no cerne da Zululandia não se procederia diversamente, si por lá houvera essa instituição. Todos sabem que o senso moral é esse conjunto de faculdades altruisticas que formam um freio de segurança aos impetos bravios da fera entranhada no homem, é esse poderoso antemural ás insurreições, que dominamos, da liberdade agreste que aqueceu o sangue das raças primitivas em todas as latitudes da terra. Agora dizei-me : Um degenerado com ausencia do senso moral commette um assassinato, que destino lhe havemos de dar? Internal-o no hospicio não é justo; não se trata de um louco que necessite de cuidados therapeuticos; e si não é um criminoso que mereça

punição, seria cruel recolhel-o á cadeia. Por outro lado um elemento permanente de aggressão social, parece que não deve ter o logradouro das ruas. Deante desse problema, não previsto no codigo, os medicos nada disseram, e as jurisconsultas tambem. A propria imprensa retrahiu-se e ficou silenciosa. A ella sobretudo é que tocava discutir o caso ; o jornalismo é uma profissão suggestiva. Depois de consummados os factos, pouco adeanta saber o que se devia ter feito ou deixado de fazer. Acabadas as pelejas não faltam grandes tacticos ; todos são Decios, Fabios, Scipiões, não para as responsabilidades e perigos da refrega, senão para os louros da fortuna e os vivas da victoria.

Attribuo a mór parte desses males que toscamente apontei ás imperfeições do ensino superior. E' indispensavel desenvolvel-o e melhoral-o. Pouco importa que todos os annos se renovem projectos legislativos que lhe preparam a desorganisação e a morte. Felizmente a presidencia da Republica está nas mãos patrioticas de um estadista illustrado ; elle não sanccionará semelhantes desacertos. Muita razão tinha o maior pensador dos nossos tempos, o Aristoteles moderno, o philosopho em homenagem a cujas doutrinas devêra cognominar-se este seculo o seculo de Spencer, muita razão tinha escrevendo que a missão das democracias antigas foi acabar com o despotismo dos reis, e a das democracias modernas é exterminar a tyrannia dos parlamentos.

Alguns argúem, nos projectos a que alludi, a intervenção do positivismo. Não creio. Os positivistas possuem uma larga instrucção ; conhecem mathematicas, physica, chimica, biologia, sciencias sociaes ; basta lembrar que tomam por padrão scientifico os estudos recommendados por esse excepcional engenho, que só elle sabia mais que todas os encyclopedistas do seculo XVIII. Os que se

dizem positivistas sem estes requisitos são uns repetidores, uns papagaios, uns patetas.

Quanto á verba consumida pelo ensino superior é uma ninharia, é uma canada de agua no oceano, é um ceitil num orçamento de 350 mil contos. Mas se a salvação da patria exige que se desmorone o ensino superior até que de todo o leve a breca, então permitti que, despedindo-me para sempre desta tribuna e erguido ainda na eminencia della, em nome da mocidade das escolas, em nome do professorado, entre o qual occupo o logar mais obscuro, em nome da cultura moderna, em nome da opinião nacional, que concentra as forças espirituaes do Estado, incarna a justiça, governa os governos, levanta-as, como o vento do deserto levanta e abate montanhas de areia, permitti que eu lavre um apaixonado e solemnissimo protesto contra o crime mais vergonhoso de que póde ser delinquente uma nação civilizada. Que este protesto repercuta no paiz inteiro, como o pregão sinistro da fatalidade que nos ameaça. Si emmudecerem as boccas que o devem repetir, das proprias paredes esboroadas das casas de ensino hão de romper vozes de imprecação e de anathema. Calaram-se os sacerdotes, bradem as pedras dos templos. *Si hi tacuerint, lapides clamabunt.*

Meus jovens e queridos collegas, tenho no vosso futuro esperanças largas. Confio que sabereis cumprir a promessa que fizestes ao receberdes o gráo doutoral; na fidelidade a ella está a honra da vossa profissão, o orgulho do vosso pergaminho, o segredo da vossa força, o patrimonio moral da vossa vida. E quando chegardes ao termo dessa carreira de abnegação e de sacrificio, a estima publica vos antecipará o voto da posteridade, glorificará o vosso nome, subirá comvosco os degraus do Capitolio.

Izidoro Martins Junior

FRAGMENTO

Houve dois momentos, um na historia do globo, outro na historia da humanidade, em que das phantasticas regiões do norte da Europa desencadearam-se tempestades indescriptiveis a assolar medonha e violentamente as bandas do meio-dia. O primeiro foi quando das mais altas latitudes da Scandinavia desceu, no periodo quaternario, aquelle oceano impetuoso que, com o alvião de suas ondas, desagregou rochas, aluiu montanhas, cavou mil valles, imprimindo ao tegumento tellurico, naquella parte do planeta, uma physionomia extranhamente nova. O segundo foi quando das mysteriosas florestas da Germania sahiram em batalhões indisciplinados, mas invenciveis, aquelles barbaros « de olhos feros e azues, cabellos ruivos e estatura elevada » que, no seculo v, ruiram epilepticos contra o imperio romano do occidente e depois de desmembrarem o colosso espalharam-se por quasi toda a Europa, gloriosos, na plenitude da força e da victoria.

— Dois cataclysmos, dir-se-ha...

Sim; mas dois cataclysmos necessarios e de resultados felicissimos.

A revolução geologica deu aos europeus o solo em que hoje pisam, desnudou as montanhas que actualmente estão crivadas de tuneis e galgados por viaductos, formou os leitos dos rios e opulentou-lhes as nascentes; a revolução humana lançou as bases de um outro estado de cousas, fundou nacionalidades novas, alargou o circulo da historia e a esphera da actividade social.

O povo que provocou estes ultimos acontecimentos e que concorreu de modo directo para que elles se realisassem deve ser encarado com sympathia e estudado com interesse.

Ora este povo foi o germano. Façamos, portanto, rapidamente, sua psychologia.

Ramo dessa grande arvore aryana cuja fertilisante sombra projectou-se primeiro nas visinhanças do Hymalaia e em seguida estendeu-se na direcção de oéste, como que acompanhando a marcha apparente e diuturna do Sol; os germanos, como os celtas, os helenos, os italos e os lithuano-slavos, trouxeram para a Europa as tendencias psychicas da raça *mater* e mesmo alguns resquicios das primitivas instituições religiosas e sociaes do tronco commum.

Mas tendo-se differenciado e especialisado as aptidões de cada um desses grupos da familia indo-européa, tendo-se modificado progressivamente a idiosyncrasia de cada um sob a pressão do condicionalismo mesologico, veio o caracter germanico a separar-se profundamente do dos outros povos irmãos, e especialmente do dos helenos e latinos. Ao passo que estes, sahidos muito cedo da primitiva tenda ancestral, e logo estabelecidos sob mais doce clima e sob céo mais puro, preparavam a argamassa que ia servir á construcção do surprehen-

dente edificio greco-romano; aquelles — os germanos — internavam-se independentes e errantes pelas terras do norte, acampando, quasi nús, ás margens dos rios, caçando e combatendo sob a folhagem espessa e rumorosa dos bosques hyrcinios ou nas clareiras pavorosas da Floresta-Negra.

Uma tal existencia nomada, accidentada e aventurosa, despertou e encendrou nestes barbaros o sentimento de amor e veneração pela valentia e pela força e, como consequencia, o respeito pelo valor individual, — fonte de toda conquista e de todo poder.

ARTE

Arte! Mulher lyrial, creatura encantada,
Emanação do sol, filha de uma alvorada
Com algum semi-deus da velha Grecia heroica,
— Eu te saúdo! Tu, que honradamente estoica,
Tens sabido guardar na epiderme de opala
A frescura da flor que um lago manso embala
E a rijeza cruel de uma lamina aguda;
Tu, que eu comparo a uma electrica Amazona
Cheia de força agreste e de belleza muda,
A rasgar, em corsel phantastico, esta zona
Onde a vegetação das ideas rebenta,
Apopletica, em luz, gloriosa, febrenta;
Tu, que és a poderosa e a plastica expressão
Desta vida interior que vive o coração
Humano, e que reflecte em nossa intelligencia
Como nuvem no mar ou um bem na consciencia;
Tu, que tens por tarefa interpretar o mundo
Colorindo-o de azul, com a tinta do profundo
Iris das illusões e da Utopia loura;
Tu has de, para mim, ser sempre a immorredoura

Fonte desta alegria e bravura serena
Que dormem no meu seio e fazem-me da penna
Um florete lavrado, em cuja folha canta
A corda de uma harpa heroicamente santa!

Como tu has lutado, extranha creatura!
E como tens soffrido! Essa pupilla escura
De certo viu morrer Chatterton, Malfilâtre,
— Almas presas á dor, corpos presos ao catre —
Viu Homero esmolar sem sandalias nos pés,
Viu ir á guilhotina o poeta do *Hermès*,
Viu a prisão de Tasso, o exilio de Camões,
Viu Gerard de Nerval buscando as solidões
Dos beccos de Paris para enforcar-se; viu
Os martyrios de Hugo!... E que pranto caiu
Do teu radioso olhar, amplo, amoroso e quente
Sempre que elle encontrou esses males em frente!

Mas, *Arte*, o teu valor não se verga jamais!
Como um remo que scinde uma onda, tu vaes
Rija, tersa, feliz, correndo o globo inteiro:
Plantando aqui, colhendo alem, sorvendo o cheiro
Limpido e matinal dos jardins enflorados;
Visitando não só as almas como os prados;
Sentindo ao mesmo tempo as paixões explodirem,
Os vicios bestiaes cynicamente abrirem
As corollas crueis nos caules affrontosos,
E os vergeis tropicaes, os pomares seivosos,
Rirem, na luz do sol, verdes como absynto!

. . . .
. . . .

O' Arte!

Vamos! E' despregar as azas do estandarte
E seguir! Deves ser em tua enorme faina
Como vela de náo, que, emquanto não amaina
O vento, arqueia o bojo e desafia a vaga.
Não importa sentir a maldição e a praga
Da rotina boçal que ás tuas plantas ladre.
Tens muito que explorar. Tudo quanto se enquadre
Na larga *psyché* da Humanidade, — deve
Ser p'ra ti um pharol radiante que te leve
Ao paiz do Ideal.
Desde a perola — pranto
Até o riso — flor, até o perfume e o canto;
Desde o infante gracil até o heróe ferido;
Desde um eterno amor até o amor vendido;
Desde a marcha dos sóes até a das edades;
Desde o progresso humano até as claridades
Nervosas do luar; desde as paixões serenas
Até o Odio e a Dor — negros como gehenas;
Desde um seio de amante e um regaço de esposa
Até o vegetal que junto de uma lousa
Cresce na seiva má do barro funerario;
Desde um fio de azul e desde um nectario
Até a casta luz do astro da Verdade;
Desde a Gloria immortal, a Bravura e a Bondade
Até a planetaria irradiação da sciencia...
— Tudo deve attrahir a doce transparencia
Do teu fulgente olhar meditabundo e puro!

— ARTE! Em teu ventre cresce este feto — o **Futuro**!

INDICE

DO TOMO SEGUNDO

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères, 353.11.1905. P. D.